

— Coleção —
**CULTURA
POP**

editor da série
WILLIAM IRWIN

organizador
HENRY JACOBY

A GUERRA DOS TRONOS E A FILOSOFIA

— A lógica golpeia mais —
profundamente que as espadas


Best Seller

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





editor da série
WILLIAM IRWIN

organizador
HENRY JACOBY

A GUERRA DOS TRONOS E A FILOSOFIA

Tradução
Patrícia Azeredo

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G963 A guerra dos tronos e a filosofia / editado por Henry Jacoby ; tradução Patrícia Azeredo. — 1.ed. — Rio de Janeiro :
BestSeller, 2012.
(Cultura pop , v. 1)

Tradução de: Game of thrones and philosophy

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7684-674-1 (recurso eletrônico)

1. Game of thrones (Programa de televisão). 2. Televisão - Programas - Estados Unidos. 3. Filosofia. I. Jacoby, Henry Owen.
II. Série.

12-6429

CDD: 791.4572

CDU: 621.397

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original norte-americano
GAME OF THRONES AND PHILOSOPHY
Copyright © 2012 by John Wiley & Sons.
Copyright da tradução © 2012 by Editora Best Seller Ltda.

Capa: Igor Campos
Editoração eletrônica da versão impressa: FA Studio

A Editora BestSeller agradece à Editora Leya Brasil pela autorização para reprodução dos trechos das obras de George R. R. Martin.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA BEST SELLER LTDA.
Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ — 20921-380
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7684-674-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

SUMÁRIO

- PREFÁCIO
- UM CORVO DA CASA WILEY
- AGRADECIMENTOS
- INTRODUÇÃO
- PARTE UM
- “QUANDO SE JOGA O JOGO DOS TRONOS,
GANHA-SE OU MORRE”
- 1 Mestre Hobbles vai a Porto Real
 - 2 Mentir a um rei é um grande crime
 - 3 Jogando o Jogo dos Tronos: Algumas lições de Maquiavel
 - 4 A guerra em Westeros e a teoria da guerra justa
- PARTE DOIS
- “AS COISAS QUE FAÇO POR AMOR”
- 5 O inverno está chegando: A sombria busca pela felicidade em Westeros
 - 6 A morte de lorde Stark: Os perigos do idealismo
 - 7 Lorde Eddard Stark, rainha Cersei Lannister: Julgamentos morais de diferentes perspectivas
 - 8 Seria um ato de misericórdia: Escolha entre a vida e a morte em Westeros e para lá do Mar Estreito
- PARTE TRÊS
- “O INVERNO ESTÁ CHEGANDO”
- 9 *Wargs*, criaturas e lobos que são gigantes: Mente e metafísica à moda de Westeros
 - 10 Magia, ciência e metafísica em *A guerra dos tronos*
 - 11 “Você não sabe nada, Jon Snow”: Humildade epistêmica além da Muralha
 - 12 “Por que o mundo está tão cheio de injustiça?”: Os deuses e o problema do mal

PARTE QUATRO

“O HOMEM QUE DITA A SENTENÇA DEVE MANEJAR A ESPADA”

13 Por que Joffrey deve ser moral se já ganhou o Jogo dos Tronos?

14 A sorte moral de Tyrion Lannister

15 O encontro de Dany com os selvagens: Relativismo cultural em *A guerra dos tronos*

16 “Não existem verdadeiros cavaleiros”: A injustiça da cavalaria

PARTE CINCO

“ESPETE NO ADVERSÁRIO A PONTA AGUÇADA”

17 Destino, liberdade e autenticidade em *Game of Thrones*

18 Ninguém dança a dança da água

19 As coisas que faço por amor: Sexo, mentiras e teoria dos jogos

20 Parem a loucura: Conhecimento, poder e insanidade em *As crônicas de gelo e fogo*

COLABORADORES Os sábios lordes e Ladies de além dos Sete Reinos

PREFÁCIO

Elio M. Garcia e Linda Antonsson

O homem que dita a sentença deve manejar a espada.

O amor é o veneno da honra, a morte do dever.

Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre.

Com frases como estas, *A guerra dos tronos*, de George R. R. Martin, revela não somente um poderoso drama, de cenário rico e personagens complexos, como também o entendimento de que no coração de sua história — e de qualquer grande história — está o conflito. Martin costuma citar William Faulkner, dizendo que a única narrativa que vale a pena ser contada é a do “coração humano em conflito consigo mesmo”, e este conflito aparece repetidamente ao longo de *As crônicas de gelo e fogo*, de um modo que parecia inédito no gênero da fantasia épica em 1996, quando o primeiro romance foi publicado nos Estados Unidos. Não importa se o conflito envolve os esforços de um anão deformado e solitário para sobreviver numa sociedade que o despreza, a luta de um amigo para manter um rei irresponsável no trono ou a escolha de uma mãe entre a família e o dever, Martin mostrou a complexidade moral de pessoas e sociedades que transpiram verossimilhança. Embora tenha se inspirado nos trabalhos de J. R. R. Tolkien, o pai da fantasia épica, o autor de *A guerra dos tronos* seguiu um caminho diferente e abriu espaço para uma onda de novos autores que exploram personagens e cenários focados no lado mais sombrio da natureza e da sociedade humana.

O anúncio que *As crônicas de gelo e fogo* seria adaptada pelo canal a cabo norte-americano HBO no seriado *Game of Thrones* gerou muita empolgação e especulação entre os fãs, que vinham acompanhando a saga há uma década. Escalação de elenco, orçamento, locações, efeitos especiais; estes e outros assuntos foram amplamente discutidos. Porém, no cerne de todas as perguntas estava a principal preocupação da maioria dos fãs: o quanto a série de televisão seria fiel aos livros, não apenas em termos de trama e personagens, como também do tom e dos temas abordados? A primeira e a segunda temporada já terminaram, e agora sabemos que os produtores foram bastante fiéis em todos os aspectos, criando um

drama que mistura elementos de epopeia heroica com uma variada escala moral, que vai do santo ao monstruoso.

Os leitores costumam citar a complexidade moral dos livros como sendo algo fundamental para a apreciação da série, alegando que os personagens são pintados em “tons de cinza”. Obras anteriores de fantasia épica tendiam a cair no maniqueísmo, em que o antagonista era alguma variação do maléfico “Lorde das Trevas” e protagonistas eram definidos pela oposição a este personagem maléfico com base numa óbvia bondade moral. A série de Martin, contudo, foi escrita sem qualquer lorde das trevas. A narrativa se concentra nos conflitos dinásticos que dividem os Sete Reinos sob a sombra de uma catástrofe iminente. Essa catástrofe pode ser obra de seres nefastos e talvez seja o fim da narrativa, mas a escolha de Martin em manter o foco nos personagens demasiadamente humanos, com suas falhas demasiadamente humanas, foi tão bem-feita que conquistou legiões de fãs do assim chamado “realismo corajoso” da narrativa.

Alguns dos autores de fantasia pós-Martin parecem buscar essa coragem sem o mesmo compromisso, e esta certamente é uma das várias abordagens possíveis. Mas é difícil encontrar em algumas dessas obras o cerne humano da história. Por outro lado, Martin mantém o foco preciso em seus personagens, e embora eles sofram imensamente em alguns momentos, essas atribulações deixam o gosto da vitória mais doce nos momentos de triunfo. Quando eles enfrentam problemas, nós os acompanhamos: a luta de Eddard Stark envolvendo questões de honra e honestidade, a batalha de Jon Snow para escolher entre os votos que fez e o amor, os esforços de Tyrion Lannister para conquistar a aprovação do pai. O conflito interno é absolutamente fundamental para dar peso à história e transformar *As crônicas de gelo e fogo*, e agora *Game of Thrones*, em obras tão populares. Estas e outras questões sobre ética, filosofia política e muitas mais são a base em torno da qual gira toda a trama. Apesar dos muitos problemas apresentados nos livros e na série aparecerem no contexto aparentemente medieval de lordes, castelos e honra pessoal, há uma relevância na luta dos personagens com suas escolhas que não parece distante das escolhas enfrentadas por todos nós diariamente.

A narrativa de George R. R. Martin é repleta de introspecção e reflexão, tanto como exemplo de literatura popular contada com maestria, quanto como verdadeira exploração da natureza humana em situações incertas. Para esclarecer alguns desses temas, *A guerra dos tronos e a filosofia* apresenta artigos que abordam toda a gama de tópicos filosóficos, da ética à metafísica, passando pela filosofia política. Eric Silverman fala das visões de Platão sobre a virtude e a felicidade vistas através de duas estratégias de vida bem diferentes: Ned Stark e Cersei Lannister. Henry Jacob, por sua vez, explora o tema da consciência numa série em que existem mortos-vivos criados de forma mágica e lobos gigantes sobrenaturais. Já Richard Littman imagina Hobbes como um mestre, pensando sobre Westeros e analisando quem deveria reinar. Estes artigos são apenas alguns exemplos, pois, como Martin escreveria, existem “muitos e mais ainda” para se ler.

E tudo isso graças à imagem que Martin recebeu de repente num belo dia de 1991: um lobo imenso, encontrado morto entre as neves do verão. De um começo tão pequeno surgiu uma obra grandiosa, que

merece ser lida, apreciada e analisada.

UM CORVO DA CASA WILEY:

*Notas do editor original sobre spoilers**

Muitos dos dilemas filosóficos da série não podem ser discutidos sem analisar os eventos que ocorrem ao longo dos cinco volumes de *As crônicas de gelo e fogo* publicados até o momento em que este livro foi escrito. Contudo, entendemos que alguns leitores e fãs da série de TV não querem ter a surpresa estragada quanto aos eventos que acontecem depois da primeira temporada. Tendo isso em mente, talvez seja melhor adiar a leitura dos capítulos 3, 11, 12, 14, 18 e 20 até ter lido toda a série. Os outros capítulos não oferecem problemas e estão relativamente sem *spoilers*.

Todas as citações dos cinco livros foram retiradas das edições eletrônicas (e-books) lançadas em português pela editora LeYa Brasil**, e os episódios da série de televisão são identificados pelos respectivos títulos no texto, com tradução livre entre colchetes.

NOTAS

* *Spoiler* vem do inglês *to spoil*, que significa estragar, destruir, sabotar. No universo dos fãs de séries, filmes e livros significa revelar antecipadamente aspectos da trama, estragando a surpresa de quem vai assistir ou ler a obra em questão. (N. da T.)

** Exceto *A dança dos dragões*, que não havia sido lançado em português quando este livro foi traduzido. (N. da T.)

AGRADECIMENTOS

Como fui poupado de ter que ingressar na Patrulha da Noite

Se não fosse por toda a generosa ajuda que recebi enquanto trabalhava neste livro, minha honra certamente teria sido comprometida. Portanto, gostaria de agradecer algumas pessoas.

Em primeiro lugar, a Sor William Irwin, lorde da cultura pop, pelo apoio constante, bem como estímulo e conselhos dignos de um mestre ao longo do processo de escrita deste livro. Sem ele, não existiria *A guerra dos tronos e a filosofia*. Não consigo imaginar outra pessoa como editor desta série. Como sempre, foi ótimo trabalhar com você, Bill.

Também da Casa Wiley, tive a sorte de trabalhar com Lady Ellen Wright, cujo conhecimento profundo de *As crônicas de gelo e fogo* gerou deliciosas especulações sobre o que poderá acontecer nas próximas temporadas da série. E também fiquei feliz por ter conseguido terminar o projeto com Lady Connie Santisteban e Sor John Simko, com quem adorei ter trabalhado em *House e a filosofia* e repetimos a proeza aqui. Muito obrigado a todos vocês.

Meus colegas filósofos, todos verdadeiros mestres, escreveram artigos excelentes que refletem tanto o conhecimento quanto o amor que têm pelos livros e pela série. Tenho orgulho de ter trabalhado com eles.

Meu velho amigo Sor Robin da Casa Riebe, no Norte (há quanto tempo não nos vemos?), leu e melhorou tudo o que escrevi com sugestões e comentários minuciosos. Eu aguardava ansiosamente pela leitura de todos os corvos que ele mandava, sempre divertidos e educativos, exatamente como ele.

Meu bom amigo e colega Sor John da Casa Collins deu sugestões úteis para meu capítulo sobre mente e metafísica, e estava sempre disposto a ouvir e ajudar com todas as dificuldades que tive enquanto trabalhava nesta obra. Sempre gosto e me benefico de nossas conversas.

Também quero agradecer a dois amigos e colegas distantes: Sor David Kyle da Casa Johnson, amigo de confiança do lorde da cultura pop, deu sugestões importantes para o capítulo de lorde Schoone sobre o mal. E a Lady R. Shannon da Casa Duval, a “Ninja Maravilhosa”, não só escreveu um belo capítulo,

como gentilmente dividiu seu conhecimento sobre filosofia oriental e artes marciais e, ao fazê-lo, permitiu que meu capítulo sobre a Dança das Águas pudesse bailar.

Sou especialmente grato ao lorde Elio M. Garcia e à Lady Linda Antonsson por contribuírem com um belo prefácio. Eles capturaram perfeitamente o motivo pelo qual a obra de George R. R. Martin, nas palavras deles, “merece ser lida, apreciada e analisada”. O maravilhoso site deles na internet, westeros.org, além de outro ótimo site, winteriscoming.net, foram responsáveis por me manter entretido e atualizado sobre todas as notícias relacionadas a *Game of Thrones* enquanto eu trabalhava neste livro e sempre me ajudaram a manter as informações certinhas!

E, por falar em George R. R. Martin, sem ele, obviamente, não haveria livro a escrever. Obrigado por alguns de meus livros favoritos. E também agradeço a todos da HBO que deram vida às palavras dele, com um resultado ainda melhor do que eu poderia imaginar ou esperar.

A meu irmão Alan, atualmente um lorde aposentado, pelo bom humor e apoio entusiasmado ao longo do projeto. Eu o agradeço por isso e por tudo o mais que ele fez por mim. Como Tyrion (seu personagem favorito), ele é excessivamente inteligente. Duvido que eu consiga derrotá-lo no *cyvasse*.

Por fim, agradeço a minha esposa, Kathryn, Lady dos Teares. Nascida no Condado dos Covardes — e eu não estou inventando isso —, de covarde ela nada tem. A maior prova disso é o fato de ela ainda estar casada comigo. Enquanto estivermos juntos, o inverno nunca chegará.

INTRODUÇÃO

E daí que o inverno está chegando?

Henry Jacoby

O inverno está chegando, a Muralha pode não aguentar e os Caminhantes Brancos talvez matem a todos nós. Sim, todos os homens devem morrer: *valar morghulis*, como dizem em Bravos.

Em Bravos, eles também dizem *valar dohaeris*: todos os homens devem servir. Sendo assim, devemos servir aos deuses? Ou aos governantes? De que vale servir a alguém se o inverno está chegando? Talvez devêssemos apenas beber vinho e cantar alguns versos de “O urso e a bela donzela”.

O lema da Casa Stark nos lembra de que devemos ser vigilantes e, mesmo que o futuro pareça amargo, devemos manter a cabeça erguida... pelo menos enquanto ainda a tivermos. Temos nossa honra, nosso dever, ainda podemos ter vidas significativas. Como Ygritte disse a Jon Snow: todos os homens têm de morrer, mas primeiro vivemos. Aquele Jon Snow não sabe de nada, mesmo.

“O medo golpeia mais profundamente que as espadas.” Esta é uma lição que Arya aprendeu muito bem com seu mestre espadachim bravosiano. Essas palavras se tornaram um refrão presente em seu pensamento sempre que ela precisa buscar forças para seguir em frente. Elas também podem nos ajudar. E aqui vai outra lição: “A lógica golpeia mais profundamente que as espadas.” Quando adequadamente manejadas, as espadas podem ser utilizadas contra um inimigo. Da mesma forma, a lógica pode ser uma arma poderosa. Quando aplicada corretamente, ela pode desarmar e derrotar os oponentes — ou pelo menos seus argumentos — sem muita perda de sangue. Enquanto as espadas podem defender corpos, a lógica vai mais fundo, defendendo ideias, crenças e valores, que definem quem somos e como nos vemos em relação ao resto da realidade. Sócrates disse que nenhum mal pode acontecer a uma pessoa boa. O corpo pode ser facilmente danificado por espadas, mas o mesmo não vale para o eu interior. A pessoa virtuosa e íntegra tem a alma harmoniosa, que se mantém firme contra os desejos e as influências externas.

Sim, o medo golpeia mais profundamente que as espadas, mas a lógica também. Na filosofia, é preciso aprender a não temer os caminhos para onde a lógica nos leva. Todos os homens devem servir, e os filósofos servem à verdade. Os autores deste volume fizeram exatamente isso. Nenhuma língua foi arrancada e nenhum dedo foi cortado, mas a verdade foi perseguida sem temor. Talvez Hobbes poderia ter sido um grande mestre, talvez a cavalaria seja algo ruim, talvez a guerra de Robb não seja tão justa assim, no fim das contas. Talvez Arya possa nos ensinar sobre o zen e, obviamente, a leitura de Maquiavel teria sido muito útil a Ned. Por falar em ler, em *A dança dos dragões*, o próprio mestre nos diz que “um leitor vive mil vidas... O homem que nunca lê, só vive uma”.¹

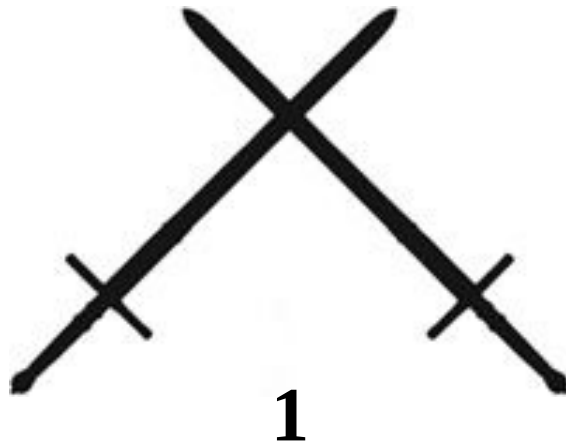
Então, vamos começar, pois o inverno chegará antes mesmo que você perceba.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A dança dos dragões* (Leya Brasil, 2012).

P A R T E U M

“QUANDO SE JOGA
O JOGO DOS TRONOS,
GANHA-SE OU MORRE”



MEISTRE HOBBS VAI A PORTO REAL

Greg Littmann

QUEM DEVE GOVERNAR OS SETE REINOS DE WESTEROS? Esta é a questão fundamental de *Game of Thrones* e de toda a saga *As crônicas de gelo e fogo*. Os exércitos dos Lannister marcham de lanças em punho rumo ao Norte, saindo do Rochedo Casterly, a fim de ajudar o jovem rei Joffrey. Já a Casa Real Baratheon se divide, pois os irmãos Stannis e Renly alegam ter direito ao Trono de Ferro. Em Winterfell, Robb Stark é declarado Rei do Norte e está disposto a não se sujeitar a ninguém; e, nas Ilhas de Ferro, a flotilha sinistra dos Greyjoy navega com o intuito de tomar o Norte para si. Enquanto isso, nas distantes terras orientais dos dothraki, Daenerys Targaryen, última sobrevivente de uma dinastia que governou os Sete Reinos por trezentos anos, arregimenta uma horda de destemidos cavaleiros nômades para reconquistar sua terra natal e devolver o trono aos Targaryen.

Analisar a questão de quem deverá subir ao Trono de Ferro não é apenas uma desculpa para dar um mergulho hedonista no mundo de *As crônicas de gelo e fogo*. A pergunta tem importância filosófica porque nós, assim como os povos guerreiros de Westeros, devemos decidir quem nos governa. Os filósofos teorizam sobre política há pelo menos 2.500 anos, e uma forma de testar essas teorias é levar em conta o quanto elas funcionam bem em situações fictícias hipotéticas, chamadas de “experimentos mentais”. Para transformar qualquer situação fictícia, como o mundo de *As crônicas de gelo e fogo*, num experimento mental, basta perguntar quais seriam as implicações de nossas teorias se essa situação fosse real.

Uma dessas teorias vem do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) e sua obra-prima, *Leviatã*. O que Hobbes pensaria da situação política em Westeros? Como ele aconselharia os nobres das grandes casas? O que torna a perspectiva de Thomas Hobbes particularmente fascinante é que ele *realmente*

viveu uma guerra de tronos. Hobbes, tutor por ofício, era um leal aliado da grande Casa Stuart. Os Stuart não só governaram a Inglaterra (que já teve sete reinos!), como também eram reis da Escócia e da Irlanda. Exatamente como os Targaryen, os Stuart foram destronados por seus súditos numa terrível guerra civil. Assim como o Rei Louco Aerys II da Casa Targaryen, o rei Carlos I da Casa Stuart foi assassinado na rebelião, e o filho, príncipe Carlos, fugiu para o exílio a fim de tramar um retorno ao poder, do mesmo modo que Viserys e Daenerys Targaryen. Nós, leitores, ainda vamos descobrir se Daenerys enfim subirá ao Trono de Ferro, mas o aluno de Hobbes chamado Carlos Stuart voltou à Inglaterra para se tornar o rei Carlos II. Hobbes era leitor ávido de história, viajante experiente e observador cuidadoso de seu tempo. Enquanto assistia ao desenrolar da sangrenta guerra dos tronos na Grã-Bretanha, ele chegou a algumas conclusões bem claras sobre a natureza dos seres humanos e como eles devem ser governados.

Vocês são perigosos e egoístas

O grande mestre Aethelmure escreveu que todos os homens carregam o homicídio no coração.

Grande mestre Pycelle 1

Hobbes acreditava que as pessoas agem apenas movidas por interesse pessoal, alegando que “quem dá algo o faz tendo em mira um benefício próprio”.² As pessoas *fingem* ter objetivos nobres, é claro. Juramentos passionais de lealdade à coroa eram tão comuns na Inglaterra dos Stuart quanto em Porto Real. Por baixo da fachada, contudo, o egoísmo nos move: no fundo, somos todos como lorde Mindinho. Por sermos fundamentalmente egoístas, nosso comportamento é guiado apenas pelo que podemos fazer sem sofrer as consequências. Num ambiente em que as pessoas não são forçadas a obedecer às regras, não há nada além da violenta anarquia, uma “guerra perpétua de cada homem contra o seu semelhante”.³

De acordo com Hobbes, o conflito surge por três motivos: as pessoas lutam para obter as posses do vizinho, como os clãs bárbaros que atacam viajantes nas Montanhas da Lua; lutam para se defender do perigo, mesmo que isso signifique fazer ataques preventivos contra ameaças em potencial, como fez Robert Baratheon ao tentar assassinar Daenerys Targaryen, de modo a evitar que ela lhe causasse problemas no futuro; ou, ainda, as pessoas lutam apenas pela glória do combate, como faz khal Drogo, que massacra seus inimigos para satisfazer tanto o próprio orgulho quanto a sede de riqueza.

Quando todos podem fazer o que querem, a vida, de acordo com Hobbes, é “solitária, miserável, sórdida, brutal e curta”.⁴ Ninguém está seguro nesse caos. Até poderosos campeões como Sor Gregor Clegane, a Montanha que Cavalga, dormem em algum momento e, quando o fazem, até um simples guerreiro como Samwell Tarly pode matá-los. A única solução consiste em estabelecer um conjunto de regras com as quais todos concordamos em seguir, abdicando mutuamente de liberdades em prol do benefício geral. Por exemplo, você concorda em não cravar um machado de batalha na minha cabeça e,

em troca, eu concordo em não cravar um machado de batalha na sua. Fazer parte de tal contrato social é do interesse de todos. Visto que alguns humanos são movidos apenas pelo próprio interesse, obviamente não vamos manter tais promessas — a menos que seja de nosso interesse fazê-lo. Você pode prometer não usar o machado, mas, assim que eu virar as costas, poderá quebrar a promessa se for vantajoso para você, aplicando-me um golpe rápido e fugindo com meu almoço. O que as pessoas precisam fazer, então, é estabelecer uma autoridade, a fim de garantir que todos obedeçam às regras. Uma vez que há alguém nos observando de modo a garantir que, se você *me* matar com o machado, também será morto a machadadas, será vantajoso para você não me atacar no momento em que eu virar as costas.

O reino precisa de um rei

Quando Joffrey se virou para olhar para a sala, os olhos encontraram-se com os de Sansa. Sorriu, sentou-se e falou.

— É dever de um rei punir os desleais e recompensar os fiéis. Grande Mestre Pycelle, ordeno que leia meus decretos.

*A guerra dos tronos*⁵

Com toda essa conversa de contrato social, Hobbes pode parecer um grande defensor da democracia. Na verdade, ele não poderia estar mais longe disso. A necessidade de conter o egoísmo humano é tão grande que sempre garantimos que haja consequências negativas por descumprir as regras, e, para isso, devemos ser governados por um ditador todo-poderoso a quem obedeceremos de maneira incondicional. Hobbes chamou esse governante de *Leviatã*, pegando emprestado o nome do imenso monstro marinho cuspidor de fogo da mitologia hebraica. Suponho que o fato de George R. R. Martin usar um dragão para simbolizar a (outrora) poderosa Casa Targaryen seja uma alusão ao Leviatã de Hobbes (embora também seja possível que Martin, assim como todos nós, apenas goste de dragões). Hobbes entendeu que ser todo-poderoso inclui o poder de indicar o próprio sucessor. Realizar eleições para nomear o próximo ditador seria tão estranho para o governo ideal de Hobbes quanto para os reis de Westeros. Mas como esse sistema totalitário funciona em harmonia com um contrato social cujos termos definem que o poder dos líderes deriva da vontade do povo?

Hobbes acreditava que o contrato social recomendado por ele já foi feito há muito tempo, em todas as nações civilizadas e organizadas. Os monarcas da Europa existiam porque seus ancestrais bárbaros e desorganizados cansaram de viver num estado infernal de anarquia. Eles concordaram em se submeter à autoridade para o bem comum e mútuo, aceitando esses termos em nome de seus descendentes também. Uma vez realizado o contrato social, não há necessidade de receber mais ideias e palpites das pessoas comuns, que nasceram dentro do contrato social e precisam apenas obedecer à autoridade sem questionar. Hobbes reconheceu que nem todos os Estados eram governados por um monarca e, neste caso, o povo tem o dever de estabelecer uma monarquia para governá-lo, mas, uma vez que a esta esteja estabelecida, as ideias do povo não são mais bem-vindas.

Para fins de comparação, pense no modo como Robb Stark é declarado Rei do Norte. Ele conquista essa posição de autoridade porque seus vassallos o convocam para governá-los.

[Grande-Jon Umber] apontou com a lâmina para Robb.

— Está ali o único rei perante o qual pretendo vergar o meu joelho, senhores — trovejou. — O Rei do Norte!

Ajoelhou-se e depositou a espada aos pés do filho de Catelyn.⁶

Os outros lordes reunidos fizeram o mesmo, e o teto do grande saguão em Winterfell tremeu com os gritos de “Rei do Norte!”. Porém, uma vez que as casas menores declararam Robb como o Rei do Norte, elas não têm mais o direito de *revogar* esse título. Se retirarem o apoio dado a ele em algum momento do futuro, eles quebrarão um juramento, tornando-se assim desprovidos de honra. Quanto a tentar dizer a um governante Stark quem ele deve ter como sucessor, os monarcas do Norte teriam mais probabilidade de sucesso se tentassem ensinar um lobo gigante a dançar.

Hobbes obtém a corrente de mestre

Tantos votos... Obrigam-nos a jurar e voltar a jurar. Defender o rei. Obedecer ao rei. Guardar seus segredos. Fazer o que ele nos pedir. Nossa vida pela dele.

*Jaime Lannister*⁷

Então, o que Hobbes pensaria da situação em Westeros? Como ele aconselharia a nobreza? Vamos fazer de Hobbes um conselheiro da corte, como mestre Luwin e o grande mestre Pycelle. Primeiro, ele poderia chegar a Vilavelha e passar pelo treinamento para ser mestre por vários anos na Cidadela. Tendo conquistado elos suficiente em sua corrente a ponto de poder usá-la em torno do pescoço, Hobbes segue para Porto Real em 273, quando fazia dez anos do reinado do último rei Targaryen, Aerys II. Ele será empregado como tutor, sendo responsável pela educação das nobres crianças daquela casa, exatamente como educou o jovem príncipe Carlos Stuart, e nós o deixaremos ser um valioso integrante da corte, aconselhando o rei, como ele fez na corte de Carlos.

Quando o mestre Hobbes chegasse à corte de Aerys pela primeira vez, ele encontraria muitos motivos para se admirar. Eis um monarca que entende a importância do poder centralizador! O leviatã Aerys governa seu reino com punho de ferro e esmaga os que ele considera inimigos. As regras na corte de Aerys são as definidas por ele, não importam quais. Até a Mão do Rei está apenas a um passo da execução: Aerys teve cinco homens nesse posto em vinte anos de reinado. Biltres renitentes são queimados vivos, enquanto Sor Ilyn Payne teve a língua arrancada com um tenaz quente apenas por fazer um gracejo sem tato. Na corte da Lady Arryn, Tyrion Lannister é capaz de demover Lysa de matá-lo, insistindo num julgamento por combate. Lysa cede à exigência por não ser uma ditadora absoluta e considerar a autoridade da tradição superior à própria. Por outro lado, na corte de Aerys, quando o pai de Eddard Stark, Lorde Rickard, exigiu o direito *dele* de ter um julgamento por combate, Aerys

simplesmente escolheu o fogo como seu campeão e assou Rickard vivo. O lema dos Targaryen é “Fogo e sangue”, eles são reis que governam pela força, não por meio da negociação e do consenso.

É preciso admitir que Aerys não era puramente rígido e autoritário, como um leviatã deve ser, mas era duro, perigoso e instável, especialmente no fim do reinado. Seus julgamentos costumavam ser um tanto cruéis e injustos. Quando o filho de Aerys, Rhaegar, sequestra Lyanna, e Brandon Stark cavalga a Porto Real com um grupo de jovens nobres para protestar, Aerys executa todos por traição e *também* executa o pai de cada um deles, como “bônus”. Eles não o chamavam de “Rei Louco Aerys” à toa.

O que os súditos de Aerys devem fazer diante de tamanha tirania? Devem simplesmente obedecer ao rei a fim de manter o contrato social implícito? Ou devem se rebelar, como fazem Robert Baratheon e Eddard Stark, numa tentativa de substituí-lo por alguém melhor? Para Robert e Ned, a honra e a razão exigem que eles se revoltem contra Aerys, mas mestre Hobbles continuaria a recomendar a obediência ao rei. Por que as pessoas dos Sete Reinos deveriam suportar esse governante? A resposta é que a alternativa seria uma guerra civil, algo muito pior.

Os horrores da guerra

Os nortenhos desataram a correr, gritando enquanto se aproximavam, mas as flechas dos Lannister caíram sobre eles como chuva, centenas de flechas, milhares, e os gritos de guerra iam se transformando em gritos de dor à medida que os homens tropeçavam e caíam.

A guerra dos tronos 8

Guerras civis são facilmente romanceadas. As histórias dos cavaleiros do rei Arthur geralmente são relatos glamourizados da guerra civil que aconteceu enquanto o reino de Arthur se esfacelava, e as peças históricas de Shakespeare fazem a Guerra das Rosas na Inglaterra parecer o triunfo glorioso do bem sobre o mal. Contudo, a Inglaterra sofreu uma guerra civil na época de Hobbles, deixando a sombria realidade muito clara para ele. Um século e meio havia se passado desde a Guerra das Rosas, na qual os lordes de York e Lancaster lutaram pela coroa inglesa exatamente como os lordes Stark e Lannister lutaram pelo Trono de Ferro. O que estava em jogo na Guerra Civil Inglesa (1642-1651) era não só *quem* deveria governar a Inglaterra, mas *como* ela deveria ser governada. Carlos I dos Stuart, exatamente como Aerys Targaryen, acreditava que o rei deve manter as rédeas do poder curtas, governando como um ditador absoluto, sem ser afetado pelo julgamento dos súditos. E o pai dele, Jaime I da Inglaterra, declarou que o poder de um rei deve ser o de um deus na terra! Muitos dos súditos de Carlos, contudo, acreditavam que deve haver limites ao poder de um monarca e que um parlamento eleito deveria ser capaz de aprovar novos impostos. Se Carlos tivesse aceitado dividir o poder, é quase certo que teria mantido o trono e a vida. Em vez disso, ele estava determinado a esmagar toda a resistência e acabou sendo capturado e decapitado.

A Guerra Civil Inglesa foi uma época de massacres terríveis e combates brutais, como as batalhas de Edgehill, Naseby e Preston. Mais de 100 mil soldados foram mortos numa época em que a Grã-Bretanha tinha menos de 6 milhões de habitantes. É como se os Estados Unidos de hoje perdessem 5 milhões de soldados numa guerra — sem contar os feridos! Os horrores dessa luta serviram para Hobbes confirmar o que já havia concluído de seus estudos históricos: a guerra civil é tão terrível que nunca vale a pena. *Qualquer* alternativa é melhor, desde que mantenha a paz. Hobbes escreveu: “A maior [tragédia] que é possível cair sobre o povo em geral, em qualquer forma de governo, é de pouca monta quando comparada com as misérias e horríveis calamidades que acompanham a guerra civil.”⁹

Meistre Hobbes, então, estimularia o povo dos Sete Reinos a suportar as excentricidades do Rei Louco Aerys (e a *parar* de chamá-lo assim). Também insistiria para que eles pensassem no longo prazo. Sim, alguns Stark e outros nobres perderiam suas posses e seriam sequestrados, queimados, estrangulados e tratados com uma brutalidade normalmente reservada às pessoas comuns. Mas o que é isso diante do sofrimento de um reino que está em guerra consigo mesmo?

A rebelião de Robert

Tinham chegado juntos ao baixio do Tridente enquanto a batalha rugia à sua volta, Robert com seu martelo de batalha e seu grande elmo com chifres de veado, e o príncipe Targaryen revestido de armadura negra. No peitoral trazia o dragão de três cabeças de sua casa, todo trabalhado com rubis que relampejavam como fogo à luz do sol.

*A guerra dos tronos*¹⁰

Robert Baratheon obviamente não é o tipo de homem que acataria os apelos de meistre Hobbes pelo bem do reino. Os piores temores de Hobbes viram realidade, e as Casas Baratheon, Arryn e Stark se unem contra Aerys Targaryen. Milhares morrem em conflitos sangrentos, como as batalhas de Solarestival, Vaufreixo e do Tridente, enquanto a grande cidade de Porto Real é saqueada pelos Lannister e por muito pouco não é totalmente destruída.

Após o triunfo final de Robert no Tridente em 283, quando derrota Rhaegar num único combate e coloca o exército legalista para correr, meistre Hobbes tem uma escolha importante a fazer: fugir para o exílio com os Targaryen que sobreviveram, como fez Sor Jorah Mormont, ou continuar em Porto Real, a fim de tentar persuadir o novo rei a deixá-lo manter o antigo emprego, como fizeram Varys, a Aranha, e o grande meistre Pycelle. Sempre pragmático, a resposta usual de Hobbes ao perigo era fugir. Quando seus escritos políticos desagradaram os que apoiavam o parlamento, ele foi para Paris. Depois, quando seus textos desagradaram outros defensores da realeza em Paris, ele voltou para Londres. Hobbes era bom em duas coisas: aborrecer pessoas e fugir. Assim, poderia ser tentador acreditar que ele fugiria com os últimos Targaryen para as terras dos dohtraki, a fim de tentar explicar o contrato social para khal Drogo. Além do mais, parece natural supor que, se os súditos devem lealdade total ao rei, essa lealdade deve se manter mesmo que o rei seja obrigado a se exilar. E foi *exatamente* o que Hobbes fez no caso do jovem

Carlos Stuart.

Entretanto, acredito que Hobbes continuaria em Porto Real e transferiria sua lealdade a Robert. Ele faria isso não por ser um covarde que gosta de quebrar juramentos, mas porque os mesmos princípios que o levaram a apoiar o leviatã Aerys de modo tão veemente também o levariam a desejar um substituto. Lembre-se: o objetivo de oferecer lealdade total a um ditador todo-poderoso é que somos movidos pela busca de segurança, e apenas um ditador todo-poderoso pode nos dar a melhor proteção. Mas um monarca exilado, como Viserys Targaryen, não pode oferecer proteção a ninguém. Viserys tem apenas um cavaleiro e nem *ele* obedece a suas ordens. Hobbes escreveu: “Entende-se que a obrigação dos súditos para com o soberano dura enquanto, e apenas enquanto, dura também o poder mediante o qual ele é capaz de os proteger.”¹¹ O poder de proteção dos Targaryen não existe mais, e por isso não há mais motivos para apoiá-los. Hobbes apoiou o jovem Carlos Stuart porque a única alternativa era apoiar um *governo republicano*. Com Robert Baratheon, Hobbes tem um déspota perfeitamente bom para apoiar, fazendo com que ele se concentre em servir lealmente a seu novo monarca e ensinar o príncipe Joffrey a ser um ótimo ditador quando chegar a hora.

Na visão de Hobbes, embora Robert jamais devesse ter se rebelado para começo de conversa, agora é o rei Robert que jamais deverá ser vítima de uma revolta. A rainha Cersei está tão errada ao desafiar o usurpador Robert e conspirar para levar um Lannister ao trono como estaria se tentasse fazer isso com Aerys, que era herdeiro de uma dinastia de 300 anos. Não é preciso dizer que *assassinar* o rei é ainda pior! Esse ato põe todo o reino em terrível perigo. Ainda assim, mais uma vez, exatamente como no caso de Aerys, quando Robert se foi, o importante não era levar os responsáveis à justiça, mas ter certeza de que há alguém sentado no Trono de Ferro para manter a paz. Hobbes também ficaria ansioso para transferir sua lealdade do rei Aerys para o rei Robert, mesmo se soubesse da verdadeira origem de Joffrey. Targaryen, Baratheon, Lannister, não importa quem estará no trono, desde que *ninguém acabe com a paz*. Também não importa que Joffrey seja tão incompetente como governante a ponto de achar que disputas de terras devam ser resolvidas através de combates até a morte. O dano que o pequeno biltre pode infligir é mínimo comparado à carnificina de uma guerra civil.

O eunuco Varys concordaria. Ele luta desesperadamente para manter o rei Robert vivo, mas, quando Eddard ameaça a paz do reino preparando-se para revelar que Joffrey não é o herdeiro legítimo do rei, Varys conspira para que ele seja executado. Ele não pode permitir que Ned questione o poder de Joffrey, independentemente da origem do garoto, porque fazer isso levaria os Sete Reinos a outra guerra civil. Quando Ned pede a Varys para ao menos levar uma mensagem a sua família, o eunuco responde que lerá a mensagem e a entregará apenas se ela servir a seus fins. Ned pergunta: “E que fins são esses, Lorde Varys?” Sem hesitação, Varys responde: “A paz.” Como um legítimo hobbesiano, ele explica: “Sirvo o reino, e o reino precisa de paz.”¹²

Leão e lobo gigante, dragão e leviatã

O Alto Septão disse-me certa vez que, à medida que vamos pecando, assim sofremos. Se isso for verdade, Lorde Eddard, diga-me... por que são sempre os inocentes a sofrer mais, quando vocês, os grandes senhores, jogam o seu jogo dos tronos?

Varys13

As ideias de Hobbes em relação à política diferem enormemente do que pensa a maioria da nobreza de Westeros. Quem está certo, Hobbes, as grandes casas ou ninguém? Hobbes veria a si mesmo como alguém disposto a encarar algumas verdades duras, cuja existência seria perigoso ignorar. Em sua mente, nobres ambiciosos como Tywin Lannister põem o reino em risco ao desafiar a vontade do rei. Pode parecer que tais nobres estão simplesmente sendo egoístas (como Hobbes diz), mas uma pessoa sensata e egoísta perceberia que põe a própria segurança em grande risco ao jogar o jogo dos tronos e escolheria a obediência ao leviatã. Nobres honrados como Eddard Stark arriscam a segurança do reino tanto quanto conspiradores como Tywin. A preocupação obsessiva de Ned com a honra foi tão responsável pela Guerra dos Cinco Reis quanto a ganância dos Lannister.

Hobbes estava certo ao reconhecer que a teoria política deve levar em conta o quanto as pessoas são motivadas pelo próprio interesse em vez do dever. Os Stark poderiam muito bem ter se utilizado das instruções do mestre Hobbes àquela altura. Quando Ned chegou a Porto Real, ele tragicamente acreditou que Mindinho faria a coisa certa, quando deveria ser óbvio que os interesses dele seriam satisfeitos traindo Ned e o entregando à rainha Cersei. Quando Robb marcha contra os Lannister pela primeira vez, ele espera que seu vassalo lorde Frey atenda à convocação para a batalha, porque este é o dever ao qual ele jurou, enquanto Catelyn entende que Frey será movido apenas por interesse próprio, como um casamento vantajoso para a filha.

Por outro lado, Hobbes estava obviamente enganado ao pensar que as pessoas são movidas *apenas* pelo próprio interesse. Como Eddard, cuja ligação com a honra é tão grande que ele morre querendo não por servir a um rei ilegítimo, as pessoas na vida real às vezes morrem por aquilo que acreditam. Assim como Jon Snow abandonou o lar, a segurança e o luxo para ter uma vida de trabalho árduo na Muralha, as pessoas fazem sacrifícios extraordinários em benefício alheio. Histórias de coragem, honra e sacrifício na ficção soam verdadeiras para nós quando capturam um pouco do que há de melhor na humanidade do mundo real. Se fôssemos motivados apenas pelo interesse próprio, histórias sobre pessoas como Ned e Jon seriam absurdas e incoerentes. Entendemos as motivações de personagens como eles exatamente porque entendemos que um ser humano pode ser movido por preocupações mais nobres.

Talvez seja uma simplificação exagerada da psicologia humana que leva Hobbes a não entender que a centralização excessiva do poder pode enfraquecer um Estado, em vez de estabilizá-lo. Quando Aerys enlouqueceu, o fato de ele ter as rédeas do poder tão curtas levou à guerra civil como última alternativa aos constantes abusos. Afinal, ele não poderia ser tirado do poder pelo voto, ou ser forçado a abdicar ou punido pela lei. Talvez a rebelião de Robert pudesse ser evitada se o leviatã Targaryen não fosse tão poderoso! O mesmo problema surge no reinado de Joffrey. A Guerra dos Cinco Reis ocorreu porque o

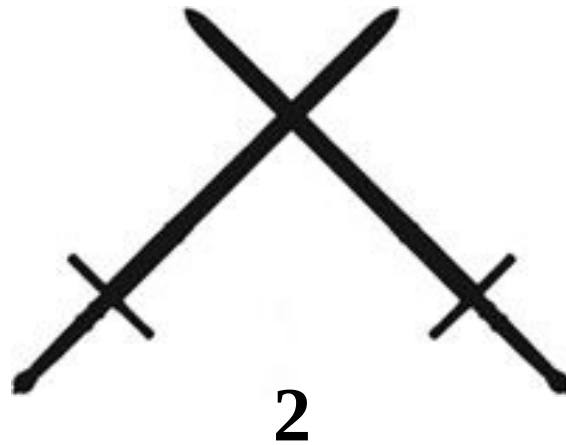
único jeito de substituir Joffrey era por meio de uma rebelião. Hobbes deveria ter aprendido com os fatos na Grã-Bretanha que, para um governante, a flexibilidade pode ser mais importante que a vontade de dominar. Poucos defensores do parlamento inglês *queriam* se livrar da monarquia até Carlos I afirmar que jamais dividiria o poder, deixando os parlamentares com a escolha entre a servidão e a guerra civil.

Com todas as suas falhas, Hobbes entendeu os horrores da guerra um pouco melhor que a nobreza conspiradora de Westeros. A Guerra dos Cinco Reis foi terrível, como Hobbes temia. Forças dos Tully foram massacradas em Correrrio e no Vau do Saltimbanco; forças dos Lannister, no Bosque dos Murmúrios e na Batalha dos Vaus; e forças dos Stark, no Ramo Verde e no Casamento Vermelho. Da terrível derrota de Stannis Baratheon para os Lannister em Porto Real à vitória de Pirro contra os defensores de Baratheon na Pedra do Dragão, do saque assassino de Ramsay Bolton a Winterfell à terrível carnificina infligida pelos Homens de Ferro Greyjoy invadindo pelo norte e oeste de Westeros, a história da guerra é uma série chocante de perdas e sofrimento humano. Para piorar, tudo isso acontece quando o reino mais precisa de uma resposta unificada à ameaça externa. O inverno está chegando e os Outros estão voltando para reclamar suas antigas terras; e no leste, a khaleesi Targaryen se prepara para reivindicar o Trono de Ferro com dragões incubados a tiracolo. Onde quer que situemos o ponto no qual um povo simplesmente *deve* se rebelar contra governantes desonestos, cruéis ou incompetentes, sem dúvida o custo da Guerra dos Cinco Reis é tão grande que a decisão de batalhar teria dependido mais de uma questão de princípios sobre a legitimidade da sucessão do Trono de Ferro.

A lição que os nobres de Westeros deveriam ter aprendido com o mestre Hobbes não é que eles jamais devam se revoltar, e sim que a guerra civil é tão terrível que deve ser evitada a *quase* qualquer custo. Apelar aos princípios sublimes de justiça e honra que nunca devem ser violados é ótimo, mas estes princípios sempre devem ser analisados em relação às consequências que nossos atos terão para a vida humana. Nossa necessidade mais básica como seres humanos não é de justiça, e sim evitar que uma grande espada seja enfiada em nosso nariz. Como cidadãos de democracias ocidentais cujo dever consiste em eleger nossos líderes pelo voto, somos todos, de certa forma, obrigados a jogar o jogo dos tronos em nosso país e no mundo. Quando esquecemos o quanto nossos princípios custam em termos de sofrimento humano para nós, para os que lutam por nós, para aqueles por quem lutamos e até para nossos *inimigos*, corremos o risco de fazer boas intenções causarem tanto mal quanto qualquer tirano Targaryen sedento de poder.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. Thomas Hobbes, *Leviatã* (Martins Fontes, São Paulo, 2003).
3. *Id.*
4. *Ibid.*
5. Martin, *A guerra dos tronos*.
6. *Id.*
7. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
8. Martin, *A guerra dos tronos*.
9. Hobbes, *Leviatã*.
10. Martin, *A guerra dos tronos*.
11. Hobbes, *Leviatã*.
12. Martin, *A guerra dos tronos*.
13. *Id.*



MENTIR A UM REI É UM GRANDE CRIME

Don Fallis

Uma coisa é enganar um rei, outra bem diferente é esconder-se do grilo nos caniços ou do passarinho na chaminé.

Lorde Varys¹

APESAR DO AVISO DE ROBERT BARATHEON de que “mentir a um rei é um grande crime”, o príncipe Joffrey o faz.² Ele alega que Arya Stark e o filho do carniceiro, Mycah, o atacaram e “bateram nele com pedaços de madeira”, quando na verdade foi Joffrey quem instigou o conflito. Essa mentira custou as vidas inocentes do filho do carniceiro e da loba gigante de Sansa, Lady. Embora Joffrey não tenha sido punido por isso, a grande maioria dos filósofos morais concordaria que ele cometeu um crime grave. Mas seria o crime de Joffrey moralmente pior porque a mentira foi direcionada *ao rei*? E seria moralmente pior porque ele mente *de modo explícito* em vez de tentar enganar o monarca de outra forma?

Mentir e enganar em Westeros

Embora o engodo esteja sempre presente em *Game of Thrones*, os cidadãos de Westeros geralmente preferem ludibriar, de modo mais sutil os outros em vez de mentir descaradamente, como fez Joffrey. Por exemplo, Robb Stark engana os Lannister ao usar a dissimulação para dividir as forças do Norte e, com isso, capturar o Regicida e romper o cerco em Correrrio. Mirri Maz Duur leva Daenerys Targaryen a acreditar que sua magia de sangue vai devolver a saúde de khal Drogo, mas tudo que ela diz

explicitamente é que pode mantê-lo vivo.³ Lorde Varys, o mestre dos segredos, costuma andar disfarçado pela Fortaleza Vermelha. De modo mais visível, a rainha Cersei engana até o rei, fazendo todos acreditarem que o príncipe Joffrey é o herdeiro legítimo do Trono de Ferro, sem ter que dizê-lo diretamente. Esses impostores são melhores em termos morais por terem evitado a mentira descarada?

Antes de continuarmos, qual é a diferença entre mentir e enganar? Quase todos os filósofos — de Santo Agostinho (354-430) em seu *De Mendacio* a Bernard Williams (1929-2003) no livro *Truth and Truthfulness* — pensam que você *mente* quando *tem a intenção de ludibriar* alguém para que a pessoa acredite *no que você diz*.⁴

Mentir não é apenas dizer algo falso. Por exemplo, mesmo que Tyrion Lannister, o Duende, seja inocente, Catelyn Stark não está mentindo ao dizer que ele “conspirou para matar meu filho”.⁵ Ela realmente acredita na culpa do anão, pois disseram-lhe que o Duende ganhara a faca usada pelo assassino numa aposta com Mindinho no “torneio no dia do nome do príncipe Joffrey”.⁶ Portanto, quando Catelyn faz a acusação, ela não está tentando enganar ninguém na estalagem do entroncamento. Se descobrissem que Tyrion era inocente, Sor Willis Wode, o cantor Marillion e os outros que estavam presentes naquela noite *poderiam* alegar que ela teria “mentido” para eles. Mas acusar uma pessoa de “mentir” quando apenas disse algo falso inadvertidamente é uma alegação imprecisa.

Claro que o príncipe Joffrey não é o único mentiroso dos Sete Reinos. Na verdade, existe um bocado de mentiras em Westeros. Pelo menos de acordo com Lady Lysa Arryn, “todos os Lannister são mentirosos”.⁷ Além disso, Tyrion parece estar correto quando alega que “para um homem como Mindinho, mentir é tão natural quanto respirar”.⁸ Lorde Petyr Baelish, mestre da moeda, não hesita em mentir para Eddard Stark, lorde de Winterfell e Mão do Rei, quando diz: “Falarei com Janos Slynt agora mesmo e me assegurarei de que a Patrulha da Cidade seja sua.”⁹ (Quando os mantos dourados se voltam contra Eddard num momento crucial, Mindinho diz a Ned: “*Avisei* para não confiar em mim.”¹⁰) Após capturar Tyrion, a própria Catelyn *está* mentindo quando diz a todos “em alto e bom som” que vai levá-lo para Winterfell.¹¹ Ela sabe que eles estão indo para o Ninho da Águia, mas quer que todos acreditem no contrário, para levar os Lannister ao caminho errado quando vierem resgatar Tyrion.

As mentiras do lorde Stark

Até mesmo Eddard Stark, reconhecido pela honestidade, mente. O rei Robert lhe diz: “Você nunca conseguiu mentir por amor ou por honra, Ned Stark”,¹² mas Eddard acaba faltando com a verdade em várias ocasiões. Por exemplo, ele diz a Sor Jaime Lannister: “Seu irmão foi capturado às minhas ordens, a fim de responder por seus crimes.”¹³ Claro que a esposa de Ned estava agindo por conta própria e aproveitou a oportunidade para capturar Tyrion na estalagem. Na verdade, numa tentativa de proteger a esposa, Eddard chega a mentir diretamente *ao rei* sobre isso quando diz: “A senhora minha esposa não tem culpa, Vossa Graça. Tudo que fez foi às minhas ordens.”¹⁴ O mais marcante, contudo, foi no grande

septo de Baelor, o Amado, quando Eddard proclama falsamente ao povo de Porto Real: “Conspirei para depor e matar seu filho, e tomar o trono para mim.”¹⁵

Alguns filósofos podem alegar que a falsa confissão de Eddard não é realmente uma mentira. Como indicou Paul Grice (1913-1988) em seus *Studies in the Way of Words*, dizer algo — pelo menos no sentido de mentir — exige mais do que apenas pronunciar algumas palavras. Quem fala precisa ter um certo “comprometimento” com as palavras. Por exemplo, quando Catelyn finalmente leva Tyrion ao Ninho da Águia, Lady Lysa o acusa de ter assassinado o marido, Jon Arryn, que fora Mão do Rei, além de tentar matar o filho de Catelyn, Bran. Em resposta a esta segunda falsa acusação, Tyrion responde com sarcasmo: “Pergunto a mim mesmo onde teria arranjado tempo para tratar de todos esses assassinatos e mortes.”¹⁶ Mesmo que não esteja realmente se perguntando isso, ele não está mentindo porque (devido ao sarcasmo) não se comprometeu com o significado literal de suas palavras.

Pode-se argumentar que Eddard não está realmente *dizendo* ser um traidor, não porque a declaração seja sarcástica como a de Tyrion, mas porque ele foi coagido. Em *How to Do Things with Words*, o filósofo J.L. Austin (1911-1960) sugeriu que uma pessoa não *diz* algo de verdade quando pronuncia as palavras “sob coerção”. A ideia é que Eddard não estava realmente mentindo, porque ele não tinha outra escolha a não ser apresentar uma falsa confissão. Mas a verdade é que ele tinha escolha.¹⁷ Afinal, Sir Thomas More (1478-1535) estava sob tanta coerção quanto Eddard para dizer algo em que ele não acreditava: que o rei Henrique VIII tinha autoridade absoluta sobre a Igreja da Inglaterra. More, contudo, escolheu *não* mentir e aceitou as consequências dessa recusa.¹⁸ Parece que, ao contrário de Tyrion, Eddard se comprometeu com o significado literal de suas palavras. Na verdade, é justamente com isso que a rainha Cersei está contando. Então, embora a coerção possa fazer com que lorde Stark seja menos culpado pelos seus atos, isso não significa que ele não esteja mentindo.

Observe também que Eddard às vezes pensa que está mentindo — quando, na verdade, não está. Quando Robert está em seu leito de morte, Eddard decide não contar a ele sua descoberta sobre a paternidade de Joffrey (“Ele quis dizer *Joffrey não é seu filho*, mas as palavras não vieram.”¹⁹) Está bem claro que Eddard acredita que está mentindo ao rei por manter sua boca fechada. (“O engano fê-lo sentir-se sujo. *As mentiras que contamos por amor*, pensou. *Que os deuses me perdoem.*”) Mas Eddard não está mentindo ao monarca neste caso, porque não *disse* algo que acredita ser falso. Reconhecidamente, podemos dizer que alguém está “mentindo” quando tenta enganar outra pessoa. Por exemplo, segundo o humorista e erudito Mark Twain (1835-1910), “quase todas as mentiras são ações, e o discurso não tem qualquer parte nelas”.²⁰ Mais uma vez, é uma alegação imprecisa.

Podemos ir ainda mais longe e argumentar que Eddard não quer *enganar* o rei, apenas tenta *omitir* informações dele. É verdade que omitir informações não necessariamente conta como ludibriar alguém. Afinal, não é engodo se seu objetivo é apenas manter alguém ignorante de algo, em vez de garantir que ele tenha uma crença falsa.²¹ Porém, como diz o filósofo contemporâneo Thomas Carson: “Omitir informações pode constituir um engodo se houver uma expectativa, promessa e/ou obrigação profissional clara de que tal informação será fornecida.”²² Por ser a Mão do Rei, Eddard tem obrigação de revelar ao

rei informações fundamentais para governar o reino. E a rainha presumivelmente tem a mesma obrigação. Portanto, ambos *estão* enganando o rei ao manter a identidade do pai de Joffrey em segredo.

Mentir é pior que enganar?

Alguns casos de engodo são visivelmente piores em termos morais do que certas mentiras. Por exemplo, em comparação com as fraudes perpetradas pela rainha para obter o controle do Trono de Ferro, a falsa confissão de Eddard (a fim de salvar a vida de suas filhas e preservar a paz) é na verdade algo bem recomendável. Contudo, vários filósofos proeminentes, entre eles Immanuel Kant (1724-1804) e Roderick Chisholm (1916-1999), disseram que, *em condições normais*, mentir descaradamente para alguém é pior do que enganar a pessoa de outra forma.²³ A maioria das pessoas realmente parece crer intuitivamente que, se você vai enganar alguém, é melhor fazê-lo sem mentir, como a rainha Cersei, que simplesmente mantém o caso amoroso com o irmão em segredo e deixa as pessoas tirarem suas próprias conclusões sobre a identidade do pai de Joffrey. Muitos filósofos, como Kant e Chisholm, concordam que, se ela tentasse promover a mesma falsa crença ao garantir explicitamente que Joffrey é filho de Robert Baratheon, ela teria feito algo (um pouco) pior.

Quase todos os filósofos morais creem que o principal motivo pelo qual mentir é errado é porque a mentira envolve enganar alguém intencionalmente. Mas, enquanto Kant e Chisholm acham que existe algo ainda pior do que mentir, outros filósofos proeminentes discordam (entre eles Bernard Williams, mencionado anteriormente, e T. M. Scanlon no livro *What We Owe to Each Other*). Mesmo garantindo que existem diferenças entre mentir e outras formas de engodo, eles alegam que essas diferenças não mostram que mentir é pior em termos morais. Em outras palavras, eles basicamente concordam com o poeta inglês William Blake (1757-1827): “Uma verdade contada com o mal em mente bate todas as mentiras que se inventem.”

Trair a confiança e transferir a responsabilidade

Talvez o mais errado em mentir seja que os mentirosos *nos levam a confiar neles* e depois *traem* esta confiança. Como dizem Roderick Chisholm e Thomas Feeham: “Mentir, diferentemente de outros tipos de engodo intencional, é essencialmente uma quebra de confiança.”²⁴ Por exemplo, Eddard leva explicitamente o povo de Porto Real a acreditar (de modo falso) que ele é um traidor. Por outro lado, Robb não leva o lorde Tywin Lannister a acreditar que *todas* as suas tropas estão marchando para o sul pela Estrada do Rei; portanto, não chega a trair qualquer confiança ao liderar “nove décimos da cavalaria”²⁵ para o Ramo Verde pelas Gêmeas.

Mas, mesmo se supusermos que levar alguém a confiar faz com que o engodo seja pior, isso não explica por que mentir é pior em termos morais do que *todas* as outras formas de engodo. É possível levar alguém a confiar e trair esta confiança sem contar uma mentira direta. Por exemplo, Mirri Maz Duur insinua que pode devolver a saúde de khal Drogo. Além disso, ao dizer “só a morte pode pagar a vida”,²⁶ ela induz Daenerys a acreditar que o preço será a vida do grande garanhão vermelho em vez da vida do filho que a khaleesi carrega no ventre. Mas, apesar de não ter mentido, ainda parece que a *maegi* levou Daenerys a confiar nela e, depois, traiu esta confiança. (Daenerys, claro, se vinga pela traição amarrando a mulher à pira funerária de Drogo.)

Muitos filósofos alegam que é melhor enganar sem mentir, porque você terá menos *responsabilidade* por enganar seu público. Se você mentir descaradamente, será totalmente responsável por eles serem enganados. Seu público realmente não tem escolha a não ser acreditar em sua palavra. (Claro que, se alguém for suficientemente cético, pode questionar sua sinceridade. Mas, por essa ser uma alegação tão grave, a maioria das pessoas não quer tachar alguém de mentiroso até ter certeza absoluta.)

Por outro lado, se você engana o público de alguma outra forma, eles precisam inferir por conta própria para ter uma falsa crença. Em outras palavras, o público faz uma escolha sobre o que acreditar, e as pessoas são responsáveis pelas escolhas que fazem. Por exemplo, embora a *maegi* não especifique qual vida pagará a de Drogo, Daenerys conclui precipitadamente que será a do cavalo do khal. Portanto, Daenerys parece ter uma dose de responsabilidade por ter sido enganada quanto ao resultado da magia de sangue. Quando Daenerys diz: “Preveniu-me de que só a morte podia pagar pela vida. Pensei que se referisse ao cavalo”, Mirri Maz Duur responde de modo plausível: “Não. Era nisso que queria acreditar. Conhecia o preço.”²⁷

Claro que Daenerys concluiu que a morte do cavalo restauraria a saúde de Drogo apenas porque Mirri Maz Duur fez a khaleesi chegar a essa conclusão e disse as palavras certas para fazê-lo. Porém, o fato de Daenerys ter se enganado diminui a responsabilidade moral da *maegi* sobre o engodo? Veja a seguinte analogia inspirada num exemplo da filósofa contemporânea Jennifer Saul.²⁸ Imagine que você esteja andando pela Baixada das Pulgas e exibindo sua adaga cara com lâmina de aço valiriano e cabo de osso de dragão em vez de mantê-la escondida embaixo do manto. Quando a adaga acaba sendo roubada, há uma sensação de que, em parte, a culpa foi sua. O roubo seria muito menos provável se você tivesse sido mais cuidadoso. Mas isso diminui a responsabilidade do ladrão? Presumivelmente, ele merece ser mandado às masmorras do rei ou à Muralha, exatamente como o ladrão que rouba de cidadãos mais cuidadosos.

Pode ser melhor enganar sem mentir porque, *mesmo que* a responsabilidade do seu público não diminua a sua, você pelo menos preservou a autonomia deles.²⁹ Uma pessoa é *autônoma* se puder escolher livremente o que fazer; e, quanto mais escolhas ela tem, mais autônoma é. Tanto Kant em sua *Fundamentação para a metafísica dos costumes*, quanto o filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873) em seu *Sobre a liberdade* enfatizaram o importante valor moral da autonomia.

Conforme observado neste artigo, se você mente para o público, ele tem poucas opções. Por

exemplo, eles podem acreditar no que você diz (ou pelo menos fingir fazê-lo) ou podem questionar diretamente sua sinceridade. Portanto, essas pessoas têm pouquíssima autonomia. Por outro lado, se você simplesmente indica algo que acredita ser falso, o público tem mais opções e, de certa forma, uma autonomia maior. Por exemplo, sem ter que questionar a sinceridade da *maegi*, Daenerys poderia facilmente ter esclarecido a questão ao perguntar: “Você realmente quer dizer que pode devolver a saúde de Drogo tendo como preço apenas a morte do cavalo dele?”

Mas as vítimas de outras formas de engodo sempre têm mais opções do que as vítimas de mentiras? Por exemplo, após ter sido “ferido por um javali enquanto caçava no bosque do rei”, Robert pede a Eddard para tomar conta de seus filhos quando ele morrer.³⁰

As palavras retorceram-se na barriga de Ned como uma faca. Por um momento sentiu-se perdido. Não conseguia mentir. Então se lembrou dos bastardos: a pequena Barra ao colo da mãe, Mya no Vale, Gendry em sua forja, e todos os outros.

— Eu... defenderei seus filhos como se fossem meus — respondeu lentamente.³¹

Neste caso, embora Eddard tenha a intenção de comunicar algo que sabe ser falso, ele acredita no que diz. Logo, não está mentindo. Contudo, será que Robert pensaria em perguntar: “Ok, mas nós concordamos sobre quem são meus filhos?” Em outras palavras, o rei realmente tem mais opções do que se Eddard tivesse mentido? Na verdade, como o rei não tem escolha a não ser acreditar que sua Mão vai tomar conta de Joffrey, Myrcella e Tommen, ele realmente tem alguma responsabilidade por ter sido enganado?

Os artifícios da guerra

Independentemente de enganar ser ou não tão ruim quanto mentir, seria pior mentir (ou enganar) *o rei* do que qualquer outra pessoa? A mentira de Joffrey não é nossa única motivação para tratar dessa importante questão. Conforme observado anteriormente, muitas pessoas no “jogo dos tronos” — entre elas Eddard e a rainha — mentem para o rei ou tentam enganá-lo de outras formas.

Obviamente, existem certas situações em que é aceitável tentar enganar um rei. Por exemplo, não há nada de errado em blefar quando se joga pôquer com um rei. Além disso, você pode tentar algum ardil no campo de batalha quando estiver em guerra com ele. Como escreveu o filósofo holandês Hugo Grócio (1583-1645): “A sensação geral da humanidade é que enganar um inimigo é tanto justo quanto válido perante a lei.”³² Desta forma, Robb pode tentar enganar os Lannister ao dividir suas tropas (claro que, de acordo com Barristan, o Ousado, o Senhor Comandante da Guarda do Rei, “pouca honra existe em truques”).³³ Então, talvez Robb fosse mais honrado caso seguisse a prática dos dothraki de trançar o cabelo com “campainhas para que os inimigos os ouvissem chegar e ficassem fracos de medo”³⁴).

Contudo, jogos de pôquer e batalhas são situações especiais em que o engodo é parte aceitável da estratégia, na qual até um rei, em última instância, dá permissão às pessoas para mentirem a ele. Por outro lado, em outras circunstâncias, essa permissão não existe. Em várias situações em que o rei é o centro das atenções, como no momento em que Joffrey mente para ele, fica bem claro que a mentira não será tolerada. Novamente: será que o rei dá permissão tácita às pessoas para mentirem a ele simplesmente pelo fato de jogarem o *jogo dos tronos*?

Aliás, não quero deixar a impressão de que “no amor e na guerra vale tudo”. Alguns tipos de engodo são injustificáveis em termos morais, até mesmo na batalha. Por exemplo, em nosso mundo, as Convenções de Genebra dizem que “é proibido matar, ferir ou capturar um adversário recorrendo à perfídia”. Da mesma forma, é uma prática questionável a de Sor Gregor Clegane, vassalo da Casa Lannister, de destruir vilarejos no Tridente disfarçado como invasor fora da lei. E, embora tenha reagido de modo exagerado, Sor Gregor tinha seus motivos para estar transtornado quando Sor Loras Tyrell cavalgou uma égua no cio a fim de distrair seu cavalo durante o torneio da Mão. Tais artifícios não são aceitos, seja em batalha ou em justas.

Consequências ruins e juramentos quebrados

Além de jogos de pôquer e batalhas, provavelmente não é aceitável em termos morais tentar enganar o rei. Mas é pior tentar enganar *o rei* em vez de outra pessoa? As teorias éticas tradicionais dão algumas possíveis explicações para isso.

De acordo com o *consequencialismo*, ao decidir o que fazer, devemos levar em conta quais serão as prováveis consequências de nossos atos. Além disso, não devemos fazer algo que tenha probabilidade de gerar consequências ruins. E as consequências de enganar uma pessoa tão poderosa quanto um rei podem ser terríveis. Por exemplo, o rei Robert Baratheon ordena a morte de uma pessoa e um animal inocentes por causa da mentira de Joffrey. Pode-se dizer que o fato de a rainha ter enganado o rei levou à dissolução do reino. Sendo assim, geralmente temos mais motivos para evitar mentir ao rei do que ao povo comum.

Contudo, as considerações consequencialistas não dizem que é *sempre* pior mentir a um rei. Por exemplo, Eddard engana Robert quanto à paternidade de Joffrey apenas quando Robert já está em seu leito de morte. Como ele está prestes a morrer, há pouca oportunidade para Robert fazer qualquer ato insensato como resultado de sua falsa crença. Saber a verdade apenas lhe causaria mais dor. (“A agonia estava escrita de forma muito clara no rosto de Robert; não podia feri-lo mais.”³⁵) Então, parece que os benefícios de enganar Robert neste caso seriam maiores do que os custos.³⁶ Mas também poderíamos apelar aos *não consequencialistas* para mostrar que é pior mentir para um rei. Muitos filósofos, entre eles Kant, pensam que temos a obrigação de nos comportarmos de determinadas formas — e também de *não* nos comportarmos de determinadas formas — independente de quais sejam as consequências.

Particularmente, em *The Right and the Good*, W.D. Ross (1877-1971) alega que temos um dever de *fidelidade* ou *honestidade*. Em outras palavras, somos obrigados a não mentir ou enganar pessoas. Claro que temos esse dever com todos, e não apenas com os reis. Contudo, podemos argumentar que os súditos têm uma obrigação especial de não enganar seu rei. Ao fazê-lo, estariam quebrando o “juramento de fidelidade” tomado diante dos velhos e/ou novos deuses.³⁷

Infelizmente, nem todos em Westeros fizeram um juramento explícito ao rei. Os lordes e cavaleiros certamente o fizeram, mas as pessoas comuns provavelmente não. Além disso, não está claro que Joffrey, tendo apenas 12 anos, já tenha feito tal juramento a Robert Baratheon. E, em todo caso, como disse lorde Varys, todos sabem o que vale o juramento de um Lannister.³⁸

Mas mesmo assim podemos argumentar que todos os súditos têm essa obrigação especial em relação ao monarca, apelando para a doutrina do “direito divino dos reis”. Segundo essa ideia, um rei tem autoridade — dada por Deus — sobre os súditos, semelhante à autoridade que os pais têm sobre os filhos. E seria particularmente nocivo tentar enganar quem tem esse tipo de autoridade legítima sobre você.

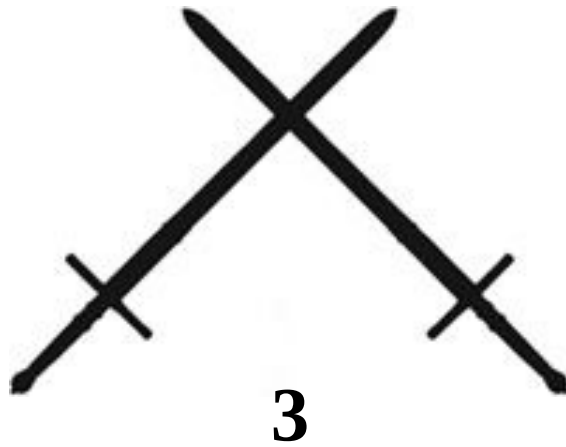
Reconhece-se que Robert Baratheon usurpou o Trono de Ferro numa batalha, em vez de herdá-lo do pai, mas isso não significa que ele não tenha o apoio dos deuses. De forma similar, Tyrion é inocentado em seu “juízo por combate” no Ninho da Águia, após ter sido defendido pelo mercenário Bronn, porque os deuses controlam o resultado.³⁹

Mas, embora o direito divino dos reis explique por que é pior mentir para um monarca, não está nem um pouco claro se existe realmente um direito divino dos reis. O filósofo inglês John Locke (1632-1704) deu um argumento forte contra essa doutrina em seu *Dois tratados sobre o governo*. Como Thomas Jefferson (1743-1826) escreveu na Declaração de Independência — que foi plagiada de Locke —, “todos os homens são criados iguais” e a autoridade política deriva apenas do “consentimento dos governados”. Ou como disse um camponês em outra famosa fantasia medieval: “Mulheres desocupadas em lagos distribuindo espadas a desconhecidos não são base para um sistema de governo. O poder executivo supremo deriva de um mandato das massas, não de uma cerimônia aquática ridícula.”⁴⁰ Portanto, as análises não consequencialistas podem não mostrar que é invariavelmente pior mentir para um rei. Então, embora você possa muito bem receber uma punição maior por mentir a um rei do que a outra pessoa, não está claro se você necessariamente fez algo pior em termos morais.⁴¹

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
2. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010). Platão (429-347 a.C.) alegou em *A república* que é moralmente permissível aos “reis filósofos” contar “nobres mentiras” aos súditos pelo bem da sociedade, mas, de acordo com o rei Robert, o contrário não se aplica.
3. Tecnicamente falando, esta *maegi* não é cidadã de Westeros. Ela reside do outro lado do mar estreito, nos Reinos do Poente.
4. Bernard William, *Truth and Truthfulness* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2002). Na verdade, não acho que esta definição esteja exatamente correta. Veja meu artigo em *The Big Bang Theory* e a filosofia, editado por Dean Kowalski. Mas minhas objeções não importam para este estudo.
5. Martin, *A guerra dos tronos*.
6. *Id.*
7. *Ibid.*
8. *Ibid.*
9. *Ibid.*
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*
12. *Ibid.*
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*
15. *Ibid.*
16. *Ibid.*
17. Por outro lado, quando o mestre jedi Obi-Wan Kenobi (de outro mundo de fantasia que você muito provavelmente conhece) faz com que um stormtrooper pronuncie as palavras “estes não são os droids que estamos procurando”, o stormtrooper não tem mesmo escolha.
18. Claro que, apesar de fazer escolhas diferentes, tanto Eddard quanto Sir Thomas acabaram decapitados.
19. Martin, *A guerra dos tronos*.
20. Mark Twain, “My First Lie, and How I Got Out of It”, em *The Man That Corrupted Hadleyburg* (Oxford: Oxford University Press, 1996).
21. Thomas Carson, *Lying and Deception* (Oxford: Oxford Univ. Press, 2010).
22. *Id.*
23. Kant jamais *mentiria* a seu rei, pois achava que mentir é sempre errado, mas curiosamente ele tentou enganá-lo em pelo menos uma ocasião. Ver “Kant on Lies, Candour and Reticence”, de James Mahon em *Kantian Review* 7 (2003).
24. Roderick Chisholm e Thomas Feehan, “The Intent to Deceive”, *Journal of Philosophy* 74 (1977).
25. Martin, *A guerra dos tronos*.
26. *Id.*
27. *Ibid.*
28. Jennifer Saul, *Lying, Misleading, and What Is Said* (Oxford: Oxford University Press, a ser lançado).
29. Ver “The Distinctive Wrong in Lying”, de Alan Strudler, em *Ethical Theory and Moral Practice* 13 (2010).
30. Martin, *A guerra dos tronos*.
31. *Id.*

32. Hugo Grócio, *On the Law of War and Peace* (Whitefish, MT: Kessinger, 2010).
33. Martin, *A guerra dos tronos*.
34. *Ibid.*
35. *Ibid.*
36. Também pode ser melhor mentir para um rei se a pessoa acreditar que isso evitará algo horrível. Eddard parece pensar que Robert poderia matar a rainha e os filhos caso descobrisse a verdade. Então, seria melhor tê-lo enganado mesmo se ele não estiver prestes a morrer.
37. Martin, *A guerra dos tronos*.
38. *Id.*
39. *Ibid.*
40. *Monty Python – Em busca do cálice sagrado* (Columbia, 2003). Para saber mais sobre a doutrina do direito divino dos reis nessa fantasia medieval, ver “Monty Python and the Search for the Meaning of Life”, de Patrick Croskery, em *Monty Python and Philosophy*, editado por Gary L. Hardcastle e George A. Reisch (Chicago: Open Court, 2006).
41. Gostaria de agradecer a Andrew Cohen, Tony Doyle, Henry Jacoby, Laura Lenhart, Kay Mathiesen, Jennifer Saul e Dan Zelinski pelas sugestões úteis sobre este capítulo.



JOGANDO O JOGO DOS TRONOS: ALGUMAS LIÇÕES DE MAQUIAVEL

Marcus Schulzke

AS *CRÔNICAS DE GELO E FOGO* são cheias de personagens complexos tentando conquistar o Trono de Ferro ou apenas sobreviver. Cada um emprega sua própria estratégia para alcançar um objetivo em particular, mas ao longo da história fica claro que algumas dessas estratégias são muito mais bem-sucedidas do que outras. Alguns personagens conseguem escapar até das circunstâncias mais desesperadoras, enquanto outros são ludibriados e mortos. A filosofia de Nicolau Maquiavel (1469-1527) pode nos ajudar a entender por que alguns personagens têm êxito e outros não. Maquiavel estava bastante familiarizado com a luta pelo poder, e a palavra “maquiavélico” ainda é usada para definir os adeptos do uso da força e da sagacidade.

Como Maquiavel explica, existem dois tipos diferentes de principados: hereditários e novos, e ambos que exigem dois tipos diferentes de governantes.¹ Os governantes dos principados hereditários podem manter o poder dando continuidade às políticas dos antecessores. Eles desfrutam de uma posição segura, pois fazem parte de uma dinastia estabelecida que criou uma base sólida de poder. Novos governantes enfrentam um desafio muito maior. Ao obter o controle do Estado de outra pessoa, eles não apenas fazem inimigos durante o processo como também ensinam aos outros como capturar o trono. Virar um novo governante exige uma boa dose de habilidade e sorte, e, como apenas a primeira pode ser aprendida, é importante imitar a habilidade dos grandes governantes.

O livro mais famoso de Maquiavel, *O príncipe*, está repleto de conselhos a quem pretende ser um novo governante. Para ilustrar as lições atemporais que ensinam a se tornar um novo governante e a se proteger daqueles que o desafiam, Maquiavel conta histórias de indivíduos que foram bem-sucedidos e outros que fracassaram na busca pelo poder. Com foco na luta para estabelecer novos reinos, *O príncipe*

é uma lente perfeita para enxergar os eventos de *As crônicas de gelo e fogo*. Como veremos, a Guerra dos Cinco Reis segue a lógica da luta maquiavélica pelo poder e ilustra muitas das lições mais importantes do filósofo.

Aerys Targaryen, o Rei Louco que governou Westeros antes de Robert Baratheon, veio de uma posição de força, pois fazia parte de uma longa linhagem de monarcas. Ele tinha todas as vantagens associadas a um rei hereditário, mas acabou agindo de modo cruel e irracional. Quando foi deposto, Westeros perdeu sua dinastia reinante, e o Trono de Ferro virou uma fonte instável de poder controlado pelos novos governantes que enfrentaram muitas das dificuldades descritas por Maquiavel. Todos os membros sobreviventes da família Targaryen viraram inimigos de Robert, e os que ajudaram o Primeiro do Nome Baratheon a chegar ao trono estavam ansiosos para cobrar os favores prestados em troca do apoio e para conquistar poder na nova corte. Com a queda do Rei Louco, iniciou-se a competição para controlar o trono e estabelecer a próxima dinastia.

Virtù e Fortuna

Maquiavel argumenta que duas forças determinam a batalha pelo poder: a *virtù* e a *fortuna*. A *virtù* é a habilidade de que uma pessoa precisa para tomar o poder e mantê-lo, que consiste em fazer mudanças contínuas com base nas circunstâncias. Ao entrar numa batalha contra um rival, agir com *virtù* pode ser uma questão de seguir corajosamente adiante de encontro à ameaça, enquanto, em outras circunstâncias, como tramar um assassinato, a *virtù* pode exigir cautela e paciência. A habilidade de Robb na batalha e a capacidade de Mindinho de manipular os outros são formas muito diferentes de conquistar o poder, mas ambas demonstrar a *virtù*.

Em vez de dar uma definição clara ou uma lista de características, Maquiavel ilustra o conceito contando uma série de histórias sobre os que tinham e os que não tinham *virtù*. A melhor forma de aprendê-la é imitando grandes figuras do passado, mas não se pode seguir os exemplos muito rigidamente, sob pena de ser previsível.² Em vez de copiar os que têm *virtù*, Maquiavel aconselha os leitores a descobrirem quais lições gerais podem ser aprendidas com eles e, depois, aplicarem estas lições de novas formas, para descobrir um caminho individual rumo ao trono.

Apesar de ser vago quanto ao significado, Maquiavel é bem claro num ponto: *virtù não é o mesmo que virtude*. A virtude geralmente está associada a qualidades morais. Uma pessoa virtuosa é honesta, corajosa e leal. Uma pessoa com *virtù* pode ter todas essas qualidades, mas apenas quando são úteis. Quem tem *virtù* geralmente *parece* ser virtuoso apenas porque essa aparência facilita a tomada e a manutenção do poder. Ser virtuoso em termos morais pode até ser um obstáculo, visto que pode impedir alguém de fazer o necessário para obter uma vantagem em relação aos oponentes.

A preocupação com a moralidade deixa personagens fortes (como Ned Stark) vulneráveis, enquanto os que sabem o momento de agir de modo imoral vencem. Isso fica bem claro quando Lysa acusa Bronn

de não lutar com honra após vencer o julgamento por combate em que ele representou Tyrion. Bronn aponta para o buraco em que seu oponente caído e diz a ela: “Não... Mas ele lutou.” (Episódio 6 da primeira temporada, *A Golden Crown* [*Uma coroa de ouro*]). Um aspirante a rei deve, portanto, saber quando ser virtuoso e quando ser cruel. Ele também deve saber como fazer seus atos parecerem bons e ser capaz de culpar os outros pelos atos malfeitos.³ Porém, Maquiavel não aconselha os governantes a se comportarem de modo imoral. Em vez disso, ele os aconselha a evitar pensar em termos de moralidade, alegando que atos são bons ou maus apenas na medida em que aumentam ou diminuem o poder de alguém. Aterrorizar os outros costuma ser contraproducente porque governantes temidos geralmente provocam rebeliões.

Fortuna pode ser mais adequadamente traduzida como sorte. Ela engloba os eventos que estão além do controle de uma pessoa, sejam eles bons ou ruins. A *fortuna* envolve tudo, desde a forma que alguém age até os desastres naturais. Quando favorável, a *fortuna* pode ajudar uma pessoa a sair até da situação mais desesperadora, como aconteceu quando Tyrion teve a sorte de ter Bronn para defendê-lo num julgamento por combate. A *fortuna*, porém, é uma aliada não confiável e pode desertar num piscar de olhos. Por esse motivo, Maquiavel argumenta que não se deve deixar nada para o acaso: quem tem *virtù* geralmente vence porque faz a própria sorte. Como ele mesmo define: “A sorte é mulher e, para dominá-la, é necessário bater-lhe e contrariá-la. É pelo geral reconhecido que ela se deixa dominar de preferência por estes do que por aqueles que agem friamente.”⁴ A *fortuna* pode ser caprichosa e por isso é fundamental tomar precauções contra ela. Em vários exemplos históricos dados por Maquiavel, a *fortuna* é a força que leva até os maiores generais e governantes à ruína.

O melhor que se pode fazer é evitar as consequências maléficas da *fortuna* ao planejar cada contingência e se adaptar rapidamente a novos eventos. Quem procura o poder deve se engajar numa luta constante para controlar a *fortuna* por meio da força do engodo. Deve ainda ter a *virtù* para controlar as próprias circunstâncias — de modo que as circunstâncias não o controlem. Muitos exemplos de *virtù* dados por Maquiavel envolvem homens que foram bem-sucedidos, em parte, porque foram beneficiados pela boa sorte. Como ele mesmo diz, contudo, a sorte raramente basta. Muitas pessoas têm boa sorte, mas a grandeza consiste em usá-la em proveito próprio. Como diz Maquiavel: “Tais oportunidades, portanto, tornaram felizes a esses homens; e foram as suas virtudes [*virtù*] que lhes deram o conhecimento daquelas oportunidades. Graças a isso, a sua pátria se honrou e se tornou feliz.”⁵

A queda dos reis

Como Maquiavel teria previsto, a luta pelo Trono de Ferro é moldada pelas mesmas forças de *virtù* e *fortuna* que atuaram na luta pelo poder na Itália durante o Renascimento. No jogo dos tronos, os jogadores lutam constantemente contra a *fortuna*, aumentando o escopo de poder e eliminando os rivais. Ironicamente, algumas das figuras mais poderosas na trama são as menos capazes de vencer essa luta

contra a *fortuna*. Viserys Targaryen, Robert e Joffrey, bem como Ned e Robb Stark ilustram alguns dos erros mais básicos cometidos ao tentar tomar ou manter o poder.

Viserys Targaryen é orgulhoso, arrogante e violento. Ele corresponde perfeitamente à descrição de Maquiavel do líder deposto, que não pensa em nada além de reclamar o que considera seu.⁶ Viserys está disposto a fazer qualquer coisa, até sacrificar a própria irmã, para tomar o Trono de Ferro. Contudo, ele comete diversos erros graves que o deixam dependente dos outros. A decisão de casar a irmã com khal Drogo talvez tenha sido o maior deles, porque o obrigou a confiar tanto em Drogo quanto em Daenerys. A arrogância dele obviamente alimenta o erro.

Maquiavel argumenta que um aspirante ao poder deve ter o apoio ou das pessoas comuns ou dos nobres.⁷ Os nobres podem inicialmente parecer mais atraentes, pois têm acesso a posições de poder e à riqueza necessária para montar um exército, além da experiência em política. Apesar disso, Maquiavel não aconselha se aliar aos nobres, visto que eles têm uma falha fundamental: oferecem apoio a um aspirante ao trono apenas quando isso serve a seus objetivos. Muitos lordes, como Walder Frey e Roose Bolton, mudam de lado para obter alguma vantagem. Se Viserys tivesse superado o orgulho e aceitado liderar o exército de khal Drogo rumo a Westeros para reclamar o trono, ele poderia ter descoberto que Drogo ou Daenerys esperariam favores em troca. Viserys teria ficado completamente dependente deles e seria obrigado a ceder a todas as exigências do casal, mas ele nem teve a oportunidade de aprender essa lição. Drogo e Daenerys perceberam o poder que tinham sobre o arrogante Viserys e perderam a paciência com ele bem antes que ele tivesse a oportunidade de invadir Westeros.

O povo é muito mais fácil de agradar do que os nobres, argumenta Maquiavel, porque seu único desejo é não ser oprimido.⁸ Qualquer um que possa prometer-lhes segurança e liberdade ganhará seu apoio duradouro. Se Viserys tivesse buscado o apoio das pessoas comuns, poderia ter achado alguém mais disposto a aceitar seus hábitos arrogantes.

O rei Robert Baratheon é totalmente diferente de Viserys, mas também tem sérias falhas que o tornam um mau líder. A subida de Robert ao poder indica que ele foi um homem de grande *virtù*: conseguiu conquistar o controle de Westeros, reorganizar seu governo e colocar aliados leais nas principais posições do reino. Mesmo quando fica preguiçoso e incapaz de gerenciar as finanças do Estado, ele tem um vasto apoio e é poderoso demais para qualquer desafiante ousar atacá-lo diretamente. Mesmo assim, Robert se parece com Viserys num aspecto importante: geralmente permite que as emoções ditem seus atos. Por exemplo, Robert rapidamente se volta contra Ned num momento de raiva e o dispensa do cargo de Mão do Rei quando este insiste que Daenerys não deve ser assassinada, mas depois volta atrás quando a raiva passa.⁹ Essas fortes emoções fazem de Robert um homem inconstante e incapaz de se distanciar dos conflitos nos quais se envolve. Sem essa capacidade, a *fortuna* influencia suas emoções e dita seus atos. No fim das contas, a falta de controle de Robert sobre as emoções o leva a ser um mau juiz de seus conselheiros e amigos. A raiva dele afasta homens honrados como Ned Stark, e o orgulho leva Robert a ficar dependente de conselheiros mentirosos que apenas repetem suas opiniões.

O herdeiro de Robert, Joffrey, assume o trono quando é jovem e imaturo demais para entender as

consequências dos próprios atos. Empolgado com o novo poder e ansioso para exercê-lo, num primeiro momento suas crueldades são compreensíveis. Ele deve agir violentamente a fim de eliminar os inimigos em Porto Real e mobilizar um exército para se opor aos rivais. Joffrey age sem misericórdia com amigos e inimigos, cometendo o erro fatal de se fazer odiado. Maquiavel admite que a crueldade geralmente é necessária, mas pede que ela seja usada com parcimônia, para não criar inimigos. Maquiavel recomenda que medidas impopulares sejam tomadas rapidamente: “As injúrias devem ser feitas todas de uma vez, a fim de que, tomando-se-lhes menos o gosto, ofendam menos. E os benefícios devem ser realizados pouco a pouco, para que sejam mais bem saboreados.”¹⁰ Infelizmente, Joffrey é cruel não apenas quando necessário, mas sempre que sente vontade de controlar alguém.

Numa das passagens mais famosas de *O príncipe*, Maquiavel discute se é melhor ser amado ou temido. Não surpreende que é muito mais desejável ser *tanto* amado *quanto* temido. Mas, se for preciso escolher, o medo é melhor que o amor, pois é uma emoção mais confiável.

“Os homens hesitam menos em ofender aos que se fazem amar do que aos que se fazem temer, porque o amor é mantido por um vínculo de obrigação, o qual devido a serem os homens pérfidos é rompido sempre que lhes aprouver, ao passo que o temor que se infunde é alimentado pelo receio de castigo, que é um sentimento que não se abandona nunca.”¹¹

Maquiavel, contudo, aconselha os que se farão temidos, dizendo que o pior que alguém pode fazer é ser odiado, pois o ódio pode levar as pessoas à ação mesmo quando estão com medo. Joffrey instila o medo em seus amigos e inimigos, mas, ao agir de modo cruel o tempo todo, ele se faz odiado pelos membros da corte, pelos residentes de Porto Real e até pelo próprio irmão. A sorte o salva de ser assassinado pela multidão furiosa quando ele e seus companheiros cavalgam pelas ruas de Porto Real em *A fúria dos reis*, mas o fato de apenas a sorte preservar sua vida é uma evidência de que Joffrey é um péssimo modelo de comportamento para um rei.¹²

Moralidade e dependência

Nem todas as histórias com lição de moral em *As crônicas de gelo e fogo* envolvem reis cruéis ou inconstantes. Alguns dos personagens mais admiráveis também apresentam falta de *virtù*. Embora jamais tenha buscado o Trono de Ferro, Ned Stark chegou a uma posição de grande poder. Um líder bem diferente de Viserys, Robert ou Joffrey, Ned sempre toma decisões tendo em mente a justiça e a lealdade. Grande guerreiro e um dos personagens mais honrados da trama, ele também foi um administrador hábil, um bom amigo e uma pessoa virtuosa. Mas, apesar de todos esses pontos fortes, Ned é um belo exemplo do quanto a moralidade pode ser desastrosa para os que se envolvem em política.

Ned costuma se beneficiar da boa sorte, que lhe permite ir bem longe sem comprometer os próprios

valores. A *fortuna* deu a ele a posição de Mão do Rei e o devolveu a este posto mesmo depois de ele ter se demitido, mas Ned raramente se aproveita por completo do que a sorte lhe oferece. Em vez disso, ele age com moderação e uma noção clara e rígida de certo e errado. Contudo, Maquiavel insiste que uma parte fundamental da *virtù* é saber quando não ser bom:

Vai tanta diferença entre o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz, aprende antes a ruína própria, do que o modo de se preservar; e um homem que quiser fazer profissão de bondade, é natural que se arruíne entre tantos que são maus.

Assim, é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade.¹³

Ned não tem a habilidade de saber quando não ser bom. Sua honestidade e lealdade fazem dele um ótimo amigo para Robert e um belo modelo de comportamento para os filhos, mas tais valores cobram um alto preço quando se tenta competir contra quem não é refreado pela moral. Ned avisa a Cersei que vai contar a Robert a verdade sobre o herdeiro ilegítimo do trono e revela seus planos a Mindinho, permitindo a eles retaliar com bastante antecedência. Ele confia nas pessoas com facilidade, mantém sempre a palavra e se recusa a esconder seus pensamentos ou atos. A virtude moral de Ned acaba o levando à morte quando ele comete o erro fatal de confiar em Mindinho, cuja perspicácia é bem maior que a do patriarca da Casa Stark. Este foi um ato imprudente, visto que o próprio Mindinho avisou a Ned para não confiar em ninguém e que a decisão de apoiar Stannis Baratheon como herdeiro de Robert levaria à violência.

O filho de Ned, Robb, tem valores semelhantes, mas consegue se adaptar muito melhor às circunstâncias. De todos os reis da série, Robb Stark talvez seja o único que chegue mais perto do conceito de *virtù* criado por Maquiavel. Ele é um excelente general, versado em conseguir o apoio de nobres que não eram seus aliados e capaz de fazer planos no longo prazo que aumentam o controle sobre a *fortuna*. Contudo, Robb comete um dos erros considerados fatais por Maquiavel: confia demais em outras pessoas para fornecer apoio militar. Embora Robb tenha seguidores leais, ele consegue a travessia das Gêmeas e aumenta o número de homens de seu exército ao conquistar o apoio de Walder Frey mediante a promessa de se casar com uma das filhas dele. Assim, o jovem Stark fica dependente de uma travessia controlada por um lorde não confiável e de homens cuja lealdade se baseia apenas num contrato de casamento. Robb pode não ter tido outra escolha além de conquistar a confiança de Frey para atravessar as Gêmeas, mas errou ao não acabar com essa dependência quando estava numa posição mais favorável e poderosa.

Maquiavel não recomenda criar qualquer tipo de dependência, especialmente em relação a uma pessoa poderosa. Uma das dependências mais perigosas é pegar soldados auxiliares emprestados. Maquiavel argumenta que soldados auxiliares são menos dispostos a se arriscar em batalhas e, quando

vencem, querem defender os interesses de outra pessoa.¹⁴ Por esses motivos, Maquiavel diz que é fundamental confiar apenas nos próprios soldados, mesmo que isso signifique ter um exército menor. Embora os Frey ajudem Robb em diversas batalhas, eles rapidamente mudam de lado quando o jovem Stark quebra o acordo de casamento com a família deles.¹⁵ Ao confiar soldados leais a um aliado instável, Robb se fez vulnerável. Pior ainda, Robb não aprendeu com o erro e o repetiu quando voltou aos Frey para tentar reconquistar a lealdade deles por meio de favores, em vez de seguir o conselho de Maquiavel e confiar apenas nos próprios soldados.

Sempre use uma máscara

Estranhamente, alguns dos exemplos de *virtù* em *As crônicas de gelo e fogo* tendem a estar em personagens distantes das posições mais altas de autoridade. Eles não são os mais populares, os oradores mais habilidosos ou mesmo os maiores guerreiros. Os personagens com maior *virtù* conseguem manipular os outros, disfarçar-se e agir de modo independente. Eles conseguem sobreviver num mundo dividido pela guerra, mesmo quando caçados, atacados ou aprisionados.

Lorde Petyr “Mindinho” Baelish é uma das figuras mais notadamente maquiavélicas da trama. Ele não tem poder militar e é relativamente pobre se comparado aos outros lordes, mas, por ser Mestre da Moeda e dono de uma grande rede de espiões, tem muita influência na corte. Embora jamais tente tomar o trono para si, ele sabe manipular as pessoas de modo a sempre terminar em uma posição de poder, independentemente de quem reine sobre Westeros. Em vez de se aliar abertamente a um dos que buscam o trono, ele oferece sua assistência a todos; porém, nunca se compromete a auxiliá-los mais do que o necessário para manter sua posição. Quando Mindinho precisa fazer algo que possa transformá-lo num inimigo, ele geralmente usa outra pessoa para realizar o ato por ele, o que lhe dá o poder de negar seu envolvimento ou mascará-lo com uma aparência de boa vontade.

Quando Mindinho oferece ajuda a Ned para nomear Stannis como herdeiro de Robert, ele obviamente teme que a possibilidade do patriarca Stark apoiar Stannis leve à guerra civil. No entanto, em vez de lutar contra Ned, ele se alia a Cersei e a usa para capturá-lo. Mesmo quando Ned está sendo preso, Mindinho se apresenta como vítima das circunstâncias e alega que não poderia ter agido de outro modo.¹⁶ Como ele nunca matou ninguém e raramente faz algum movimento decisivo sozinho, Mindinho jamais precisou revelar suas verdadeiras intenções. Ele é tão versado em jogar em todos os lados e esconder suas verdadeiras motivações que fica difícil até para os leitores julgarem a quem ele realmente é leal.

Embora ela seja uma das menores e mais vulneráveis personagens da série, Arya Stark também está entre os que melhor exemplificam a qualidade da *virtù*. Ela é amaldiçoada pelo azar ao longo de todos os livros. Arya é pequena, menos atraente que Sansa, marginalizada por ser menina e desprezada pelo seu comportamento não convencional. Quando o pai é decapitado e ela se vê obrigada a fugir de Porto Real, Arya perde as poucas vantagens que tinha e precisa sobreviver por conta própria. Em outras palavras, a

fortuna é muito cruel com Arya, desafiando a menina de modo implacável. Mesmo assim, ela consegue sobreviver apenas com suas habilidades. Arya disfarça não apenas suas intenções, como também sua identidade. Convenientemente, ela conquista a confiança de um dos Homens Sem Rosto, assassinos capazes de mudar de aparência quando querem. Mesmo antes de encontrá-los, ela não tem rosto, conseguindo se disfarçar de menina ou menino, de modo a interpretar qualquer papel que deseje.

A *virtù* exige que uma pessoa se adapte às circunstâncias. Para ilustrar isso, Maquiavel usa a metáfora do leão e da raposa.¹⁷ A raposa é astuta e consegue escapar das armadilhas. O leão consegue impor medo nos outros e derrotá-los numa luta. Uma pessoa deve ser capaz de agir como leão e raposa e de saber quando cada papel é adequado às circunstâncias. Embora Mindinho e Arya demonstrem ter *virtù*, eles são diferentes de muitos exemplos desta qualidade dados por Maquiavel por não terem habilidades militares. Como explica Maquiavel, ser hábil na luta é o caminho mais rápido para subir ao poder e uma das qualidades que as pessoas com *virtù* geralmente têm.¹⁸ Mindinho e Arya são excelentes raposas e, às vezes, podem ser leões, mas jamais podem igualar a *virtù* dos que são capazes de liderar exércitos no campo de batalha e derrotar poderosos oponentes em combate.

Jon Snow, por sua vez, mostra o quanto é vantajoso poder ser tanto leão quanto raposa. Ele começa a série como um bastardo indesejado, mas sobe nas fileiras da Patrulha da Noite até virar Lorde Comandante. Jon, é um guerreiro habilidoso, capaz de derrotar fisicamente os adversários, como demonstra repetidamente ao enfrentar inimigos nos dois lados da Muralha. Porém, ele também sabe quando não pode vencer apenas pela força. Quando os selvagens capturam seu grupo de patrulha, Jon relutantemente segue ordens de desertar e os convence de que sua mudança de lado é verdadeira. Embora fique dividido internamente por essa decisão, ele não revela seus verdadeiros sentimentos a ninguém, supera suas reservas e ajuda os selvagens o máximo que pode a fim de sobreviver e voltar à Patrulha da Noite.

Mindinho, Arya e Jon conseguem se transformar no que querem e convencer os outros da veracidade dessa transformação. É exatamente o que Maquiavel recomendaria. Em *O príncipe*, ele dá tanto valor às aparências que a pessoa com *virtù* é caracterizada como alguém flexível o bastante a ponto de conseguir mudar aparências cuidadosamente construídas num piscar de olhos.

[O príncipe deve] de um lado, parecer e ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro e, religioso, e de outro, ter o ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário.¹⁹

Como esta passagem revela, o importante é “parecer” bom ou mau. Segundo Maquiavel, ter uma dessas qualidades é irrelevante, desde que se mantenha a aparência correta. Na verdade, ter realmente essas características pode ser fatal, visto que qualidades morais podem afetar a capacidade de assumir aparências falsas e enganar os outros.

Os que fazem a própria sorte

Os personagens que melhor ilustram as qualidades associadas por Maquiavel à *virtù* são Tyrion Lannister e Daenerys Targaryen. Ambos são capazes de fazer a própria sorte, adaptar-se a novas circunstâncias e enganar os outros. Eles escapam de várias situações que põem suas vidas em risco, formam os próprios exércitos e criam alianças vantajosas.

Tyrion é pequeno e fisicamente fraco, mas frequentemente consegue compensar seu tamanho com a astúcia. Mesmo não sendo um guerreiro excepcional, é um bom comandante, capaz de vencer uma batalha mesmo em franca desvantagem numérica. Quando Porto Real é ameaçada por Stannis Baratheon, Tyrion responde de acordo com as recomendações de Maquiavel. Ele gasta um tempo planejando a batalha futura, explorando todas as possíveis linhas de ação e simulando mentalmente a batalha. Quando Stannis está numa distância propícia para o ataque à cidade, Tyrion já ganhou a batalha naval com uma armadilha cuidadosamente plantada, que destruiu a maior parte da frota invasora.²⁰

Um dos maiores pontos fortes de Tyrion é sua capacidade de fazer mudanças súbitas e radicais. Nesse sentido, ele é bem parecido com Mindinho, mas seus desafios são muito maiores. Mindinho é hábil em manobras no universo de Porto Real, mas raramente precisa se colocar à prova em contextos mais difíceis. Tyrion, por sua vez, é capaz de exercer domínio sobre a própria situação em masmorras, em território hostil e no campo de batalha. O anão tem apenas uma fraqueza: distrai-se facilmente com mulheres. Pior ainda, ele sempre procura mulheres que afetam sua reputação e seu relacionamento com a família. Maquiavel avisa que “mantendo os homens, obstinadamente, o seu modo de agir, são felizes enquanto esse modo de agir e as particularidades dos tempos concordarem. Não concordando, são infelizes”.²¹ Tyrion é obstinado em sua busca por mulheres e, embora isso repetidamente o ponha em risco, ele é um manipulador e dissimulador tão hábil que raramente precisa confiar na *fortuna* ou na ajuda de alguém.

Embora Maquiavel afirme claramente que é preciso ter habilidades excepcionais para se obter sucesso na política, ele também recomenda aos que desejam usar sua habilidade para controlar um trono a ter um exército. Mesmo legisladores sábios como Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo teriam fracassado sem o poder militar.²² Daenerys começa a história como uma menina frágil, primeiro à mercê do irmão e, depois, do marido. Ela sobrevive apenas por ser protegida por khal Drogo e Sor Jorah e chega à posição de khaleesi por sorte, e seu casamento é orquestrado por outros. Conforme a história avança, no entanto, ela se torna mais competente e começa a agir como uma verdadeira khaleesi. Quando khal Drogo morre, ela aprende a sobreviver sozinha. Daenerys segue o conselho de Maquiavel de formar um exército para si e reduzir sua dependência em relação aos outros. E, ainda mais importante, ele recruta seus ajudantes dos grupos mais vulneráveis de pessoas.

Ao contrário do irmão, que procura recrutar apenas nobres para sua causa, Daenerys preenche as vagas de seu exército com os escravos que ela liberta — pessoas que lhe são completamente leais e que não têm nenhum interesse além de manter a própria liberdade. Ela é capaz de se fazer tanto amada quanto

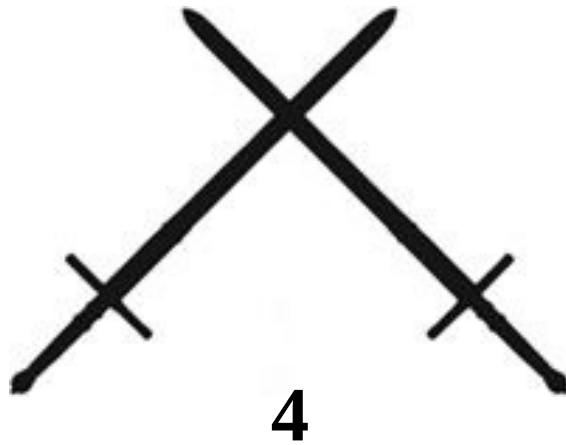
temida por seus seguidores. Ao libertá-los e dar-lhes a oportunidade de se unir a ela (sem obrigá-los), Daenerys garante sua admiração contínua. Esse tipo de suporte é muito mais valioso do que as paredes dos castelos, atrás das quais muitos dos grandes homens de Westeros se escondem. Como diz Maquiavel: “A maior fortaleza com a qual um príncipe pode contar é o amor de seu povo.”²³ Daenerys é amada e temida por milhares de seguidores, capaz de enganar e influenciar os outros e apta a tomar decisões de forma racional. Isso faz com que ela seja o maior exemplo de *virtù* em *As crônicas de gelo e fogo*, e a coloca na melhor posição para ganhar o jogo dos tronos.

Uma última lição

Bastante similar à Itália Renascentista de Maquiavel, o mundo de *As crônicas de gelo e fogo* é sempre ameaçado por guerras e manobras políticas. Aqueles com *fortuna* e *virtù* excepcionais sobrevivem, enquanto outros se tornam vítimas do conflito. E mesmo aqueles que têm *virtù* e a bênção da boa sorte precisam se manter constantemente alertas. Assim como no mundo real, todos estão vulneráveis. Talvez a maior lição dada por Maquiavel seja que o poder é efêmero e que até as pessoas mais poderosas podem ser destruídas quando se tornam preguiçosas ou são desafiadas por alguém mais competente. Não há segurança, nem mesmo para aqueles como Tyrion Lannister e Daenerys Targaryen. Há apenas a constante luta pelo poder.

NOTAS

1. Nicolau Maquiavel , *O príncipe* (Ediouro, 2000).
2. *Id.*
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*
6. *Ibid.*
7. *Ibid.*
8. *Ibid.*
9. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
10. Maquiavel, *O príncipe*.
11. *Id.*
12. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
13. Maquiavel, *O príncipe*.
14. *Id.*
15. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
16. Martin, *A guerra dos tronos*.
17. Maquiavel, *O príncipe*.
18. *Id.*
19. *Ibid.*
20. Martin, *A fúria dos reis*.
21. Maquiavel, *O príncipe*.
22. *Id.*
23. *Ibid.*



A GUERRA EM WESTEROS E A TEORIA DA GUERRA JUSTA

Richard H. Corrigan

APÓS A MORTE DO REI ROBERT BARATHEON, Ned Stark de Winterfell é declarado traidor e é preso por tramarmar contra o jovem rei Joffrey. Em resposta, o filho de Ned, Robb, convoca seus vassallos para marchar em direção ao sul, com o objetivo de libertar o pai. No processo, Robb oferece apoio à casa da mãe, os Tully, que estão cercados pelas forças do Trono de Ferro, lideradas por Jaime Lannister. Na batalha do Bosque dos Murmúrios, as forças dos Lannister são pegas de surpresa e completamente esmagadas.

Após a execução de Eddard Stark por Joffrey Baratheon, qualquer chance de uma solução pacífica para o conflito parece perdida. Instigado pelo Grande-Jon e com apoio imediato dos Tully e de Theon Greyjoy, Robb é estabelecido pelos que o apoiam como Rei do Norte, título que não existia desde que Torrhen Stark vergou o joelho e se rendeu a Aegon, o Conquistador. A guerra travada por Robb contra o Trono de Ferro e os Lannister que o controlam parece justa e honrada. Afinal, quem não seria levado a tal ato diante de circunstâncias parecidas? Ainda assim, devemos nos perguntar: o que constitui uma guerra justa? E os atos de Robb são tão justificáveis quanto parecem a princípio?

A *teoria da guerra justa* tradicionalmente defende que uma guerra pode ser considerada justa apenas se ocasionar o bem maior para o maior número de pessoas, for travada por um motivo legítimo e de modo nobre e ser declarada por uma autoridade autêntica. Assim, para saber se o fato de Robb Stark pegar em armas e marchar sobre os que são fiéis a Joffrey e ao Trono de Ferro constitui uma guerra justa, precisamos de uma análise cuidadosa.

A legitimidade de recorrer à guerra

A ideia de “autoridade legítima” é de crucial importância, pois define quem está em posição de determinar se uma guerra deve ser travada e quem tem o direito de agir com base nesse julgamento. Robb é amplamente aconselhado pela mãe, Catelyn, quanto à sabedoria de declarar guerra e também por seus vassallos, como Grande-Jon, Theon Greyjoy e seus parentes, os Tully. Joffrey é aconselhado (e, pode-se dizer, manipulado) pela mãe, Cersei, e pelo avô, Tywin. Ainda assim, é responsabilidade clara e direta de Robb e Joffrey declarar a guerra, convocar as tropas e iniciar o conflito armado propriamente dito. Uma vez que a autoridade legítima declarou o conflito, é, então, permitido aos soldados atacar o inimigo. De acordo com as regras da guerra justa, contudo, eles ainda estão obrigados a cumprir um código de honra e devem se comportar de modo nobre. Essa restrição é feita para garantir que a guerra não degenera em selvageria e a crueldade desnecessárias. Os possíveis excessos da guerra são ilustrados pelos dothraki, para quem estupros, massacres e pilhagens são direitos naturais durante a batalha.

A questão de quem é a autoridade legítima nos Sete Reinos após a morte de Robert Baratheon é fundamental para o clima político e militar que está surgindo. Vários reclamam o trono, entre eles seu (suposto) herdeiro Joffrey (que tem o apoio da família mais poderosa do reino, os Lannister); seu irmão Stannis, da Ilha de Pedra do Dragão (que não tem muito apoio); seu caçula, Renly de Ponta Tempestade; e os que se recusam a aceitar a legitimidade destes reclamantes, como os Stark de Winterfell. A divisão de um ex-Estado em facções menores não significa que estas facções não sejam capazes de travar legitimamente uma guerra justa. Uma vez que seus líderes tenham o apoio de seus seguidores, eles podem ser considerados autoridades legítimas. Portanto, lados opostos em guerras civis podem realizar uma guerra justa.

Causa justa

De acordo com a teoria da guerra justa, um Estado pode declarar guerra apenas por um motivo justo. Os motivos mais comuns para se envolver legitimamente num conflito armado de grande escala são: autodefesa, defender uma nação mais fraca de agressão não provocada feita por uma força superior, defender inocentes que sofrem nas mãos de regimes tirânicos e impedir a violação dos direitos humanos básicos.

Após a revelação de que Joffrey é fruto de incesto, Stannis acredita ser o herdeiro legítimo ao Trono de Ferro e, portanto, teria a justificativa para reclamar o que é seu por direito. Renly deseja conquistar poder e prestígio, e não confia muito na capacidade do irmão. Levando em conta seus motivos, é difícil justificar totalmente o raciocínio dele para declarar guerra. Do outro lado do Mar Estreito, Daenerys é movida pela vontade de rever sua terra natal e exigir o trono que foi tomado de sua família. Embora sejamos capazes de nos simpatizarmos com a situação dela, também podemos questionar se o desejo da khaleesi justifica verdadeiramente a morte e a destruição que irá causar.

No conflito entre Joffrey e Robb, é possível que ambos sejam motivados (pelo menos em parte) pelo

que consideram uma causa justa. Joffrey se vê como o herdeiro legítimo ao Trono de Ferro, pois não sabe que nasceu de uma relação incestuosa entre a mãe, Cersei, e o tio, Jaime. Portanto, é possível que ele perceba todas as ameaças a seu reinado como autodefesa. Claro que Robb, por sua vez, acredita não ser possível haver justiça no reinado de Joffrey e que o povo do Norte não deve se sujeitar aos caprichos de um rei tirano que viola os direitos básicos de seus súditos. Por esse motivo, Robb, impelido pelos seus vassallos (especialmente Grande-Jon), decide estabelecer um Estado independente no Norte. (Episódio 10 da primeira temporada, *Fire and Blood* [*Fogo e Sangue*].)

A intenção certa

Uma causa justa não garante a intenção certa. Em qualquer instância de guerra, pode haver diversos motivos para o conflito, entre eles a intenção de obter benefícios pessoais com o aumento de poder, expansão geográfica, ganhos financeiros, extermínio étnico etc. Robb não está lutando uma guerra apenas para garantir que seus companheiros nortenhos tenham um rei justo. Ele também está fazendo isso para vingar o pai, Ned, e para resgatar as irmãs, Arya e Sansa. Aliás, é justamente o tratamento dado ao pai que o leva a convocar seus lordes para a batalha.

Quando Viserys negocia a irmã com khal Drogo em troca de seu khalasar, ele não está apenas procurando reestabelecer o trono para a família. Também está buscando punir os que o tiraram dele e se vingar das pessoas que o obrigaram a se exilar de sua terra natal. (Episódio 4 da primeira temporada, *Cripples, Bastards and Broken Things* [*Aleijados, bastardos e coisas quebradas*].) O autoproclamado “Último Dragão” não tem lá muito interesse em governar com justiça ou atender às necessidades do povo.

No caso de Robb, ele tem muitos motivos para declarar guerra, mas o desejo que o leva à ação propriamente dita é ver sua causa justa atendida. Se ele conseguir isso, não deverá mais buscar a guerra a fim de punir os que executaram injustamente o patriarca Ned Stark. Contudo, é difícil estabelecer se uma guerra tem um motivo correto. Pode haver grande diferença entre o que um Estado declara como suas intenções quando vai à guerra e o que ele realmente quer. Então, qual é o verdadeiro motivo que leva Robb à guerra? Ele pode estar sofrendo de dissonância cognitiva, o desconforto de ter duas motivações conflitantes ao mesmo tempo. Robb parece querer a vingança *e também* um reino livre no Norte.

Autoridade adequada

A decisão de um Estado de ir à guerra é justificada apenas se for feita pela autoridade legítima de acordo com processos jurídicos e políticos estabelecidos pelo Estado em questão. Os cidadãos deste Estado devem ser notificados por essa autoridade, assim como os cidadãos do Estado rival. Se o Estado

estiver nas mãos de um líder tirânico que governa impunemente, ele não terá a legitimidade de declarar uma guerra justa. Assim, Joffrey não tem capacidade para declarar uma guerra justa, dada a natureza de seu reinado e as atrocidades que cometeu contra o próprio povo. Como líder de um Estado emergente, Robb foi alçado à posição de rei por seus semelhantes, e isso dá legitimidade à autoridade dele. A norma estabelecida nos Sete Reinos é que, quando um rei legítimo declara guerra, é dever de seus lordes fornecer os exércitos para o ajudarem. Embora não haja uma declaração formal no início das hostilidades que levaram à Guerra dos Cinco Reis, a intenção fica óbvia ao longo das declarações de lealdade feita pelos lordes de ambos os lados.

Último recurso

Para uma guerra ser considerada justa, todos os outros caminhos racionais e pacíficos para a resolução do conflito devem ser esgotados antes de o Estado recorrer ao confronto militar. O fracasso das negociações significa que o Estado não se empenhou o suficiente na tentativa de preservar a paz. A guerra é uma empreitada devastadora, que gera o caos na vida das pessoas comuns. Para que uma guerra seja justa, todas as tentativas devem ser feitas a fim de evitar o derramamento de sangue, e a agressão física deve ser o último recurso. Joffrey é um rei arrogante e acredita que é direito seu como soberano agir como lhe aprouver. Ele vê Robb Stark como um rebelde nortenho que merece ser esmagado por seus exércitos e não entra em negociações, pois acredita que se rebaixaria ao fazê-lo. Além disso, o jovem rei presta pouca atenção a seus conselheiros, embora confie na força militar do avô Tywin. Da perspectiva da aliança nortenha sob o reinado de Robb, parece não haver outra opção além de usar todas as forças necessárias para garantir que Joffrey renuncie ao controle sobre o Norte.

Em *A fúria dos reis*, Robb oferece seus termos para a paz, que são imediatamente rejeitados.¹ Pode-se perguntar, contudo, se Robb realmente fez todo o possível para evitar um conflito armado. Ele não deveria ter enviado mais emissários? Ou oferecido termos melhores para a negociação? Ainda assim, como autoridade legítima, é Robb quem decide se fez o possível para preservar a paz.

Probabilidade de sucesso

A guerra não deve resultar em desperdício inútil de vidas humanas. Se for previsto que há pouca probabilidade de sucesso no combate em questão, é inútil se envolver nele. Essa ideia pode parecer intuitivamente correta, mas é preciso se perguntar se os Estados pequenos *em algum momento* têm o direito legítimo de entrar em guerra com agressores maiores e de recursos militares superiores. Se uma campanha de guerra deve ser iniciada apenas se houver uma grande chance de sucesso, Daenerys nem

deveria ter começado a montar um exercito após a deserção do khalasar depois de khal Drogo não ser mais capaz de montar a cavalo.

Todos os lados na Guerra dos Cinco Reis acreditam que têm a possibilidade de sucesso. Contudo, é a *probabilidade* de sucesso que importa. Por exemplo, aproximadamente nove anos antes do início de *A guerra dos tronos*, Balon Greyjoy se autodeclarou rei das Ilhas de Ferro numa rebelião contra o rei Robert. Suas forças, contudo, estavam em inferioridade numérica de dez para um e acabaram sendo massacradas. (Episódio 4 da primeira temporada, *Cripples, Bastards and Broken Things* [*Aleijados, bastardos e coisas quebradas*].) A probabilidade de sucesso nessa empreitada teria sido insuficiente para justificá-la. Por outro lado, o sucesso inicial das tropas de Robb indica que ele tem uma boa chance de vitória.

Proporcionalidade da perda versus o ganho

É responsabilidade de um Estado analisar objetivamente se o bem a ser garantido por meio de uma guerra se justifica em termos dos custos que serão exigidos. Este é um cálculo teórico que deve levar em conta o custo *universal* (ou completo) do conflito armado proposto. Ao avaliar a proporção de custos *versus* ganhos, o Estado deve levar em conta não só as próprias perdas e ganhos em potencial, como também as do inimigo. O bem a ser obtido geralmente será considerado em termos da causa justa, e os custos ou males inevitavelmente incluirão as mortes, perda de propriedades etc. Se, após uma análise cuidadosa, lutar pela causa justa valer a pena mesmo diante das possíveis perdas, a guerra se justifica e deve seguir adiante. Devemos nos perguntar, então, se Robb realmente analisou o custo geral possível tanto para o próprio povo quanto para o resto de Westeros.

A legitimidade na condução da guerra

A próxima preocupação se relaciona à conduta justificável na execução da batalha. Cabe ao Estado garantir que suas forças armadas sigam os princípios de conduta corretos ao se envolver no combate com o inimigo. Para fazê-lo, o Estado indica oficiais militares para supervisionar o planejamento estratégico de suas campanhas e garantir que soldados comuns não tenham comportamentos inadequados. Sob a teoria da guerra justa, existe uma limitação moral ao que é permitido na batalha, e isso, em última instância, significa que todos os soldados devem evitar o uso desnecessário ou excessivo da violência e não devem infligir dor e sofrimento desnecessários a inocentes que não estão lutando na guerra. Durante confrontos militares entre as forças de Robb e Joffrey, algumas forças agem de modo imoral. Por exemplo, o cavaleiro de Joffrey, Sor Gregor Clegane, mata lorde Darry, que tem apenas 8 anos de idade

e, após derrotar Jonos Bracken na Barreira de Pedra, Sor Gregor queimou a colheita e estuprou a filha de Bracken.²

Diferença entre combatentes e não combatentes

Soldados têm permissão para tentar matar apenas os alvos que estejam envolvidos ativamente na campanha militar. A função da guerra, quando entendida desta forma, consiste em matar combatentes inimigos e não massacrar indiscriminadamente todos os integrantes do Estado oposto. Os dothraki rejeitam abertamente essa ideia, pois acreditam que o estupro e a pilhagem são deveres deles após a vitória numa batalha. Um exemplo envolve as atrocidades cometidas com os lhazarenos, o “Povo das Ovelhas”, quando khal Drogo saqueia a cidade, mesmo que não fosse na verdade uma guerra, e sim uma batalha isolada. (Episódio 9 da primeira temporada, *Baelor*.)

Contudo, é legítimo buscar qualquer alvo intencionalmente envolvido em causar danos, seja direta ou indiretamente às forças do Estado. Portanto, é permitido atacar legitimamente pessoas, equipamentos e instalações militares, adversários políticos que promovem a guerra, bem como indivíduos e indústrias responsáveis pela fabricação de mercadorias que serão empregadas com o objetivo de causar danos. Civis que não estão envolvidos ativamente em infligir danos aos combatentes devem ser poupados de ataques intencionais. Mais uma vez, pense na campanha de assassinato e terror feita por Gregor Clegane e pelas tropas de Tywin Lannister. (Episódio 10 da primeira temporada, *Fire and Blood* [*Fogo e sangue*].) Obviamente, qualquer conflito armado terá baixas civis inevitáveis como resultado indireto. Esses danos colaterais podem ser justificados, visto que as mortes não foram propositais. Por exemplo, quando Robert Baratheon estava no processo de conquista do trono e cercou Ponta Tempestade, não era sua intenção principal matar os civis que se refugiaram lá, mas é provável que muitos tenham sido mortos na tomada do castelo.

Tratamento adequado aos prisioneiros de guerra

De acordo com a teoria da guerra justa, os reféns e prisioneiros de guerra devem ser tratados com humanidade. Não é permitido torturá-los física ou mentalmente (nem mesmo para extrair informações vitais), usá-los como escudos humanos ou negar-lhes os direitos humanos básicos. Esta é uma das condições mais polêmicas da guerra justa, visto que teoricamente se aplica a qualquer integrante do pessoal inimigo, não importa a patente ou o conhecimento. Quando as tropas de Robb capturam Jaime Lannister na Batalha do Bosque dos Murmúrios, ele é aprisionado em Correrrio, onde é tratado de modo humanitário. (Episódio 10 da primeira temporada, *Fire and Blood* [*Fogo e sangue*].) A captura de Tyrion

Lannister e seu encarceramento no Ninho da Águia por Catelyn Stark e sua irmã Lysa Arryn não podem ser pensados à luz da legitimidade da guerra que se seguiu, por ser anterior ao anúncio dela. Sansa, por sua vez, é de fato prisioneira de Joffrey, mas é tratada de modo muito pior do que Jaime, estando sujeita a surras constantes de acordo com os caprichos do rei. É possível obter uma indicação de como os prisioneiros de guerra são tratados nas masmorras de Porto Real ao levar em conta o tratamento de Ned Stark enquanto ele espera seu julgamento por traição.

Sem represálias

“Dois erros não fazem um acerto”, por isso as represálias são proibidas. Ou seja, não é permitido violar os princípios da guerra justa para punir um inimigo por ter violado anteriormente os mesmos princípios. Represálias não servem para restaurar o equilíbrio e não garantem que eventos futuros da guerra estarão de acordo com os princípios da legitimidade. Na verdade, a história mostra que tais represálias geralmente aumentam o nível de violência e levam à carnificina indiscriminada. A ideia da guerra justa existe para garantir que o bem maior seja feito e que a agressão usada para obter a causa justa seja moderada e adequada. Em vez de desvalorizar o Estado imitando as atividades do inimigo, um Estado justo deveria seguir as regras morais, de modo que, se for vitorioso, saberá que ganhou da melhor forma possível. Assim, é melhor para Robb garantir que seus homens não estuprem e pilhem em vez de permitir que o façam como represália pelos atos de alguns seguidores de Joffrey. Fica evidente, ao longo do conflito, uma diferença marcante no grau de nobreza dos lados dessa guerra. Os nortenhos estão preparados para lutar pela causa que consideram justa, mas se recusam a usar estratégias que colocariam em risco a honra das casas em questão. Entretanto, muitos seguidores de Joffrey são movidos pela autopromoção, ganância e medo, e farão de tudo para vencer.

Respeito aos direitos dos cidadãos do próprio Estado

Ao se envolver num conflito armado de grandes proporções, o Estado pode ficar tentado a suspender temporariamente os direitos humanos dos próprios cidadãos a fim de facilitar o esforço de guerra. Isso se opõe à teoria da guerra justa, que defende a manutenção dos direitos individuais no maior grau possível, dada a situação em que o Estado se encontra. O indivíduo ainda tem direito ao processo legal, conforme estabelecido pelo Estado em tempos de paz. Contudo, esses nobres ideais nem sempre foram mantidos em tempos de conflito, e as liberdades civis foram comprometidas em nome da bandeira de aumentar a segurança nacional.

Joffrey comete flagrantes violações desse princípio, impondo punições a seu bel prazer, geralmente

apenas para se divertir. Ele faz com que cavaleiros duelem até a morte e manda cortar cabeças e mãos sem qualquer preocupação com a legitimidade ou a justiça de seus atos. A autoridade do Estado sob seu reino é cruel e instável, e Joffrey é comparado pelos habitantes da Fortaleza Vermelha ao Rei Louco Aerys II.

Uma guerra justa?

Assim, a questão principal a ser respondida é se os dois lados da guerra entre Robb Stark e Joffrey Baratheon estão de acordo com os princípios da teoria da guerra justa. Joffrey, juntamente com seus representantes e soldados, é claramente culpado de várias injustiças durante o esforço de guerra, tanto contra o inimigo quanto contra o próprio povo. Robb, por sua vez, é uma autoridade legítima e conduz a guerra de modo nobre, tratando os prisioneiros com humanidade, não se envolvendo em violência excessiva, mostrando consideração pelos civis e pelo próprio povo. Suas intenções, contudo, são suspeitas. Robb e seus vassalos professam uma causa justa: a liberdade do Norte, um rei nortenho para um reino nortenho sem tirania. Mas esse é o motivo principal pelo qual Robb foi à guerra? Ele teria considerado seriamente a ideia de uma guerra para libertar o Norte se o honroso Ned Stark não tivesse sido executado? Cabe perguntar se a motivação maior envolve vingar o pai e punir os responsáveis pela morte dele.

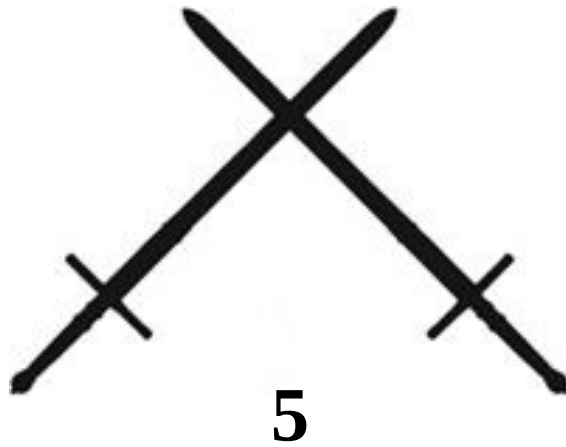
Nós, leitores e telespectadores, queremos a vitória de Robb, consideramos seus atos justificados e desejamos dar um fim ao corrupto, instável e mimado Joffrey. Acreditamos que Robb seria um governante muito melhor e estabeleceria um Estado mais igualitário e dedicado aos mais nobres ideais. Contudo, ter um espírito nobre e preocupação com seu povo e familiares não necessariamente significa que alguém está travando uma guerra justa, mesmo se os motivos para tal guerra forem muito convincentes. Os requisitos de uma guerra justa são difíceis de satisfazer em sua totalidade e, infelizmente, Robb parece errar numa área: sua intenção não é pura o bastante. Ou talvez seja correto dizer que sua intenção dominante não é a correta. Embora ele se dedique a ideias recomendáveis, a motivação principal é vingar o pai, especialmente em suas primeiras incursões militares. Portanto, devemos concluir que, embora possamos apoiar a guerra dele, não podemos chamá-la verdadeiramente de justa.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
2. *Id.*

P A R T E D O I S

“AS COISAS QUE FAÇO
POR AMOR”



O INVERNO ESTÁ CHEGANDO: A SOMBRIA BUSCA PELA FELICIDADE EM WESTEROS

Eric J. Silverman

A GUERRA DOS TRONOS LANÇA UMA IMPORTANTE questão filosófica: uma vida de virtude e justiça é o caminho para a felicidade ou a disposição em rejeitar regras morais tradicionais leva à alegria? Platão (424-348 a.C.) defende que uma vida de virtude e justiça é uma vida feliz, com a seguinte alegação: “Sem dúvida o que vive bem [com justiça] é feliz e venturoso, e o que não vive bem, inversamente... Logo, o homem justo é feliz, e o injusto é desgraçado.”¹ Essa visão identificando a vida virtuosa da justiça como feliz e a vida cruel da injustiça como infeliz fundamenta muitas histórias épicas de nossa cultura, como as escritas por J. R. R. Tolkien, Victor Hugo, J. K. Rowling e C. S. Lewis. Como veremos, o épico de George R. R. Martin é um pouco diferente.

“A pessoa honrada é feliz?”

Usa sua honra como uma armadura, Stark. Julga que o mantém a salvo, mas tudo o que ela faz é torná-lo pesado e dificultar-lhe os movimentos.²

Mindinho

A guerra dos tronos inicialmente parece um exemplo da visão tradicional que liga a virtude à felicidade. Como acontece em muitas histórias épicas, somos apresentados a um herói clássico que é a epítome da virtude. Eddard Stark é intensamente leal à família, aos amigos e ao reino. Ele tem um histórico de coragem na batalha e um profundo senso de dever, que o leva a abandonar sua segurança e

seu conforto pelo bem do reino e de seus amigos ao aceitar o papel nada invejável de Mão do Rei. Como sugere mestre Aemon, ele parece ser um homem extraordinariamente virtuoso: “Lorde Eddard é um homem entre dez mil.”³ Contudo, embora a visão tradicional nos leve a acreditar que ele vai superar todas as barreiras e viver feliz para sempre, Ned acaba sendo traído, caluniado e executado enquanto tenta resolver as intrigas políticas de Porto Real. No que parece ser o repúdio da visão platônica, a virtude e a justiça não trazem felicidade para ele.

Mas talvez “viver feliz para sempre” não seja o tipo de felicidade ao qual Platão se referia ao alegar que o homem justo é feliz. O filósofo estava bastante ciente de que as pessoas virtuosas nem sempre vivem eternamente felizes neste mundo material e terreno. Um exemplo óbvio de como a felicidade terrena independe da virtude estaria na vida de seu mentor, Sócrates (469-399 a.C.), condenado injustamente à morte. Assim, quando Platão alega que o homem justo é feliz, ele não pode estar dizendo que o homem virtuoso tem a garantia de uma vida bem-sucedida em termos de felicidade material terrena.

Em vez disso, Platão defende uma divisão rígida entre o mundo material e o imaterial, alegando que o verdadeiro eu e a verdadeira felicidade são imateriais. Consequentemente, na *Apologia*, após Sócrates ser condenado injustamente à morte, ele insiste: “Não é possível haver algum mal para um homem de bem, nem durante sua vida, nem depois da morte, e que os deuses não se interessam do que a ele concerne.”⁴ Portanto, quando Platão alega que o homem justo é feliz, obviamente não quer dizer que o justo terá sucesso no sentido material. Ele sabe que a tragédia no mundo físico é comum, e os homens virtuosos podem ser atingidos pela má sorte, doença ou traição.

Platão alega que a verdadeira felicidade está ligada ao eu imaterial, e não ao corpo material. A alma imaterial da pessoa virtuosa funciona de modo ideal. O filósofo identifica três partes distintas da alma: apetite, espírito e intelecto. O “apetite” consiste em nossos desejos de prazer, satisfação corporal e outras vontades materiais. O “espírito” se refere a nossas emoções e especialmente ao desejo de sermos honrados aos olhos alheios. Já o “intelecto” se refere à melhor parte do eu: a capacidade racional que deseja a sabedoria e o conhecimento acima dos desejos físicos ou da realização social.

Platão alega que a alma da pessoa virtuosa funciona de modo ideal no sentido de ser governada por suas melhores partes: a razão governa, o espírito é treinado para reforçar o julgamento sábio da razão e o apetite se submete a ambos. Para analisar as vantagens do ponto de vista de Platão, reflita sobre a seguinte pergunta: “Como identificar a dieta ideal que levaria a uma vida mais longa e saudável?” Uma pessoa movida pelo apetite simplesmente se deixaria levar pela tendência a comer demais e escolheria uma dieta baseada no sabor em vez de na saúde. Já uma pessoa controlada pelo espírito escolheria uma dieta baseada na emoção. Em contraste, uma pessoa movida pelo intelecto formularia cuidadosamente uma dieta baseada nas necessidades reais de saúde em vez de em apetites ou emoções.

Platão acredita que todo o bem-estar funciona de acordo com os mesmos princípios. A pessoa justa e governada pela razão tem uma vida feliz buscando o conhecimento e a serviço virtuoso da comunidade. Portanto, não é possível haver algum mal para a pessoa de alma virtuosa, porque o único mal verdadeiro que se pode viver é virar uma pessoa injusta e cruel. No fim das contas, Platão indica a possibilidade

tanto de uma vida após a morte quanto de uma intervenção divina em que o justo terá sucesso nesta vida e talvez até depois dela.

Um exemplo rudimentar desses princípios pode ser visto na vida de Bran Stark. Embora seu jovem corpo tenha sido ferido quando Jaime Lannister o empurrou das alturas de Winterfell, Bran tem sucesso. O corpo do menino jamais se recuperará das lesões: “Não podia andar, nem escalar, nem caçar, nem lutar com uma espada de madeira como antigamente.”⁵ Mas ele vive um tipo diferente de sucesso, desenvolvendo habilidades psíquicas como troca-pele, que pode entrar no corpo de outros animais, e vidente verde, que pode ver tudo que as antigas árvores, chamadas represeiros, viram. Como promete o tutor de Bran, Bryden: “Você não voltará a andar... mas voará.”⁶ Do mesmo modo, quando Platão alega que o homem justo é feliz, não quer dizer que terá garantia de sucesso no sentido físico convencional, mas num sentido mais importante e imaterial. A felicidade não é apenas prazer.

“A pessoa cruel é feliz?”

Como quer morrer?

Shagga

Na minha cama, com a barriga cheia de vinho... aos oitenta anos de idade.

Tyrion⁷

Obviamente, nem todos aceitam a visão da felicidade concebida por Platão. Muitos pensam que a felicidade está mais ligada ao prazer físico e aos bens associados a ele (como saúde, vida longa e riqueza) do que à virtude. A visão hedonista de felicidade, que a considera como sendo constituída apenas pelo prazer, é a concepção filosófica por trás do desejo de Tyrion Lannister por uma vida cheia de prazeres seguida de uma morte confortável na velhice. Seja qual for o caso, o sábio não aceita rapidamente os clichês felizes, não importa o quanto eles pareçam atraentes.

Conseqüentemente, em *A república*, Sócrates e seus parceiros de discussão examinam a possibilidade de a pessoa injusta ser mais feliz que a justa. Eles reconhecem que a pessoa injusta e verdadeiramente inteligente possa *parecer* virtuosa por meio do engodo ao explorar todas as oportunidades injustas, obtendo assim tanto os benefícios da justiça quanto os da injustiça. Eles descrevem o homem injusto bem-sucedido da seguinte forma:

“Manda na cidade, por parecer justo; em seguida, pode desposar uma mulher da família que quiser, dar as filhas em casamento a quem lhe aprouver, fazer alianças, formar empresas com quem desejar, e em tudo isso ganha e lucra por não se incomodar com a injustiça. De acordo com isso, quando entra em conflito público ou privado, é ele que prevalece e leva vantagem sobre os adversários; essa vantagem fá-lo enriquecer e fazer bem aos amigos e mal aos inimigos e efetuar sacrifícios aos deuses e fazer-lhes oferendas numerosas, magníficas mesmo, e prestar honras aos deuses e àqueles, dentre os homens, que

lhe aprover, muito melhor do que o justo, de tal maneira que é natural, segundo todas as probabilidades, que ele seja mais favorecido pelos deuses que o homem justo.”⁸

Essa estratégia para buscar a felicidade é encarnada nas constantes maquinações de Cersei Lannister. Embora tente manter uma reputação de virtuosa, ela busca seus objetivos usando todos os meios que achar necessários. Cersei está disposta a mentir, seduzir, manipular e até assassinar o próprio marido em sua busca por poder, prazer e felicidade. E, por qualquer meio externo que se meça sua felicidade, ela consegue; pois chegou ao trono como rainha, garantiu um lugar de poder no reino para os filhos, vive uma vida de luxo e se relaciona do jeito que quiser com praticamente quem desejar.

Mas essa estratégia, em última instância, não é confiável, pois os desafios externos à felicidade dela são óbvios. Os atos cruéis da rainha exigem engodos constantes, visto que a descoberta e as consequências que a acompanham parecem inevitáveis. O sucesso nas maquinações de hoje podem assegurar o prazer no presente, mas o amanhã exigirá ainda mais manipulações difíceis para manter as conquistas atuais. Se ela tem sucesso ao matar Jon Arryn hoje, pode ter que silenciar Bran Stark amanhã. Caso silencie Bran Stark amanhã, poderá ter que matar Eddard Stark no dia seguinte. Se ela matar Eddard Stark, talvez tenha que enfrentar os exércitos de Robb Stark em seguida, e por aí vai. Esse ciclo constante de mentiras, manipulações e violência dá incerteza à felicidade de Cersei. Não importa quantas benesses ela obtenha através da perversão, todas podem se perder no dia seguinte.

“Não sei de qual dos dois sinto mais pena”⁹

Um obstáculo ainda mais sério à felicidade de Cersei faz com que ela seja alvo da pena de homens honrados como Eddard. Embora os desafios externos à felicidade da rainha possam ser superados, o próprio caráter cruel dela age como obstáculo interno à felicidade. Independente dos bens que Cersei obtenha com seus esquemas, ela quer sempre mais e nunca está satisfeita com o que possui, sendo, portanto, infeliz. Por que ela não poderia viver feliz como rainha ou ficar satisfeita com um ou dois casos amorosos discretos? Por que ela precisou matar o marido e negar-lhe um herdeiro legítimo? Ela não teria tido a mesma quantidade de poder, luxúria e felicidade sem arriscar a vida, a integridade física e ter transtornos constantes se escolhesse se contentar? O apetite e a ganância de Cersei já lhe garantem uma existência infeliz.

Além disso, a personalidade da rainha é marcada pela paranoia, instabilidade, impaciência e imprudência. Sua paranoia é evidente quando avisa ao filho: “Quem não estiver conosco é inimigo.” (Episódio 7 da primeira temporada, *You Win or You Die* [Você vence ou morre].) A paranoia é consequência natural dessa personalidade desviante. Ela jamais poderá confiar em alguém, porque os outros podem ser tão manipuladores quanto ela. Os desejos instáveis prejudicam os relacionamentos e a felicidade de Cersei. Tyrion sugere que a personalidade cruel da irmã deixa todo o reino vulnerável, explicando:

“Westeros está dividida e sangrando, e eu não duvido que mesmo agora minha querida irmã esteja curando as feridas... com sal. Cersei é tão gentil quanto o Rei Maegor, tão altruísta quanto Aegon, o Indigno, e tão sensata quanto Aerys, o Louco. Ela nunca esquece uma afronta, real ou imaginária. Confunde cautela com covardia e divergência com desafio. E é gananciosa. Tem ânsia de poder, de honra, de amor.”¹⁰

Cersei é a epítome de tudo aquilo com que Platão nos alerta para ter cuidado: uma alma cruel, dissonante e instável. Ela é governada por seus apetites em vez da razão. Por ser desequilibrada internamente, é o tipo de pessoa cuja psique a torna incapaz de ser feliz, não importam as circunstâncias. Além disso, ela imagina insultos, prejudica seus relacionamentos e é movida por uma ganância insaciável. Platão alega que o problema mais grave do tirano cruel é a psique dominada pelo que há de pior nele. O filósofo alega que a alma do tirano é governada pela

parte animal e selvagem... ela ousa fazer tudo... livre de toda a vergonha e reflexão. Não hesita, no seu pensamento, em tentar unir-se à própria mãe, ou a qualquer homem, deus ou animal, em cometer qualquer assassinio, nem em se abster de alimento de espécie alguma. Numa palavra, não há insensatez nem impudor que ela passe adiante.¹¹

Cersei corresponde perfeitamente à descrição de tirano feita por Platão. Ela é movida por uma luxúria desenfreada, comete incesto com o irmão Jaime Lannister, trama o assassinato do marido e acusa o irmão Tyrion pela morte do filho. Assim como o tirano de Platão, a ganância contínua de Cersei faz com que seus desejos jamais sejam satisfeitos. Ela é incapaz de conseguir a felicidade, pois nenhum conjunto de circunstâncias externas poderá satisfazer seus monstruosos e instáveis desejos internos. Apesar de sua vida ter vantagens, ela é digna de pena e profundamente infeliz.

“A vida não é uma canção, querida.
Poderá aprender isso um dia, para sua mágoa”¹²

Embora Platão esteja muito correto quanto à natureza da felicidade, muitos leitores contemporâneos ficarão insatisfeitos com as ideias dele. Afinal, Eddard certamente não parece feliz. A história do patriarca dos Stark termina em confissão forçada, humilhação pública como traidor e uma execução injusta na frente das filhas. E, embora Cersei seja claramente instável e infeliz, ainda parece que prazer, sucesso e status devem ter alguma relação importante com a felicidade. A ideia de Platão não parece compatível com nenhuma dessas observações.

Uma forma de modificar o pensamento de Platão para um caminho mais plausível foi desenvolvida por seu aluno Aristóteles (384-322 a.C.). Platão alega que a virtude é suficiente para a felicidade em si e

que nada mais pode influenciar a felicidade. A teoria de Aristóteles sobre a felicidade é muito mais complexa e cheia de nuances. Uma interpretação comum de sua visão diz que a virtude é necessária para a felicidade, mas não é suficiente para garantir uma vida feliz. A virtude pode ser o componente fundamental para a felicidade, mas não pode garantir sozinha a felicidade completa, porque alguém pode ter virtude e ao mesmo tempo estar “sujeito aos maiores sofrimentos e infortúnios, e, afora quem queira sustentar a tese a qualquer preço, ninguém jamais considerará feliz um homem que vive nessas condições”.¹³ Em outras palavras, a virtude é um componente importante da vida feliz, mas existem outros, como saúde física, prazer, amigos, recursos materiais etc. A virtude pode ser o componente mais importante da felicidade, mas Aristóteles avisa: “Os que dizem que o homem torturado no cavalete ou aquele que sofre grandes infortúnios é feliz se for bom estão disparatando, quer falem a sério, quer não.”¹⁴

A visão de Aristóteles sobre a felicidade poderia explicar por que tanto Eddard quanto Cersei são infelizes. Eddard tem uma virtude extraordinária, mas lhe faltam os bens externos necessários à felicidade. Uma vida que acaba em desgraça, traição, vergonha e sofrimento está longe de ser feliz. Já Cersei tem um problema oposto. Ela possui todos os bens externos necessários para a felicidade, mas lhe faltam a estabilidade interna e o caráter, necessários para a verdadeira felicidade no longo prazo. Falta à rainha o componente fundamental e mais importante para a felicidade: a virtude.

“Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre.
Não existe meio-termo”¹⁵

Existe um enigma final sobre a felicidade em Westeros. Apesar do número significativo de pessoas dispostas a arriscar a vida para obter o controle do reino, essa escolha parece tola ou imprudente. Obviamente, o poder, o status e as vantagens materiais obtidas ao ter influência num reino como aquele podem ser ferramentas úteis na busca da felicidade. Mas, como qualquer leitor da série pode ver, poucos personagens parecem genuinamente felizes, mesmo os que têm poder. Além do mais, se Cersei está correta ao dizer que as únicas opções ao jogar o jogo dos tronos são vencer ou morrer, parece imprudente se envolver nas intrigas políticas da monarquia. Jogar o jogo dos tronos envolve arriscar a perda total da felicidade por uma possível recompensa de ganho apenas limitado.

Uma forma de analisar a prudência das grandes decisões é comparando os riscos de fracasso e as recompensas e chances de sucesso. Uma escolha é prudente quando oferece um resultado esperado positivo. Pense no jogo de cara ou coroa. Há uma probabilidade de 50% de acertar qual lado da moeda cairá virado para cima. Se você arriscou 1 dólar por uma probabilidade de 50% de ganhar apenas 10 centavos, essa escolha seria imprudente, visto que o risco é desproporcional à recompensa. Se alguém fosse arriscar 1 dólar por uma probabilidade de 50% de ganhar outro dólar, poderia ser aceitável apostar

ou não, visto que o risco e a recompensa são idênticos, com igual probabilidade de ocorrer qualquer um dos resultados. Nenhuma escolha é obviamente prudente ou imprudente. Se alguém fosse arriscar 1 dólar por uma probabilidade de 50% de ganhar 100 dólares, seria sábio apostar, visto que a recompensa possível supera em muito o risco. Seria prudente apostar 1 dólar até se houvesse apenas uma probabilidade de 10% de ganhar 100 dólares, visto que a recompensa é bastante desproporcional ao risco.

O argumento filosófico mais famoso baseado nessa preocupação com a prudência é a Aposto de Pascal. Matemático, cientista, filósofo e cristão devotado, Blaise Pascal (1623-1662) argumentou que abraçar a fé em Deus oferece uma recompensa potencial de felicidade infinita por um risco insignificante. Ele compara a escolha pela crença em Deus a fazer uma aposta inteligente num jogo de cara ou coroa com uma estrutura de pagamento muito favorável. Ele argumenta: “Pesemos o ganho e a perda, preferindo coroa, que é Deus. Estimemos as duas hipóteses: se ganhades, ganhareis tudo; se perderdes, nada perdereis. Apostai, pois, que ele é, sem hesitar.”¹⁶ Pascal concede que a alegação de fé pode não ser certa, mas argumenta que a recompensa potencial se a fé em Deus acabar sendo correta é o ganho infinitivamente desejável da felicidade eterna, enquanto existe apenas uma consequência negativa trivial caso a fé seja incorreta. Portanto, a recompensa potencial de sucesso é radicalmente desproporcional ao risco de fracasso. Mesmo se houver apenas uma probabilidade relativamente pequena de a fé estar correta, parece prudente acreditar, visto que os ganhos potenciais infinitos obtidos com a crença são vastamente desproporcionais a quaisquer consequências negativas existentes caso a fé em Deus esteja errada.

Jogar o jogo dos tronos tem a estrutura de benefícios oposta, pois quem joga se arrisca a sofrer consequências extraordinariamente negativas de perda total e completa da felicidade através da tortura, humilhação pública e morte, tudo isso em troca da possível recompensa de um aumento apenas limitado na felicidade. Mesmo se alguém tiver uma boa probabilidade de ganhar a guerra dos tronos, seria tolo jogar. Assim como é imprudente entrar numa autoestrada movimentada caso haja uma probabilidade de pelo menos 1% de causar um acidente fatal, as consequências negativas em potencial de fracassar no jogo dos tronos são tão radicais que a atitude mais sábia é não se envolver. Catelyn Stark parece ter ciência desse risco logo no início da história, quando pede a Eddard para não ir a Porto Real servir como Mão do rei Robert. Seja lá qual for o ganho ou a honra que possa haver no cargo em questão, os riscos eram pura e simplesmente altos demais.

Além disso, a recompensa potencial de ganhar o jogo dos tronos pode não ser tão desejável quanto parece. Robert Baratheon demonstrou que virar rei pode, na verdade, prejudicar a felicidade de uma pessoa. Isso se percebe quando ele confia a Eddard: “Juro-lhe, nunca me senti tão vivo como quando estava ganhando este trono, nem tão morto como agora que o possuo.”¹⁷ A ascensão vitoriosa ao reinado prejudicou sua saúde ao abrir caminho para a gula. Prejudicou seus relacionamentos ao cercá-lo de admiradores oportunistas e falsos, bem como de conspiradores traidores. Conquistar o trono acabou resultando em morte, visto que a própria esposa trama seu “acidente de caça” fatal. Ao jogar o jogo dos

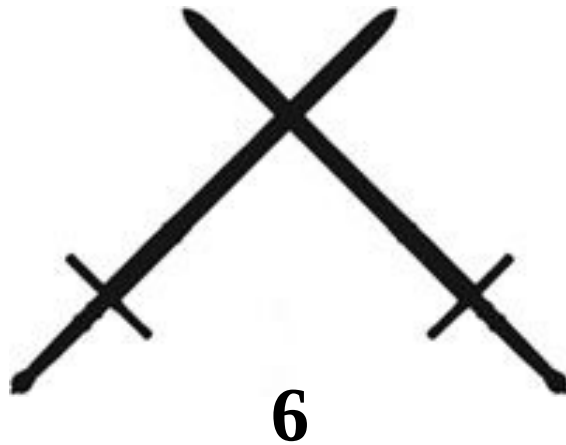
tronos, arrisca-se a possibilidade de perda total pela possibilidade de ganho limitado, mas vencer o jogo pode levar a um resultado infeliz. Imagine um jogo de cara ou coroa em que, se der cara, você morre fracassado; e, se der coroa, definha até a vitória. Que pessoa racional jogaria isso? Se é verdade que no jogo dos tronos ganha-se ou morre, apenas um tolo o jogaria.

O que Game of Thrones nos ensina sobre a felicidade

Um motivo pelo qual os leitores acham os romances de George R. R. Martin tão envolventes é que eles têm personagens interessantes e profundos, evitando ao mesmo tempo os clichês sobre a felicidade. Os personagens são indivíduos complexos, guiados por motivações e desejos plausíveis. Nem os virtuosos nem os cruéis têm garantia de sucesso neste mundo instável, e vitórias fugazes não garantem a felicidade duradoura. Os personagens de *As crônicas de gelo e fogo* são bem parecidos conosco, pois são indivíduos imperfeitos tentando ser bem-sucedidos num mundo imprevisível. Todos têm desejos e enfrentam desafios. Ao longo dos livros, podemos ver a verdade da observação de Aristóteles quando diz que todos os homens desejam a felicidade, embora nem todo mundo a alcance.

NOTAS

1. Platão, *A república*, 354a (Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição).
2. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
3. *Id.*
4. Platão, *Apologia de Sócrates*. Tradução de Maria Lacerda de Souza (Virtualbooks, 2000/2003).
5. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
6. George R. R. Martin, *A dança dos dragões* (Leya Brasil, 2012).
7. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
8. Platão, *A república*, 362 b-c.
9. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
10. Martin, *A dança dos dragões* (Leya Brasil, 2012).
11. Platão, *A republica*, 571c-d.
12. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
13. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1096a in *Coleção Os pensadores — Aristóteles — Volume II* (Nova Cultural, 1991).
14. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1153b.
15. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
16. Blaise Pascal, *Pensamentos* (obtido em www.monergismo.com). Claro que, como acontece com a maioria das discussões, existem objeções à Aposta de Pascal. Por exemplo, alguns podem objetar que Pascal não poderia saber a verdade sobre os resultados potenciais sem conhecer a verdade sobre a visão que está defendendo. Para um tratamento mais completo sobre a Aposta de Pascal e os argumentos relacionados a ela, ver Jeff Jordan, *Pascal's Wager: Pragmatic Arguments and Belief in God* (New York: Oxford Univ. Press, 2006).
17. Martin, *A guerra dos tronos*.



A MORTE DE LORDE STARK: OS PERIGOS DO IDEALISMO

David Hahn

É um homem honesto e honroso, Lorde Eddard. Por vezes me esqueço disso. Conheci tão poucos ao longo da vida... Quando vejo o que a honestidade e a honra lhe trouxeram, compreendo por quê.

*Varys*¹

E um homem que quiser fazer profissão de bondade, é natural que se arruíne entre tantos que são maus.

*Nicolau Maquiavel*²

QUANDO VARYS CONFRONTA LORDE STARK nas masmorras de Porto Real, o destino de Ned está selado. Mas como Ned chegou a esse ponto, se ele fez tudo tão certo? Ele investigou com empenho o assassinato da Mão do Rei anterior e agiu com honra em suas funções de Mão do Rei e Lorde de Winterfell. Como veremos, o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) e o filósofo e político italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527) provavelmente diriam que Ned não acabou na masmorra *apesar* de sua honra, e sim *por causa* dela.

“Se os malvados não temerem o Magistrado do Rei, isso quer dizer que o homem errado está no cargo”³

A metáfora é bem óbvia: o monarca dos Sete Reinos se senta num trono feito das espadas derretidas dos reis cujos reinos foram derrotados por Aegon, o Conquistador. O trono representa tanto o perigo da posição quanto o monopólio sobre a força que o rei tem. Ele possui a autoridade final no reino e é o único detentor da capacidade de guerrear. Esse poder define o soberano e, embora existam outros deveres como “contar moedas”, a autoridade por meio da força é de suma importância. Filosoficamente, o motivo disso se encontra na natureza do Estado e de como ele se forma.

Se Thomas Hobbes fosse um personagem de *As crônicas de gelo e fogo*, sem dúvida seria um mestre.⁴ Intelectual por ofício, ele foi tutor de Carlos II da Inglaterra. Assim como Robert Baratheon, Hobbes viu um reino ser destruído pela guerra civil quando Carlos I travou uma guerra contra os parlamentares liderados por Oliver Cromwell. Essa guerra civil moldou o pensamento político de Hobbes, pois ele testemunhou o que acontece quando o estado de direito é suspenso.

Hobbes acreditava que todos os homens buscam seus desejos. Não que todos saiam por aí caçando vinho e mulheres, como fez o rei Robert, mas a questão é a seguinte: Arya só pode receber os ensinamentos sobre a dança da água se o instrutor for pago. Do mesmo modo, Ned não aceita a promoção a Mão do Rei a menos que veja alguma vantagem para si. O “mestre de dança” precisa do pagamento antes de dar suas aulas, isso é óbvio. O caso de Ned, contudo, é um pouco mais complicado. Embora ele deseje ficar em Winterfell, o senso de honra e dever o obriga a sair de lá. É a realização da honra e do dever que Ned recebe como bônus por aceitar o cargo de Mão do Rei e se mudar para um lugar onde ele claramente não quer estar. Hobbes acreditava que *todo* ato tem uma motivação egoísta latente. Até os atos que parecem altruístas (alimentar os camponeses, por exemplo) são motivados por razões egoístas. Pode ser a sensação de satisfação obtida por ajudar os menos afortunados ou aliviar a culpa por vê-los sofrer na estrada do rei.

Segundo Hobbes, essa motivação egoísta na verdade gera tanto o Estado quanto a instituição da justiça. Hobbes nos pede para imaginar o “estado de natureza”, sem qualquer lei ou governo. O perigo para cada indivíduo desse estado de natureza é óbvio: as pessoas não têm segurança e entram em conflito umas com as outras. Se eu quero o alimento plantado pelo fazendeiro, posso simplesmente tomá-lo. Claro que ele também vai querer mantê-lo, o que nos coloca em guerra ou, como explica Hobbes, “se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos. E no caminho para o seu fim (que é principalmente a sua própria conservação, e às vezes apenas o seu deleite) esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro”.⁵

Essa guerra permanece enquanto existe o estado de natureza. Contudo, as pessoas vão lutar por mais do que apenas comida. Elas vão lutar para obter algo ainda mais valioso. Por exemplo, Viserys Targaryen espera ganhar as hordas dothraki a fim de conquistar o Trono de Ferro. As pessoas também vão lutar por motivos de defesa, para proteger o que já têm. Pense nos atos de construir a grande Muralha e depois manter vigília constante com a Patrulha da Noite. Por fim, as pessoas lutam por reputação. Uma pessoa (ou família) cuja reputação é de ser implacável com os inimigos pode se abster de ter que lutar por outros motivos. Como Tywin Lannister explica a Jaime Lannister sobre as consequências do

sequestro de Tyrion: “Cada dia que ele continuar prisioneiro, mais o nosso nome perde respeito... se outra Casa pode capturar um dos nossos e mantê-lo refém impunemente, não somos mais uma Casa a ser temida.” (Episódio 7 da primeira temporada, *You Win or You Die* [*Você vence ou morre*].)

Num estado de guerra constante, a sociedade não pode se desenvolver, e o progresso é interrompido: “Não há lugar para o trabalho, pois o seu fruto é incerto; conseqüentemente, não há cultivo da terra”, o que reduz a vida do homem a uma existência “solitária, miserável, sórdida, brutal e curta”.⁶ Devido a essa vida patética e sofrida, as pessoas estão dispostas a baixar as espadas e se submeter a uma autoridade. Eles criarão algo “capaz de os manter em respeito e os forçar, por medo do castigo, ao cumprimento dos seus pactos e à observância das leis de natureza”.⁷

O medo e a lógica de Hobbes levaram à unificação dos Sete Reinos. É verdade que não foi um desdém mútuo pela guerra, mas sim a ameaça de aniquilação pelos dragões de Aegon que motivou o povo de Westeros. Ainda assim, o desejo final de encerrar a guerra criou (nesse caso, literalmente) o trono do rei. Seis dos reinos (sendo o Norte um caso especial) baixaram as armas e geraram um leviatã na pessoa do rei. “Leviatã” é a palavra utilizada por Hobbes para o poder soberano, cuja origem é um poderoso monstro marinho mitológico. A ideia defende que é melhor se submeter ao poder do rei, o leviatã, do que estar sujeito ao estado de natureza, no qual temos uma guerra de todos contra todos.

A capacidade do rei de exercer fisicamente sua autoridade é importante porque apenas através dessa autoridade pode-se garantir a segurança do Estado. As leis estabelecidas não têm sentido a menos que exista uma força para respaldá-las. E isso ilustra o primeiro erro de lorde Stark. Quando confrontou a rainha Cersei, revelando seu conhecimento sobre a origem incestuosa de Joffrey, ele não tinha poder para respaldar as acusações. Ele aparentemente supôs que a lealdade de Cersei ao rei seria suficiente. Essa suposição foi bem fundamentada enquanto Robert estava vivo, pois Cersei não estava disposta a enfrentá-lo devido a sua força. Mas, quando ficou claro que Robert morreria, não havia motivos para acreditar que a lealdade dela permaneceria igual.

O juramento de lealdade de Cersei deveria ser o bastante. As palavras, contudo, tiram sua força não “da sua própria natureza (pois nada se rompe mais facilmente do que a palavra de um homem), mas do medo de alguma má consequência resultante da ruptura”.⁸ Cersei demonstra isso e destaca a ingenuidade de Ned ao rasgar o testamento do rei, perguntando: “Isto era para ser o seu escudo, Lorde Stark?” (Episódio 7 da primeira temporada, *You Win or You Die* [*Você vence ou morre*].) O erro de Ned foi ter acreditado que poderia aplicar a justiça do rei (ou do regente, naquele caso) com palavras e que Cersei se renderia e iria para o exílio, que ela chama de “uma taça amarga de onde beber” sem a ameaça expressa de violência.⁹

“Chegará o dia em que necessitará que o respeitem, e até que o temam um pouco”¹⁰

Se fôssemos colocar Nicolau Maquiavel em *As crônicas de gelo e fogo*, ele provavelmente serviria como integrante do grupo de conselheiros do rei. Ao longo da vida, Maquiavel — ao contrário da maioria dos filósofos políticos — realmente atuou na política. Ele foi secretário do Conselho dos Dez, que em tempos modernos seria algo análogo à Secretaria de Estado dos EUA. Ele também foi embaixador tanto para o rei da França quanto para o papa e formou a primeira milícia da República de Florença. Ao contrário de Hobbes, Maquiavel limitou suas conclusões ao que observou. Não existem experimentos mentais sobre o estado de natureza ou qualquer outro assunto discutido por Maquiavel. Como Tyrion Lannister, Maquiavel obteve seu conhecimento dos livros e da experiência vivida.

A história injustamente transformou o nome de Maquiavel num sinônimo de visão cínica da política, na qual a busca pelo poder justifica quaisquer meios utilizados para conquistá-lo. Esse retrato injusto se baseia em determinadas conclusões de seu livro mais famoso, *O príncipe*, no qual ele adverte que, para um governante é melhor ser temido do que amado.¹¹ Maquiavel não está dizendo que o medo é mais desejável que o amor, e sim que é mais fácil de manter e, uma vez perdido, é mais fácil de restabelecer. O amor, por outro lado, é difícil de manter e quase impossível de forçar. Portanto, um governante não deve se preocupar tanto em ser amado pelos súditos. Em vez disso, ele deve inspirar o medo da punição aplicada caso as regras não sejam cumpridas.

O poder não deve ser buscado apenas pelo poder, e sim em prol do Estado. De fato, a segurança do Estado é o objetivo maior de um maquiavélico. Embora isso geralmente passe despercebido, a escrita de Maquiavel ao longo de suas quatro obras principais mostra uma visão que equilibra a vontade dos governantes com a do povo. Na verdade, ele escreve a favor da monarquia apenas em *O príncipe*, dando mais destaque a um governo no estilo republicano em sua obra muito maior, *Discursos*.¹² Nos dois casos, embora a segurança dos Sete Reinos possa se basear nas ideias de Maquiavel, nosso problema a respeito do lorde Stark é que ele age, em várias instâncias, de modo totalmente contrário às recomendações do filósofo.

“A maioria dos homens mais depressa nega
uma verdade dura do que a enfrenta”¹³

Como Mão de Robert, lorde Stark tem a atribuição de cuidar do dia a dia do Estado. Enquanto Robert procura vinho e mulheres, o trabalho de Ned é resolver conflitos, contar moedas e gerenciar o reino. Embora o rei tenha a palavra final, as decisões de Ned são de fato e de direito as decisões do rei. Isso mostra a principal dificuldade do patriarca dos Stark: ele toma essas decisões não como rei, mas como Ned Stark, e Ned Stark é um idealista. Resumidamente, *idealismo* é a adesão a um sistema de ideias ou princípios que constituem a lei e servem de guia para formar um sistema de justiça. O idealismo pode se basear numa filosofia ou religião, mas sempre terá um conjunto de regras centrais que não podem ser

descumpridas. O idealismo tem seu lugar na política, visto que pode direcionar a formação de leis ou dar sentido a um governo. No mundo real, contudo, os ideais políticos muitas vezes devem ser violados por necessidade, especialmente quando a segurança do Estado e de seus cidadãos está em perigo.

Por exemplo, quase todas as entidades políticas têm uma lei dizendo que ninguém pode matar outra pessoa ou obrigar alguém a fazê-lo. É uma regra necessária para qualquer sociedade. Entretanto, se houver uma revolta num dos reinos e o rei mandar uma tropa de cavaleiros para reprimi-la, tecnicamente ele descumpriu a regra, pois ordenou a morte dos revoltosos. Mas, falando em termos práticos, descumprir essa regra é necessário para a segurança do Estado. A dura verdade é que, às vezes, a Mão do Rei precisa se sujar para manter a segurança dos Sete Reinos. Ned, contudo, geralmente não está disposto a fazê-lo.

Pense no que acontece quando chega a notícia de que Daenerys Targaryen se casou com Drogo, o mais poderoso dos khals dothraki, e que (para piorar) ela está grávida. A situação é terrível, visto que os Targaryen, descendentes de Aegon, o Conquistador, são os herdeiros legítimos do trono. Se Daenerys tiver um filho, as hordas dothraki podem varrer os Sete Reinos e tomar o Trono de Ferro. Por isso o conselho recomenda o assassinato da mulher.

Ned se recusa a aceitar a recomendação do conselho. É inimaginável para ele que o rei Robert pense em matar uma adolescente. Além disso, ele argumenta que os dothraki temem o oceano porque seus cavalos não podem beber das águas salgadas. Portanto, eles jamais atravessarão a “água negra”. Robert e o conselho não se mostraram dispostos a aceitar esse raciocínio e decidiram que Daenerys tinha que ser morta. Varys explica a lorde Stark: “Compreendo suas apreensões, Lorde Eddard, realmente compreendo. Não senti nenhuma alegria por trazer ao conselho estas graves notícias. O que estamos discutindo é uma coisa terrível, uma coisa vil. Mas aqueles que ousam governar têm de fazer coisas vis para o bem do reino, por mais que isso lhes custe.”¹⁴

Maquiavel diria a Ned que “não se deve consentir em um mal para evitar uma guerra, pois não se evita esta e sim apenas se adia, para própria desvantagem”.¹⁵ A segunda objeção de Ned, de viés prático, não pode se confirmar. Ela exige que os dothraki nunca mudem seus costumes ou que o desejo de glória deles jamais seja maior que o medo do mar. Embora o rei possa ordenar o fortalecimento das defesas navais e iniciar uma preparação cuidadosa para uma possível guerra, isso teria custos imensos para um reino que já está falido. O rei e seu conselho estão sendo práticos. Se a guerra puder ser evitada com um ato, não importa o quanto seja odioso, este ato deve ser realizado. O fardo da guerra sobre o reino, o custo em termos de vidas e da segurança de Westeros, tudo indica a necessidade de assassinar a rainha dothraki.

A respeito da objeção ética de Ned, Maquiavel comentaria que “é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade”.¹⁶ Ned não é idiota, ele simplesmente não vê necessidade de tal ato. A ameaça seria para dali a vários anos no futuro, mas um reino forte não toma decisões com a cabeça do rei prestes a ser cortada. Um governo fraco, por outro lado, é aquele em que “todas as escolhas feitas por eles foram forçadas: e se acontecer

de eles fazerem a coisa certa, foi a força, não o bom senso que os instou a fazê-lo”.¹⁷

O idealismo de Ned molda sua visão de mundo. Ele não vê Daenerys como a rainha de um povo cruel e bélico. Ele a vê como uma simples adolescente, quando é mais do que isso: trata-se da rainha de um exército que pode tomar os Sete Reinos. Assim, o idealismo de Ned, neste caso, é incrivelmente perigoso.

Ameaças ao reino

— A quem você realmente serve?

— Ao reino, meu lorde, alguém tem que fazer isso.

*Lorde Stark e Varys (Episódio 8 da primeira temporada,
The Pointy End [A parte pontuda])*

Os dothraki são uma ameaça externa e de longo prazo ao reino. Mas há também a ameaça interna e mais imediata na forma de uma conspiração feita pela Casa Lannister para tomar o trono. A fim de alcançar seu objetivo, a Casa já tomou uma série de providências. A primeira foi ter casado Cersei com o rei Robert. Embora isso não represente nada isoladamente, o desprezo de Cersei por Robert complica ainda mais a situação.¹⁸ A segunda foi colocar Jaime Lannister, o Regicida, como chefe da Guarda Real a cargo da segurança dele. Essas duas primeiras ações foram recompensas pela ajuda dos Lannister na revolta contra o Rei Louco e o fato de Jaime tê-lo assassinado. A terceira é uma questão de política, visto que o rei gosta de farrear e deixou todo o reino em débito com uma família. Esse perigo, embora não seja tão óbvio quanto um exército inimigo, coloca um poder exagerado nas mãos de uma família cuja lealdade é questionável. Os três juntos não são necessariamente perigosos, mas as evidências da falta de lealdade dos Lannister são visíveis.

Quando Ned entrou na sala do trono após o fim da guerra civil, ele viu Jaime sentado no Trono de Ferro. Portanto, os motivos dos Lannister são óbvios. Maquiavel avisa a qualquer príncipe (ou rei) que “não terá segurança enquanto viverem os que foram despojados do Poder”.¹⁹ Embora não esteja exatamente claro que o trono tenha sido roubado das mãos dos Lannister, eles acreditam merecê-lo. Além do mais, está explícito que o trono foi roubado das mãos dos Targaryen. Os Sete Reinos enfrentam, portanto, duas ameaças: a ameaça externa da aliança dothraki-Targaryen e a interna, da conspiração dos Lannister.

O apego de Ned a sua virtude é admirável, mas é um obstáculo a seu papel como Mão do Rei, e Mindinho deixa isso bem claro. Quando chamado a aconselhar Eddard sobre o que fazer com Cersei e os Lannister, ele diz: “Usa sua honra como uma armadura, Stark. Julga que o mantém a salvo, mas tudo o que ela faz é torná-lo pesado e dificultar-lhe os movimentos.”²⁰ Mindinho sabe o que precisa ser feito. E Stark também sabe, mas “não é honroso, por isso as palavras se prendem em sua garganta”.²¹ Lorde Stark

não pode pedir a Mindinho para ajudar a destronar a família Lannister. Também não pode tolerar ninguém como rei, exceto Stannis Baratheon, mesmo que Renly seja a melhor escolha e a ascensão de Stannis signifique a guerra com os Lannister. Stannis é o herdeiro legítimo, por ser o parente mais próximo de Robert. Trata-se de uma péssima escolha, e acaba acontecendo uma guerra civil.

“A loucura da misericórdia”²²

O que Ned deveria ter feito? Maquiavel aconselha: “Quando é necessário deliberar sobre uma decisão da qual depende a salvação do Estado, não se deve deixar de agir por considerações de justiça ou injustiça, humanidade ou crueldade, glória ou ignomínia.”²³ Em nome da segurança do Estado, Ned tem duas opções, ambas apresentadas por Mindinho. A primeira seria ficar quieto e servir ao reino como regente até a maioria de Joffrey. Essa linha de ação preservaria a unidade do Estado e também poderia dar a Joffrey uma orientação positiva, talvez abrandando o lado sociopata que vemos de modo nítido nos poucos e breves vislumbres que temos dele no trono. Ned ficaria limitado, contudo, pois a rainha certamente não o deixaria governar sem sua aprovação.

A segunda opção é a rota mais traiçoeira, mas, como diz Mindinho, “só se perdermos”.²⁴ Eles poderiam levar Renly ao trono e, ao mesmo tempo, lidar com a família Lannister. De acordo com Maquiavel, Ned teria três opções para lidar com eles: “Desfazer-se sem piedade dos culpados, como os romanos; bani-los da cidade; ou obrigá-los a fazer a paz, aceitando o compromisso de não mais se atacarem. Destes três meios, o último é o mais perigoso, o mais incerto e o mais inútil.”²⁵ O último método deve ser descartado, como recomenda Maquiavel, especialmente neste caso, porque Cersei não costuma manter sua palavra. Então, as únicas opções verdadeiras aqui são exilar ou executar a casa cujo símbolo é o leão. Embora ambas garantam que eles estariam fora do reino, a primeira seria apenas temporária: os Lannister são ricos e poderosos demais para não tentar um retorno. Então, para se livrar efetivamente dos Lannister, todos precisam morrer, de Jaime a Joffrey e até Tywin. Além disso, suas propriedades devem ser confiscadas, juntamente com quaisquer outros bens que possuam.

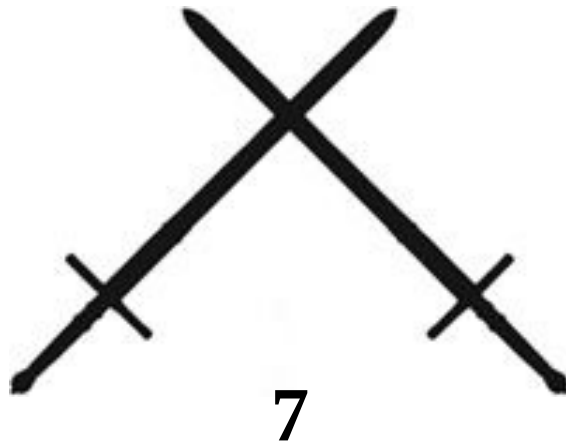
A verdadeira dificuldade desse caminho é como levar Renly ao trono sem fazer com que Stannis levante sua espada. O perigo de Stannis é que ele não se esqueceu dos velhos inimigos de sua família, que Robert perdoou em troca de juramentos de fidelidade. O povo se importaria? Provavelmente não, como Jorah comenta: “Não lhe interessa se os grandes senhores lutam suas guerras de tronos, desde que seja deixado em paz.”²⁶ O povo deseja justiça e paz, o que raramente consegue. Se uma guerra puder ser impedida com um ataque, não é mais virtuoso realizar esse ataque apesar da aparente injustiça da decisão?

Seria injusto levar Renly ao trono e seria cruel matar ou aprisionar os Lannister. Mas ambas as medidas teriam impedido o Estado de cair numa guerra civil, além de preservar a vida de Stark. No fim das contas, lorde Eddard Stark de Winterfell morreu não *pela* honra, mas *por causa da* honra. Sua

relutância em fazer o que era necessário para preservar os Sete Reinos não só lhe custou a vida, como mergulhou a nação inteira numa guerra civil.²⁷

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. Nicolau Maquiavel, *O príncipe* (Ediouro, 2000).
3. Martin, *A guerra dos tronos*.
4. Para saber mais sobre esta ideia, ver Greg Littmann, “Meistre Hobbes vai a Porto Real”, neste livro.
5. Thomas Hobbes, *Leviatã* (Martins Fontes, 2003).
6. Hobbes, *Leviatã*.
7. *Id.*
8. *Ibid.*
9. Martin, *A guerra dos tronos*.
10. *Id.*
11. Maquiavel, *O príncipe*, Capítulo 17.
12. Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio* (Editora UnB, 1994).
13. Martin, *A guerra dos tronos*.
14. *Id.*
15. Maquiavel, *O príncipe*.
16. *Id.*
17. Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*.
18. O desprezo dela não é exatamente imerecido. A eterna paixão de Robert pela falecida irmã de Ned é indicada por Cersei como o fator que causou a mudança no relacionamento deles.
19. Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, livro 3, Capítulo 4.
20. Martin, *A guerra dos tronos*.
21. *Id.*
22. *Ibid.*
23. Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, livro 3, Capítulo 41.
24. Martin, *A guerra dos tronos*.
25. Maquiavel, *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, livro 3, Capítulo 27.
26. Martin, *A guerra dos tronos*.
27. Agradecimentos especiais a Laura Hahn e Adam Lall pela ajuda com alguns detalhes da narrativa.



LORDE EDDARD STARK, RAINHA CERSEI LANNISTER: JULGAMENTOS MORAIS DE DIFERENTES PERSPECTIVAS

Albert J. J. Anglberger e Alexander Hieke

“SERÁ QUE NÃO POSSUI NEM UM FARRAPO DE HONRA?”¹ É assim que Eddard Stark responde à sugestão de Mindinho de que o Lorde de Winterfell deve apoiar o príncipe Joffrey em sua reivindicação ao trono. Eddard sabe que Joffrey não é o herdeiro legítimo do rei Robert Baratheon, e por isso a honra lhe diz para não dar ouvidos à recomendação de Mindinho. Ao contrário de lorde Stark, que tem virtudes firmemente definidas, Cersei Lannister, a esposa do rei, pouco se importa com virtudes. Ela se importa apenas em como beneficiar seus filhos e a si mesma. Basta pensar na reação que teve quando a loba de Arya, Nymeria, mordeu seu filho Joffrey:

“— A menina é tão selvagem quanto aquele seu animal nojento — disse Cersei Lannister. — Robert, quero vê-la punida. (...) — A rainha estava furiosa. — Joff ficará com aquelas cicatrizes para o resto da vida.”² Não importa à rainha se Arya está dizendo a verdade sobre o que aconteceu quando a loba gigante atacou o príncipe Joffrey: o mal foi feito a um dos filhos de Cersei, e *alguém* precisa ser responsabilizado. *Alguém, qualquer um* tem que ser punido. Quando o capitão da guarda de Eddard alega não ter conseguido encontrar Nymeria, Cersei exige que a loba de Sansa, Lady, seja morta no lugar da outra.

Existe uma diferença marcante entre a moral que guia as ações de Eddard e as motivações por trás dos atos de Cersei. Enquanto Eddard é virtuoso, Cersei é egoísta. Não surpreende que os leitores considerem Eddard como o “mocinho” e Cersei como a “vilã” da saga.

“Você nunca conseguiu mentir por amor ou por honra, Ned Stark”³

Robert Baratheon conhece muito bem seu velho amigo e companheiro. Eddard Stark é um homem honesto e diz a verdade sem que peçam para fazê-lo. Eddard revela a Cersei ter descoberto a real origem de Joffrey, mesmo que a rainha seja uma de suas oponentes mais ferozes e a informação dê a ela uma vantagem estratégica significativa. A virtude da caridade estimula Eddard a dizer o que sabe a Cersei para que ela e os filhos possam fugir do perigo. Quando Varys pergunta: “Que estranho ataque de loucura o levou a dizer à rainha que sabia da verdade sobre o nascimento de Joffrey?”, Eddard responde: “A loucura da misericórdia.”⁴ Obviamente, a honestidade e a caridade estão entre as virtudes de lorde Stark, e, por isso, ele age misericordiosamente.

De acordo com a ética da virtude, uma pessoa verdadeiramente virtuosa é uma pessoa verdadeiramente boa.⁵ O tipo de traço de caráter que conta como virtude não é fácil de determinar, mas geralmente a virtude é pensada como inclinação a fazer algo. Dessa forma, a virtude não só influencia as ações de quem a tem, como também suas “emoções, (...) escolhas, valores, desejos, percepções, atitudes, interesses, expectativas e sensibilidades”.⁶ Uma pessoa honesta, por exemplo, não só faz atos honestos como também leva em conta tanto os atos honestos quanto as opções possíveis. Ser virtuoso geralmente não é fácil. A virtude, como vários outros traços de caráter, é adquirida através do treinamento, e pode haver empecilhos a esse processo.

A ética da virtude se preocupa principalmente com o bom *caráter* do agente, e não com a bondade de suas ações. Apesar disso, ao aplicar o princípio “boas ações são aquelas que uma pessoa virtuosa faria”, a ética da virtude também pode dar uma resposta sobre o que deve ser feito.⁷ Por exemplo, como Eddard tem as virtudes da honestidade e da caridade, ele realiza boas ações em termos morais quando revela a Cersei que sabe da origem de Joffrey e quando avisa a ela o que pode acontecer se a verdade vier à tona. Além disso, Eddard também é corajoso, justo e honrado, o que faz dele um sujeito muito virtuoso.

A loucura da misericórdia: o preço da honestidade

Ser virtuoso e agir de acordo com esta virtude tem um preço. A franqueza de Eddard o leva à prisão, e a honestidade o deixa cego às traições de outras pessoas. Assim, o próprio lorde Stark acaba injustamente acusado de traição. Além de ser preso, um destino ainda pior o aguarda, como já sabemos.

As virtudes podem entrar em conflito umas com as outras. Por exemplo, a honestidade pode entrar em conflito com o amor. Quando Varys visita Eddard na masmorra, tenta persuadi-lo a admitir a suposta traição: “Dê-me a sua palavra de que dirá à rainha aquilo que ela quer ouvir quando vier de visita.” Eddard responde: “Se o fizesse, minha palavra seria tão oca como uma armadura vazia. Minha vida não me é assim tão preciosa.” Varys lembra, então: “E a vida de sua filha, senhor? Quão preciosa é? (...) O

visitante seguinte poderá trazer (...) a cabeça de Sansa. A escolha, meu caro senhor Mão, é inteiramente sua.”⁸ Essa situação envolve um conflito: por um lado, Eddard é limitado pela honestidade e não pode se ajoelhar diante de Joffrey a fim de aceitá-lo como rei. Por outro, ele ama as filhas e não deve abandoná-las.

Como disse Aristóteles, temos que confiar na *phronesis* (*sabedoria prática*) em situações como essas. A *phronesis* “permite que um agente reconheça algumas características de uma situação como mais importantes que as outras”.⁹ É exatamente o que Eddard faz: ele considera o bem-estar das filhas mais importante e, portanto, neste caso, o amor vence a honestidade. Ele acaba se rendendo a Joffrey e confessando sua “traição” para que as filhas possam ficar a salvo. Robert estava errado: Eddard pode mentir por amor, no fim das contas.

Cersei também ama os filhos. Mas isso faz dela uma pessoa virtuosa? Não. De acordo com a ética da virtude, se um traço de caráter existir de modo muito radical, ele não é mais uma virtude. Uma pessoa pode, de certa forma, ser honesta demais, corajosa demais e até carinhosa demais. Se alguém for honesto demais, poderá ferir os sentimentos de outra pessoa. Se for corajoso demais, será imprudente. Se for carinhoso demais, pode ser superprotetor e negligenciar o bem-estar alheio. O objetivo final de uma vida virtuosa é um estado chamado *eudaimonia*, que significa algo como “prosperidade”, “felicidade” ou “bem-estar”. A *eudaimonia* não pode ser conquistada por acidente, apenas vivendo uma vida virtuosa. Ser virtuoso significa administrar a dose certa de virtude em cada situação, conquistando assim o que Aristóteles chamava de *meio-termo áureo*.

O amor de Cersei por si mesma e pelos filhos é desequilibrado, fazendo com que ela se esqueça totalmente de outras virtudes, como a honestidade e a sensibilidade. Por exemplo, quando Robert repreende os escudeiros por não conseguirem colocá-lo em sua armadura, Eddard diz ao rei: “Os rapazes não estão em falta... Você está gordo demais para a sua armadura, Robert.”¹⁰ Este comentário leva Eddard e Robert a darem boas risadas juntos, e o rei não fica mais furioso com os escudeiros. Além disso, mostra como Eddard consegue acertar quando se trata de aplicar virtudes diferentes (e conflitantes).

“Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre”: as recompensas do egoísmo¹¹

Cersei não queria que Eddard fosse executado. Não, ela não sentiu misericórdia de modo virtuoso. Na verdade, ela entendeu as graves consequências de matar lorde Stark. As decisões de Cersei sempre se baseiam no bem-estar dos filhos e dela mesma. Ela sabe que a morte de lorde Stark vai levar seus filhos a serem os inimigos mais cruéis dos Lannister. Além do mais, enquanto estiver vivo e for prisioneiro, Eddard pode ser usado para barganhar pela paz. Cersei parece basear suas escolhas nos resultados

prováveis de suas ações, o que faz dela uma *consequencialista*.¹² Existem diversas versões do consequencialismo, mas a mais comum é o utilitarismo, para o qual *todos* os indivíduos afetados devem ser levados em conta e o status moral de uma ação é, portanto, determinado pelos efeitos positivos e negativos dessa ação em todos. As ações são avaliadas pela quantidade de felicidade ou dano causado a todos os envolvidos. Cersei não é uma utilitarista de verdade, pois certamente *não* leva em conta *todos os indivíduos* envolvidos. É bem provável que, para ela, apenas *quatro* indivíduos sejam relevantes em última instância: ela mesma e os filhos Joffrey, Tommen e Myrcella. (Embora a rainha precise de Jaime para fins de conforto e proteção, acho que ela o considera apenas mais um meio para seus fins, afinal.) Assim, ela é uma consequencialista *egoísta* “minimamente estendida” e muito bem-sucedida nisso. Cersei está entre os vencedores do primeiro livro. Joffrey é rei, seus filhos estão a salvo, seu oponente lorde Stark está morto e o segredo fatal de seu irmão ser o pai de sua prole continua protegido. A brutalidade de sua linha de ação egoísta parece estar dando resultado, pelo menos por enquanto.

Contudo, o sucesso de Cersei não significa que esse tipo de egoísmo seja moralmente aceitável. Se nosso objetivo é uma sociedade funcional em que as pessoas possam viver juntas e em paz, então uma aplicação universal do consequencialismo egoísta deve ser evitada. Imagine Westeros em que todos os Sete Reinos sejam governados por pessoas como Cersei!

Não é apenas a variante egoísta do consequencialismo que causa problemas: o utilitarismo também precisa lidar com várias dificuldades. Como no utilitarismo, as ações são avaliadas apenas de acordo com a quantidade do bem geral que produzem para a sociedade, os direitos dos indivíduos podem facilmente ser abandonados. Se, por exemplo, os lordes das cidades da Baía dos Escravos mantêm um pequeno número de escravos em condições relativamente boas, o bem geral da sociedade pode ser aumentado, mesmo infringindo os direitos fundamentais dos escravos como indivíduos. De um ponto de vista esclarecido e intuitivo, situações como essas têm que ser evitadas.

A ética da virtude pode parecer uma solução viável, mas esbarra em alguns problemas. Por estar preocupada em primeiro lugar com o *caráter* da pessoa, a ética da virtude não dita regras específicas de conduta em vários casos. O consequencialismo se concentra em *ações* (em vez de pessoas) e por isso costuma ditar essas regras. Como *a questão principal* da filosofia moral é tradicionalmente “o que deve ser feito?”, trata-se de uma falha muito séria da ética da virtude. Além do mais, não está claro quais traços de caráter devem ser considerados virtudes. Embora Aristóteles e os outros discordem, alguns filósofos argumentariam que as virtudes dependem da cultura.¹³ Em qualquer proporção há uma certa discordância entre as culturas sobre o que conta como virtude. A caridade, por exemplo, não é considerada uma virtude na sociedade dothraki, mas claramente é considerada em Winterfell.

“E rezar para que seja o homem que penso que é”¹⁴

A maneira como George R. R. Martin narra sua saga é um dos motivos pelos quais tendemos a julgar

Eddard de modo mais favorável do que Cersei. Ele escolheu uma versão especial da perspectiva em terceira pessoa para *As crônicas de gelo e fogo*. Cada capítulo é escrito do ponto de vista de um personagem diferente. Martin descreve os eventos em terceira pessoa,

mas aplica as seguintes regras: (1) ele restringe a descrição de todos os eventos ao que o personagem cujo ponto de vista domina o capítulo (o qual chamaremos de “personagem principal do capítulo”) pode perceber, incluindo as ações e comportamentos do próprio personagem; (2) em vários casos ele descreve os estados mentais do personagem principal do capítulo na situação atual em terceira pessoa; e (3) às vezes, ele até nos mostra partes do “mundo interior” do personagem principal do capítulo citando os pensamentos dele em primeira pessoa (indicado através do itálico nos livros).

Eddard Stark é um desses personagens principais, portanto (1), (2) e (3) se aplicam a ele. Vamos lembrar a cena em que Eddard está ao lado do rei no leito de morte e escreve o último desejo de Robert:

— Robert... — ele quis dizer *Joffrey não é seu filho* [(3)], mas as palavras não vieram. [(2)] A agonia estava escrita de forma muito clara no rosto de Robert; [(1)] não podia feri-lo mais. [(2)] E assim Ned abaixou a cabeça e escreveu, mas, no lugar em que o rei dissera ‘o meu filho Joffrey’, escreveu ‘o meu herdeiro’. [(1)] O engano fê-lo sentir-se sujo. [(2)] *As mentiras que contamos por amor, pensou. Que os deuses me perdoem.* [(3)]¹⁵

Essas características peculiares da narrativa de Martin nos dá acesso especial aos personagens principais do capítulo: sabemos o que eles pensam e sentem, bem como suas intenções e motivos. Sabemos no que acreditam e como pensam. (Claro que a introspecção não garante a certeza: as pessoas, às vezes, julgam mal a si mesmas.) Visto que conhecemos Eddard Stark como um personagem principal de capítulo, é comparativamente mais fácil dizer que tipo de homem ele é. Sabemos quais princípios morais ele aceita e aos quais obedece, como é a personalidade dele e quais são seus motivos específicos em certas situações. Veja a citação anterior, que também mostra o caráter virtuoso de Eddard Stark: ele não tem a coragem de dizer a seu rei e amigo a dolorosa verdade sobre Joffrey, mas sente-se nauseado por enganar Robert.

Se restringirmos nossas observações ao primeiro livro, *A guerra dos tronos*, Cersei é apresentada de modo bem diferente de Eddard: nós a conhecemos apenas através do ponto de vista de outros personagens. Às vezes, ela é caracterizada de modo relativamente neutro ou intersubjetivo, conforme percebida pelo personagem principal do capítulo ou descrita pelos pensamentos deste personagem, particularmente pelos resultados do raciocínio dele. Ela também é apresentada através dos relatos de outros personagens. Isso pode criar vários obstáculos para fazer um julgamento bem embasado. Veja as seguintes citações:

Lannister é nossa rainha, e diz-se que seu orgulho cresce a cada ano que passa.¹⁶ (Catelyn

para Eddard)

Minha querida irmã Cersei deseja o poder em cada momento que passa acordada.¹⁷
(Tyrion para Catelyn)

Ela o *proibiu* de lutar, na presença do irmão, dos cavaleiros e de metade da corte. Digame francamente: conhece alguma maneira mais segura de forçar o Rei Robert a participar do corpo a corpo?¹⁸ (Varys para Eddard, insinuando que Cersei pode ter planejado a morte do rei numa ocasião anterior.)

Cersei mandou matar os bebês e vendeu a mãe a um negociante de escravos que estava de passagem. Era afronta demais ao orgulho dos Lannister, tão perto de casa.¹⁹ (Mindinho para Eddard)

Nessas afirmações, dois traços de caráter são atribuídos a Cersei por Catelyn e Tyrion: orgulho e sede de poder, respectivamente. Além disso, dizem que ela conspirou contra o marido e ordenou a morte de bebês. Obviamente, nós, leitores, sabemos que é arriscado confiar nas afirmações feitas por Varys e Mindinho sobre Cersei, pois eles têm fortes interesses particulares e, por isso, querem que Eddard acredite em certos “fatos”. Como lorde Stark, temos uma imagem de Cersei moldada por vários relatos e a julgamos — não só com base em suas palavras e atos como também, e às vezes até principalmente ou exclusivamente — com base em relatos de terceiros. Por exemplo, um relato desse tipo diz que Cersei pode ter ordenado a morte de Jon Arryn. Ao ler *A tormenta de espadas*, contudo, descobrimos que isso não é verdade.²⁰ Por isso, alguns relatos importantes sobre os motivos e ações da rainha não são confiáveis, o que dificulta em muito um julgamento moral justificado.

“Lorde Eddard, em que medida é diferente de Robert, de mim ou de Jaime?”²¹

Na verdade, a forma *mais confiável* de confirmar nosso julgamento moral sobre outras pessoas envolve observar diretamente suas ações e ser informado por fontes confiáveis. Este pode ser outro problema para a aplicabilidade da ética da virtude, pois podemos não conseguir atribuir virtudes às pessoas apenas observando as ações realizadas por elas. Além disso, uma sequência de ações moralmente boas não nos permite inferir que o indivíduo tenha uma certa virtude. Por exemplo, se um mercador age honestamente o tempo todo só porque essa é a estratégia mais lucrativa, ele não terá a virtude da honestidade. Pessoas virtuosas fazem boas ações, mas algumas vezes pessoas não virtuosas também as fazem. Contudo, se alguém comete atos moralmente ruins na maioria das vezes, daria um bom motivo para supor que não se trata de uma pessoa virtuosa.

Se é verdade que Cersei tende a se livrar de pessoas “inconvenientes” para seus planos mandando

matá-las, então ela, obviamente, não é uma pessoa virtuosa. Mas sempre devemos dar uma olhada mais de perto nas informações nas quais baseamos nossos julgamentos morais. Se os informantes não são tão confiáveis ou a cadeia de comunicação é longa demais, a confiabilidade das informações pode ser prejudicada e, portanto, nossos julgamentos podem não estar corretos. Ambos os fatores podem influenciar o julgamento moral que fazemos sobre Cersei. Por motivos já mencionados, muitos informantes podem contar mentiras sem rodeios ou apresentar apenas parte da verdade. E a cadeia de comunicação, além de longa, pode envolver meras especulações de pessoas com “fortes interesses”. Imagine, por exemplo, um dos “passarinhos” de Varys transmitindo alguma informação vital a seu mestre. Ele não está ciente que um dos espiões de Mindinho está vendo e, por sua vez, relatando tudo isso ao lorde Baelish, que acaba revelando uma versão “editada” da mensagem para lorde Stark. Obviamente, a mensagem recebida por Stark pode não ser confiável.

O raciocínio também pode não ser confiável, visto que não somos infalíveis em termos lógicos. Isso significa que, às vezes, tiramos conclusões falsas por meio de um raciocínio falho e chegamos a conclusões que não se baseiam em nossas suposições anteriores (que talvez até sejam verdadeiras). Além disso, nosso raciocínio pode envolver suposições falsas que levam ao mesmo tipo de conclusões. Achamos instâncias desses dois tipos de raciocínio não confiável em *A guerra dos tronos*. Eddard tira a conclusão falsa de que vai sobreviver ao confessar a suposta traição. Ele obviamente subestimou a crueldade e a independência de Joffrey. Quando Petyr Baelish conta a Catelyn Stark que a adaga de Tyrion Lannister foi usada para tentar matar o filho dela (suposição falsa), ela conclui que Tyrion contratou o assassino. Isso leva Catelyn a prender Tyrion e levá-lo ao Ninho da Águia, iniciando assim toda uma série de importantes eventos.

Tudo isso quer dizer que Cersei é uma *boa* pessoa, no fim das contas? De jeito nenhum! Apenas significa que fazer um julgamento moral sobre Cersei não é tão fácil quanto parece à primeira vista. Eddard, por ser um personagem cujo ponto de vista aparece em vários capítulos, é facilmente julgado como uma pessoa boa e virtuosa, que obviamente não é perfeita, mas tenta ser. George R. R. Martin dá as informações necessárias para fazermos um julgamento moral bem justificado sobre o caráter de Ned. No caso de Cersei, não temos esse tipo de informação, assim como acontece nos julgamentos morais que fazemos na vida real.

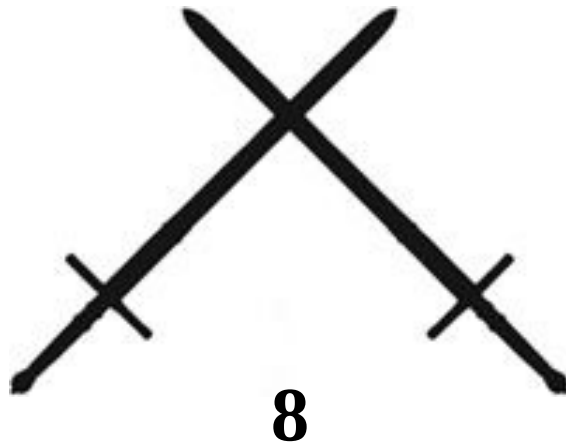
Mesmo que as intenções sejam altamente relevantes para os julgamentos morais (bem como para os jurídicos) que fazemos, ainda precisamos basear esses julgamentos em observações e relatos. As atribuições de crenças e intenções não passam de palpites baseados em nossas experiências pessoais com os agentes e em relatos de terceiros sobre eles.

Os romances de Martin nos deixam em dúvida sobre as verdadeiras intenções de Cersei, embora nos deem acesso às intenções de personagens cujo ponto de vista está em vários capítulos, como Eddard. Na vida real, porém, só é possível ter acesso direto às intenções de uma pessoa: você mesmo. Descobrir as intenções de todas as outras pessoas envolve um trabalho de adivinhação baseado em observações e relatos.²² Assim, embora os personagens de *As crônicas de gelo e fogo* sejam enigmáticos, os da vida

real podem ser ainda mais difíceis de compreender.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. *Id.*
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. Para saber mais sobre esta tese, ver Rosalind Hursthouse, “Virtue Ethics”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, ed. Edward N. Zalta, plato.stanford.edu/archives/win2010/entries/ethicsvirtue/; Philippa Foot, *Virtues and Vices and Other Essays in Moral Philosophy* (Oxford: Blackwell Publishing, 1978). Na filosofia ocidental, a ética da virtude tem suas origens em Aristóteles (384-322 a.C.). Considera-se que sua *Ética a Nicômaco* (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, in *Coleção Os pensadores — Aristóteles — Volume II* [Nova Cultural, 1991]) criou a base para este campo de estudos. Como consequência do Iluminismo, a ética da virtude foi deixada de lado e fez seu retorno triunfal apenas na década de 1950, com um artigo de G. E. M. Anscombe, “Modern Moral Philosophy”, em *Philosophy* 33 (1958), pp. 1-19. Nos últimos cinquenta anos, foram publicados artigos clássicos sobre o assunto, e alguns deles foram republicados no livro editado por Roger Crisp e Michael Slote, *Virtue Ethics* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1997); Stephen Darwall, ed., *Virtue Ethics* (Oxford: Blackwell Publishing, 2003).
6. Hursthouse, “Virtue Ethics”, seção 2.
7. Para um relato mais rigoroso sobre este princípio, ver Rosalind Hursthouse, “Virtue Theory and Abortion”, in *Philosophy and Public Affairs* 20 (1991). Para saber alguns dos problemas desta tese, ver Robert B. Loudon, “On Some Vices of Virtue Ethics”, in *American Philosophical Quarterly* 21 (1984).
8. Martin, *A guerra dos tronos*.
9. Hursthouse, “Virtue Ethics”, seção 2.
10. Martin, *A guerra dos tronos*.
11. *Id.*
12. Entre os defensores mais importantes do consequencialismo (na sua forma mais comum, o utilitarismo) estão Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Ver, por exemplo, Jeremy Bentham, *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação* (Nova Cultural, 1989, publicado originalmente nos EUA em 1789); John Stuart Mill, *O utilitarismo* (Ciência Política, 2008, publicado originalmente nos EUA em 1861). Para saber mais, ver Stephen Darwall, ed., *Consequentialism* (Oxford: Blackwell Publishing, 2003).
13. Sobre o fato de virtudes dependerem da cultura, ver Martha Nussbaum, “Non-relative Virtues: An Aristotelian Approach”, in *Midwest Studies in Philosophy Vol. 13, Ethical Theory: Character and Virtue*, Peter A. French, Theodore Uehling, Jr., e Howard Wettstein, eds. (Notre Dame, IN: Univ. of Notre Dame Press, 1988)
14. Martin, *A guerra dos tronos*.
15. *Id.*
16. *Ibid.*
17. *Ibid.*
18. *Ibid.*
19. *Ibid.*
20. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
21. Martin, *A guerra dos tronos*.
22. Esta parte do capítulo está ligada a um velho problema da filosofia, o problema da *evidência*. Ver Thomas Kelly, “Evidence”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, ed. Edward N. Zalta, plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/evidence (em inglês) para ler mais textos e referências relevantes sobre o assunto.



SERIA UM ATO DE MISERICÓRDIA: ESCOLHA ENTRE A VIDA E A MORTE EM WESTEROS E PARA LÁ DO MAR ESTREITO

Matthew Tedesco

EM CADA LADO DO MAR ESTREITO, um personagem crucial para os fatos de *A guerra dos tronos* enfrenta um problema de saúde. Em Winterfell, o jovem Bran Stark está escalando os muros do castelo quando olha por uma janela alta e flagra os gêmeos Jaime e Cersei Lannister num ato secreto de incesto. Para proteger esse segredo, Jaime empurra Bran da janela, deixando o menino aleijado, em coma e lutando pela vida. Depois, no mesmo livro, nos vastos campos do Mar Dothraki, o poderoso e invencível khal Drogo é ferido numa batalha, algo que inicialmente parece não ter importância, mas a situação dele logo piora, levando-o a enfraquecer rapidamente e cair do cavalo. Como Bran Stark, a vida está por um fio do arakh. Devido às necessidades médicas emergenciais, tanto Bran quanto Drogo ficam aos cuidados de especialistas em tratar feridos e doentes. Bran é tratado por mestre Luwin, um homem instruído e treinado na Cidadela, que serve os Stark há muito tempo. Por outro lado, a esposa de Drogo, Daenerys Targaryen, busca a polêmica magia negra da *maegi* Mirri Maz Duur a fim de salvar seu amado sol-e-estrelas.

As melhores obras de fantasia usam lugares, pessoas e poderes imaginados, a fim de se conectar com a realidade de quem as lê e de suas respectivas vidas. Essas duas emergências médicas em *A guerra dos tronos* são emocionantes e filosoficamente interessantes, não pelos detalhes médicos em si, mas pelas difíceis questões morais que envolvem as decisões tomadas durante e após o tratamento de Bran e Drogo. Essas questões são de especial interesse para os filósofos que trabalham com ética biomédica, a área da filosofia que trata das questões e problemas morais envolvendo pesquisas biológicas e médicas, bem como a prática da medicina. Estes não são exercícios esotéricos “de sofá”. Tratam-se de questões que enfrentamos quando somos obrigados a fazer as escolhas mais profundas e difíceis para nós e nossos

entes queridos. No núcleo da ética biomédica estão as questões de vida e morte, de mortalidade e humanidade, das escolhas que podemos e das que não devemos fazer. As emergências médicas de Bran e Drogo são janelas para o estudo de algumas dessas importantes questões filosóficas.

“Eu preferiria uma morte boa e limpa.”¹

Seria um ato de misericórdia.²

Jaime Lannister

Jaime Lannister pronuncia essas palavras ao irmão Tyrion enquanto Bran está em coma. Por ser um cavaleiro e ficar mais confortável com uma espada nas mãos, Jaime opina que seria melhor acabar com a vida do garoto de modo limpo e rápido do que permitir que ele viva como um “aleijado” e uma “coisa grotesca”. Como leitores, sabemos os motivos particulares de Jaime: seu crime contra Bran não fora descoberto, assim como o relacionamento incestuoso dele com a irmã — que gerou três filhos, incluindo o príncipe Joffrey. Ao que tudo indica, Jaime prefere manter a situação como está, por isso a morte de Bran seria muito conveniente.

Nós, leitores, podemos ficar horrorizados não só com os motivos particulares de Jaime neste caso. Mesmo se outra pessoa, alguém sem o menor interesse na vida ou morte de Bran, tivesse feito esse comentário, ainda rejeitaríamos a sugestão de que uma morte rápida seria algo misericordioso. Caso Bran acorde, ele terá uma séria limitação, pois não poderá mais andar, mas isso não o impediria de ter uma vida boa, cheia de objetivos interessantes e relacionamentos significativos, mesmo que algumas dessas buscas (como seu amor por escaladas) não sejam mais possíveis. Diante disso, nós, leitores, acreditamos que certamente *não* seria um ato de misericórdia acabar com a vida do garoto. Pelo contrário, seria algo gravemente imoral.

Mesmo estando errado (e com motivos horrendos, ainda por cima) a respeito de Bran, vale a pena pensar na sugestão de Jaime de modo mais geral. Sem dúvida é verdade que o conceito de misericórdia, no sentido de agir com carinho e compaixão em prol do bem-estar de outra pessoa, é importante quando estamos diante de decisões de vida ou morte e pode ser fundamental em termos morais. Tendo como base essa ideia de apelar à misericórdia, certamente existem decisões médicas difíceis, em que o raciocínio de Jaime — nesse caso, a escolha da morte — é defensável em termos morais. Nos últimos estágios de uma doença terminal, com a morte certa e todos os momentos de consciência repletos de dor intratável, muitos escolhem encerrar todo e qualquer tratamento que esteja prolongando a vida e apressam a morte. Escolhemos esse caminho para nós, nossos entes queridos e, na mais trágica das situações, escolhemos em nome de nossos recém-nascidos quando não existem mais esperanças para suas aflições. Em todos esses casos, a preocupação é com o bem-estar de quem está gravemente doente, e essa preocupação é a base da misericórdia.

A noção de misericórdia de Jaime Lannister, contudo, é um pouco diferente. Quando Jaime sugere ao pai de Bran a “pôr fim ao seu tormento”, e fala da preferência por uma “morte boa e limpa” em vez da vida como aleijado, ele provavelmente não imagina que lorde Eddard Stark peça ao mestre Luwin para interromper os cuidados com Bran de modo que o filho possa morrer gradualmente. Jaime está recomendando algo bem mais rápido: um golpe decisivo do aço valiriano, através da espada da Casa Stark, Gelo, para dar um fim imediato à vida do menino. Essa distinção entre diferentes atos de misericórdia corresponde a uma importante diferença conceitual existente na ética biomédica: a distinção entre eutanásia ativa e passiva. Quando se retira o tratamento necessário para manter a vida de um paciente com doença terminal, isso se constitui em eutanásia passiva. Em praticamente todos os casos que podemos imaginar, a eutanásia passiva é um ato mais lento de misericórdia do que fornecer ao paciente uma “morte boa e limpa” ao realizar ativamente ações para encerrar a vida dele (administrando a dose letal de uma droga, por exemplo). Quando são retirados os aparelhos que sustentam a vida, como o respirador ou tubo de alimentação, a morte ocorrerá apenas quando o paciente sufocar ou morrer de fome. Do ponto de vista da misericórdia, uma vez decidido que a morte é preferível à vida, evitar o sofrimento que acompanha uma morte lenta e dolorosa certamente parece o mais misericordioso a fazer. Nesse sentido, talvez devêssemos seguir o conselho de Jaime e permitir que pacientes com doenças terminais escolham a eutanásia ativa em vez da passiva. Afinal, esta é a escolha que fazemos para nossos animais de estimação quando eles têm alguma doença fatal e queremos dar-lhes um fim mais humano e misericordioso.

Porém, enquanto a eutanásia passiva é amplamente praticada e moralmente permitida (e louvável, até), a eutanásia ativa é bem mais polêmica. A American Medical Association [Associação Médica Americana] faz questão de deixar bem nítida a diferença entre as duas práticas. Adotada em 1991, a declaração de política deste grupo, chamada “Decisions Near the End of Life”, [“Decisões perto do fim da vida”],³ afirma essa diferença e permite explicitamente a retirada e a negação de tratamento de suporte à vida em respeito à escolha autônoma do paciente, mas proíbe tanto a eutanásia ativa quanto o suicídio assistido por um médico. Essa proibição se justifica com base na existência de uma diferença moral importante entre matar e deixar morrer. A ideia é que, embora possa haver casos em que seja permitido deixar alguém morrer, matar está numa categoria totalmente diferente em termos morais.

Muitos filósofos desafiaram essa suposta distinção moral entre matar e deixar morrer. No artigo “Active and Passive Euthanasia” [“Eutanásia passiva e ativa”], James Rachels (1941-2003) argumenta, como Jaime Lannister, que a eutanásia ativa pode ser uma escolha misericordiosa, e proibi-la enquanto se permite a eutanásia passiva significa sancionar uma linha de ação que causa ainda mais sofrimento, uma vez que a opção pela morte já foi feita.⁴ E aos que ficam horrorizados com a ideia de permitir matar alguém, Rachels argumenta que matar e deixar morrer são atos equivalentes em termos morais. Não percebemos isso porque matar geralmente vem acompanhado de outros fatores moralmente problemáticos (como más intenções ou falhas de caráter). Mas, quando fixamos todos os outros fatores, não há distinção moral entre matar e deixar morrer. Ambas são ações sujeitas à avaliação moral mediante os detalhes

sobre as circunstâncias em questão. Outros filósofos contemporâneos, como Dan Brock, argumentam que o erro está em categorizar a retirada de tratamento médico meramente como deixar morrer.⁵ De acordo com Brock, matar é causar a morte de modo intencional, não importando como ela ocorra. Como a eutanásia passiva é intencional e resulta em morte, trata-se de um ato de matar, tanto quanto a eutanásia ativa.

“Você ama seus filhos, não é verdade?”⁶

Além dessa polêmica diferença entre eutanásia ativa e passiva, outros fatos envolvendo a emergência médica de Bran também destacam questões importantes para quem trabalha com ética biomédica. Um fator que complica a situação de Bran é ele ter apenas 7 anos de idade quando o conhecemos no primeiro livro. Pense por um momento que a condição clínica de Bran fosse bem diferente: em vez de ficar aleijado por causa da queda, imagine se ele tivesse um câncer agressivo em metástase. A morte do menino é certa e acontecerá rapidamente, mas alguns tratamentos estão prolongando sua vida cheia de dor. Quando um adulto encontra-se nesse estado e escolhe encerrar o tratamento, a justificativa moral para afirmar esse desejo é o respeito pela autonomia do paciente. Crianças, contudo, dificilmente são autônomas ou pelo menos não têm autonomia completa, se imaginarmos a autonomia como algo obtido gradualmente ao longo do tempo. Então, o respeito pela autonomia é fundamental para justificar a eutanásia passiva, mas, como as crianças não têm essa capacidade, pode parecer que a opção da eutanásia passiva não existe para elas.

Entretanto, este não é o caso. E, na verdade, a escolha da eutanásia passiva, às vezes, é feita pelos pais em nome das crianças. Parando para refletir, isso não chega a surpreender. Afinal, pais fazem escolhas para os filhos em assuntos importantes, incluindo decisões médicas, o tempo todo. Os pais geralmente têm a função de conduzir os filhos para a vida adulta e, antes de as crianças serem consideradas pessoas autônomas e aptas para tomar decisões, os pais são responsáveis por garantir o bem-estar dos filhos. Quando as crianças não podem decidir por si, os pais têm o poder de decidir por eles, tendo como base a ideia de que a decisão é feita apenas com o bem-estar da criança em mente. Nos casos trágicos de decidir sobre a vida e a morte dos filhos, porém, algumas dessas escolhas estão fadadas a serem polêmicas. Vejamos dois casos verídicos de pais que escolheram a morte para os filhos:

1. Em 1963, no Johns Hopkins Hospital, em Maryland, uma criança nasceu prematura com síndrome de Down e uma obstrução intestinal facilmente corrigida por meio de cirurgia. Ao saber que a criança nasceu com deficiência mental, os pais recusaram a cirurgia para o bebê, que foi privado de alimentos e morreu em 11 dias.⁷
2. Em 1980, no Derby City Hospital, na Inglaterra, uma criança chamada John Pearson também nasceu com síndrome de Down e foi rejeitada pelos pais por causa da doença.

Por isso, o médico responsável, Leonard Arthur, receitou apenas “apenas cuidados paliativos”, nada de alimentação, apenas água e um narcótico aplicado regularmente. John morreu três dias depois, de broncopneumonia. O Dr. Arthur foi acusado pelo assassinato do bebê, mas acabou inocentado.⁸

Não surpreende que muitos fiquem incomodados com esses casos. Nas três situações — Bran Stark, John Pearson e o caso do Johns Hopkins —, uma criança sofre de uma doença grave e tem uma deficiência séria, que proíbe uma série de possibilidades na vida e dificulta várias outras. Mas ao contrário, por exemplo, das formas mais graves de espinha bífida, as deficiências em questão não são tão brutais e amplas a ponto de não valer a pena viver. Existem doenças graves que impossibilitam uma vida decente, mas paralisia das pernas e síndrome de Down não fazem parte dessa categoria.

Apesar disso, existe outra verdade sobre essas doenças, algo moralmente importante que deixa esse tipo de decisão de vida ou morte ainda mais controverso. Nos três casos citados, a doença em questão impõe um fardo significativo a quem estiver encarregado de cuidar da criança, geralmente os pais. (A situação de Bran é um pouco mais complicada.) Em termos gerais, o ato de sobrecarregar alguém não é irrelevante em termos morais, especialmente quando o fardo não é desejado. Se decoro meu jardim de modo que você tenha que regularmente retirar entulhos do seu, eu lhe causei um fardo, e isso é um fato importante em termos morais. Você tem uma reclamação legítima contra mim, e, se não ajudá-lo a aliviar esse fardo, eu o prejudiquei. Bran agora não pode mais usar as pernas, e isso é um fardo para os outros, muito bem ilustrado na forma como Hodor o carrega nas costas, numa espécie de sela desenvolvida por mestre Luwin. (O fato de um servo deficiente mental ser recrutado para atuar como uma espécie de besta humana de carga também levanta uma série de questões morais interessantes!) Embora crianças com síndrome de Down certamente possam ter uma vida boa e longa, não há dúvidas de que cuidar de alguém com a doença é difícil e, portanto, um fardo para os pais da criança.

O simples fato de essas deficiências gerarem fardos especiais não é controverso em si, nem o fato geral de que esses fardos são importantes em termos morais. A controvérsia está em saber se essa onerosidade, especialmente no caso de recém-nascidos com doenças graves, pode ser levada em conta nas decisões de vida ou morte que os pais tomam em nome dos filhos. Bran tem a boa sorte de ter nascido numa família poderosa, descendentes dos Reis do Norte antes da ascensão dos Targaryen. Porém, somos lembrados em vários pontos de *As crônicas de gelo e fogo* que o jogo dos tronos jogado pelos poderosos tem consideração remota pelos cidadãos comuns de Westeros, que podem viver a vida inteira sem jamais pôr os pés numa grande cidade ou ver a realeza. E se Bran tivesse nascido numa família assim? E se não houvesse um mestre para criar um dispositivo que ele pudesse usar e nenhum servo descendente de gigantes para carregar o menino nas costas? E se suas pernas arruinadas fosse um fardo muito alto para os pais? A escolha de uma “morte boa e limpa” pode ser moralmente aceitável, mesmo que *não* fosse misericordiosa, estritamente falando?

O pensamento comum a respeito das decisões tomadas pelos pais em nome dos filhos é que a única

consideração relevante em termos morais deve ser o bem-estar da criança. Todas as outras, incluindo o quanto os pais podem ficar sobrecarregados com a situação, devem ser deixadas de lado. Mas, na prática, dependendo dos detalhes da condição familiar na qual a criança nasceu, o fardo pode parecer algo difícil de ser desconsiderado. Começando com “Moral and Ethical Dilemmas in the Special-Care Nursery” [“Dilemas morais e éticos nos berçários de cuidados especiais”], de Duff e Campbell (1973), alguns argumentaram que, dada a grande variabilidade nos prognósticos, a capacidade das famílias de gerenciar o cuidado de crianças com deficiência e a disponibilidade de apoio social, devemos reconhecer a importância moral da onerosidade e permitir que ela seja levada em conta nas decisões de vida e morte tomadas pelos pais em nome dos filhos.⁹ Os críticos dessa visão se preocupam que a legitimação desse pensamento crie uma situação complicada. Uma vez que seja permitido o sacrifício de crianças por serem fardos para os pais, fica difícil evitar a conclusão que, de certa forma, *todas* as crianças são fardos, e distinguir entre os fardos é não apenas difícil como também arriscado.

“Quando [ele] voltará a ser como era?”¹⁰

Ao longo dessa discussão sobre as várias questões morais envolvendo a emergência médica de Bran, continua sendo importante notar que sua deficiência, embora grave, não chega ao nível de justificar um assassinato por misericórdia. Como leitores, ficamos horrorizados com a sugestão de Jaime Lannister, que serve para reforçar a impressão inicial que temos da vilania do Regicida. Mais adiante em *A guerra dos tronos*, testemunhamos um assassinato por misericórdia cometido por Daenerys, Nascida na Tormenta, a Não Queimada e Mãe dos Dragões, a seu marido, khal Drogo. Mas este ato não nos leva a condenar Dany. Na verdade, nós até a admiramos por fazer essa escolha difícil e a aceitamos como uma opção legítima (e talvez a melhor em termos morais). Falar contra a proposta de assassinato por misericórdia de Bran Stark pode nos ajudar a ordenar nossa intuição moral a respeito de decisões difíceis de vida e morte, mas também levanta um novo grupo de complicadas questões a serem confrontadas.

Eis o que sabemos sobre a emergência médica de khal Drogo. O outrora temido khal, cujo cabelo nunca foi cortado, pois ele jamais foi derrotado em combate, teve um ferimento que infeccionou. A gravidade da condição é ilustrada pela queda do cavalo, porque um khal que não pode montar não pode liderar. Enquanto ele vai ao encontro da morte, sua esposa Dany procura desesperadamente a ajuda da *maegi* Mirri Maz Duur, sem ouvir os avisos dos companheiros de sangue de Drogo. A *maegi* salva Drogo, mas sua magia negra custa a Dany a vida do filho ainda no útero, Rhaego, o profetizado “Garanhão que Montará o Mundo”. Além do mais, o homem que sobrevive à barganha feita por Dany com a *maegi* não é mais o mesmo. Ele não se comunica, e seu olhar outrora penetrante agora está vazio. E ainda somos deixados com a observação provocadora de Sor Jorah Mormont enquanto Drogo está deitado ao sol sem expressão e com várias moscas ao redor: “Parece gostar do calor.”¹¹ Mesmo em seu

estado gravemente comprometido, Drogo aparentemente ainda vive o prazer do sol e não parece sentir dor. Considerando-se a suposta permanência da condição do marido, Dany o mata sufocado com uma almofada.

A maioria dos leitores não fica horrorizada ou mesmo incomodada com o ato de Dany, mas ela acabou de se envolver no assassinato premeditado de um ser humano indefeso. Isso se parece muito com o pior tipo de assassinato possível, e nós colocamos o homicídio entre os piores crimes. Então, como Dany continua sendo heroína de nossa história? Bom, a condição de Drogo não difere muito de uma vasta gama de casos graves, de lesões cerebrais traumáticas a doenças degenerativas, que causam prejuízos radicais ao funcionamento cognitivo e afetam gravemente alguém a ponto de não ser mais a mesma pessoa. Assim, nossa avaliação moral do assassinato por misericórdia de Dany está ligada a muito mais do que apenas esta história.

Uma característica importante da situação de Drogo fica clara quando comparada à de Bran Stark. Ao nos indignarmos com a sugestão feita por Jaime Lannister de que Ned Stark mate o filho por misericórdia, pelo menos uma parte dessa indignação tem a ver com a vida que esperamos para Bran depois de sua recuperação. Não, ele nunca mais vai escalar os muros ou correr pelas ruas de Winterfell, mas ainda há motivos para acreditarmos que ele se envolverá em projetos sofisticados, terá relacionamentos significativos e será capaz de apreciar a vasta gama de bens que caracterizam a vida e, podemos dizer, são significativamente *humanos*. Porém, essa frase engana, pois há muitas pessoas que em todos os aspectos continuam sendo biologicamente humanas, mas nunca mais poderão apreciar (e talvez nunca puderam) a vida do mesmo modo que pessoas como eu e você.

“Isso não é vida”¹²

Pense na diferença entre ser *humano* e ser uma *pessoa*. O primeiro é uma categoria biológica que descreve a constituição de algo, o segundo é uma categoria moral, que descreve o tipo de postura moral que algo tem. Em quase todos os casos, essas duas categorias se sobrepõem, mas nem sempre. Podemos imaginar, por exemplo, seres que não são biologicamente humanos, mas que são pessoas suficientemente plausíveis devido à sofisticação cognitiva e à capacidade de se envolver nos tipos de projetos e planos de vida que reconhecemos como marcantes para nós. Talvez a raça de gigantes para lá da Muralha ou os lendários Filhos da Floresta entrem nessa categoria. Seguindo esse raciocínio, podemos imaginar seres que são biologicamente humanos, mas não pessoas, por serem incapazes de atender aos critérios (sejam lá quais forem) que definem uma pessoa. Drogo é atraído pelo sol, mas as plantas, répteis e vários outros seres que não são pessoas também o são. Se não há mais nada a dizer sobre a vida que ele pode levar, talvez Drogo não seja mais uma pessoa, e o assassinato por misericórdia de Dany não seja um assassinato. Assassinato é a morte premeditada de um inocente, e existe uma grande diferença moral entre matar intencionalmente um vizinho e matar intencionalmente o mosquito que pousou em meu braço. A

verdade sobre o vizinho e o mosquito consiste no fato de um ser uma pessoa e o outro não, sendo esta uma diferença de crucial importância em termos morais.

A questão do que é ser uma pessoa foi estudada mais profundamente na literatura sobre o aborto. Na medida em que fetos são, sem dúvida, biologicamente humanos, alguns filósofos defenderam a permissão moral para o aborto tentando mostrar que fetos não são pessoas e, portanto, matar um feto não tem a mesma importância moral de matar uma pessoa. Michael Tooley, por exemplo, alega que ter consciência e uma concepção de si como indivíduo contínuo de experiências são os critérios fundamentais para definir uma pessoa.¹³ De modo similar, Mary Anne Warren cita uma lista de cinco critérios (consciência, raciocínio, atividade automotivada, capacidade de se comunicar e presença de autoconceitos) e argumenta que um número não especificado deles corresponde a uma pessoa. O ponto mais importante: uma entidade não é uma pessoa se não tiver todos os cinco.¹⁴ Os críticos da permissão moral do aborto responderam com diferentes relatos alegando o quanto somos especiais em termos morais. Don Marquis, por exemplo, argumentou que o grave erro de matar seres como você, eu e fetos é a forma pela qual estaríamos privando algo de um “futuro como o nosso”, conceito propositalmente vago que tem por objetivo capturar de modo amplo a vasta gama de projetos, buscas e relacionamentos que caracterizam a vida e fazem dela algo singular.¹⁵

Sem tomar uma posição quanto ao status moral do aborto, é interessante observar que, de todos esses relatos, sejam defendendo ou rejeitando o aborto, o fato de Dany ter matado Khal Drogo certamente *não* é o assassinato de uma pessoa e, portanto, não é um assassinato. Por outro lado, se Ned Stark ouvisse e aceitasse o conselho de Jaime Lannister para matar Bran, isto teria sido o assassinato de uma pessoa. Então, essa diferença quanto à natureza do que é ser uma pessoa se mostra útil para entender as diferentes respostas morais que temos à possibilidade de um assassinato por misericórdia na situação de emergência médica de Drogo e Bran Stark. Mas para onde esse raciocínio nos leva?

O filósofo contemporâneo Peter Singer tem um argumento famoso e polêmico, dizendo que matar uma criança significativamente incapacitada não é matar uma pessoa. Embora essas crianças sejam obviamente humanas em termos biológicos, faltam-lhes as qualidades que fazem algo contar como pessoa.¹⁶ Para Singer, esses assassinatos obviamente não seriam considerados como tal, e, em muitos casos, as mortes não seriam nem um pouco erradas. Se a deficiência em questão levar a uma vida de dor e desconforto significativos, então, por mais radical que a afirmação de Singer possa parecer, o caso descrito por ele é, na verdade, menos polêmico que o assassinato de Drogo, supondo que o estado mental de Drogo e da criança sejam equivalentes. O Khal não está sentindo dor e, embora ele possa não ser uma pessoa agora, tem a possível vantagem de já ter sido um dia (embora se — e o quanto — isso possa ser vantajoso também seja polêmico).

Se ainda assim ficarmos horrorizados com a posição defendida por Singer, o que fazer com a nossa reação? Trata-se, no fim das contas, do resíduo de um tabu irracional que devemos rejeitar? Ou devemos analisar melhor as características morais destes casos — perguntas sobre qualidade de vida, fardos e o que define uma pessoa — e talvez ir além delas, em outras considerações moralmente importantes? Na

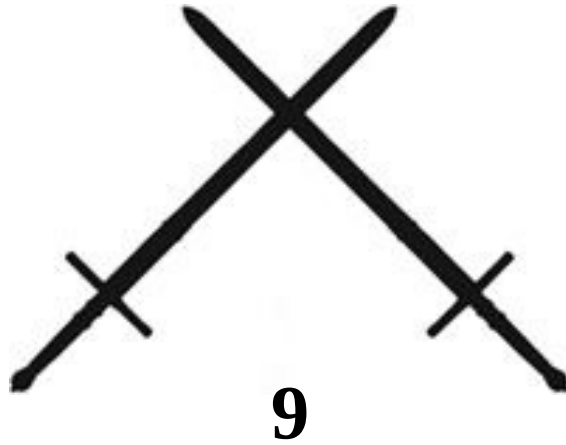
filosofia, assim como nessas decisões profundas e radicais que enfrentamos, as respostas raramente são fáceis. Mas casos como as emergências médicas de Bran Stark e Khal Drogo nos permitem estudar profundamente essas difíceis questões.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. *Id.*
3. Council on Ethical and Judicial Affairs, American Medical Association, "Decisions Near the End of Life", *Journal of the American Medical Association* 276 (1992).
4. James Rachels, "Active and Passive Euthanasia", *New England Journal of Medicine* 292 (Jan. 1975).
5. Dan Brock, "Voluntary Active Euthanasia", *Hastings Center Report* 22 (Mar./Abr. 1992).
6. Martin, *A Guerra dos Tronos*.
7. J. M. Gustafson, "Mongolism, Parental Desires, and the Right to Life", *Perspectives in Biology and Medicine* 16 (Verão de 1973).
8. Helga Kuhse, "A Modern Myth: That Letting Die Is Not the Intentional Causation of Death", *Journal of Applied Philosophy* 1, nº. 1 (1984).
9. Raymond S. Duff e A. G. M. Campbell, "Moral and Ethical Dilemmas in the Special-Care Nursery", *New England Journal of Medicine* 289 (Out 1973).
10. Martin, *A guerra dos tronos*.
11. *Id.*
12. *Ibid.*
13. Michael Tooley, "Abortion and Infanticide", *Philosophy and Public Affairs* 2 (Outono de 1972).
14. Mary Anne Warren, "On the Moral and Legal Status of Abortion", *The Monist* 57 (Jan. 1973).
15. Don Marquis, "Why Abortion Is Immoral", *Journal of Philosophy* 86 (Abr. 1989).
16. Peter Singer, *Practical Ethics*, 2a edição (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1993).

PARTE TRÊS

“O INVERNO ESTÁ CHEGANDO”



9

WARGS, CRIATURAS E LOBOS QUE SÃO GIGANTES: MENTE E METAFÍSICA À MODA DE WESTEROS

Henry Jacoby

Mãos longas e elegantes roçaram na sua bochecha e depois se fecharam em volta de sua garganta. Estavam enluvadas na mais fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas seu toque era frio como gelo.¹

Com prudência, deu a volta no tronco branco e liso até encontrar o rosto. Olhos vermelhos olhavam-no. Eram olhos ferozes, mas satisfeitos por vê-lo. O represeiro tinha o semblante do irmão. Teria o irmão sempre tido três olhos?²

EM *AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO*, à medida que os maravilhosos personagens de George R. R. Martin jogam o jogo dos tronos, podemos nos perguntar sobre o valor das virtudes de Maquiavel, o direito dos reis e quem deverá reinar, bem como as questões morais relacionadas à virtude, honra, incesto e traição. Mas, embora costumem ficar em segundo plano, também não devemos nos esquecer das estranhas criaturas e dos acontecimentos sobrenaturais em Westeros. Eles nos dão a oportunidade de filosofar sobre a mente e a metafísica, como veremos adiante.

Como é ser um lobo gigante?

Era capaz de correr mais depressa do que cavalos e de vencer leões em luta. Quando arreganhava os dentes, até os homens fugiam dela, nunca tinha a barriga vazia por muito tempo, e o pelo mantinha-a quente mesmo quando o vento soprava frio.³

Metafísica é o ramo da filosofia que investiga a natureza suprema da realidade. O que é real? Qual é

a natureza fundamental do universo? Esse tipo de pergunta assume um significado diferente quando é feito no mundo de Westeros e além. Enquanto podemos nos perguntar se Deus existe, os mestres e outros pensadores certamente especulam sobre a existência dos deuses *deles*, os antigos deuses, o deus de sete faces, o deus da luz e o deus afogado. Enquanto nos perguntamos sobre o espaço, o tempo e as leis da natureza, tudo isso fica muito mais complicado quando você tem estações que podem durar anos, sem falar em todas as outras violações sobrenaturais da ordem natural que acontecem em *As crônicas de gelo e fogo*.

Qual é a natureza e o lugar das pessoas no universo? A principal pergunta metafísica sobre *pessoas* sem dúvida diz respeito à mente. As pessoas têm corpos físicos, algumas são altas e fortes como Jaime, o Regicida, ou até absurdamente grandes como Sor Gregor, A Montanha que Cavalga. Outros não são assim, como Tyrion, o Duende, ou a pequena Arya Stark. Não importa o tamanho; nossos corpos, como outras coisas físicas, ocupam espaço, têm massa e energia e obedecem às leis da natureza. Mas, ao contrário de espadas e copos de vinho, podemos pensar e raciocinar, vivenciar e sentir. Essas atividades são atribuição da mente. Mas o que é a mente? Apenas o cérebro em funcionamento? A visão conhecida como *materialismo* (ou *fisicalismo*) alega exatamente isso, e também que as pessoas não passam de objetos físicos extremamente complexos. Essa visão está correta ou falta-lhe algo?

Ao abordar essa questão, o filósofo contemporâneo norte-americano Thomas Nagel disse que não haveria muito problema no chamado *problema mente-corpo* se não fosse por um grande obstáculo: a *consciência*.⁴ Este é o problema, segundo ele. As coisas físicas são *objetivas*, o que basicamente significa que podem ser totalmente descritas em terceira pessoa. Por exemplo, eu poderia descrever minha edição de capa dura de *A dança dos dragões* sem deixar nada de fora, mas a consciência tem um elemento *subjetivo*. Na verdade, ela parece ser essencialmente subjetiva. Como define Nagel, *existe algo que é como ser consciente* e que não pode ser descrito em termos objetivos, em terceira pessoa. Se isso é verdade, fica difícil ver como a consciência pode ser um processo físico e a mente pode ser apenas o cérebro em funcionamento.

Às vezes, fazemos descrições usando frases como “isso tem gosto de papelão” ou “eu me senti como uma criança de novo”. Mas, quando Nagel diz que ter uma experiência consciente é “como” algo, não está fazendo uma afirmação comparativa. Ele está dizendo que a experiência é sentida de determinada forma por quem a vivencia, e só quem a viveu pode saber exatamente como essa experiência é sentida, “como ela é”. Por exemplo, ao contrário de Daenerys, não podemos verdadeiramente imaginar o gosto de um coração de cavalo cru. Ou pelo menos não até comermos um!

Vamos a um exemplo mais familiar: a dor. Quando Arya usou a espada e matou o garoto do estábulo a fim de facilitar sua fuga de Porto Real após lorde Eddard ter sido decapitado, o garoto teve uma sensação de dor. Para ele, essa experiência foi única, e alguém que nunca vivenciou esse tipo de sensação jamais poderia saber como é. Na verdade, nem podemos saber se as sensações de dor, cores e sons que vivenciamos são as mesmas vivenciadas por outras pessoas. Para deixar esta ideia mais clara, Nagel nos pede para pensar em seres que vivenciam o mundo de modo bem diferente do nosso. Usando morcegos

como exemplo, o filósofo alega que *jamais* poderemos saber como é ser um morcego. Voltando para Westeros, vamos deixar os morcegos de lado e, em vez disso, perguntar: “Como é ser um lobo gigante?”

Se os lobos gigantes são conscientes — e talvez não sejam (falaremos mais sobre isso em breve) —, eles incorporam um ponto de vista. O mundo tem uma determinada aparência para um lobo gigante. Quando tentamos imaginar como isso seria, quais sensações estariam envolvidas, acabamos no máximo nos imaginando no corpo da besta, o que definitivamente não é o mesmo que *ser* um lobo gigante. Então, enquanto alguém possa saber qual é o gosto de coração de cavalo cru — embora eu jamais vá descobrir — nunca poderemos saber como é ser outra criatura. Não podemos incorporar o ponto de vista de outra pessoa, apenas o nosso.

Wargs e a consciência

Eu sou ele e ele é eu. Ele sente o que eu sinto.⁵

Isso pode parecer bastante convincente, mas, assim como quem está traindo quem e os caminhos tortuosos nos quais nossos personagens se encontram, tudo é sempre mais complicado em Westeros. A complicação a mais é que, neste mundo, certos indivíduos conhecidos como *wargs* podem de fato transferir a consciência para os corpos de lobos gigantes e outros animais. Orell, um dos selvagens, transfere sua consciência para uma águia, que tentou arrancar um dos olhos de Jon Snow após o selvagem morrer. Bom, pelo menos o corpo dele morreu. E Bran pode colocar sua consciência não apenas em seu lobo, Verão, como também em Hodor. Hodor!

Assim, Bran sabe como é ser um lobo gigante? Ou sabe apenas como é estar “dentro” do animal, com acesso a seus órgãos dos sentidos? É difícil chegar a uma resposta definitiva aqui. Às vezes, parece que Bran e Verão dividem a consciência. Em outros momentos, ou Bran está apenas *lá*, observando silenciosamente o que seu lobo está sentindo, ou a consciência do menino funciona sozinha “dentro” do corpo de Verão. A primeira opção *pode* ser verdadeira, então parece que no mundo de *As crônicas de gelo e fogo* realmente é *possível* incorporar mais de um ponto de vista, e, portanto, conseguir saber como é ser algo tão estranho quanto um lobo gigante. Isso nos diz algo sobre a natureza da consciência?

Descartes e lobos gigantes

[Pois, se os animais] pensam como nós pensamos, eles teriam uma alma imortal como nós; tal é duvidoso, porque não existe nenhuma razão para acreditar isso de alguns animais sem que se acredite isso de todos, e muitos deles são demasiado imperfeitos para que tal seja credível, como as ostras, as esponjas etc.⁶

O grande filósofo e matemático francês René Descartes (1596-1650) teria desconsiderado todo esse papo de “como é se sentir como” quando se trata de lobos gigantes, ou qualquer outro animal, pois acreditava que animais não tinham consciência. Segundo sua linha de pensamento, eles se assemelhavam mais a máquinas complexas. Descartes defendia isso por dois motivos principais. Primeiro, ele acreditava que a consciência exigia a existência de uma alma, uma substância não física, e apenas pessoas tinham almas. Na verdade, dizer que pessoas “têm” alma não é exatamente correto. Descartes pensava que pessoas *eram* almas. Em outras palavras, para o filósofo, você não é seu corpo, e sim uma substância imaterial casualmente conectada a seu corpo. Então, quando Sansa olha para Sandor Clegane e vê este homem imenso e muito perigoso com metade do rosto queimado, ela está vendo apenas o corpo do Cão, e não o Cão em si. O que faz deste o corpo *dele* é o fato de que quando a alma de Sandor Clegane, se você chamar assim, decidiu matar Mycah, o filho do carniceiro, com uma espada, o corpo do Cão cometeu o assassinato. E o mesmo é verdade no outro sentido. Quando Gregor empurrou o rosto do irmão no carvão em chamas quando eles eram crianças, a alma que era Sandor sentiu a dor, e não outra alma qualquer.

Então, as pessoas têm almas, e a consciência se dá apenas em almas. Como animais não têm almas, logo não têm consciência. O segundo motivo pelo qual Descartes negava a existência de consciência nos animais era a crença de que o comportamento animal podia ser totalmente explicado em termos físicos. Isso indicaria uma diferença entre nós e os outros animais, porque nosso comportamento, segundo Descartes, não poderia ser explicado em termos puramente físicos.

Para ilustrar essa diferença, Descartes se concentrou na linguagem. Quando o corvo do senhor comandante Mormont diz “milho” ou “neve”, Descartes diria que este era um acontecimento mecânico, sem qualquer compreensão da parte do pássaro. Mas, quando o comandante emite esses mesmos sons, eles têm significado *para o comandante*. Além disso, o processo pelo qual pegamos nossos pensamentos (que têm significado) e os transformamos em palavras que comunicam esses significados não pode ser explicado em quaisquer termos mecanicistas — pelo menos é o que Descartes alegava.

Independentemente de Descartes estar ou não certo em relação a isso, a estratégia da argumentação foi instrutiva. Ao defender a existência de algo que não pode ser percebido, como a alma ou os deuses de Westeros, é possível argumentar que, sem isso, falta esclarecer algo. Quando se trata de animais, Descartes pensava que as explicações físicas eram o bastante, então não havia necessidade de postular mais. Com pessoas, por sua vez, a explicação física não era suficiente para dar conta da linguagem, do significado e do pensamento. Portanto, era preciso algo mais. E, de acordo com Descartes, este algo deveria ser consciente, e não físico: a alma.

Existem muitas dificuldades nessa posição. Primeiro, porque muitos animais têm linguagens sofisticadas (vide os primatas mais evoluídos, bem como golfinhos e baleias). Dessa forma, eles também têm alma? Talvez essas linguagens não tenham significado para eles e não sejam usadas para transmitir pensamentos. Se for verdade, Descartes poderia aceitar o fato de estes animais terem um tipo de linguagem, defendendo que a diferença importante entre nós e eles ainda se mantém. Ainda assim, existem

grandes problemas com a visão dele.

A ciência cognitiva e a neurociência têm vários relatos sobre a linguagem e sua relação com o pensamento. Descartes estava certo ao dizer que nenhum modelo mecanicista simples poderia explicar a linguagem, mas as explicações físicas disponíveis para nós são muito mais complexas do que as existentes na época de Descartes, que viveu durante a primeira metade do século XVII. Então, se as explicações físicas não conseguiam esclarecer por completo o comportamento humano, provavelmente não é devido à relação entre pensamento e linguagem. Precisariamos de outro motivo para diferenciar as pessoas dos outros animais e negar a consciência aos últimos com base nesse tipo de argumento.

O segundo problema para Descartes é que, considerando nossos conhecimentos sobre os animais (primatas e mamíferos mais evoluídos pelo menos, que em Westeros certamente incluiriam os lobos gigantes) em termos de anatomia, fisiologia e origem biológica, negar a consciência aos animais parece, na melhor das hipóteses, duvidoso. Na verdade, os motivos que utilizamos para considerar outras pessoas conscientes são basicamente os mesmos que aplicamos aos animais. Para ilustrar isso, pense em Jon Snow e em Fantasma. Jon sabe que tem consciência, assim como cada indivíduo. Ele supõe que seus amigos (e nem tão amigos) da Patrulha da Noite também tenham consciência, mas isso é algo que ele deduz e não sabe diretamente, como acontece em seu próprio caso. Por que Jon faz essa dedução? Por que cada um de nós faz deduções semelhantes todos os dias?

Bom, primeiro existe a evidência em termos de comportamento, tanto verbal quanto não verbal. Os irmãos da Patrulha da Noite se comportam basicamente como Jon. Você fala com eles, eles parecem entender e respondem de acordo com o que foi dito. Eles alegam sentir frio e se movem em direção ao fogo. Quando esfaqueados, gritam de dor. Fantasma se comporta de modo parecido, respondendo aos comandos de Jon, tentando se aquecer etc. Quando atacado pela águia de Orell, Fantasma mostrou um comportamento similar ao de Jon em termos de dor. Então, se as evidências comportamentais nos convencem que outras pessoas têm consciência, o mesmo tipo de evidência deve ser convincente quando aplicada aos animais.

Em segundo lugar, a fisiologia animal é bem parecida com a nossa. Seria absurdo pensar que cérebros e sistemas nervosos feitos (sejam pelos deuses ou de um jeito biologicamente natural) para registrar dor fariam isso em nós, mas não em seres biologicamente semelhantes.⁷ Imagine pensar o seguinte sobre outro ser humano: “Bom, eu sei que o cérebro e o sistema nervoso dele são iguais aos meus, e sei que ele divide uma história biológica comigo em termos de evolução e reprodução, mas aposto que ele não tem experiências conscientes.” Por que isso é menos absurdo quando analisamos um animal aparentemente perceptivo e alerta como um lobo gigante?

Lobos gigantes e animais em geral podem perceber o ambiente ao redor. Podem sentir cheiro de comida e ouvir predadores, além de utilizar os outros sentidos. Como tudo isso é possível sem consciência? Descartes (sei que estou exagerando aqui; se ele estivesse vivo, minha próxima ideia seria cortar alguns dedos dele) tinha uma resposta para isso. Para ele, a percepção tinha três níveis. O primeiro e mais baixo era uma questão puramente mecânica, na qual as informações do ambiente

pressionavam fisicamente os órgãos dos sentidos. No segundo nível, haveria uma noção consciente da experiência. E, no nível mais alto, haveria a capacidade de raciocinar e fazer julgamentos sobre a experiência. Descartes pensava que animais funcionavam totalmente no primeiro nível, desprovidos de consciência. Os dois níveis mais altos não existiriam neles, visto que não têm alma.

Às vezes, nós também percebemos o ambiente ao redor sem consciência. Na sala de aula onde trabalho, costumo andar de um lado para outro na frente da sala, perto da mesa. E, embora eu não esteja prestando atenção à mesa, não estando conscientemente atento ao objeto, navego ao redor dela com facilidade. Meus sentidos detectam a mesa, mas não há qualquer noção consciente associada a isso. Um exemplo mais familiar que os filósofos gostam de discutir é *o motorista de longa distância*. Isso acontece com todo mundo: você está dirigindo numa estrada há várias horas e, de repente, vê que já está perto de seu destino e não tem noção de ter passado por muitas paisagens familiares. Talvez você estivesse ouvindo música ou o audiobook de *House e a filosofia*, mas não estava prestando nem um pouco de atenção à estrada. (Compare isso com a experiência de dirigir com tráfego pesado durante uma tempestade, quando sua consciência está totalmente presente e focada.) Mas você não bateu em ninguém e nem saiu do caminho, portanto ainda consegue perceber o ambiente ao redor.

Wargs de novo

Quando toquei no Verão, senti você nele. Tal como está nele agora.⁸

Na maioria das vezes, nossa percepção não acontece sem consciência, mas pode ser que a percepção animal seja *sempre* assim. É o que Descartes pensava. Em nosso mundo, isso é possível, mas extremamente improvável. Novamente, considerando tudo o que sabemos sobre animais em termos biológicos e a semelhança do cérebro e dos órgãos dos sentidos deles com os nossos, temos todos os motivos científicos para pensar que os animais mais evoluídos têm experiências sensoriais conscientes muito semelhantes às que temos.

Isso em nosso mundo. Mas e em Westeros e além? Se voltarmos aos *wargs*, existem algumas possibilidades bem interessantes. Pense num caso em que a consciência de Bran esteja “dentro” de Verão, de modo que o garoto vivencie o que está acontecendo onde o corpo de Verão estiver localizado, talvez bem longe. Verão poderia funcionar exatamente como sugeriu Descartes, no primeiro nível de sensações, enquanto a consciência de Bran forneceria os dois níveis mais altos: a consciência das sensações e a capacidade de fazer julgamentos sobre elas.

Primeiro, a possibilidade de existirem *wargs* parece ruim para o materialismo. Se alguém pode transferir a consciência de uma pessoa para outro lugar, parece que a consciência deve estar separada da função cerebral. Assim, num mundo com *wargs*, o materialismo deve ser falso? Isso significa que em outros mundos a consciência deve ser algum tipo de fenômeno não físico? Não. Existem várias

possibilidades.

Talvez a consciência seja algum tipo de campo de energia gerado pelo cérebro (estou fazendo uma especulação aqui), e o cérebro dos *wargs* possa enviar esse campo de energia para outros cérebros. Agora, existem duas formas de pensar nisso. Se dissermos que as coisas físicas obedecem às leis da física e o cérebro dos *wargs* viola essas leis, a existência deles significaria que o materialismo é falso. Esta é uma possibilidade. A outra possibilidade é a *magia*. *Wargs* são seres sobrenaturais, no fim das contas. O fato de eles poderem fazer o que fazem exige apenas que as leis da física sejam violadas, não que ocorra algo não físico. Esta me parece ser a explicação mais plausível nesse estranho mundo.⁹

E em nosso mundo? Lembre-se: começamos a falar de *wargs* como forma de explorar o problema de “como é ser”, o problema da *subjetividade*. Se existem fatos subjetivos sobre como é ter determinada experiência e se tais fatos podem ser conhecidos apenas do ponto de vista de quem os vivencia, isso mostra que existem outros fatos *além* dos físicos? Não vejo como. O grande filósofo britânico Bertrand Russell (1872-1970) argumentou que nossas experiências, consideradas por ele idênticas aos eventos cerebrais, eram diferentes de outros fatos físicos apenas na forma pela qual são conhecidas (e não em termos do que elas são feitas). Conhecemos nossas experiências *diretamente* porque elas ocorrem em nós (em nosso cérebro). Outros eventos físicos que ocorrem fora de nosso cérebro (numa região diferente do espaço-tempo, diria Russell), nós conhecemos *indiretamente*, por inferência. Se Russell estiver certo (e está, pode confiar em mim), a subjetividade não representa um problema para o materialismo em nosso mundo.

Mas e as criaturas?

Um estilhaço da espada trespassara a pupila branca e cega do olho esquerdo. O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul.
Via.¹⁰

Outra forma pela qual os filósofos tentaram argumentar contra o materialismo é pela suposta possibilidade de existirem zumbis. Agora, você deve estar imaginando que o que eles têm em mente (os filósofos, não os zumbis, pois eles não têm consciência e nem podem ter nada em mente) se parece bastante com esses seres terríveis criados pelos Outros: os mortos-vivos, chamados nos livros de criaturas.¹¹ Mas você estaria enganado. Prefiro chamar os zumbis dos quais os pensadores falam de *zumbis filosóficos*. Um zumbi desse tipo seria uma duplicata física de um ser consciente, mas sem qualquer experiência consciente.

Então, imagine algo que seja fisicamente igual a Sansa, mas sem consciência. Está tudo vazio lá dentro. Alguns poderiam pensar que estou descrevendo a verdadeira Sansa, mas isso seria maldade. Enfim, a “Sansa Zumbi” é uma duplicata física da verdadeira Sansa que se comporta, tanto verbal quanto não verbalmente, de modo idêntico à sua contraparte. Mas a Sansa Zumbi não tem qualquer experiência

consciente. Se isso é possível, o materialismo deve ser falso, porque haveria algo mais numa pessoa além do ser físico.

Muitos pensadores acreditam que os zumbis filosóficos são possíveis, mas não sou um deles. Se o materialismo é verdadeiro, então sabemos que quando seu cérebro está no estado certo, você está consciente. Mesmo se o materialismo não for verdadeiro e a consciência não for física, ela está conectada aos estados cerebrais respeitando as leis da natureza (até Descartes concordou neste ponto). Isso significa que independentemente de o materialismo ser verdadeiro ou não, posto que o cérebro está no estado certo e que as leis naturais são do jeito que são, deve haver consciência. Então, quando alguém acha que pode conceber a Sansa Zumbi (lembrando: um ser que é uma duplicata física exata de Sansa, mas sem consciência), o que está concebendo é um caso em que as leis da natureza estão funcionando de modo diferente. Mas um estado cerebral que funciona de acordo com leis da natureza diferentes seria um estado cerebral diferente. Isso é verdade porque o estado mental em que alguém se encontra é relativo a alguma descrição teórica do cérebro. Se o cérebro funciona de acordo com leis diferentes, uma descrição teórica diferente estaria em vigor. A frase “mesmo estado cerebral” significa em parte “funciona da mesma forma e de acordo com as mesmas leis”.¹²

Assim, nesse “experimento mental” em que tentamos imaginar uma duplicata física da filha mais velha de Ned Stark sem consciência, estamos na verdade imaginando um ser com um tipo diferente de cérebro funcionando de acordo com leis da natureza diferentes. Um materialista não teria problema com isso, pois tal ser *não* seria uma duplicata física de nossa Sansa, no fim das contas. Em Westeros, contudo, devido à magia, creio que poderíamos dizer que *é possível* imaginar a Sansa Zumbi. Pode ser que às vezes o funcionamento do cérebro de acordo com as leis dê errado. Metafísica diferente, conclusão diferente.

De volta às criaturas

Então viu: uma sombra nas sombras, deslizando na direção da porta interior que dava para a cela de dormir de Mormont, a forma de um homem todo de negro, coberto com um manto e encapuzado..., mas sob o capuz os olhos brilhavam com um gelado brilho azul...¹³

Quando voltamos a pensar nas criaturas, os zumbis “de verdade” dos filmes de monstros e diferentes dos zumbis filosóficos, podemos mais uma vez nos perguntar se eles são possíveis e, caso sejam, o que isso diz sobre nós mesmos.

Para começar, existe algum experimento mental análogo ao que fizemos anteriormente, no qual imaginamos uma duplicata física de uma pessoa viva, mas em que a duplicata não esteja viva? Bom, havia uma visão bem popular conhecida como *vitalismo*, alegando que as coisas vivas diferiam das não vivas por terem uma substância adicional, um fluido vital ou força de vida. Em outras palavras, as coisas vivas eram feitas de um material diferente. O vitalismo foi meticulosamente desacreditado pelas ciências

biológicas, pois agora entendemos muito bem a vida. Sabemos que as coisas vivas não são feitas de um material diferente e que estar vivo é uma questão do quanto seu material físico tem uma certa estrutura e função.

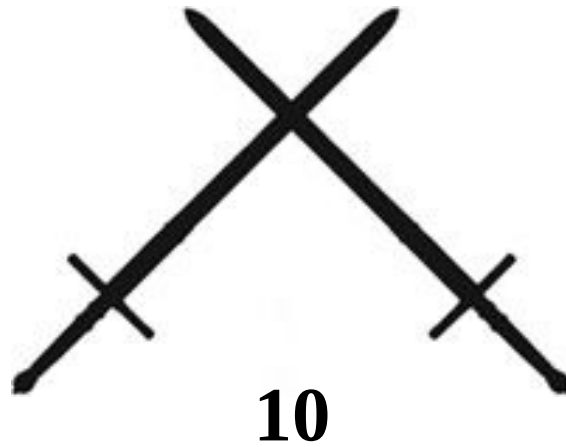
Como consequência, imaginar uma duplicata física funcional de uma pessoa que não está viva não parece possível. As criaturas vindas de além da Muralha são um cenário real e assustador, mas sua existência, assim como a da Sansa Zumbi do experimento mental anterior, é possível apenas porque o sobrenatural está em ação. As leis normais da natureza nem sempre se aplicam nesse mundo.

Além do mais, um exame mais detalhado das chamadas criaturas revela que elas não são totalmente sem vida, no fim das contas. E o mesmo vale para os famosos filmes de zumbis. Os Outros, que parecem ser uma raça de demônios sobre a qual sabemos muito pouco (pelo menos até *A dança dos dragões*), de alguma forma são capazes de reanimar determinados cadáveres, gerando assim as criaturas que têm alguns sinais de vida (podem se mover, por exemplo, e parecem ter função cerebral limitada), mas não mostram evidências da maioria dos processos metabólicos normais. Elas não comem, eliminam resíduos ou se reproduzem e não podem ser mortos de formas comuns. Então, o que temos aqui talvez seja descrito de modo mais adequado como parcialmente morto e parcialmente vivo. Contudo, isso pouco muda quando se trata da possibilidade de eles serem imaginados.

Nem criaturas nem zumbis filosóficos representam qualquer ameaça para quem quiser defender uma visão materialista. Nenhum deles é possível em nosso mundo, mas ambos são possíveis em Westeros e além, devido às forças sobrenaturais em ação, em vez das forças não físicas. Em nosso mundo, podemos imaginar zumbis filosóficos porque ainda não temos uma teoria totalmente desenvolvida sobre a consciência. Nossas teorias sobre a vida, por outro lado, são bem estabelecidas, e esta é uma diferença importante. O que sabemos, bem como o que não sabemos, afeta o que podemos e não podemos conceber. Quando você joga alguns elementos sobrenaturais na mistura, a mente e a metafísica ficam tão embaraçadas quanto as raízes de um represeiro e tão misteriosas quanto as mensagens contidas nas chamas de Melisandre.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
3. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
4. Thomas Nagel, “Como é ser um morcego?” Tradução de Paulo Abrantes e Juliana Orione. Disponível em http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Nagel_trad.pdf
5. George R. R. Martin, *A dança dos dragões* (Leya Brasil, 2012)
6. René Descartes, *Carta ao marquês de Newcastle*, in Descartes, *Oeuvres et Lettres apud*. Silva, MPT, *Uma introdução à teoria de Tom Regan e a estratégia para a sua abordagem*. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2417/1/ulsd058517_td_tese.pdf
7. Voltaire comentou: “Não inquires à natureza tão impertinente contradição.” Em seu *Dicionário filosófico*, verbete “Irracionais”, editado por Ridendo Castigat Mores. E-book obtido em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>
8. Martin, *A fúria dos reis*.
9. A princípio, alguns podem questionar esta distinção, mas dizer que as leis da física foram violadas *não* é o mesmo que dizer que ocorreu algo não físico. Se realmente existisse magia e alguém pudesse, por exemplo, fazer cartas desaparecerem e depois reaparecerem, nenhuma carta não física estaria envolvida. Mas talvez as leis da física que mantêm os átomos das cartas unidos possam ser temporariamente suspensas, então o desaparecimento pode ocorrer.
10. Martin, *A guerra dos tronos*.
11. Tenha em mente que os Outros e as criaturas não são iguais. Os Outros são uma raça de demônios que tem o poder de reanimar corpos, enquanto os corpos animados são as criaturas. Os Outros podem ser mortos por vidro de dragão, mas não pelo fogo, enquanto o contrário acontece às criaturas. Para confundir ainda mais, os selvagens costumam se referir aos Outros como “Caminhantes Brancos”.
12. Pense da seguinte forma: as leis da natureza não são “adicionadas” após o fato a objetos. Vejamos as regras do xadrez (eu poderia ter dito *cyvasse*). Pode-se pegar uma peça de xadrez e usá-la de outra forma (como peso de papel, por exemplo) na qual ela não obedece mais às regras do xadrez, mas não é possível fazer o mesmo com a água ou com um estado cerebral.
13. Martin, *A guerra dos tronos*.



MAGIA, CIÊNCIA E METAFÍSICA EM A GUERRA DOS TRONOS

Edward Cox

EM WESTEROS E ALÉM, antes do começo de *A guerra dos tronos*, a magia estava desaparecendo.¹ Os dragões, os Filhos da Floresta e os Outros se foram e vivem apenas nas histórias contadas aos jovens. Dessa forma, Westeros é como o mundo em que vivemos. Parece haver pouco espaço para a magia ou o sobrenatural em nosso mundo, e mesmo a antiga crença em almas imateriais está ameaçada pelo avanço da ciência física. Mas a magia retorna a Westeros. Parte do apelo da fantasia em geral — e de *A guerra dos tronos* em particular — é a ideia de que pode haver espaço no mundo para uma sensação de assombro e curiosidade em relação ao que foge das explicações pelas ciências físicas. Há espaço em nosso mundo para as maravilhas da ciência, mas existe espaço para a maravilha da magia, ou pelo menos para coisas não físicas?

Vamos para a parte física

O *fisicalismo* é a visão filosófica que defende a existência apenas das coisas físicas. Mas o fisicalismo é verdade mesmo ou existem fantasmas, almas imateriais ou outras coisas não físicas? Essas são perguntas da *metafísica*, isto é, indagações sobre a natureza fundamental da realidade. A ciência pode nos ajudar a responder essas perguntas. Um romance de fantasia não nos dá respostas, mas pode nos ajudar a imaginar como o mundo poderia ser diferente se o fisicalismo fosse falso.

Sendo assim, vamos raciocinar como mestres e começar esclarecendo nossos conceitos. Uma

definição mais precisa do fisicalismo engloba duas ideias. Primeiro: tudo o que existe é físico, ou seja, não existem almas imateriais, mentes ou forças vitais. Segundo: tudo relacionado ao mundo depende de como essas coisas físicas estão dispostas. Pode não ser óbvio o motivo da necessidade desta segunda afirmação para conceituar o fisicalismo, então vamos a um exemplo: imagine que existam duas pessoas fisicamente idênticas. Quando falo de duplicatas, não me refiro a gêmeos, mas a duplicatas físicas perfeitas, até a disposição exata das moléculas que formam seus corpos. De acordo com a primeira das duas afirmações do fisicalismo, esses dois corpos não serão feitos de quaisquer partes não físicas, mas ainda é possível que eles sejam diferentes de outras formas. Por exemplo, uma duplicata exata pode ser feliz e a outra, triste; ou uma pode estar acordada enquanto a outra dorme. Se apenas a primeira parte da afirmação do fisicalismo for verdadeira, algumas características ou *propriedades* (como os filósofos as chamam) do mundo podem diferir sem que haja qualquer diferença nas coisas físicas que as compõem. A segunda afirmação, de que tudo no mundo é determinado pela disposição das coisas físicas contidas nele, enfatiza a dependência de tudo no mundo físico. Para uma pessoa idêntica estar feliz e a outra triste, teria que haver uma diferença correspondente na química cerebral de ambas. Elas não poderiam ter átomos idênticos nos mesmos locais enquanto tivessem um estado mental diferente.

Agora que temos uma definição do fisicalismo, podemos tentar decidir se ele é verdadeiro em nosso mundo ou em Westeros. Uma forma de tentar mostrar a veracidade deste conceito é argumentando que apenas coisas físicas podem ter qualquer efeito. Considere, por exemplo, estas duas afirmações:

1. Para que algo exista, deve ter algum tipo de efeito.
2. Todo efeito físico tem apenas uma causa física.

Antes de tentar decidir se essas afirmações são verdadeiras, devemos mostrar como elas dão base ao fisicalismo. Vamos começar levando em conta o que algo precisa ter para ser uma causa, para ter algum efeito. Para que algo tenha um efeito, deve ter um efeito físico ou não físico. Então, quando Jaime Lannister empurra Bran da janela da Primeira Fortaleza em Winterfell, ele atribui, talvez ironicamente, o ato ao amor que sente por Cersei.² De acordo com a afirmação número 2, se o amor de Jaime causa o dano físico ao corpo de Bran por meio do empurrão físico e da queda do corpo físico de Bran, então o amor de Jaime deve ser um estado físico, presumivelmente algum estado cerebral. Assim, se a primeira alternativa é verdadeira e o amor de Jaime causa um efeito físico, a emoção em si também deve ser física.

Por outro lado, podemos pensar que o estado cerebral de Jaime causa o empurrão físico, a queda física e, em última instância, os danos físicos ao corpo de Bran, mas o amor de Jaime é algo mais, algo não físico. Portanto, devemos nos perguntar: se o amor de Jaime não é um estado físico do cérebro dele, o que pode fazer? A única possibilidade remanescente parece ser que esse amor tenha algum efeito não físico, podendo, por exemplo, afetar algum estado não físico de Bran. Mas como isso funcionaria é um mistério.

Parece mais provável que, dado o que sabemos através de estudos empíricos, qualquer coisa que afete a mente não física de Bran, supondo por ora que existam tais coisas, teria que fazê-lo afetando o cérebro do menino. Sabemos que nossa experiência consciente, por exemplo, pode ser afetada por drogas, álcool e golpes na cabeça. Nosso estado mental é alterado pelas mudanças químicas que ocorrem no cérebro. Então, em nosso exemplo, supondo que a mente de Bran seja não física, se o amor de Jaime tem algum efeito nela, podemos explicar isso de modo mais claro descrevendo como ele afeta o cérebro de Bran. Aí concluiríamos que o amor de Jaime nada fez (o que é descartado pela afirmação número 1) ou que, de alguma forma, ele afetou o cérebro de Bran. Mas, segundo a afirmação número 2, para que o amor de Jaime tenha esse efeito físico, ele deve ser físico. Portanto, o amor, e tudo o mais, precisa ser físico.

Os filósofos gostam de discutir, e nem todos concordam com as afirmações do parágrafo anterior, mas podemos usar alguns exemplos de *A guerra dos tronos* para ver por que essas afirmações têm probabilidade de serem verdadeiras. Vamos começar com a ideia de que tudo o que existe precisa ter um efeito. O motivo para pensar que esta afirmação é verdadeira é que, se algo existiu e não teve efeito, não teríamos motivo para acreditar nele. Por exemplo, um dos motivos pelos quais mestre Luwin acredita que os Filhos da Floresta não existem mais é que eles não parecem fazer nada. Ninguém nos Sete Reinos os viu ou foi afetado por eles em milhares de anos. O fato de eles não fazerem nada leva as pessoas a duvidarem de sua existência. Reconhecidamente, estamos supondo que, para saber algo ou ter motivo para acreditar em algo, ele precisaria ter algum efeito. Embora possa haver outras formas de saber, caso imaginemos algo que além de não fazer coisa alguma, não *pudesse* fazer absolutamente nada, teríamos que nos perguntar por que alguém acreditaria naquilo. Jamais podemos *refutar* a existência de algo que nunca faz coisa alguma, mas seria uma existência completamente incognoscível. Portanto, a afirmação parece razoável.

O principal motivo para acreditar na afirmação número 2 tem a ver com o sucesso da ciência em explicar o mundo em termos físicos. E também temos motivos para acreditar na segunda parte de nossa definição do fisicalismo — tudo que acontece no mundo depende de disposição das coisas físicas que o compõem — com base na autoridade das ciências físicas. Isso significa que devemos falar um pouco sobre o que é a ciência e como ela pode nos informar sobre a realidade.

No mundo real, a ciência pode nos ensinar muito sobre os tipos de coisas que existem ou não. Em romances de fantasia como *A guerra dos tronos*, a magia limita a possibilidade de explicar tudo em termos de coisas e forças físicas, bem como das leis que as governam. Eles mostram que as coisas poderiam ser diferentes, e os acontecimentos em Westeros podem expandir nossa visão de como as coisas são e as formas como essas coisas se relacionam umas com as outras.

A ciência em *A guerra dos tronos*

Existe um sistema organizado de conhecimento no mundo natural de *A guerra dos tronos*, mas, este não é um assunto muito discutido nos livros. Os mestres, o equivalente mais próximo a cientistas em Westeros, são altamente respeitados como conselheiros sábios para os governantes. Cada mestre é um generalista, tendo conhecimento de medicina, política, engenharia e operações militares. O conhecimento dos mestres é prático, mas, para aplicá-lo, eles devem ter conhecimento teórico.

Embora nem toda a ciência do mundo de George R. R. Martin se pareça com a de nosso mundo, o conhecimento dos mestres mostra que existem semelhanças. Por exemplo, os mestres sabem ferver vinho para limpar feridas. Assim é provável que micro-organismos causem infecções no mundo de Martin.³ Além disso, a compreensão dos mestres quanto às forças físicas permite a construção da Muralha e do complexo sistema de roldanas que leva pessoas e mercadorias ao Ninho da Águia.⁴ Então, provavelmente, devem existir leis físicas de movimento e força como as nossas.

Também parece haver unidades biológicas, talvez genes, que explicam a hereditariedade de características físicas. Por exemplo, ao ler *As linhagens e histórias das grandes casas dos Sete Reinos, com descrições de muitos grandes senhores e nobres senhoras e de seus filhos*⁵ e procurar os filhos bastardos de Robert Baratheon, Eddard Stark descobre que os Baratheon sempre geram filhos de cabelos pretos. “[Stark] encontrava sempre o ouro cedendo perante o carvão.”⁶ Isso indica que algo pelo menos similar à genética do mundo real funciona em Westeros.⁷ De modo semelhante, vemos que os filhos dos Stark e dos Tully herdam a coloração e estrutura facial de um lado da família ou do outro. E realmente descobrimos que alguns dos Stark, como Arya, Jon Snow e Lyanna, a irmã de Eddard, têm rostos mais longos que os outros membros da família.⁸ Esses fatos sugerem a existência de unidades de herança que a prole pega dos pais e que estas unidades explicam como os traços são passados de uma geração à outra.

É até possível que algumas coisas consideradas pelos habitantes de Westeros como bruxaria sejam, na verdade, tecnologia avançada. O aço dobrado das espadas valirianas, tido como obra de feitiçaria, pode ser apenas o resultado de técnicas avançadas para fabricar espadas, como as utilizadas pelos ferreiros japoneses.⁹ Esses fatos científicos e tecnológicos sugerem um mundo que funciona praticamente de acordo com os mesmos princípios e é feito dos mesmos componentes que o nosso. Se essas evidências forem todas as disponíveis, podemos concluir que o fisicalismo é verdadeiro em Westeros.

Magia e causalidade

Esses exemplos mostram que existem motivos para pensar que todas as características de Westeros são determinadas pela disposição das coisas físicas. Quanto mais completas ficam as explicações científicas em termos de física, química e biologia, maior a probabilidade de que o mundo dependa dessas coisas físicas. Contudo, a magia pode limitar essas explicações científicas e mostrar como as coisas podem ter efeitos diferentes, mesmo se todas as disposições das coisas físicas forem iguais.

Agora chegamos às evidências para o princípio de que tudo depende dos componentes do mundo

físico. O que significaria para algumas das características do mundo *não* depender da disposição das coisas físicas? Significaria que uma mudança poderia acontecer sem que ocorra qualquer mudança nas coisas físicas. Isso não parece plausível, e um exemplo de *A guerra dos tronos* ajuda a explicar a situação.

Quando Jafer Flowers e Othor são reanimados e atacam a Patrulha da Noite, seus corpos parecem passar por algum tipo de transformação física para que eles despertem. É muito improvável que algo possa ser exatamente igual a um cadáver em termos físicos e agir como o Othor Morto. Em resumo: cadáveres não podem andar, ver ou ter pedaços do corpo cortado e continuar lutando. Dada a composição química e física comum do corpo humano, não parece haver qualquer forma de fazer tudo isso e ter o mesmo estado físico da matéria morta comum. Nós realmente achamos que esta é a explicação, dadas as diferenças físicas entre seus corpos e os cadáveres normais. Como Samwell Tarly observa, os corpos de Othor Morto e Flowers não têm o mesmo cheiro de outros corpos e não apodrecem da mesma forma que a carne comum.¹⁰ Para que eles sejam reanimados, parece que deve haver alguma mudança na estrutura material ou na organização de seus corpos físicos. Outra maneira de expressar essa ideia é que Othor Morto e Flowers não podem ser criaturas (ou mortos que andam) sem alguma alteração em seus corpos físicos. Caso você se lembre, esta é a segunda parte da definição do fisicalismo: toda característica do mundo depende da disposição das coisas físicas.¹¹

Vejamos agora se existe alguma base para nossa afirmação número 2, de que todo efeito físico tem uma causa física. Caso a segunda afirmação seja verdadeira, dado o que foi argumentado até o momento, o fisicalismo também parece ser verdadeiro. Sendo assim, qual o motivo para pensarmos que este princípio é verdadeiro?

Em nosso mundo, a afirmação 2 tem como base as conquistas das ciências físicas. As descobertas que os cientistas fazem em relação às leis da física, química, biologia e a neurociência, que parecem explicar os eventos sem depender da mente imaterial, alma ou forças vitais, sugerem que nada além do físico pode ter efeito no mundo físico. As ciências físicas parecem dar explicações completas para os eventos de nosso mundo. Mas como seria um mundo em que as ciências físicas *não* fossem completas assim?

Ciência e magia em Westeros

Em Westeros, a magia limita os métodos da ciência para descobrir a verdade. Mestre Luwin, o mestre de Winterfell, acredita que não há magia e que os Filhos da Floresta e os Outros não existem mais.¹² A ciência dos mestres é na verdade bem útil, e eles, dadas as evidências disponíveis, podem acreditar de modo lógico que, ao seguir princípios científicos, vão acabar descobrindo todos os fatos sobre o mundo que habitam. Mas, em Westeros, a ciência não consegue perceber certos aspectos importantes da realidade, particularmente a existência de magia. A magia se baseia em eventos ou

fenômenos que aparentemente não se repetem e, portanto, jamais poderiam ser descobertos pela ciência dos mestres.

Por exemplo, a sensação de calor sentida por Daenerys em seus ovos de dragão não está disponível aos outros. Ela os percebe mornos, quase quentes, e passa a acreditar que estão prontos para chocar se forem colocados num fogo forte o bastante, mas Sor Jorah Mormont constata que os ovos parecem frios ao toque.¹³ Em outro caso, a percepção mística de Bran, isto é, a capacidade de ver em seus sonhos acontecimentos que ocorrem bem longe, não está disponível para mais ninguém. Mas ele sabe que não são meros sonhos porque vê a mãe num navio no Dentada, Sansa chorando até dormir e eventos dos quais não poderia saber de outra forma.¹⁴ O fato de tanto Bran quanto Rickon Stark sonharem que o pai tinha voltado sugere que algum conhecimento verdadeiro tenha sido dado a eles através da magia.¹⁵ O conhecimento deles é real, mas até que o corvo traga a notícia da morte de Eddard Stark, nem todos poderiam saber disso. Embora os efeitos da magia às vezes passem a ser de conhecimento público, alguns aspectos das ocorrências mágicas continuam a ser privados.

A natureza esquiva desses eventos mágicos suscita questões sobre a possibilidade de eventos sobrenaturais ocorrerem em nosso mundo. Haja vista a incapacidade da ciência para descobrir fenômenos perceptíveis por apenas um indivíduo, pode haver magia em nosso mundo que seja impossível de ser descoberta pelos meios científicos. As evidências nunca podem *refutar* a existência desse tipo de evento mágico, mas, até que alguém consiga demonstrar a realidade de tais eventos, não seria sábio acreditar neles até que tenham efeitos discerníveis publicamente.

Não é necessário que a magia seja imprevisível ou incompreensível. Em alguns mundos de fantasia, entidades sobrenaturais são passíveis de serem descobertas e explicáveis usando métodos científicos. A magia nesses mundos consiste em forças perfeitamente compreensíveis ou agências sobrenaturais que funcionam de acordo com princípios e leis gerais. Na série *A roda do tempo*, de Robert Jordan,¹⁶ o Poder Uno funciona de modo previsível, segundo princípios que podem ser usados para explicar e prever eventos no mundo. Em *O nome do vento*, de Patrick Rothfuss,¹⁷ pelo menos uma parte da magia segue regras que podem ser aprendidas e aplicadas num laboratório. A forma mais extrema de magia que funciona num sistema cientificamente abrangente é o mundo criado pelo médico Lyndon Hardy em seu romance *Master of the Five Magics*.¹⁸ Esses mundos de fantasia não diferem tanto do nosso porque não podem ser entendidos cientificamente, e sim porque revelam forças fundamentais diferentes que atuam nesses universos. A ciência pode revelar uma realidade puramente física em nosso mundo, mas a realidade descoberta por ela em outros mundos pode ser bem diferente.

Magia e metafísica

Então, o que a magia tem a ver com a natureza da realidade? Existem apenas algumas explicações sobre o funcionamento da magia. Pode ser que ela simplesmente altere as leis da física, sem acrescentar

forças ou algo não físico. Contudo, penso que, se a magia é uma força ou característica do mundo, ela precisa ser não física. Se a magia fosse física, teria que seguir as leis da física. Outra possibilidade é que a magia seja governada por um conjunto *diferente* de leis físicas sem forças adicionais e, portanto, não haveria necessidade de algo não físico. Mas um mundo com leis físicas diferentes não seria necessariamente um mundo com magia. Acredito que a magia envolve alguma violação das leis da física e algum tipo de coisa não física.¹⁹

Assim como as pessoas achavam que havia forças vitais, forças básicas da vida que não poderiam ser explicadas em termos físicos, a magia pode envolver forças não físicas que atuam diretamente no mundo físico. Ou então os princípios mágicos podem mudar alguns princípios físicos ou leis da natureza. Dessa forma, a magia causaria uma alteração no mundo físico feita por algo não totalmente explicável em termos físicos.

A magia em Westeros costuma envolver exceções a generalizações normalmente confiáveis. Por exemplo, em circunstâncias normais, seria bem improvável que crianças sem a orientação de um adulto conseguissem treinar animais grandes e perigosos para atender a complexos comandos de voz, mas os lobos gigantes dos Stark conseguem responder rapidamente a esses comandos. E a ligação de Bran com seu lobo gigante Verão é muito mais forte do que poderia ser explicado por qualquer treinamento.²⁰ A conexão excepcional existente entre as crianças Stark e seus lobos gigantes não é o tipo de coisa que se encontra num mundo puramente natural.

Em outros casos, não existem regularidades. A duração e o momento em que acontecem verões e invernos não seguem qualquer padrão regular e previsível, e embora aparentemente exista “um discurso com cem anos” sobre o assunto escrito por um “meistre havia muito morto”, nenhuma explicação científica ou natural é sugerida para tal fato.²¹ O único padrão parece ser que longos invernos se seguem a longos verões. Um inverno particularmente longo, porém, está relacionado à atividade dos Outros. Das duas, uma: ou algo sobre o começo de um longo inverno os acorda, ou eles trazem o longo inverno com sua presença ou atividade. Seja qual for a explicação, as estações ilustram outra forma pela qual a magia, presumindo que os Outros sejam sobrenaturais e sua relação com as estações também o seja, não segue padrões regulares.

Essas irregularidades parecem ser violações das leis da física. O argumento mais forte para afirmar que são violações envolve o fato de Daenerys chocar seus dragões na pira funeral do marido, khal Drogo.²² A força de vontade, juntamente com um enorme número de circunstâncias perfeitamente alinhadas, como a origem “do sangue do dragão”, o sacrifício da *maegi* Mirri Maz Duur e a aparição do cometa vermelho-sangue parecem cruciais para o corpo da khaleesi não ter se ferido nas chamas. Quando a pira funeral de Drogo começa a queimar, Daenerys e todos os outros se afastam devido ao intenso calor. O fato de Daenerys se fortalecer e lembrar a si mesma de sua decisão antes de adentrar o fogo sugere que a imunidade não é um aspecto puramente físico do corpo. Ela não tem uma química corporal inumana que a impede de ter queimaduras ou sentir calor. Então, para que sua determinação mental a proteja das chamas, deve haver uma mudança no processo químico de combustão que normalmente faz o

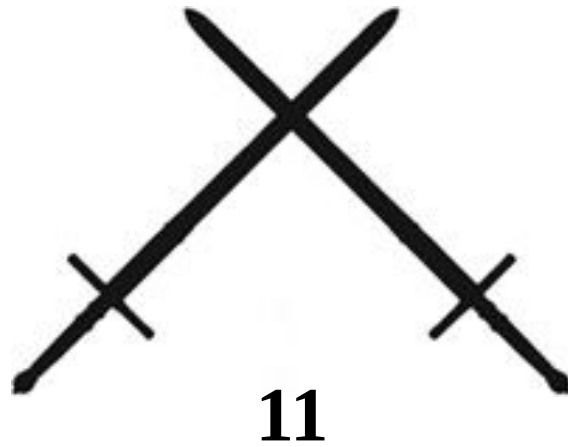
corpo humano queimar naquele calor intenso. Esse exemplo sugere que, quando a magia afeta o mundo, ela o faz perturbando processos físicos, químicos ou biológicos.

A conclusão desses exemplos é que *toda* causa exige uma causa física. Apenas a crença e a determinação de Daenerys não podem causar uma mudança em seu estado geral sem influenciar o processo químico de combustão. O corolário desta conclusão é que em nosso mundo as coisas não físicas, como almas imateriais, não poderiam ter um efeito sem ter uma consequência física. Quanto mais os cientistas conseguem explicar os eventos naturais através de física, química e biologia, menor a probabilidade de existirem influências não físicas. E, quanto mais pensamos que tudo depende do físico, menor a probabilidade de algo não físico ter alguma influência causal. Dado este argumento, a única forma de haver almas ou mentes não físicas seria mediante violações das leis da física.

As almas e forças vitais são mágicas? Seria necessário existir magia para o fisicalismo ser falso? As almas e forças vitais podem ser fenômenos perfeitamente naturais, previsíveis e verificáveis pelos métodos da ciência, mas não são explicáveis em termos físicos. Contudo, para que sejam reais de acordo com o argumento apresentado neste texto, eles teriam que afetar o mundo físico violando as leis da física, química ou biologia. Os avanços científicos deixam tais violações cada vez mais improváveis. Então, em nosso mundo, as coisas imateriais acabam sendo tão improváveis quanto a magia.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010). Citei apenas Westeros, mas, estritamente falando, alguns dos eventos descritos aqui ocorrem para além do Mar Estreito.
2. *Id.*
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*
6. *Ibid.*
7. É tentador descrever o gene de cabelos pretos como dominante, visto que todos os Baratheon têm cabelos dessa cor e sempre têm filhos de cabelos pretos. Isso, contudo, não se encaixaria no que sabemos da genética, mesmo fazendo a simplificação exagerada de que existam apenas dois genes para cores de cabelo que são recessivos ou dominantes. Supondo que o gene para cabelos pretos seja dominante e o para cabelos loiros, recessivo, os Baratheon teriam cabelos pretos mesmo se tivessem um gene dominante para cabelos pretos e um recessivo para cabelos loiros. Nesse caso, uma criança Baratheon poderia ter cabelos loiros se os dois pais tivessem pelo menos um gene recessivo para este tipo de cabelo. Assim, um Baratheon de cabelos pretos poderia ter uma criança loira se tiver um gene recessivo de cabelos loiros que não foi expresso, porque ele ou ela também tem o gene dominante para cabelos pretos. Como no caso em que um dos pais tem cabelos loiros (e pelo menos um deles precisa ter o gene recessivo para cabelos loiros), os genes de ambos são herdados aleatoriamente pelos filhos, e não há como garantir que as crianças Baratheon sempre tenham dois genes dominantes para cabelos pretos e nunca tenham um gene recessivo para cabelos loiros vindo do outro genitor. Assim, o cabelo preto universal da família Baratheon não pode ser explicado em termos da genética simples. Portanto, ou Martin não entendeu como a genética funciona ou ela funciona de modo diferente em Westeros. Mas teoricamente existem unidades de herança, visto que as crianças parecem receber as características dos pais.
8. Acredito que esses fatos sobre a herança de características físicas dão pistas importantes para a verdadeira origem de Jon Snow.
9. Martin, *A guerra dos tronos*.
10. *Id.*
11. Alguns filósofos acreditam que a consciência é uma exceção a este princípio, visto que podemos imaginar mudanças em estados conscientes sem haver mudança no estado físico. Este não é o local para discutir tal argumento em detalhes, mas leia o texto de Henry Jacoby, “Wargs, criaturas e lobos que são gigantes”, neste livro para uma discussão sobre a consciência.
12. Martin, *A guerra dos tronos*.
13. *Id.*
14. *Ibid.*
15. *Ibid.*
16. Citar todos os 13 volumes da série *A roda do tempo* tomaria mais espaço do que tenho disponível, mas o primeiro volume é *O olho do mundo* (Caladwin, 2009).
17. Patrick Rothfuss, *O nome do vento — A crônica do matador do rei: Primeiro dia* (Sextante, 2009).
18. Lyndon Hardy, *Master of the Five Magics* (New York: Del Rey Books, 1984).
19. Para uma análise diferente, ver Jacoby, “Wargs, criaturas e lobos que são gigantes”.
20. Esta ligação é particularmente notável quando Verão evita o assassinato de Bran. Martin, *A guerra dos tronos*.
21. Este livro, que Tyrion lê na biblioteca de Winterfell, não tem autor ou título definido em *A guerra dos tronos*.
22. Martin, *A guerra dos tronos*.



“VOCÊ NÃO SABE NADA, JON SNOW”: HUMILDADE EPISTÊMICA PARA LÁ DA MURALHA

Abraham P. Schwab

O MUNDO PARA LÁ DA MURALHA funciona como um lembrete constante aos Irmãos de Negro quanto à vastidão de sua ignorância. As primeiras páginas de *A guerra dos tronos* alertam para essa ignorância — Gared, Will e Sor Waymar Royce não sabem o que aconteceu aos selvagens que estavam caçando ou o motivo pelo qual seus corpos desapareceram. Eles também não entendem por que está tão frio e muito menos a natureza dos inimigos que estão prestes a matar Will e Sor Waymar. Se Royce não tivesse partido do pressuposto que os inimigos eram simples selvagens, poderia ter salvado a vida dele e a de Will. Esse tipo de ignorância acontece repetidamente à medida que os homens da Patrulha da Noite encontram Outros, selvagens e tudo o mais que existe para lá da Muralha.

Não devemos nos surpreender com a ignorância dos homens da Patrulha da Noite em alguns assuntos. *A epistemologia*, uma das principais ramificações da investigação filosófica, é o estudo do que sabemos, de como sabemos e do que significa saber algo. De certa forma, trata-se de uma exploração de nossa ignorância que já nos levou a visões defendendo que não existe verdade (niilismo), que você já sabe o que vai saber (recordação) e que a verdade existe, mas não conseguimos saber qual é (ceticismo).

O estudo da epistemologia é importante por vários motivos: quando feito corretamente, pode nos ajudar a tomar decisões de forma mais inteligente. Embora muitos capítulos deste livro lidem com questões filosóficas a respeito de como alguém deve se comportar, responder a essas perguntas depende, em primeiro lugar, de determinar o que essa pessoa sabe. Pense, por exemplo, na oferta de Stannis a Jon para tomar o controle de Winterfell. O que Jon deve fazer ganha uma luz diferente dependendo do fato de ele saber ou mesmo acreditar que Bran e Rickon estejam mortos.¹

Não saber que você não sabe nada

O refrão de Ygritte (“Você não sabe nada, Jon Snow”) demarca espaços de ignorância. Em alguns casos, demarca uma discordância, como acontece quando Jon e Ygritte discutem se Mance pode derrotar a Patrulha da Noite. Em outros, é uma expressão de prazer, como acontece quando o casal flerta e se agarra. Na maioria das quase vinte vezes em que Ygritte pronuncia essas palavras, ela insinua que Jon não entende bem os selvagens. Ou seja, elas marcam o fracasso do rapaz em ser epistemicamente humilde.

Veja, por exemplo, o diálogo entre Ygritte e Jon sobre os rituais de corte entre um homem e uma mulher.² Jon não consegue possuir fisicamente mulheres após atacar os selvagens. Ygritte argumenta que o homem que a tomasse seria forte e inteligente, e pergunta: “Que mal há nisso?” Jon retruca, dizendo que o homem poderia ser do tipo que nunca toma banho, e Ygritte diz que o jogaria no rio ou o mergulharia na água. E se ele fosse violento e batesse nela? Ygritte responde que o mataria enquanto dormisse. Embora Jon reconheça que os selvagens são diferentes, ele não consegue assimilar até que ponto “ele não sabe nada”. John não sabe e não entende as normas que regem as interações sociais dos selvagens e não aplica essa ignorância a determinados julgamentos. Ele ainda supõe que as normas que regem os selvagens deveriam corresponder às normas que regem as pessoas nos Sete Reinos. Embora esteja ciente de sua ignorância em questões abstratas, ele ainda supõe demais em assuntos específicos.

Jon está longe de ser o único com esse problema. Samwell Tarly também supõe demais. Quando Paul Pequeno volta como criatura e o ataca, Sam supõe que a adaga de vidro de dragão será eficaz. E por que não seria? Ele matou um dos Outros com a adaga, e os Outros transformaram Paul Pequeno numa criatura, então a adaga também deveria funcionar nas criaturas, certo? Mas a adaga se quebra na armadura de Paul Pequeno, expondo o fracasso epistêmico de Sam.³

Contudo, a comparação é meio injusta com Sam. A decisão dele é limitada pelo tempo, o que não acontece com as decisões de Jon (ou, pelo menos, não tanto). Sam não estava esperando que as criaturas aparecessem naquele momento, por isso precisa tomar uma decisão *imediata*. Os julgamentos de Jon, contudo, não são imediatamente necessários para a sobrevivência dele. Podemos desculpar Sam por não conseguir ser epistemicamente humilde, pois ele não tem tempo para avaliar se o vidro de dragão vai ferir as criaturas. Jon, contudo, tem tempo para refletir com frieza e calma.

Imagine agora como o senhor comandante Mormont e outros veem Mance Rayder como Rei Para Lá da Muralha. Juntamente com Jon, e depois Stannis Baratheon, Mormont leva Mance a ser rei do mesmo jeito que Robert Baratheon subiu ao trono. Para lá da Muralha, Jon logo descobre os perigos dos homônimos. Mance Rayder pode ser um “rei”, mas ele é um rei de “homens livres”, e, portanto, esse termo tem um significado diferente do outro lado da Muralha. Ninguém teme falar o que pensa além da Muralha, mesmo se o rei achar ofensivo. Também não há muita pompa, e a infraestrutura de autoridade não é tão rígida. Como o senhor comandante Mormont não conseguiu entender que Mance era um tipo totalmente diferente de rei, ele não reconheceu que a *guerra* também poderia ser totalmente diferente.

Como podemos ver pelas ordens e ações do Velho Urso, ele “sabia” que o grupo reunido por Mance se assemelhava a um grupo que um rei dos Sete Reinos reuniria. Ele “sabia” que a melhor forma de atacar e de defender era a mesma com que se ataca e defende ao sul da Muralha: por meio do confronto violento direto. Em contraste, pense na forma encontrada por Dany para lidar com os mercenários enquanto se prepara para tomar Yunkai. Ela reconhece as falhas existentes na relação entre os mercenários e a cidade, o que lhe permite derrotá-los com mais facilidade e tomar o local.⁴ Se lorde Mormont tivesse duvidado que os selvagens fossem um grupo igual ao dele, isto é, indivíduos comprometidos da mesma forma que seguem uma estrutura disciplinar comum, ele poderia ter pensado em alternativas ao confronto violento e, assim, poderia ter poupado a espera no Punho dos Primeiros Homens.

O que até um cego consegue ver

A humildade epistêmica exige a capacidade de reconhecer o que não sabemos, mas geralmente achamos que sabemos, e também que reconheçamos o que *deveríamos* saber. Ela exige que acreditemos no que tem fortes evidências. Ao contrário de Sam, o mestre Aemon Targaryen pode dizer que Gilly não tem mais o próprio filho, mas está cuidando do rebento de Mance. Sam, por sua vez, “sabe” que Gilly está angustiada por ter que viajar de barco para o sul da Muralha, enquanto o mestre Aemon sabe que os gritos dela são os de uma mãe de luto. Sam não consegue reconhecer o que deveria saber, que Gilly está angustiada por ter deixado o filho na Muralha.

Jon não aceita totalmente a ligação especial que tem com Fantasma. Não estou falando aqui da sensação de companheirismo, amor ou compaixão pelo animal, e sim da capacidade de literalmente sentir o que Fantasma está sentindo, ver o que Fantasma está vendo, ouvir o que Fantasma está ouvindo. Muitos de seus amigos e inimigos lhe dizem que ele é um *warg*, e mesmo assim ele duvida. Como resultado, Jon não consegue aproveitar as possibilidades de sua ligação com o animal, como faz Bran com Verão. Sam também tem dúvidas infundadas sobre si mesmo: ele não sabe que é corajoso, mesmo tendo atacado e matado um Outro. Além disso, ele atacou a criatura Paul Pequeno para que Gilly e seu bebê possam escapar.⁵ Por não se achar corajoso, os atos de bravura de Sam são aleatórios e pobremente planejados.

De um jeito ou de outro, tanto Sam quanto Jon têm dificuldade para progredir por não conhecerem a si mesmos. Compare os dois com Arya, que se redefine a cada oportunidade e de modo significativo (ela é um garoto, depois um rato, depois um fantasma etc.). Ao contrário de Sam e Jon, Arya reconhece a natureza de seu papel atual (quando é um rato, ela se esconde; quando é um fantasma, usa sua influência furtiva) porque o que ela sabe é claro (ela é impotente, mas tem um poder invisível). Se ela, como Sam e Jon, não tivesse compreendido a singularidade de sua situação, provavelmente não teria sobrevivido. Observe também Bran. Como Jon, ele tem uma ligação especial com seu lobo gigante, Verão, mas para ele não existe qualquer dúvida em relação a isso. Esse reconhecimento permite que o garoto ajude Jon a escapar dos selvagens, através de Verão. O fato de Jon e Sam não acreditarem nisso prova a falta de

confiança de ambos. Eles não conseguem ser epistemicamente humildes, porque não reconhecem quando uma suposição de ignorância foi questionada por fortes evidências.

Então, o que temos é uma visão da humildade epistêmica como reguladora das crenças, semelhante a algum dispositivo mecanizado como um pistão. Por um lado, ela evita que o pistão suba muito alto (que alguém queira demais); por outro, evita que o pistão vá muito baixo, (que alguém queira muito pouco). Como reguladora, a humildade epistêmica evita que aleguemos saber o que não sabemos e evita que ignoremos o que deveríamos saber.

Ajustar a certeza no que (não) sabemos

Até agora, estávamos falando sobre a humildade epistêmica em dois casos extremos: quando alcançamos o limite do que sabemos (e, portanto, devemos reconhecer nossa ignorância além desse ponto) e quando temos fortes evidências de algo que sabemos (e, portanto, devemos reconhecer que realmente sabemos algo). Contudo, a maior parte do que sabemos fica entre esses dois extremos. Veja, por exemplo, quando Jon faz seu juramento numa árvore-coração do outro lado da Muralha.⁶ Ao fazê-lo, ele se torna um integrante da Patrulha da Noite. A essa altura, ele *sabe* que isso o obrigará a matar um selvagem? Não, mas ele deve estar certo de que isso vai acontecer. Dessa forma, a humildade epistêmica também exige uma tentativa de ajustar a certeza que temos no que alegamos saber.

Ao ajustar nossa certeza, devemos distinguir entre os momentos em que sabemos e não sabemos algo, além de diferenciar os vários níveis de nossa sabedoria. Na epistemologia contemporânea, o candidato mais forte para tal padrão é o requisito triplo da crença verdadeira justificada (também conhecido como CVJ).

Crença verdadeira justificada

Para saber algo, é preciso acreditar naquilo. Se você não acredita que George R. R. Martin vai finalizar *As crônicas de gelo e fogo*, você não sabe que isso vai acontecer. Por exemplo, suponha que Jon se recuse a acreditar que Benjen Stark está morto. Como ele não acredita nisso, não poderia saber. É preciso acreditar para saber.

Para saber algo, o fato em questão também precisa ser verdadeiro. Mesmo se eu acreditar que Martin vai terminar a série, saber que ele irá fazê-lo exige que o fato seja verdadeiro. Não posso saber que ele vai terminar a série se, na verdade, ele não o fizer. Posso até acreditar nisso (e, assim, satisfazer a primeira condição), mas, se o fato não for verdadeiro, não pode ser conhecido.

Por fim, para saber algo, a crença não só precisa ser verdadeira como também precisa ser justificada.

Quando Samwell Tarly e o resto da Patrulha da Noite estão fugindo do Punho dos Primeiros Homens, ele, Grenn e Paul Pequeno são atacados por um Outro. Paul Pequeno desarma o Outro, mas acaba morrendo, e Sam o ataca com sua adaga de vidro de dragão, mesmo sem ter qualquer motivo para acreditar que ela será mais eficaz que o machado de Paul Pequeno.⁷ O vidro de dragão acaba matando o ser, mas Sam não poderia *saber* se sua arma seria eficaz, pois lhe faltava a justificativa. Adivinhar corretamente não se constitui em conhecimento.

Ao mesmo tempo, algumas crenças justificadas podem acabar não sendo verdadeiras. Você se lembra do primeiro encontro da Patrulha da Noite com as criaturas? Eles acharam os corpos de dois integrantes do grupo de Benjen Stark (Othor e Jafer Flowers) não muito longe da Muralha.⁸ O grupo tem bons motivos para acreditar que esses homens, por estarem mortos, não causarão qualquer dano. Eles não têm sinais vitais, e ninguém da Patrulha da Noite jamais encontrou um morto que voltasse para matá-lo. Mas nós sabemos o fim dessa história.

Uma viagem a Porto Real

Não sei quanto a você, mas foi um choque para mim descobrir que Mindinho e Lysa Arryn conspiraram para matar Jon Arryn e enganaram deliberadamente Catelyn Stark.⁹ A motivação de Ned Stark para ir a Porto Real se baseou numa mentira. Com as informações do bilhete que Lysa mandou a Catelyn, Ned acreditou que os Lannister mataram Jon Arryn e, portanto, tentariam matar Robert Baratheon. Por que estou relembrando isso? Porque é um problema espinhoso para a CVJ: o que conta como justificativa? Ned e Catelyn parecem ter um bom motivo para acreditar que os Lannister mataram Jon Arryn: a palavra de Lysa. E, ainda assim, essa justificativa leva diretamente a uma crença falsa. Então, o que deveria contar como justificativa?

Todo mundo que já teve alguma aula de introdução à filosofia provavelmente já ouviu falar do requisito mais rigoroso para a justificativa: certeza absoluta. René Descartes (1596-1650) despejava o ácido da dúvida em tudo, só para ver o que permanecia. Mas quase nada resiste a esse ácido; afinal, do que *não* se pode duvidar? A única coisa que restou a Descartes (pelo menos a princípio) foi a certeza da própria existência. (Do contrário, como ele poderia fazer o exercício de duvidar?) Descartes extrapola essa ideia a partir desse pedaço de conhecimento e acrescenta todo tipo de alegações de conhecimento. Mesmo sem entrar em detalhes quanto às justificativas dadas por ele e seus respectivos problemas, ainda podemos reconhecer as implicações de adotar os padrões de justificativas que Descartes usou. A vantagem dessa visão é que, se nós sabemos algo, realmente sabemos. Se esperarmos até termos certeza absoluta, nunca poderemos alegar ter uma justificativa para uma crença que acaba não sendo verdadeira. A desvantagem, contudo, é que teríamos pouquíssimas crenças para as quais poderíamos alegar justificativa.

Há uma alternativa que merece ser mencionada: o confiabilismo. Pense num refrão epistemológico

dos Sete Reinos: “Asas escuras, palavras escuras.” O motivo desse ditado, geralmente repetido quando um corvo traz alguma notícia, nunca é explicado. Contudo, esse pequeno mantra é bem preciso como processo para prever o tipo de notícia que chegou, isto é, a vasta maioria das mensagens trazidas por corvos significa más notícias. Esse processo (a notícia veio por um corvo?) para determinar o tipo de notícia recebida é bem confiável. Uma epistemologia confiabilista tem por objetivo identificar processos confiáveis a fim de produzir crenças. Quanto mais confiável o processo, mais valioso (em termos epistêmicos) ele é. Veja, por exemplo, a diferença entre uma crença baseada numa investigação científica rigorosa e outra baseada na astrologia. A investigação científica tem um registro muito mais forte de produzir crenças verdadeiras, embora também seja possível obter uma crença verdadeira com a astrologia. Portanto, o confiabilismo favoreceria a investigação rigorosa.

O confiabilismo, porém, não é uma panaceia. Só porque um processo é confiável não significa que seja infalível — as asas negras podem, afinal, trazer palavras brilhantes. Usando a certeza absoluta, teríamos a justificativa para acreditar em poucas coisas, mas essas coisas para as quais teríamos justificativa em acreditar sempre acabariam sendo verdadeiras. O confiabilismo permite um conjunto mais amplo de crenças justificadas, mas algumas de nossas crenças justificadas podem acabar sendo falsas.

Voltando ao engodo de Lysa Arryn, vamos perguntar novamente: será que Catelyn e Ned deveriam aceitar a palavra de Lysa como justificativa? Será que a palavra de outra pessoa deve valer como justificativa *em qualquer situação*? Haja vista a facilidade de ser enganado pelos outros, pode ser tentador dizer “não” e alegar que as únicas justificativas boas vêm das experiências e pensamentos de um indivíduo. Se adotarmos a certeza absoluta como critério de justificativa, obviamente teremos que concluir que o testemunho alheio não pode justificar nossas crenças. Mas, se adotarmos algo próximo do confiabilismo, o testemunho pode justificar a crença.

Um motivo para permitir o testemunho é que confiar exclusivamente nas experiências ou no raciocínio pessoal definiria boa parte do que acreditamos como não justificado. Por exemplo, pense no fim de Ned Stark nos degraus do Septo de Baelor.¹⁰ Se o testemunho não valer como justificativa, quem entre os familiares de Ned Stark poderia alegar saber que a cabeça de dele foi cortada por Sor Ilyn Payne? Apenas Sansa. Afinal, Yoren impediu Arya de olhar, e ninguém mais da Casa Stark estava em Porto Real. Se restringirmos a justificativa às observações ou pensamentos pessoais, devemos concluir que Rob, Catelyn, Jon, Bran, Rickon e Arya jamais poderiam saber que Ned foi decapitado por Sor Ilyn Payne, mesmo se ouvissem essa notícia de cada um dos integrantes da multidão na frente do Septo de Baelor.

Para evitar tal conclusão absurda, geralmente se aceita que o testemunho alheio possa fornecer justificativas. Em termos técnicos, chamamos isso de “confiança epistêmica”. Como justificativa, a confiança epistêmica fica mais forte à medida que aumenta o número de indivíduos que fornecem verificação independente.

De volta à Muralha

Como descobrimos quando Jon Snow faz seu juramento, os homens da Patrulha da Noite são um bando ecumênico. Eles não exigem que o integrante faça o juramento diante de deuses específicos, apenas as divindades da escolha do homem em questão. Assim, os homens da Patrulha da Noite evitam (pelo menos na área de “a quem fazer seus votos”) uma perspectiva epistêmica particularmente pobre: o dogma.

Ao aderir ao dogma, a confiabilidade do conhecimento reside na capacidade de se encaixar numa série de preceitos ou princípios que são engolidos como um todo. Esses princípios ou preceitos, geralmente dados por uma autoridade, não devem ser questionados. Existem alguns personagens dogmáticos em *As crônicas de gelo e fogo*, como Aeron Cabelo Molhado e Sua Alta Santidade, o Alto Septão. Na Muralha, vemos isso nas crenças de Melisandre sobre Stannis Baratheon ser a figura messiânica de Azor Ahai que vai lutar contra os Outros, bem como o cometa indicando a correção de sua causa. Apesar de a espada de Stannis não emitir calor (como Aemon Targaryen nota), Melisandre não leva em consideração a possibilidade de estar errada quanto ao papel de Stannis.¹¹ E duvido que dizer a ela que nem todos aceitam o cometa como prova de sua causa a teria dissuadido. Ela chegou a uma conclusão que não está mais disposta a reconsiderar. As crenças de Melisandre, como todas as crenças dogmáticas, sofrem do problema de circularidade. O dogma alega que certas crenças são verdadeiras e justificadas. Mas como sabemos disso? Porque o dogma nos diz. E por que o dogma nos diz para acreditar nessas coisas? Porque elas são verdadeiras e justificadas. E assim vai. Como você deve ter deduzido, o dogma é inimigo da humildade epistêmica. Ele sabe porque sabe.

Uma perspectiva que, em doses moderadas, se mostra fundamental para a humildade epistêmica é o ceticismo. Em sua forma mais radical, o ceticismo duvida de tudo. De tudo *mesmo*. Então, como céticos, poderíamos jamais saber de coisa alguma. Apesar de ser uma perspectiva intelectualmente provocadora, o ceticismo, infelizmente, sofre da falta de aplicação tratável. Ele literalmente nos impediria de dizer que sabemos qualquer coisa. De certa forma, o ceticismo radical está no extremo oposto do dogma. Enquanto o dogma simplesmente sabe, o ceticismo nunca sabe.

Dito isso, uma versão moderada do ceticismo é bem melhor do que o dogma. Essa forma de ceticismo lança dúvidas sobre conclusões específicas, em vez de lançá-los sobre o conhecimento em geral. Um exemplo fácil desse ceticismo moderado é a forma como Harma Cabeça de Cão e Camisa de Chocalho veem Jon Snow após ele ter “traído” Qhorin Meia-Mão.¹² Apesar das evidências (matar Qhorin Meia-Mão, usar um manto diferente, dormir com Ygritte, dar informações sobre as guarnições e movimentos da Patrulha da Noite), eles duvidam que ele tenha virado a casaca. Como você sabe, o ceticismo acabou por levá-los à crença verdadeira.

E, ainda assim, o ceticismo sobre conclusões específicas nem sempre nos ajuda. Quando Janos Slynt e Alliser Thorne acusam Jon de ser um traidor, eles ficam céticos quanto à alegação de que ele apenas fingiu se juntar aos selvagens. Quando Jon duvida ter visto os selvagens no Guadeleite através dos olhos

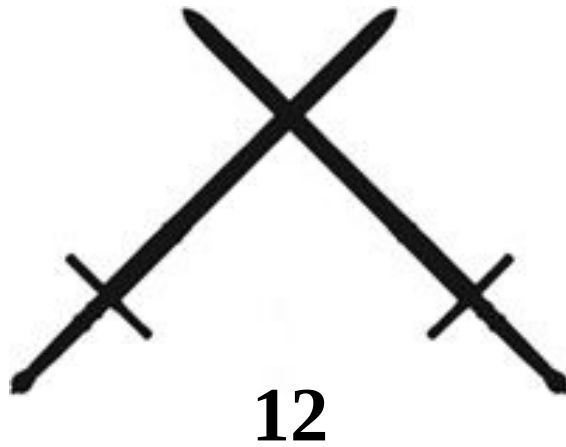
de Fantasma, ele está sendo cético quanto a este fato.¹³ Em ambos os casos, contudo, o ceticismo acaba afastando os indivíduos da crença verdadeira. Jon estava vendo pelos olhos de Fantasma, e ele não era um traidor, ou pelo menos não o tipo de traidor que Slynt e Thorne o acusavam de ser. Dessa forma, o ceticismo sobre conclusões específicas nem sempre ajuda a evitar falsas crenças ou nos afasta da arrogância epistêmica.

O Berrante do Inverno

Uma das falsas crenças de Jon é que Mance jamais teria encontrado o Berrante do Inverno. Dizia-se que um sopro desse berrante bastava para derrubar a Muralha. Ele, o Velho Urso, Stannis e, pelo visto, todos ao sul da Muralha “sabiam” que o objetivo dos selvagens era derrubar a Muralha. Eles “sabiam” que, se os selvagens tivessem o Berrante do Inverno, eles o soprariam. Apenas quando Jon vê o berrante na tenda de Mance,¹⁴ ele descobre que mais uma vez não conseguiu ser epistemicamente humilde. Na verdade, o objetivo dos selvagens não era derrubar a Muralha, e sim deixá-la intacta e ir para o sul. Se o povo dos Sete Reinos tivesse sido humilde o bastante para pensar nessa possibilidade, poderia ter conseguido trabalhar com os selvagens e conversar sobre o inimigo em comum: os Outros. Pois, afinal, o inverno está chegando.¹⁵

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
2. *Id.*
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*
6. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
7. Martin, *A tormenta de espadas*.
8. Martin, *A guerra dos tronos*.
9. Martin, *A tormenta de espadas*.
10. Martin, *A guerra dos tronos*.
11. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
12. *Id.*
13. *Ibid.*
14. Martin, *A tormenta de espadas*.
15. Agradeço a Darin McGinnis pelas ideias e a ajuda que me deu com este capítulo.



“POR QUE O MUNDO ESTÁ TÃO CHEIO DE INJUSTIÇA?”: OS DEUSES E O PROBLEMA DO MAL

Jaron Daniël Schoone

OLUTO NO ROSTO DA LADY CATELYN STARK era claramente visível quando ela atingiu Sor Jaime Lannister com uma pedra no último episódio da primeira temporada de *Game of Thrones*. Ela havia acabado de receber a notícia que o marido, o lorde Eddard Stark, tinha sido decapitado por ordem do rei Joffrey. Catelyn diz a Jaime Lannister que ele “irá ao mais profundo dos sete infernos se os deuses forem justos”. Jaime, ainda se recuperando do trauma na cabeça, responde com uma pergunta: “Se os deuses existem e são justos, por que o mundo está tão cheio de injustiça?” (Episódio 10 da primeira temporada, *Fire and Blood* [*Fogo e sangue*].)

Essa pergunta é a essência do que os filósofos chamam de *o problema do mal*. O problema gira em torno da aparente contradição entre a existência de um Deus bom e justo e o mal que é claramente visível no mundo. Afinal, por que um ser bondoso que tem o poder de impedir o mal permite que ele exista? Muitos filósofos e teólogos tentaram responder essa pergunta. Sabemos que o mundo criado por George R. R. Martin em *As crônicas de gelo e fogo* tem vários deuses e crenças. O problema do mal também desafia a crença nesses deuses?

O problema do mal é realmente um problema?

O filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) foi um dos primeiros a expressar esse problema. A versão dele, citada pelo filósofo britânico do século XVIII, David Hume (1711-1776) em seus *Diálogos sobre a religião natural*, pergunta: “A divindade quer evitar o mal, mas não é capaz disso? Então, ela é

impotente. Ela é capaz, mas não quer evitá-lo? Então, ela é malévola. Ela é capaz de evitá-lo e quer evitá-lo? De onde, então, provém o mal?”¹

Em outras palavras, de acordo com Hume e Epicuro, a existência de Deus é logicamente incompatível com a existência do mal. Suponha que alguém acredite na existência de um deus que é:

1. Onisciente, significando que este deus sabe tudo, inclusive exatamente quando e onde o mal vai acontecer.
2. Onipotente, significando que este deus tem o poder de impedir que o mal (ou qualquer outra coisa) aconteça.
3. Perfeitamente bom, significando que este deus quer impedir que o mal aconteça.

Se este deus existe, não deveria existir mal algum no mundo. Porém:

1. O mal *existe*.

Portanto, a conclusão deve ser que tal deus não existe.

Onisciência, onipotência e bondade perfeita são três atributos importantes do Deus das principais religiões ocidentais. Para essas religiões, o problema do mal apresenta um perigo verdadeiro: se for deixado sem solução, tornará irracional a crença neste Deus. Jaime faz uma afirmação semelhante quando apresenta o problema do mal a Catelyn: devido à existência do mal, acreditar nos deuses de Westeros também se mostra irracional. E Jaime certamente não é o único a chegar a essa conclusão. Veja o Cão de Caça, Sandor Clegane, que é confrontado por Sansa Stark em *A fúria dos reis* quanto a todas as maldades que praticou:

— Não tem medo? Os deuses podem enviá-lo para algum inferno terrível por todo o mal que já fez.

— Que mal? — soltou uma gargalhada. — Que deuses?

— Os deuses que fizeram todos nós.

— Todos? — ele zombou. — Diga-me, passarinho, que tipo de deus faz um monstro como o Duende, ou uma idiota como a filha da Senhora Tanda? Se os deuses existirem, fizeram as ovelhas para que os lobos possam comer carneiro, e os fracos para os fortes brincarem com eles.

— Os verdadeiros cavaleiros protegem os fracos.

Ele fungou:

— Os verdadeiros cavaleiros não são mais reais do que os deuses. Se não pode se proteger por conta própria, morra e saia do caminho daqueles que podem. É o aço afiado e os braços fortes que governam este mundo, e nunca acredite em outra coisa.

Sansa afastou-se dele:

— É horrível.

— Sou honesto. É o mundo que é horrível. Agora voe, passarinho, estou farto de seus trinados.²

Mas o que é o mal?

Para lidar com o problema do mal, primeiro devemos deixar claro o que conta como mal. Parece haver dois tipos bem distintos de mal no mundo: o *moral* e o *natural*. O mal moral é o tipo de mal que a humanidade causa por meio de suas decisões. Ordenar a decapitação de Eddard Stark e que o Cão de Caça matasse Mycah, o filho do carniceiro, seriam exemplos deste tipo de mal. O mal natural, por outro lado, se refere à dor e ao sofrimento causados pelas ocorrências da natureza, e não por seres humanos: naufrágios numa tempestade seriam um exemplo.

Infelizmente, nem todos acreditam que as mesmas coisas são boas ou más em termos morais. O Deus dos Cavalos dos dothraki, por exemplo, parece não ter qualquer problema moral com estupros e roubos. E, de acordo com a descrição de Theon Greyjoy sobre o Deus Afogado dos homens que vivem nas Ilhas de Ferro: “O Deus Afogado fizera-os para saquear e violar, para esculpir reinos e escrever seus nomes em fogo, sangue e canções.”³ Assim, o que conta como mal para alguns pode ser considerado normal ou até como um comportamento adequado por outros. Se a moralidade é relativa, então o mal objetivo não existe. E, se não houver um mal objetivo, se nada for *realmente* maligno, a contradição lógica à qual aludimos anteriormente deverá ser evitada.

Portanto, a primeira solução que encontraremos é que o problema do mal não parece afetar quem acredita que não existe mal verdadeiro no mundo. Ela acredita que há apenas julgamentos subjetivos de nossa parte. Numa segunda análise, contudo, parece que a maioria dos habitantes dos Sete Reinos e além acredita que muitas coisas são realmente maléficas, e não apenas em termos subjetivos. Até alguém como Theon Greyjoy concordaria que foi injustiçado quando Eddard Stark o tomou como refém. Assim, embora uma solução possível seja recusar-se a acreditar que o mal realmente exista, esta parece ser uma posição muito fraca. Mesmo numa visão relativista, a questão de por que os deuses permitem a existência do que os habitantes consideram o mal ainda deve ser abordada.

Santo Agostinho e Catelyn defendem a Fé dos Sete

A fé mais difundida nos Sete Reinos é a chamada Fé dos Sete, que tem similaridades com o catolicismo romano, como a repentina e rápida conversão de Westeros à Fé e a estrutura hierárquica da religião, tendo o Alto Septão como chefe da Igreja. E o mais importante: a Fé tem apenas um deus, que

possui sete faces. Isso se assemelha ao dogma cristão da Trindade: um Deus, três pessoas. Parece que o deus da Fé tem os atributos necessários ao problema do mal: é um deus potente (e talvez até onipotente) e justo. Assim, ele deve ser capaz e estar disposto a impedir que o mal aconteça, mas, como sabemos, o mal existe em Westeros.

O filósofo e padre Agostinho de Hipona (354-430), também conhecido como Santo Agostinho, apresentou dois argumentos importantes para explicar por que Deus não é o responsável pela existência do mal. Primeiro, Agostinho diz que o mal não é algo que existe por si. O mal é apenas a *falta* de bondade, semelhante à cegueira ser a falta de visão. A cegueira não é uma entidade positiva ou definida, apenas a falta de uma entidade definida: a visão. Chamamos alguém de cego quando seus olhos não funcionam. Da mesma forma, de acordo com Agostinho, chamamos de mal algo que não é bom. Portanto, Deus jamais *criou* o mal, pois o mal não é algo que possa ser criado.⁴

O segundo argumento de Agostinho diz respeito à causa do mal, ou seja, o *livre arbítrio*: a capacidade de escolher nossos atos. Deus considera uma virtude moral o fato de o homem ter livre-arbítrio e não ser apenas uma marionete que age por meio de instintos pré-programados. Assim, embora Deus tenha criado um mundo bom e justo, os seres humanos podem optar por ignorar as regras definidas por Ele, e essa é a causa do mal, de acordo com Agostinho. Mesclando esses dois argumentos, fica claro, segundo Agostinho, que Deus não é a causa do mal, e nem poderia impedir esse tipo de mal, pois impedir o mal significaria que os indivíduos não teriam livre-arbítrio.⁵

Esta é a chamada *defesa do livre-arbítrio*. Então, em Westeros, a causa do mal não está no deus de sete faces, e sim nas pessoas que agem de acordo com o livre-arbítrio. Lembre-se que Jaime Lannister perguntou a Catelyn Stark: “Se deuses existirem, por que o mundo está tão cheio de dor e injustiça?” À essa pergunta, Catelyn respondeu: “Por causa de homens como você.” Mesmo quando Jaime disse: “Então, culpe esses seus preciosos deuses, que trouxeram o garoto até a nossa janela e lhe deram um vislumbre de algo que nunca devia ter visto”, Catelyn simplesmente retrucou: “Culpar os *deuses*?” perguntou, incrédula. “A mão que o atirou era sua. Queria que ele morresse.”⁶

Parece que Catelyn tem razão. Realmente foi por causa de atos de homens como Jaime e Joffrey que o marido dela morreu assassinado.

Problemas com as soluções

Os argumentos de Agostinho conseguem explicar por que o mal moral existe? Bom, parece que as coisas são um pouco mais complicadas do que ele inicialmente percebeu. Veja, por exemplo, a definição dele do mal como a falta do bem. Esta seria uma definição adequada do mal apenas se o bem e o mal fossem *conceitos polares*. Conceitos polares são coisas definidas uma em termos da outra. Por exemplo, não pode haver uma *montanha* a menos que exista também um *vale*. Tente imaginar um mundo composto apenas de montanhas e sem vales. Isso seria uma contradição lógica, pois montanhas exigem a existência

de vales para serem consideradas montanhas, assim como só podem haver homens altos se houverem homens baixos e só pode haver moedas falsas se também existirem moedas verdadeiras.⁷

O mesmo pode ser dito sobre o bem e o mal? O bem e o mal são como montanhas e vales? Bom, sou perfeitamente capaz de imaginar um mundo composto apenas de bondades (como um verão sem fim) ou um mundo em que apenas o mal aconteça (um longo e tenebroso inverno, em que os Outros surgem de todos os lugares). Logo, eles não parecem ser conceitos polares, e isso lança dúvida sobre a afirmação feita por Santo Agostinho de que o mal é a falta do bem. Além disso, os atos maléficos feitos pelo homem (estupros, assassinatos etc.) parecem ser caracterizados de modo mais adequado como ocorrências reais em vez de falta de algo. Porém, mesmo se os considerarmos como falta de algo, ainda podemos perguntar por que Deus permite que eles aconteçam. Por que ele permitiria a existência de “menos bondade” quando poderia criar mais?

A defesa do livre-arbítrio também está sujeita a contra-argumentos. Alguns filósofos e neurocientistas questionam se realmente temos livre-arbítrio.⁸ Entretanto, mesmo acreditando que temos, existe uma suposição muito importante por trás da defesa do livre-arbítrio: ter livre-arbítrio é, em geral, tão importante que *justifica* a ocorrência de todo o mal que existe no mundo. Em outras palavras, deve ser verdade que ter livre-arbítrio e a possibilidade do mal é de alguma forma *melhor* do que não ter livre-arbítrio e nem mal.⁹

Contudo, fica bem difícil defender essa suposição devido à quantidade de mal existente no mundo. Embora a morte de Eddard Stark tenha sido trágica, pelo menos ele era um adulto que teve uma vida completa, mas pense em todas as crianças pobres e inocentes mortas durante guerras. Nem crianças que ainda estão no ventre são poupadas. Pense no bebê de Daenerys Targaryen. O livre-arbítrio é um bem tão valioso que de alguma forma *compensa* todas essas mortes, sendo algumas delas horríveis? Além disso, parece razoável supor que alguém deveria parar ou impedir um mal que uma pessoa escolheu realizar de livre e espontânea vontade, mesmo se isso interferisse com o livre-arbítrio dessa pessoa. Então, por que também não é razoável supor que Deus deveria, da mesma forma, parar ou impedir o mal que resulta de nossas decisões tomadas por livre e espontânea vontade? Não é fácil responder a essas perguntas.

David Hume e a impotência dos velhos deuses

Tendo considerado a Fé dos Sete, vamos voltar nossa análise para os velhos deuses, os espíritos da natureza que foram venerados pelos Filhos da Floresta e ainda o são pelos nortenhos. Eles devem ter tido pelo menos *um pouco* de poder — afinal, por que alguém veneraria e rezaria para deuses que não têm poder algum e, portanto, não exercem qualquer influência sobre a vida diária dos seres humanos? Esses deuses seriam *impotentes*, no sentido que Hume dá à palavra. Mas o fato de eles terem *algum* poder significa que teriam poder *suficiente* para impedir completamente todos os tipos de mal? Parece muito

improvável. A fé nos velhos deuses significa fé numa religião politeísta, com múltiplos deuses. E nesse tipo de religião geralmente não há um deus onipotente.

Pense nos deuses gregos. Mesmo Zeus, mais poderoso que todos os outros deuses do Olimpo, não poderia impedir que o mal acontecesse. Ele também não tinha poder para controlar eventos ocorridos nos domínios de seus irmãos Hades (o submundo) e Poseidon (o mar).

Assim, se os velhos deuses se parecem com os deuses gregos, eles não podem impedir todo o mal. Eles são impotentes, num certo sentido da palavra. Os velhos deuses também não têm poder em determinadas áreas, especialmente onde os represeiros foram cortados. Osha explica isso a Bran quando lhe diz que seu irmão Robb deveria ter levado o exército para o norte em vez do sul. E quando Arya ficou em Harrenhal e tentou rezar aos velhos deuses, ela se perguntou se talvez devesse “rezar em voz alta se quisesse que os velhos deuses ouvissem. Ou talvez por mais tempo. Recordava que às vezes o pai rezava durante muito tempo. Mas os velhos deuses nunca o ajudaram. Lembrar-se disso a deixou zangada.

— Devia tê-lo salvado — ralhou com a árvore.— Ele rezava para você o tempo todo. Não me importa se me ajuda ou não. Não me parece que possa, mesmo se quisesse.”¹⁰

Os velhos deuses podem até ser um pouco malvados, pois geralmente não se dispõem a ajudar os que pedem auxílio. Como o rei Robert Baratheon disse a Eddard Stark: “Os deuses zombam tanto das preces de reis quanto das dos vaqueiros.”¹¹ Então, parece que o problema do mal não se aplica aos velhos deuses. Como eles não parecem ser poderosos ou dispostos o bastante para impedir que o mal aconteça, não se pode perguntar por que eles não o fazem.

Culpar os deuses pelo mal natural

O mal *natural* é causado por eventos naturais, como terremotos e furacões. Por exemplo, Steffon Baratheon, o pai de Robert, Stannis e Renly, foi morto junto com a esposa e cem homens em seu navio, o *Orgulho do Vento*, durante uma tempestade. Relembrando o fato, Stannis Baratheon explica: “Deixei de acreditar em deuses no dia em que vi o *Orgulho do Vento* quebrar-se do outro lado da baía. Jurei que quaisquer deuses que fossem monstruosos a ponto de afogar minha mãe e meu pai nunca teriam a *minha* adoração.”¹²

À primeira vista, a existência do mal natural não pode ser explicada da mesma forma que a de males morais, como assassinato e estupro. Pois parece que os males naturais não foram causados pelo livre-arbítrio de um indivíduo. Além disso, ninguém, exceto os deuses, pode evitar que esses males aconteçam. E, como Stannis concluiu de forma justa, parece que os deuses, velhos e novos, não estão dispostos ou são incapazes de impedir esse tipo de mal.

Contudo, Agostinho e outros adeptos da defesa do livre-arbítrio, como o filósofo contemporâneo Richard Swinburne, culpam os humanos por esse tipo de mal. Eles argumentam que o mal natural é *necessário* para a existência do mal moral. Para exemplificar isso, pense no prólogo de *A fúria dos reis*.

O mestre Cressen decide envenenar Melisandre usando o *estrangulador*, um cristal solúvel que na verdade é um veneno mortal.¹³ Mas como Cressen sabia que esse cristal era venenoso? Bom, provavelmente ele foi ensinado pelos mestres de sua Ordem que esse cristal tinha o efeito mortal apropriado. Mas como esses mestres sabiam? Em algum momento deve ter acontecido um *primeiro* assassinato usando esse cristal. Mas como o primeiro assassino *sabia* que esse cristal teria um efeito mortal? Presumivelmente, essa pessoa notou que o cristal (ou seu conteúdo) era mortal porque alguém o ingeriu acidentalmente e acabou morrendo. Mas este último evento é um mal natural. Assim, de acordo com esta linha de raciocínio, é preciso haver males que ocorrem naturalmente para que os homens saibam como causar males morais. Dessa forma, os males naturais são um pré-requisito para a ocorrência de males morais.¹⁴

Essa resposta parece muito fraca. A ideia de que o mal moral exige a existência do mal natural não parece verdadeira. Deus — ou, neste caso, deuses — poderia(m) ter criado seres humanos com o conhecimento inato de como ferir ou matar outros. Ou alguém poderia simplesmente aprender por meio da tentativa e erro. Além do mais, mesmo se alguém garantir que venenos são necessários por algum motivo, a existência de furacões, enchentes e terremotos, que destroem sem reservas ou preconceitos, continua sem explicação. Ninguém descobriu como usar tais desastres naturais para criar males morais.

Uma segunda explicação sobre o mal natural é dada pelo filósofo alemão Gottfried Leibniz (1646-1716). Leibniz argumentou que o mundo em que vivemos é o *melhor mundo possível*. Deus não poderia ter criado o mundo melhor do que ele é atualmente. E o mal natural é apenas uma parte necessária do melhor mundo possível. Para citar um exemplo moderno, as placas tectônicas — das quais Leibniz obviamente nada sabia — causam terremotos, mas também renovam o carbono no chamado ciclo do carbono. Sem o ciclo do carbono, as formas de vida baseadas em carbono (como nós) não poderiam existir neste planeta. O bem e o mal andam de mãos dadas, e nós apenas vivemos no mundo com a melhor combinação de ambos.¹⁵

Esse argumento, assim como o anterior, tem uma falha que já notamos anteriormente. A quantidade de sofrimento e mal a nosso redor nos faz perguntar se Deus ou os deuses realmente fizeram algo de bom ao criar este mundo, se foi preciso incluir todos esses males. E, em resposta a Leibniz, certamente parece possível imaginar um mundo melhor que o nosso.

R'hllor e o mal natural

Embora os humanos não possam causar males naturais, como tempestades, enchentes e terremotos, os deuses poderiam. Teriam que ser deuses maléficos, é claro. Mas a existência de deuses maus significa que não existem deuses bons?

De acordo com a religião dos seguidores de R'hllor, existem dois deuses: R'hllor, o Senhor da Luz, que é o deus bom, e seu inimigo, o Grande Outro, o deus da escuridão, do frio e da morte. Esses dois

deuses estão em guerra, e o mundo é o campo de batalha. A fé r'hlloriana tem muitas semelhanças com o zoroastrismo, uma antiga fé persa em que o deus bom e os deuses maus também estão em guerra, e os humanos ficam de um lado ou de outro.

A fé dos seguidores de R'hllor pode explicar por que existem males naturais: eles são causados pelo deus mau. Entre os exemplos desses males estão os invernos frios e os temidos Outros.

Embora esse tipo de fé possa responder pelo mal natural e ainda ter um deus bom e justo, ela sofre de dois problemas já vistos anteriormente. O primeiro é que R'hllor e o Grande Outro parecem ser iguais em termos de poder: nenhum deles é onipotente. Se R'hllor fosse onipotente, ele poderia simplesmente destruir o Grande Outro. O fato de R'hllor não tê-lo feito sugere que não *pode* fazê-lo, e o mesmo vale para o Grande Outro. Então, nenhum deles é onipotente, e Hume nos ensinou que sem onipotência o problema lógico do mal não existe. Apenas um deus onipotente é capaz de impedir que todo o mal aconteça. O Deus cristão é onipotente, claro. Então, se você está preocupado em defender a existência Dele, terá que procurar outro argumento para rebater.

O segundo problema é que os seguidores de R'hllor não são gatinhos inocentes. Melisandre, sua sacerdotisa, já causou muitas mortes. Pense no pobre Cressen, que bebeu a poção com o *estrangulador* destinada a ela.¹⁶ E pense em Renly Baratheon, morto pela sombra de Stannis, criada por Melisandre.¹⁷ Se pudermos deduzir a vontade do deus pelas ações de seus seguidores, é questionável que R'hllor seja considerado um deus bom, apesar de seus belos títulos.

Deuses não se importam com os homens

O problema do mal apresenta algumas perguntas interessantes para os deuses de Westeros, mas não estabelece a inexistência deles. Pelo menos em Westeros, o problema *lógico* do mal, que diz que o problema do mal leva a uma *contradição lógica*, não existe. Contudo, existe um segundo tipo de problema do mal, chamado problema *evidencial* (ou probabilístico). O problema evidencial do mal é menos rigoroso, pois conclui apenas que o mal fornece *evidências* contra a existência dos deuses. Como já vimos neste capítulo, embora existam possíveis explicações quanto à existência ou obrigatoriedade de *algum* mal, os filósofos simpáticos a essas explicações são pressionados a mostrar por que existe tanta crueldade, mal e injustiça no mundo. Portanto, parece que a própria existência do mal no mundo de *As crônicas de gelo e fogo*, e talvez também no nosso, fornece evidências, ainda que não seja prova absoluta, da inexistência dos deuses.

Observe novamente, contudo, que esse argumento diz respeito apenas a deuses justos, bons e poderosos. O problema do mal, seja ele lógico ou evidencial, não argumenta contra os deuses negligentes. E muitos dos habitantes de Westeros concordariam que os deuses são desprovidos de características encantadoras. Assim, quando Catelyn Stark disse a Brienne:

Ensinaram-me que os homens bons devem lutar contra o mal neste mundo, e a morte de Renly foi maligna, para lá de qualquer dúvida. Mas também me ensinaram que os deuses fazem os reis, não as espadas dos homens. Se Stannis for o nosso legítimo rei...

Brienne respondeu:

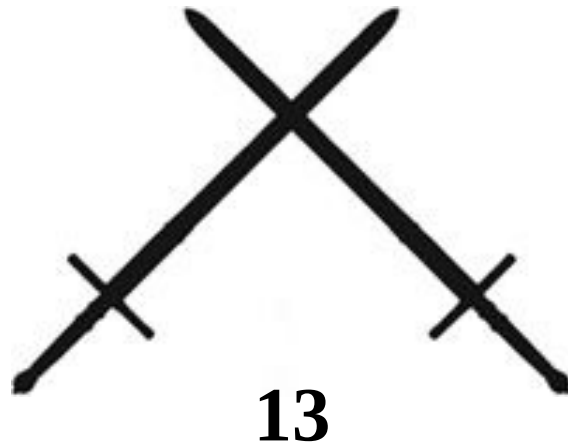
Robert também nunca foi o rei legítimo, até Renly disse isso. Jaime Lannister *assassinou* o rei legítimo, depois de Robert ter matado seu legítimo herdeiro no Tridente. *Onde estavam então os deuses?* Os deuses não se importam mais com os homens do que os reis com os camponeses.¹⁸

NOTAS

1. David Hume, *Diálogos sobre a religião natural* (Martins Fontes, 1992).
2. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
3. *Id.*
4. Santo Agostinho, *A cidade de Deus* (Vozes de Bolso, 2012).
5. Santo Agostinho, *As confissões de Santo Agostinho* (Paulinas, 2000).
6. Martin, *A fúria dos reis*.
7. Gilbert Ryle, *Dilemas* (Martins, 1993).
8. Richard Double, *The Non-Reality of Free Will* (New York: Oxford Univ. Press, 1991); e mais recentemente, dos cientistas Daniel M. Wegner, *The Illusion of Conscious Will* (Cambridge: MIT Press, 2002); e Benjamin Libet, “Do We Have Free Will?”, *Oxford Handbook on Free Will*, ed. Robert Kane (New York: Oxford Univ. Press, 2002).
9. H. J. McCloskey, “God and Evil”, *Philosophical Quarterly* 10, no. 39 (1960).
10. Martin, *A fúria dos reis*.
11. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
12. Martin, *A fúria dos reis*.
13. *Id.*
14. T. J. Mawson, “The possibility of a free-will defence for the problem of natural evil”, *Religious Studies* 40 (2004). Ver também R. Swinburne, *The Existence of God* (Oxford: Oxford Univ. Press, 2004).
15. Gottfried Wilhelm Leibniz, *Theodicy: Essays on the Goodness of God, the Freedom of Man and the Origin of Evil* (New York: Cosimo Books, 2009).
16. Martin, *A fúria dos reis*.
17. *Id.*
18. *Ibid.*

PARTE QUATRO

“O HOMEM QUE DITA A SENTENÇA DEVE MANEJAR A
ESPADA”



POR QUE JOFFREY DEVE SER MORAL SE JÁ GANHOU O JOGO DOS TRONOS?

Daniel Haas

A PRIMEIRA TEMPORADA DE *GAME OF THRONES* termina com um garoto cruel e imoral no Trono de Ferro. Graças à manobra maquiavélica da mãe e à morte do “pai”, Joffrey Baratheon passa a ser rei de Westeros. Ele é um monarca absoluto que não responde a ninguém, como Eddard Stark descobriu de modo dramático.

O poder recém-adquirido de Joffrey não traz bons presságios para Westeros. Como rei, ele está acima de qualquer repreensão e imune a punições por seus atos. Os súditos, mortos de medo, obviamente esperam que Joffrey mude de atitude e passe a ser um governante justo e moral.

Mas por que Joffrey deveria ser moral se não precisa enfrentar qualquer consequência negativa por seus atos? Embora o povo do reino possa preferir que ele seja um governante moral, por que isso deveria motivá-lo? Se ele tem o poder de fazer o que quiser, não seria razoável fazer exatamente isso? Na verdade, que motivo qualquer um de nós tem para ser moral diante da falta de consequências negativas?

O mundo será exatamente como você quer que seja

O Rei Joffrey não vê qualquer motivo para agir moralmente. Ele nasceu numa família privilegiada e poderosa e está bastante ciente que poucas pessoas têm poder para questionar seu comportamento. Mesmo antes do infeliz “acidente” do “pai”, Joffrey sabe que pode fazer praticamente o que quiser sem ser punido. (E acaba fazendo mesmo.)

Quando Joffrey decidiu importunar Arya e seu amigo Mycah, o filho do carniceiro, ele não foi punido por ser um valentão. Claro que Arya desarma o príncipe, sua loba morde a mão dele e a espada de Joffrey é jogada no rio, mas ele não é chamado a responder por ter começado a briga com Arya. Em vez disso, a menina é punida, sua loba é caçada e tanto Mycah quanto Lady, a inocente loba de Sansa, são mortos. Joffrey é responsável por um assassinato e escapa impune. Ele trata mal as outras pessoas, e elas é que acabam punidas por chamar a atenção para o mau comportamento dele.

Não surpreende que, ao virar rei, Joffrey continue a agir como se pudesse fazer o que quisesse. Cersei fala do filho: “Agora que é o rei, acha que deve fazer o que bem entende, não o que lhe é pedido.”¹ Quando Joffrey passa a ser rei, contudo, ele realmente acredita que não responde a ninguém por seus atos. Antes da coroação, ele ao menos sabia que respondia aos pais e, em menor escala, ao resto da família, mas, após ter subido ao Trono de Ferro, Joffrey se considera acima de qualquer repreensão. Esse privilégio lhe dá licença para se envolver em todo tipo de atos horrendos, entre eles a cruel decapitação de Eddard Stark.

Esse comportamento egoísta e sádico faz com que a maioria dos fãs de *As crônicas de gelo e fogo* tenha uma forte aversão pelo personagem. O próprio George R. R. Martin admitiu ter sentido um certo prazer escrevendo as cenas em que Joffrey enfim recebe a merecida punição.² Mesmo tendo o poder político para fazer o que quiser, determinadas coisas simplesmente não devem ser feitas. Não importa o quanto seu futuro sogro o aborreça, não se manda cortar a cabeça dele na frente da noiva.

Mas será que Joffrey tem motivo para se comportar de outra forma, visto que não existem consequências negativas externas pelos seus atos? Ele não é racional por fazer exatamente o que quer, visto que não precisa temer punições? Que motivo Joffrey teria para agir moralmente se nada de mau lhe acontecerá em resposta a seus atos? Não faríamos todos o mesmo (com exceção, talvez, de espancar nossa noiva)? Se você pode escapar impune, por que não castigar seus inimigos, colar no vestibular ou baixar filmes piratas? Se você tem a garantia de que não vai ser pego e não sofrerá repercussões negativas pelo mau comportamento, por que se importar com os ditames da moral? Não seria racional se comportar como Joffrey e fazer o que lhe der vontade quando for possível escapar impune? Ou existe algum motivo egoísta pelo qual Joffrey e o resto de nós devem agir moralmente, mesmo na falta de consequências negativas externas por nossos atos?

Um homem de grande ambição e nenhuma moral, eu não apostaria contra ele

Por que ser moral? Esta pergunta vem desde a época de *A república* de Platão (428-348 a.C.), obra na qual os personagens Sócrates e Glauco discutem a natureza da justiça.³ Fazendo o papel de advogado do diabo, Glauco argumenta que agimos de modo justo (ou moral) apenas porque tememos ser

descobertos e punidos. Sócrates (falando por Platão) discorda e sugere que o homem justo está sempre em situação melhor que o injusto. Como contraexemplo à alegação de Sócrates de que o homem justo está sempre em situação melhor, Glauco reconta o mito do anel de Gíges.⁴

Na história de Glauco, Gíges é um simples pastor que descobre um anel mágico capaz de deixar invisível quem o usa. Após se dar conta das propriedades mágicas do objeto, Gíges percebe que pode realizar suas ambições mais loucas e usa o anel para saciar sua sede de poder: seduz a rainha, mata o rei e toma o trono para si. Gíges tem a capacidade de satisfazer todos os desejos que tem e assim o faz.

Glauco, então, pede a Sócrates para imaginar um cenário em que existam dois anéis mágicos, um dado a um homem justo e o outro, a um homem injusto. Glauco defende que os dois homens agirão mal e nem mesmo o justo conseguirá resistir à tentação de realizar seus desejos. Afinal, por que deveria? Com o anel de Gíges, o justo não tem motivo para temer represálias. Seus atos imorais não serão vistos. Com esse tipo de poder, não seria racional que ele simplesmente pensasse nos próprios interesses e fizesse o que lhe desse na telha? Ele não seria um tanto tolo se não aproveitasse essa oportunidade a seu favor? Glauco sustenta que não só a maioria das pessoas usaria o anel, como seria irracional não usá-lo.

Se Glauco estiver certo ao dizer que apenas um tolo agiria moralmente na ausência de sanções, talvez Joffrey esteja no caminho certo. O cenário do anel de Gíges é bem semelhante à forma como Joffrey vê o privilégio de estar no Trono de Ferro. Como rei, Joffrey acredita que estará imune a sanções. Afinal, a justiça em Westeros é a “justiça do rei”. O que o rei diz e faz tem valor. Se alguém não gosta ou, pior ainda, questiona o comportamento dele, então Joffrey, como rei, pode simplesmente lançar mão de alguma de suas várias punições engenhosas, como fez quando mandou cortar a língua de um menestrel após cantar uma canção que debocha da morte de Robert Baratheon e acusa, de modo pouco sutil, os Lannister de terem matado o rei. Da perspectiva de Joffrey, o privilégio de estar no Trono de Ferro é tão bom quanto ter um anel mágico.

Ser rei pode significar ter poderes quase ilimitados, mas — infelizmente para Joffrey — nem mesmo um rei pode esconder seus atos dos súditos. O anel de Gíges desperta tanta atração justamente porque permite a quem o usa a possibilidade de agir de modo imoral sem ter a mesma reputação questionável de Joffrey e outras pessoas desprezíveis. E, por mais que ele goste de acreditar que pode fazer o que quiser, as pessoas se lembram com ódio de tiranos. Uma geração antes de Joffrey, o povo de Westeros se revoltou contra o Rei Louco Aerys Targaryen. Essa rebelião acabou levando ao assassinato de Aerys pelas mãos de Jaime Lannister. No final da primeira temporada de *Game of Thrones*, Joffrey está indo rapidamente pelo mesmo caminho de Aerys.⁵

A cada ato de crueldade, a cada mal infligido para fins egoístas, Joffrey transforma um possível aliado leal num inimigo eterno. Enquanto Gíges consegue ter os benefícios de parecer ser uma boa pessoa, Joffrey não tem a mesma sorte. Antes de subir ao poder, o comportamento de Joffrey era ofensivo o bastante a ponto de merecer uma boa surra do tio. Você vibrou quando Tyrion Lannister bateu no sobrinho pela primeira vez? Eu vibrei. E ser coroado rei não fez absolutamente nada para melhorar o comportamento do jovem. Poucos dias após ter subido ao trono, Sansa, a futura noiva de Joffrey, cogita

empurrá-lo de uma ponte. Os delitos do rei apenas garantem que seu período no Trono de Ferro tenha um fim rápido e sangrento.

Joffrey claramente não entendeu o que significa estar no Trono de Ferro. Mas o erro dele é agir de modo imoral? Ou é outra coisa? Talvez se achar invencível?

Por ser rei, Joffrey acredita que pode fazer o que quiser e não haverá consequências negativas. Isso é uma grande ingenuidade. O erro fatal dele nem é agir de modo imoral, e sim acreditar erroneamente que é invencível. Afinal, esse comportamento imoral lhe rendeu má fama e muitos inimigos. Seria inteligente começar a se comportar melhor.

Integrantes da corte de Joffrey, como lorde Petyr “Mindinho” Baelish, disfarçam seus delitos de modo mais competente. E assim como Gíges, Cersei e Jaime Lannister conseguem manter suas transgressões morais em segredo, ainda que isso signifique empurrar uma criança da janela. Talvez a verdadeira lição a ser aprendida é que Joffrey apenas precisa ter mais cuidado com quem o vê agindo de modo imoral.

A verdade será o que você definir

Cersei e Jaime Lannister são espertos o bastante para manter seus lapsos morais em segredo. Eles agem como se fossem moralmente respeitáveis quando estão com outras pessoas e mantêm seu caso de amor e suas manobras políticas nas sombras.

Numa cena crucial da série, Cersei aconselha Joffrey, dizendo que “a bondade ocasional lhe poupará de todo tipo de problema mais adiante.” (Episódio 3 da primeira temporada, *Lord Snow* [*Lorde Snow*].) Cersei tenta ensinar ao filho a importância de manter a aparência de ser uma boa pessoa, agindo como se fosse um governante justo e cultivando a reputação de um indivíduo moral. Segundo este conselho, não há problema em fazer tudo o que quiser em segredo, mas agir abertamente como um vilão significa fazer inimigos rapidamente e criar o cenário para uma imensa queda.

Cersei obviamente não tem um anel mágico como Gíges. Ela precisa recorrer à linguagem ambígua, ao amante que empurra crianças de janelas e outras estratégias maquiavélicas para esconder seus verdadeiros motivos. Mas, supondo que ela tenha sucesso em manter as aparências de ser uma rainha nobre e justa, Cersei tem algum motivo para ser moral na vida particular? Visto que ela fez sua parte para garantir que jamais precisará enfrentar punições, ela tem algum motivo para ser moral? O medo de vingança é o único motivo para ser isso?

Você tem uma longa viagem pela frente, e em má companhia

Talvez Cersei e Joffrey tenham que ser morais devido ao contrato social do qual todos nós fazemos parte como integrantes de comunidades. Obviamente, é do interesse de ambos viver numa sociedade em que as pessoas ajam de forma moral, respeitando os direitos e interesses alheios. Afinal, se Cersei tivesse a garantia de que todos em Porto Real agissem moralmente, desde que ela também se comportasse bem, a rainha teria muito menos motivos para armar esquemas. Na mesma linha, se a única maneira de Joffrey garantir que seus súditos não tentassem usurpar-lhe o trono fosse que ele se transformasse num governante justo e nobre, ele também teria um bom motivo para agir moralmente.

O teórico do contrato social Thomas Hobbes (1588-1679) concordaria. Hobbes se preocupava com o perigo dos humanos competirem uns com os outros a fim de satisfazer os próprios desejos. Ele reconhecia que, num mundo sem controles legais, morais e sociais sobre o que se pode ou não fazer, nada impediria o envolvimento num conflito mortal. É uma dura realidade, mas humanos em busca dos próprios objetivos e interesses inevitavelmente entrarão em conflito direto uns com os outros. Também é uma verdade óbvia que mesmo o mais fraco de nós pode representar uma ameaça ao mais forte. Hobbes estava bastante ciente que um duende sempre pode contratar um mercenário, uma rainha sempre pode recorrer à traição ou ao veneno e até um guerreiro forte como Drogo pode ser abatido por uma simples ferida. Quando todos nós buscamos os próprios objetivos e desejos sem o controle da moralidade e da sociedade, nós competimos. E, quando competimos, acabamos matando uns aos outros.

Esse medo da destruição mútua dá uma motivação poderosa para encontrar um jeito de garantir que todos se comportem da melhor maneira possível. Racionalmente, devemos estar dispostos a fazer qualquer coisa para garantir um ambiente sem a constante ameaça de competição mortal. E um jeito de fazer isso é aceitar viver de acordo com um conjunto de regras. Se eu concordo em ser uma pessoa moral e justa desde que você concorde em ser uma pessoa moral e justa, e você concorde em fazer o mesmo, ambos temos a garantia de que somos capazes de cooperar e viver em paz. Assim, o motivo pelo qual Joffrey e Cersei precisam agir moralmente seria para garantir a preservação do contrato social e que todo mundo também aja moralmente.

À primeira vista, isso parece ser uma resposta poderosa à pergunta “Por que ser moral?”. Dá até à pessoa mais desvirtuada e psicopata um motivo convincente para se comportar bem. Se você sair da linha e ceder ao desejo de cometer atos imorais, estará quebrando o contrato com seus companheiros cidadãos. E, se você não cumprir as regras, eles também não terão motivos para fazê-lo. Quando não é mais possível ter certeza de que os vizinhos agirão de modo moral, fica-se com medo de qualquer sombra, temendo uma punhalada pelas costas.

Os homens da Patrulha da Noite adotam uma filosofia que segue bastante o espírito desse motivo de Hobbes para ser moral. A Patrulha da Noite é uma espécie de colônia penal composta por assassinos, estupradores, ladrões e os que não têm para onde ir. A maioria acaba se juntando à Patrulha da Noite contra a própria vontade. Eles recebem uma escolha entre “vestir-se de negro”, isto é, jurar defender Westeros com a vida dos horrores inenarráveis para lá da Muralha, ou a morte. Obviamente, quando se está vivendo entre ladrões e assassinos, é de vital importância ter alguma garantia de que seu vizinho não

vai cortar sua garganta enquanto você dorme. A Patrulha da Noite consegue isso ao deixar claro para seus integrantes que, se eles saírem da linha, serão mortos.

Mas Porto Real é um lugar bem diferente da Muralha, e a corte de Joffrey é bem menos honrada que o bando de vagabundos que compõe a Patrulha. Mesmo se Joffrey e Cersei concordassem com Hobbes que o desejo de uma sociedade moral e estável dá motivos para as pessoas se comportarem bem, essa obrigação só dura enquanto os outros cumprirem sua parte no contrato. E não é preciso ser Eddard Stark para saber que não existe contrato na corte de Joffrey. Agir moralmente não é uma boa estratégia de sobrevivência em Porto Real.

Porto Real se assemelha mais à civilização dothraki do que ao tipo de comunidade honrada da qual fazem parte os homens da Patrulha da Noite. Agir “moralmente” nos dois ambientes é visto como um tipo de fraqueza. Entre os dothraki, só os fortes sobrevivem. Drogo é khal, o líder do povo, mas não por ser um pilar de virtude, e sim porque ele é um assassino sanguinário e implacável, disposto a cortar gargantas dos súditos se eles desafiarem sua autoridade ou ficarem em seu caminho. Da mesma forma, Mindinho e Varys, dois atores fundamentais na política de Porto Real, sobreviveram tanto tempo porque ambos são assassinos implacáveis dispostos a esmagar os oponentes. É verdade que eles usam métodos mais sutis e indiretos do que derramar ouro derretido na cabeça dos inimigos, mas o resultado final é o mesmo. Em Porto Real e nas terras selvagens dos dothraki, o jogo é para valer. Então, Porto Real não é exatamente o tipo de ambiente propício a respeitar um contrato social.

Mesmo se a cidade fosse uma comunidade mais admirável em termos morais, Joffrey não necessariamente teria um motivo para agir de forma moral. Parando para pensar, Joffrey não está interessado em agir moralmente. O que realmente lhe interessa é que *todos os outros* respeitem os direitos e interesses alheios e pensem que ele está se comportando bem.

Se todos acreditassem na teoria do contrato social, o rei estaria em franca vantagem. Os cidadãos de seu reino seriam presas fáceis. Ned e Sansa foram enganados por Cersei justamente por acharem que ela jogaria de acordo com as regras. Se Joffrey tivesse ouvido o conselho da mãe e fosse um pouco mais discreto, ele poderia pegar carona no bom comportamento de seus cidadãos e ceder aos desejos mais loucos e imorais em segredo.

A solução do contrato social para a pergunta “Por que ser moral?” não dá a Joffrey um motivo convincente para agir moralmente. Pode dar um motivo pelo qual grupos de pessoas em geral *deveriam* agir moralmente, mas este não é o tipo de razão que motivaria um imoralista como Joffrey. Ele certamente tem interesse que todos os outros se comportem bem, mas precisamos mesmo é de um motivo para que ele também se comporte bem.

Nosso costume é antigo

Segundo Platão, imoralistas como Joffrey são incapazes de ter a verdadeira felicidade, porque a

felicidade é mais do que apenas satisfazer seus desejos e obter tudo que se quer. Ela está relacionada à vida interior, ao estado da alma. Dessa forma Joffrey deve ser um rei moral e justo, porque está perdendo a felicidade ao se recusar a agir moralmente.

Você pode pensar que há algum ilusionismo acontecendo aqui. Claro que Joffrey parece estar perdendo algumas coisas boas na vida, mas isso acontece porque ele é um cretino imoral? Os pais de Joffrey, Cersei e Jaime, também têm motivos bem questionáveis (pelo menos durante a primeira temporada de *Game of Thrones*), mas ambos parecem ter encontrado um pouco de felicidade um no outro. Eles podem empurrar uma criança da janela de vez em quando ou se envolver num arroubo incestuoso ocasional, mas a vida e a alma deles são realmente caóticas e desorganizadas devido a seus atos?

Joffrey e sua família parecem ter muitas coisas boas na vida, e várias delas certamente foram obtidas por meio de atos imorais. Os Lannister são uma família extremamente rica, e essa riqueza e poder acumulados lhes permitem comprar todo tipo de prazeres. Sejam lautos banquetes, fácil acesso a prostitutas ou celebrações extravagantes, eles parecem ter uma vida bem confortável quando comparada a vários habitantes dos Sete Reinos. Então, seria mesmo verdade que as pessoas imorais nunca são verdadeiramente felizes?

Talvez Cersei e Joffrey tenham vidas agradáveis, mas isso é diferente da verdadeira felicidade. Platão tem em mente um tipo mais profundo desse sentimento. Uma pessoa imoral como Joffrey é infeliz, mesmo obtendo o que deseja e satisfazendo seus desejos. Ele tem uma alma doente e sua vida interior é um caos, além de ter uma existência pequena e egoísta. Joffrey se preocupa apenas consigo mesmo e não tem a capacidade de se conectar de modo significativo a outro ser humano. Afinal, em sua visão, os outros servem apenas como meios para satisfazer seus desejos. Sem quaisquer preocupações com a moralidade, Joffrey não tem, ou pelo menos não demonstra ter, as emoções humanas básicas, como compaixão, amor e consideração, que permitem amizades e relacionamentos verdadeiros. Joffrey está sozinho. Se Platão estiver certo, a vida imoral de Joffrey o impede de vivenciar o que é realmente valioso na vida. Assim, a verdadeira felicidade é algo que pode estar fora do alcance da pessoa imoral.

Alguns filósofos são céticos quanto a essa visão de felicidade definida por Platão, mas existe pelo menos uma pessoa em Westeros que concordaria com ele. Eddard Stark parece pensar que há algo na vida moral que torna o ato de viver de forma honrosa e justa muito mais importante do que qualquer Trono de Ferro. Talvez valha até a pena morrer por isso.

Devo ser um dos poucos homens desta cidade que não quer ser rei

Numa cena reveladora, Ned confronta Cersei e conta ter descoberto que Joffrey não é filho do rei. Ele avisa a Cersei:

— Quando o rei voltar da caçada, direi a ele a verdade. Você já deve ter ido embora, você e seus filhos. Não quero ter o sangue dele em minhas mãos. Vá para o mais longe que puder, com o máximo de homens que puder, porque não importa aonde você vá, a ira de Robert a seguirá.

— E a minha ira, Lorde Stark? Você deveria ter tomado a coroa para si. Jaime me contou sobre o dia em que Porto Real caiu. Ele estava sentado no Trono de Ferro e você o fez abrir mão dele. Bastava apenas você subir os degraus. Um erro tão triste.

— Já cometi muitos erros na vida, mas este não foi um deles.

— Ah, mas foi. Quando se joga o jogo dos tronos, ganha-se ou morre.

(Episódio 7 da primeira temporada, *You Win or You Die* [*Você ganha ou morre*].)

Essa conversa ilustra um contraste fundamental entre Ned Stark e Cersei Lannister. Cersei vê a vida em Porto Real como uma competição. Ela ama o irmão Jaime e os filhos e está disposta a fazer de tudo para obter poder para si e sua família. Ela não tem tempo para honra ou moralidade. Apenas o Trono de Ferro e o poder que vem com ele importam para Cersei. O poder, especialmente o quase ilimitado que vem com o trono, traz também segurança. Para ela, o erro mais idiota que alguém pode cometer seria perder uma oportunidade de tomar o poder, garantir esse privilégio e essa segurança para si e para a família.

Ned pensa de modo diferente. Ele pode concordar com Cersei que o jogo dos tronos é jogado para valer, mas não está disposto a participar de um jogo em que a única forma de vencer é sacrificando a própria moralidade. Para ele, existem coisas mais importantes que o poder, e a honra e a moralidade têm mais valor até mesmo do que uma vida longa e segura.

Essa relutância em abrir mão dos ideais é um dos principais motivos pelos quais Ned acredita ter sido inteligente ao recusar o trono. Na juventude, ele já sabia que subir ao trono e garantir a permanência lá significaria abrir mão de sua honra repetidamente. Seria viver em constante medo de ser destronado, ter uma vida de competição e concessões morais eternas. E para Ned não há felicidade nem glória nesse tipo de vida.

A decisão de Ned de rejeitar o trono está de acordo com a resposta de Platão à pergunta “Por que ser moral?”. Afinal, Ned rejeitou o trono para voltar ao norte e viver com a esposa. Ele continuou firme em seu compromisso com a honra e a virtude e conseguiu uma vida surpreendentemente feliz e realizada para alguém em Westeros. O patriarca dos Stark passou décadas num lar amoroso e feliz, criando os filhos e governando sua parte do reino de modo justo e sábio. Ele cultivou relacionamentos profundos e verdadeiros com as pessoas de quem mais gostava e transmitiu sua sabedoria aos filhos. Se não fosse pela insistência de Robert para se juntar a ele em Porto Real, Ned teria levado uma vida honrosa até o fim. Essa felicidade é algo que Cersei, sua família e todos os que lutam pelo poder em Porto Real jamais terão. Foi o compromisso de Ned com a moralidade que lhe permitiu encontrar a verdadeira felicidade, independentemente de sua total consciência de que o inverno está chegando.

Como reconhecia a futilidade da vida imoral, Ned relutou em aceitar a oferta de Robert para ser Mão do Rei. Ele sabia que seu compromisso com a honra fazia dele uma pessoa particularmente inadequada para competir com o ninho de cobras de Porto Real. Forçado a entrar no jogo dos tronos, Ned o joga como viveu, com honra e justiça. Mas um homem honrado posto contra gente como Cersei, Mindinho e Varys é um homem morto. Ned estava fadado ao fracasso assim que aceitou a oferta de Robert. Depois de poucas semanas em Porto Real, ele se vê preso por traição, vítima das manobras políticas daqueles que não se veem impedidos por restrições morais.

Após Cersei mandar prender Ned, Varys lhe faz uma visita a fim de oferecer uma forma de evitar a execução. Se Ned estiver disposto a manter em segredo que Joffrey não é filho legítimo do falecido rei, Varys garante que Ned será capaz de convencer Cersei a deixá-lo se vestir de negro e entrar para a Patrulha da Noite. Tudo que Ned precisa fazer é contar uma pequena mentira e guardar o segredo da rainha.

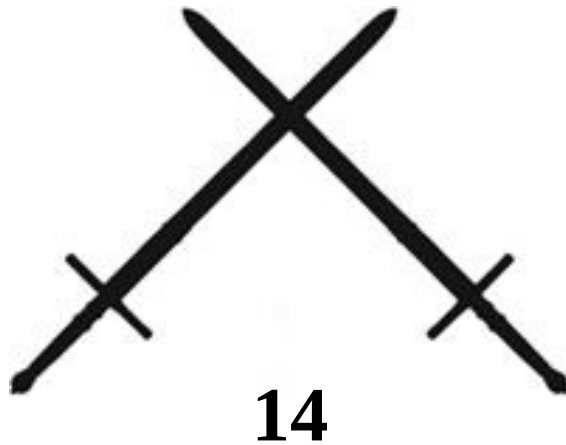
Ned responde: “Você pensa que minha vida é algo precioso para mim, que eu trocaria minha honra por mais alguns anos... de que mesmo? Você foi criado com atores, aprendeu o ofício deles e aprendeu bem. Mas eu fui criado com soldados. Aprendi a morrer há muito tempo.” (Episódio 9 da primeira temporada, *Baelor*.)

Varys tenta mais uma tática a fim de persuadir Ned a ceder em seus valores. Ele pergunta: “E a vida de sua filha, meu senhor? É algo precioso para você?” Essa ameaça velada na forma de pergunta enfim motiva Ned a ceder. Ele troca a honra pela vida das filhas e o adiamento da própria execução. Mas isso acaba sendo inútil. Ned sacrifica a honra, alega falsamente que conspirou a fim de roubar o Trono de Ferro para si e proclama Joffrey como herdeiro legítimo e de direito de Robert. É a deixa para o jovem monarca mostrar sua noção distorcida de justiça: Ned perde a cabeça e Sansa passa a ser prisioneira, com a vida ainda em perigo. A morte de Ned é trágica porque ele sacrificou sua moralidade e honra por nada.

Apesar desse fim trágico e do momento de fraqueza, Ned pode na verdade estar certo quanto ao valor da moralidade. Talvez Cersei e Joffrey estejam perdendo algo que a honra de Ned lhe permite vivenciar. A resposta dele à pergunta “Por que ser moral?” é semelhante à de Platão. O motivo para ser moral não consiste em evitar punição, escárnio, desaprovação ou ser chamado a responder por mau comportamento. O inverno inevitavelmente chegará, e não devemos ser motivados a renunciar à moralidade por medo de que algo de mau nos aconteça. Devemos nos ater à moralidade porque ser moral é o único jeito de ter o melhor que a vida pode oferecer. Diante de Cersei e Joffrey, Ned e Platão teriam, sim, uma resposta. Vocês perdem a vida boa ao serem imorais. Há mais na vida do que o mero prazer.⁶

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
2. Authors@google [Autores no Google]: George R. R. Martin, 6 de agosto de 2011, disponível em www.youtube.com/watch?v=QTTW8M_etko (em inglês).
3. Platão, *A república* (Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição).
4. *Id.*
5. Martin, *A fúria dos reis*.
6. Dedicado a Karen Haas, minha mãe, por ter me criado como um Stark e ensinado que ter uma vida boa significa mais do que sempre obter o que deseja.



A SORTE MORAL DE TYRION LANNISTER

Christopher Robichaud

Se você vai ser um aleijado, é melhor ser um aleijado rico.

*Tyrion Lannister (Episódio 3 da primeira temporada,
Lord Snow [Lorde Snow])*

O MUNDO DE *AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO* não é bonito, mas sua feiura não se encontra no cenário. Westeros está repleta de paisagens maravilhosas, como a beleza pacífica dos bosques sagrados e a vasta grandeza da Muralha. A feiura do mundo de George R. R. Martin diz respeito à *sociedade* dos Sete Reinos. Trata-se de uma nação de arranjos sociais brutais que levaram a uma sangrenta guerra civil. Além disso, existe um abismo entre os abastados e os despossuídos. Alguns dos despossuídos ganham a vida com dificuldade como fazendeiros, negociantes ou taverneiros, fazendo de tudo para não serem convocados a lutar por uma casa nobre num de seus conflitos sem fim. Outros despossuídos precisam recorrer à prostituição e ao roubo para sobreviver. A vida dos nobres, por sua vez, traz um conjunto diferente de preocupações. Embora os abastados dos Sete Reinos não precisem se preocupar com comida, abrigo e companhia — pelo menos não na maioria das vezes —, eles precisam estar constantemente alertas para evitar que a comida seja envenenada, o abrigo seja invadido e os amigos virem inimigos. Afinal, vale tudo no jogo dos tronos.

Eis que surge Tyrion Lannister, um dos mais complicados e cativantes personagens que já surgiu numa série de fantasia. Tyrion é um anão,¹ motivo suficiente para ele ter sido afogado logo após seu nascimento. Um anão nos Sete Reinos normalmente teria uma existência sofrida, mas, felizmente, Tyrion também é um Lannister. A Casa Lannister é a mais rica dos Sete Reinos, dona de vasta influência política. O patriarca da família, Tywin Lannister, é um gênio militar. A filha, Cersei, começa a história como

rainha e depois chega a governar os Sete Reinos enquanto o filho mais velho, Joffrey, não chega à idade adequada para herdar a coroa. O belo irmão gêmeo dela, Jaime, integrante da Guarda Real, é um cavaleiro extremamente habilidoso e letal.

E também temos Tyrion. Grotescamente feio (pelo menos nos livros) e anormalmente pequeno. A mãe morreu no parto, fato pelo qual o pai o despreza. Tem a mente afiada, calculista e excessivamente inteligente, o que significa que a irmã não confia nele, parecendo chegar ao ponto de ordenar um atentado a sua vida. Mas Tyrion geralmente mostra uma compaixão digna da Casa Stark e exhibe heroísmo no campo de batalha nos moldes de Jaime, o Regicida. Ele revela ter excepcionais qualidades de liderança ao governar os Sete Reinos dos bastidores, como Mão do rei Joffrey. E, embora ele beba demais e se relacione com várias prostitutas, ainda assim nutre amor verdadeiro por Shae.

Então, o que pensar de Tyrion Lannister? Ele é, ao mesmo tempo, um dos homens mais sortudos e azarados da saga. Saiu do útero com tudo contra ele em termos físicos, incluindo o fato de matar a própria mãe no nascimento. Porém, nasceu com um intelecto invejável e numa casa nobre que lhe garantiu riqueza e influência política. O que esses fatos têm a ver com o caráter moral de Tyrion? Como eles devem afetar a avaliação que fazemos de seus atos como moralmente louváveis ou condenáveis?

Vícios e virtudes de Tyrion Lannister

Vamos começar nos concentrando primeiro no caráter moral de Tyrion e no papel que a sorte teve para formá-lo. Tyrion é mocinho ou vilão? Esta pergunta não tem uma resposta direta, mas há algo digno de nota sobre a questão em si. Quando pensamos se uma pessoa é boa ou má, levamos em conta não só o que ela fez, mas que *tipo* de pessoa ela é (pelo menos, é isso que dizemos). E o que está por trás disso é uma preocupação com o caráter moral dessa pessoa.

Como acontece com vários assuntos na filosofia, há muita discordância sobre o que devemos entender como caráter moral de uma pessoa. A maioria dos filósofos, contudo, concorda que o caráter moral de alguém não consiste apenas no que a pessoa faz. As ações podem revelar o caráter de uma pessoa, mas não o definem. Veja um exemplo: em *A fúria dos reis*, fica claro que Tyrion é corajoso no campo de batalha, além de ser um bom estrategista.² Ele faz um belo discurso sobre não querer entrar no sangrento negócio do combate, mas, quando a situação aperta — quando Sandor “Cão de Caça” Clegane foge devido ao fogo no campo de batalha —, Tyrion lidera um pequeno número de homens contra o gigantesco exército de Stannis Baratheon que está invadindo as entradas de Porto Real. Isso revela que Tyrion é realmente corajoso, mas não parece fazer muito sentido dizer que ele subitamente tornou-se corajoso naquele momento. O modo mais atraente de descrever a situação é dizer que ele foi corajoso na batalha, mas só aprendemos isso sobre Tyrion — e talvez ele tenha aprendido isso sobre si mesmo — quando surgiu a oportunidade para que ele agisse de determinada maneira. Suas ações revelaram uma virtude de seu caráter moral: a bravura. Mas ele tinha a virtude, independentemente de haver uma

oportunidade para demonstrá-la ou não.

Nessa linha de raciocínio, o caráter moral de uma pessoa equivale a um conjunto de disposições que ela tem — disposições de agir de várias formas sob diferentes circunstâncias. Essas circunstâncias podem nunca acontecer, então podemos nunca aprender sobre certas virtudes e vícios — disposições morais — de uma pessoa. Isso não significa que ela não tenha essas características. Diante disso, quando perguntamos se uma pessoa é boa ou má, parecemos mais interessados em quais são as disposições morais dela. Ela é cruel? Misericordiosa? Generosa? Sovina? E por aí vai. Geralmente baseamos nossas respostas a essas perguntas em ações, porque as ações revelam o caráter, mesmo que as ações isoladas não formem o caráter de alguém.

Então, qual é o caráter moral de Tyrion? Bom, pelo que descobrimos, ele transita pela vasta gama de disposições entre o bom e o mau. Em certas circunstâncias, tende à condescendência, à arrogância e à licenciosidade. E também tende a comer e beber demais. Mas outras situações revelam que ele é compreensivo, misericordioso, justo e corajoso. Isso resulta num caráter moral complicado, mas quanto do caráter de Tyrion cabe a ele? Ele é responsável pelo tipo de pessoa que se tornou ou a principal responsável é a sorte, envolvendo circunstâncias além de seu controle?

Está além do alcance das mãos da Mão do Rei

Apesar do que podemos pensar normalmente, o caráter moral de Tyrion pode estar bem além de seu controle. Veja a compaixão e a empatia dele, duas virtudes morais distintas, porém relacionadas. Por que consideramos Tyrion misericordioso e empático? A compaixão de Tyrion com os oprimidos e párias — com Sansa, sequestrada por Cersei e vítima das agressões físicas de Joffrey, ou com Jon Snow, o filho bastardo de Ned Stark — não se origina plausivelmente de qualquer treinamento formal em bom comportamento ao qual ele tenha se dedicado, e sim das próprias circunstâncias de sua vida. “O que raios você sabe sobre ser um bastardo?”, Jon Snow pergunta a Tyrion. “Todo anão é bastardo aos olhos do pai”, responde Tyrion. (Episódio 1 da primeira temporada, *Winter Is Coming* [*O inverno está chegando*].) Será que Tyrion atenderia ao pedido de Jon em sua viagem para a Muralha, que dirá se preocupar o bastante a ponto de lhe dar bons conselhos para seguir a vida, se não tivesse nascido numa posição semelhante à de pária? Muito improvável. Ele também não seria inteligente e calculista se não fizesse parte de uma família em que um homem com suas limitações físicas precisava desenvolver essas habilidades para sobreviver às maquinações da irmã Cersei e ao desprezo do pai, Tywin. E também não seria necessariamente corajoso se as proezas do irmão não lhe servissem de exemplo contínuo da virtude dos cavaleiros.

Isso significa que nenhum aspecto do caráter moral de Tyrion foi controlado por ele? Claro que não. Entretanto, isso mostra que uma parte muito maior desse caráter está além de seu controle — mais do que poderíamos ter imaginado antes de refletir sobre a questão. Gostamos de pensar que somos os arquitetos

de nosso caráter moral, mas, como Tyrion revela, as circunstâncias podem ter um papel crucial para moldar o caráter moral.

As muitas faces da sorte moral

A esta altura, podemos começar a ficar um pouco preocupados sobre o que essas observações podem significar em termos de responsabilidade moral. Se boa parte do caráter de Tyrion está além de seu controle e mesmo assim suas ações vêm de seu caráter, podemos realmente elogiá-lo ou culpá-lo pelo que faz? Ele é moralmente responsável por algo, se não for responsável pelo caráter moral que dá origem a essas ações?

As preocupações sobre este assunto vão além do que exploramos até agora. Em seu artigo pioneiro “Moral Luck” [“Sorte moral”], o filósofo Thomas Nagel chama o tipo de sorte que estamos levando em conta ao falar do caráter de Tyrion de “sorte constitutiva”.³ Nagel também explora áreas em que parece haver um conflito relacionado à forma que avaliamos a responsabilidade moral. Uma dessas áreas, que ele chama de “sorte resultante”, envolve casos como a parte de *A fúria dos reis* em que Tyrion ordena a produção massiva de “fogovivo”, um tipo de líquido combustível, a fim de impedir a frota de Stannis. O anão se esforça para garantir o cuidado na produção dessa substância e o treinamento adequado para quem vai utilizá-la. E ela acaba sendo produzida com muito cuidado e usada adequadamente, fazendo com que boa parte da frota de Stannis seja queimada no mar. Mas imagine que, mesmo com todo o cuidado na produção e utilização, um terrível acidente acontecesse durante a batalha e, em vez de o fogovivo destruir a frota de Stannis, boa parte de Porto Real acabasse incendiada. Em vez de triunfar, os Lannister teriam sido derrotados.

No primeiro caso, ficamos propensos a elogiar Tyrion por seu papel no uso do fogovivo. (Pelo menos se formos da Casa Lannister. Vamos supor, para fins de argumentação, que temos bons motivos para acreditar que os Lannister estão lutando uma guerra justa.) No segundo caso, ficamos propensos a culpar Tyrion *pelas mesmas ações*. Eis a questão: nos dois casos, a parte da história que está sob controle de Tyrion é idêntica. Ele faz exatamente a mesma coisa. O fato de o julgarmos digno de elogio ou condenação parece depender de resultados que estão totalmente além do controle do Duende. Porém, ainda assim, e este é um ponto crucial, pensamos que devemos elogiar ou culpar as pessoas apenas pelas coisas que elas podem controlar. Por isso Nagel alertou para a profunda tensão existente em nosso pensamento moral. Há uma forte tendência a elogiar Tyrion no primeiro caso e a condená-lo no segundo, ao mesmo tempo reconhecendo que estamos elogiando-o ou condenando-o por motivos fora do controle dele. E isso parece incorreto, pois pensamos que ter responsabilidade moral envolve necessariamente estar no controle do que acontece.

E fica pior. Nagel também discute o que ele chama de “sorte circunstancial”, que surge quando somos colocados em situações em que nossas virtudes ou vícios têm oportunidade de se revelar. Imagine que

Tyrion esteja disposto a ser uma pessoa muito agressiva sempre que for colocado numa posição em que pode se impor fisicamente. Para sorte dele, suas próprias características limitam a possibilidade de tais situações acontecerem. Como resultado, não o culpamos por esse vício, mesmo que ele nunca se revele. Se Tyrion fosse colocado numa situação em que seu vício viesse à tona através de ações, nós o culparíamos. Observe que não é apenas uma questão de não saber que o vício existe. Parece correto afirmar que, mesmo se soubéssemos de alguma forma que Tyrion é fisicamente beligerante, estaríamos menos inclinados a culpá-lo por sua beligerância se as circunstâncias nunca ou raramente cooperassem para trazer o vício à tona. Por outro lado, ficaríamos mais inclinados a culpá-lo se elas cooperassem para revelar esse vício. No entanto, frequentemente, o surgimento ou não dessas circunstâncias é apenas uma questão de sorte.

A sorte circunstancial é uma forma particularmente poderosa de demonstrar o conflito que surge em nosso pensamento moral. Muitos cidadãos da Alemanha nazista se viram em situações que os levaram a fazer coisas horríveis. Nós os culpamos por seus crimes (legitimamente, ao que parece). Mas não há conforto nisso, pois, à medida que aprendemos com tais episódios, como o agora famoso experimento de Milgram, a disposição de seguir cegamente as ordens de quem está no poder, mesmo que isso nos induza a fazer coisas terríveis, é um vício que muitos de nós apresentamos.⁴ Nós apenas temos a sorte de não sermos jogados em circunstâncias que tragam esse vício à tona. Mas, mesmo reconhecendo isso, ainda parece correto considerar certos alemães mais culpados pelo vício dos que aqueles de nós que também o têm, mas nunca foram postos em circunstâncias que o revelassem. Essa é a tensão que a sorte moral nos obriga a enfrentar.

Se o acaso atravessa as circunstâncias de nossas escolhas morais, bem como as consequências delas e o próprio caráter que as gera, parece que não devemos ser elogiados ou condenados pelo que fazemos. Porém, isso seria absurdo, pois teríamos que abandonar qualquer noção de responsabilidade moral pelo que fazemos e seríamos como gatos, cães, ursos e outros animais que não são considerados sujeitos adequados para a avaliação moral. Seria animador, a esta altura, recorrer ao artigo de Nagel e encontrar uma solução para essa dificuldade, mas infelizmente o artigo não oferece solução alguma. Na verdade, ele fez a famosa observação que “a área da verdadeira agência, e portanto do julgamento moral legítimo, parece encolher sob este escrutínio a um ponto sem extensão”.⁵ Não é a observação mais edificante, convenhamos.

Kant poderá nos salvar?

Existe alguma forma de recuperar a responsabilidade moral à luz dessas circunstâncias? O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) criou uma linha de pensamento que separa a moralidade da sorte (em seu artigo, Nagel reconhece a tentativa de Kant nesse sentido, mas a considera amplamente inaceitável, por motivos que veremos em breve). Kant pensa que o elogio ou a condenação moral devem ser

determinados apenas pelo quanto exercemos bem a nossa *vontade*. A boa vontade, de acordo com Kant, é a única coisa que tem valor moral no fim das contas, e é o único sujeito adequado da responsabilidade moral. Significativamente, como Kant se esforça para enfatizar, a boa vontade não é refém das consequências ocasionadas por ela.

Há uma força intuitiva na posição de Kant. Quando avaliamos indivíduos em termos morais, geralmente estamos interessados em saber por que eles agiram de determinada maneira e que motivos eles tiveram para agir. Em certas circunstâncias, é só com isso que nos importamos. Por exemplo, em *A fúria dos reis*, Tyrion faz de tudo para proteger Shae e deixá-la longe das garras de Cersei. Em determinado ponto, parece que ele fracassa, mas Cersei comete um erro e captura a prostituta errada para chantagear Tyrion. Imagine, contudo, se Shae estivesse nas garras da rainha, praticamente garantindo que coisas ruins vão lhe acontecer. Tyrion é culpado por essa situação? De acordo com Kant, ele não pode ser considerado culpado se agiu *pelos motivos certos*, mesmo se as circunstâncias conspiraram contra ele. Esses motivos certos, de acordo com Kant, significam seguir o *imperativo categórico*, uma formulação segundo a qual temos obrigação de tratar as pessoas como fins em si, e não apenas como meios. As ações de Tyrion estão de acordo com esse imperativo, pois ele agiu não só por motivos pessoais (visto que manter Shae em segurança certamente o beneficia), como pelo bem-estar de sua amante. Tyrion mostra sentir respeito por Shae ao reconhecer que ela não merece ser usada por Cersei como ferramenta em sua campanha contra ele.

Estamos ocultando detalhes importantes no relato de Kant. Há uma discordância contínua entre acadêmicos a respeito do que exatamente corresponde à psicologia moral de Kant, o que é preciso estar em nossa cabeça para que seja considerado que agimos pelos motivos certos e, portanto, exercemos a boa vontade. Numa interpretação de Kant, Tyrion não estaria agindo corretamente, visto que tem motivos pessoais para agir, além de reconhecer seu dever de manter Shae a salvo. Essa leitura, contudo, é problemática, pois significaria que a maioria de nós raramente age com boa vontade (se é que chegamos a fazê-lo): na maioria das vezes, nossas escolhas se baseiam numa quantidade de fatores motivadores, e as considerações morais entre eles, mas não só isso. Assim, numa interpretação diferente de Kant, Tyrion realmente age com boa vontade, visto que ele *teria* feito o que fez mesmo se não tivesse qualquer motivo pessoal para fazê-lo.⁶

Mas não precisamos explorar os detalhes dessas interpretações opostas de Kant, porque já deve estar claro que elas não vão nos ajudar a resolver todos os problemas associados à sorte moral. Mesmo se Kant estiver certo, ele só lidou com a sorte resultante. Ele nos deu uma compreensão da responsabilidade moral que afasta a ideia de que devemos considerar as consequências de uma ação para avaliar se quem a realizou é digno de elogios ou condenação. Tudo que importa é a vontade em si, independentemente do que acontece. Porém, mesmo se Kant estiver correto nessa análise, e achamos que ele nos dá motivo para corrigir nossa inclinação de avaliar as pessoas em termos morais com base nas consequências de seus atos, isso não aborda as outras formas de sorte definidas por Nagel. Veja a sorte constitutiva, por exemplo. A disposição de agir de acordo com o imperativo categórico (fazer com que as razões morais

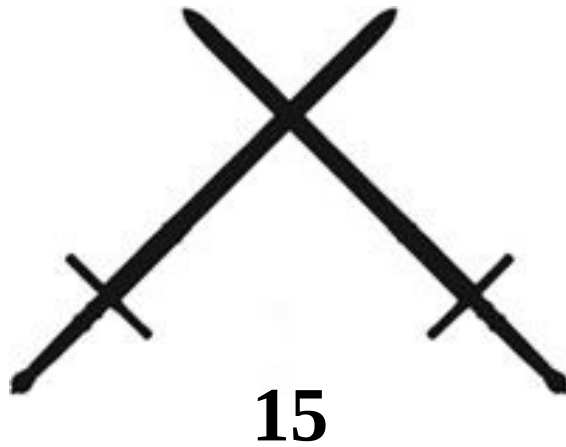
guiem e triunfem sobre outras razões) é em si uma virtude contingente que algumas pessoas têm e outras não, com base tanto na sorte quanto nas circunstâncias. Se isso não fosse verdade, se essa disposição fosse algo totalmente controlável por nós, seria surpreendente que tantos não sejam capazes de agir moralmente com frequência. Mas não surpreende, pois reconhecemos que a disposição de deixar os motivos morais guiarem nossas ações varia de pessoa para pessoa, e que as circunstâncias da vida explicam isso melhor do que qualquer outra coisa.

A sorte moral e quem ri por último

O problema da sorte moral é mais do que um enigma filosófico inteligente. Como Nagel reconheceu, trata-se de um paradoxo profundo que nos obriga a examinar a própria ideia de pessoas serem moralmente responsáveis por algo. Não queremos alegar que ninguém é digno de elogio ou condenação, mas ao mesmo tempo parece que o único jeito de se agarrar a esta ideia é abandonar outra da qual gostamos: que as pessoas são moralmente responsáveis apenas pelo que está sob seu controle. Descobrir um jeito de conciliar essas duas ideias vem desafiando os filósofos há décadas, sem solução à vista. E Tyrion Lannister é o personagem perfeito para nos obrigar a pensar nessas questões. Duvido que ele se importasse muito com nossa incapacidade de resolver o problema. O próprio Tyrion admitiu ser um homem vil, cujos crimes e pecados são incontáveis. (Episódio 6 da primeira temporada, *A Golden Crown* [*Uma coroa de ouro*].) Mas, sem dúvida Tyrion estaria com um sorriso nos lábios enquanto refletimos sobre isso, e percebemos que talvez, quem sabe, ele não mereça ser culpado de coisa alguma. Afinal, quanto de Tyrion está sob o controle dele?

NOTAS

1. Embora eu me sinta desconfortável ao usar o termo “anão” para descrever Tyrion, já que não nos referimos mais às pessoas pequenas dessa forma nos Estados Unidos, ainda assim adotei a linguagem usada nos livros em nome da consistência.
2. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
3. No livro de Nagel, *Mortal Questions* (Cambridge: Cambridge Univ. Press 1979).
4. Ver “Behavioral Study of Obedience”, de Stanley Milgram, no *Journal of Abnormal and Social Psychology* (1963).
5. Nagel, “Moral Luck”.
6. Para uma boa discussão sobre essa questão, ver “What Kant Might Have Said: Moral Worth and the Overdetermination of Dutiful Action”, de Richard Hensen, em *Philosophical Review* 88 (1979); e o ensaio de Barbara Herman, “On the Value of Acting from the Motive of Duty”, em seu livro *The Practice of Moral Judgment* (Cambridge: Harvard Univ. Press, 1993).



O ENCONTRO DE DANY COM OS SELVAGENS: RELATIVISMO CULTURAL EM A GUERRA DOS TRONOS

Katherine Tullman

Cada um na sua?

À medida que as horas foram passando, o terror cresceu em Dany, até que se transformou em tudo que a impedia de gritar. Tinha medo dos dothraki, cujos modos pareciam estranhos e monstruosos, como se fossem animais em pele humana, e não verdadeiros homens.¹

ENQUANTO A PRINCESA DAENERYS observa o povo dothraki celebrar seu casamento com o líder deles, Khal Drogo, ela vive uma sensação cada vez maior de aversão e medo. Ao redor dela, discussões acabam em morte, e tanto homens quanto mulheres se empanturram de carne de cavalo e vinho antes de cederem aos desejos sexuais na frente de todos. Como Dany, o leitor provavelmente sente aversão e fica estarecido com a celebração. Essa exibição de violência e sexualidade obviamente indica um grupo imoral de pessoas.

Dany logo aprende que as regiões selvagens para lá dos Sete Reinos não são para os fracos. Com ela, somos apresentados a um mundo duro, sombrio e perigoso onde a ira explode, a sexualidade não tem limites e a violência é corriqueira. Até certo ponto, os espectadores aceitam o código de ética e o estilo de vida dos estrangeiros que encontramos em Westeros. A guerra é constante por se tratar de uma época diferente, e as mulheres são maltratadas porque ainda não passaram pela “liberação”. Simpatizamos com os personagens dos Sete Reinos porque o mundo deles é semelhante ao nosso, uma versão da Idade Média europeia com um pouco de magia para dar um toque especial. Dany e Eddard Stark atuam como nossas bússolas morais nesse mundo, moldando nossas reações aos atos malignos dos outros

personagens.

Mas a que ponto a tênue tolerância em relação a esses atos se transforma em repulsa e indignação moral diante dos crimes cometidos? Pode não haver uma resposta simples, curta e grossa para esta pergunta. Quanto mais distantes algumas práticas culturais são das nossas, menor a probabilidade de nós as aceitarmos. Isso sugere que as práticas morais variam de cultura para cultura, e quem somos nós para dizer que outro povo está errado?

Mas isso é certo? Pense na perversão do relacionamento sexual entre Cersei e Jaime Lannister ou na pilhagem feita pelos dothraki comparada à rebelião “honrosa” da família Stark — embora até eles não sejam de modo algum inocentes. Parece que algumas transgressões morais não são permitidas em quaisquer circunstâncias.

Relativismo moral

Desde a antiguidade grega, os filósofos propuseram que certas verdades morais são universais. Esta visão se chama *universalismo moral* e se opõe ao *relativismo moral* e sua alegação de que a verdade moral é relativa. Até julgamentos morais que parecem obviamente verdadeiros, como “o incesto é errado” não são justificáveis de modo independente fora das crenças de um indivíduo ou, talvez, de uma cultura.

O *relativismo cultural* é uma teoria descritiva e simplesmente diz que “culturas diferentes têm códigos morais diferentes”.² Ao observar que os códigos morais variam entre culturas, o relativismo cultural pode ajudar a explicar por que algumas ações em *A guerra dos tronos* parecem aceitáveis e outras, não. Por exemplo, aceitamos com mais facilidade o fato de Tyrion dormir com prostitutas do que o incesto cometido por seu irmãos, pois a primeira ação é razoavelmente aceitável em nossa cultura, enquanto a outra é totalmente inaceitável.

Embora existam muitos exemplos de moral questionável nas histórias de Martin, alguns dos mais interessantes giram em torno dos encontros de Dany com os dothraki, cujas transgressões afetam o público num nível bem instintivo: sabemos que essas ações são erradas, mesmo sem conseguir explicar exatamente o motivo. O relativismo cultural fornece meios proveitosos para entender tanto as reações de Dany quanto as nossas. Estupro e assassinato parecem ser tabus universais, mas não é bem assim. Através dos olhos de Dany e de sua postura moral, o público experimenta um modo de vida diferente e julga os dothraki. Mas, antes de analisar as experiências de Dany mais a fundo, vejamos primeiro como o relativismo cultural aparece no mundo da série e no nosso.

A diversidade de códigos éticos

— Quem são *eles*? — Rickon quis saber.

— Homens da lama — respondeu Pequeno Walder, com desdém. — São ladrões e covardes, e seus dentes são verdes de comer rãs.³

Cada grupo de pessoas tem suas práticas sociais, cujas diferenças vão desde as triviais — como escolha de alimentos e diversão — às mais drásticas — como punições para crimes e indiscrições matrimoniais. Os homens do Norte zombam dos nômades habitantes dos pântanos, os cranogmanos da Casa Reed, que comem sapos e jogam redes e lanças envenenadas em batalhas. Os Stark vivem uma vida espartana comparada à frivolidade suntuosa dos Tyrell de Jardim de Cima e dos Lannister em Porto Real. Sem contar as diferenças entre os dothraki e todas as Casas dos Sete Reinos. E os selvagens para lá da Muralha diferem tanto de ambos os reinos quanto dos dothraki. Em *A tormenta das espadas*, por exemplo, Jon e os outros Irmãos de Negro sentem repulsa pelo costume de Craster de se casar com as filhas e deixar os filhos como oferendas aos deuses.⁴

Obviamente, as culturas do mundo fictício de Martin têm seus próprios estilos de vida e maneiras de lidar com problemas morais e sociais, mas essa diversidade cultural não está restrita à ficção. Em nosso mundo, pessoas de várias origens e culturas também têm práticas e leis diferentes. Isso sugere que diferentes culturas também têm valores morais diferentes.

Pense no canibalismo, um dos tabus mais fortes em nossa sociedade. Na sociedade ocidental moderna, vemos o canibalismo como uma prática repulsiva em termos morais, mas outras culturas nem sempre tiveram uma postura tão negativa quanto a isso. Historicamente, o canibalismo foi praticado por diversos povos em todo o mundo, embora de formas diferentes e por motivos variados. O endocanibalismo funerário, por exemplo, consiste em comer os integrantes da família que morreram, enquanto o exocanibalismo bélico consiste em comer os integrantes de outros grupos sociais após terem sido mortos em batalha. Segundo o filósofo contemporâneo Jesse Prinz, o canibalismo pode ter sido comum na maioria das sociedades pré-modernas, e a prática costumava morrer quando os grupos se organizavam em Estados.⁵ O contraexemplo mais notável disso são os astecas da América do Norte, que pertenciam a um Estado altamente organizado e, mesmo assim, praticaram o canibalismo até a derrota para os espanhóis no século XVI. Hoje em dia, o canibalismo acontece raramente, mas até o fato de ele *já* ter ocorrido e talvez ainda existir em lugares como Papua-Nova Guiné mostra que a prática nem sempre foi universalmente considerada imoral.

Amor e incesto

As coisas que faço por amor.

Jaime Lannister (Episódio 1 da primeira temporada, Winter Is Coming [O inverno está chegando])

Vamos analisar outro exemplo da diversidade moral encontrada em *A guerra dos tronos*: o incesto.

Talvez o motivo pelo qual *nós* estamos dispostos a condenar o incesto é porque fomos condicionados a fazê-lo devido a práticas e pressões culturais.⁶ Somos expostos a histórias ou situações desde a infância nas quais aprendemos que o incesto é nojento e vergonhoso. Outras culturas, porém, são muito mais tolerantes a essa prática, pelo menos em alguns aspectos. Nos Estados Unidos, é moralmente condenável se casar com primos de primeiro grau, mas isso é comum na Índia, no Paquistão e em algumas partes do Oriente Médio. Entre os incas, quem cometia incesto tinha os olhos arrancados, enquanto os trumai, um grupo indígena nativo do Brasil, apenas o desestimulavam. O incesto entre irmãos era comum no Egito Antigo e só acabou nas culturas ocidentais com o advento do cristianismo.⁷

A guerra dos tronos mostra o incesto entre os gêmeos Cersei e Jaime Lannister. Quando Eddard Stark descobre a verdade, confronta a rainha e ela admite que Jaime é seu amante, dizendo: “E por que não? Os Targaryen casaram irmão com irmã ao longo de trezentos anos para manter o sangue puro. Jaime e eu somos mais que irmão e irmã. Somos uma pessoa em dois corpos. Partilhamos um ventre. Nosso velho mestre dizia que ele chegou ao mundo agarrado ao meu pé. Quando está em mim, sinto-me... completa.”⁸

A relação incestuosa dos Lannister tem sérias consequências para o reino. Eles têm três filhos: príncipe Joffrey e seus irmãos mais novos, Myrcella e Tommen, todos erroneamente considerados filhos do rei Robert. Após Robert ser morto por um javali durante uma caçada, Joffrey se torna um rei ilegítimo. Na verdade, o verdadeiro rei deveria ter sido o irmão de Robert, Stannis! Assim, os cruéis Lannister obtêm o controle da maioria dos Sete Reinos, e Joffrey não passa de um fantoche usado pela mãe manipuladora.

Mesmo se o incesto não for considerado moralmente errado, ainda pode ter consequências negativas em termos políticos e sociais. Esta parece ser a visão de Eddard: ele condena o relacionamento de Cersei e Jaime mais pelas consequências negativas para o reino, cuja integridade ele deve proteger, pois é obrigado pela honra. Durante o confronto, Eddard não faz julgamentos morais de Cersei por *este* ato. O pensamento dele se concentra na cegueira de Robert e nos assassinatos cometidos por Cersei a fim de esconder a verdade sobre os filhos. A relação incestuosa é uma indecência mais política do que moral.

Parece que *alguns* cidadãos dos Sete Reinos têm uma visão mais tolerante ao incesto do que a nossa. A rainha está correta ao apelar para a longa história dos Targaryen realizarem casamentos entre irmãos: vemos que isso é verdade ao analisar a árvore genealógica da família.⁹ Quando descobre a verdade, Eddard não sente nojo, e sim medo e indignação pelas consequências desse casal. Nós, por sua vez, provavelmente sentimos uma gama de emoções negativas e condenatórias quando testemunhamos pela primeira vez Cersei e Jaime fazendo sexo (episódio 1 da primeira temporada, *Winter Is Coming* [O inverno está chegando]), pelos olhos de Bran, filho de Eddard. Nós achamos que essa é uma transgressão tanto moral quanto política ou social, e a maioria das pessoas dos Sete Reinos tem a mesma visão. Após Stannis revelar que Joffrey é filho de Cersei e Jaime, as pessoas reagem muito negativamente a essa “abominação”. Catelyn Stark considera o incesto “um pecado monstruoso, tanto para os velhos deuses como para os novos”, mas reconhece que a prática era comum entre os Targaryen, que “pertenciam ao sangue da antiga Valéria, onde tais práticas tinham sido comuns e, tal como seus dragões,

os Targaryen não respondiam nem perante os deuses, nem perante os homens”.¹⁰ As circunstâncias em torno das relações incestuosas dos Targaryen podem torná-las mais admissíveis em termos morais do que outros atos de depravação: o desejo de manter o sangue puro, a falta de confiança entre famílias em guerra etc. Os Stark jamais cometeriam tal ato e muito menos nós, mas eles podem imaginar situações em que o incesto pode ser aceitável. Novamente, descobrimos um caso em que a culpa moral por um ato varia, dependendo dos valores dos que o cometem.

Relativismo moral

Não é a *minha* lei.

*Viserys (Episódio 6 da primeira temporada,
A Golden Crown [Uma coroa de ouro])*

Já vimos como a teoria descritiva do relativismo cultural ajuda a explicar nossas reações à diversidade de práticas morais, tanto em *Game of Thrones* quanto em nosso mundo. Como teoria normativa, o *relativismo moral* vai além, alegando que não só diferentes culturas têm diferentes práticas morais, como a moralidade em si difere de uma cultura para outra. Em outras palavras, não existem padrões universais de certo e errado. Não há nada que possamos fazer para provar que nossos códigos morais são melhores que os de qualquer outra cultura: eles são apenas diferentes. Pode haver centenas de culturas com diversos valores morais e posturas sobre variadas questões, e devemos ser tolerantes com os costumes alheios. Mesmo se nos sentirmos moralmente enojados ou ofendidos pelo canibalismo ou incesto em outra cultura, o relativismo moral alega que não temos base para condenar essas práticas.

Apesar da abundante diversidade de códigos éticos encontrada tanto em nosso mundo quanto nos Sete Reinos, o relativismo moral como teoria normativa parece insatisfatório. É claro que *algumas* práticas morais devem ser condenáveis em todas as culturas. Embora faça sentido ser tolerante a algumas práticas encontradas em outras culturas, certamente não queremos que seja assim para todas. Pode haver culturas em que o tráfico de pessoas, por exemplo, seja moralmente aceitável ou pelo menos não tão condenável em termos morais quanto em outras.¹¹ O relativismo moral diria que, como isso é moralmente aceitável *para a cultura deles*, não há nada *realmente* errado nisso. Obviamente, essa é uma consequência negativa da teoria do relativismo moral que nos leva a querer rejeitá-la. As experiências de Dany com os dothraki dão outro exemplo: o estupro de mulheres inocentes durante as pilhagens.

A cerimônia de casamento dothraki

Uma boda dothraki sem pelo menos três mortes é considerada aborrecida.¹²

A princesa Daenerys Targaryen, a última dos governantes usurpados dos Sete Reinos, é enviada para se casar com o líder dos selvagens dothraki, uma tribo que cavalga e vive do outro lado do mar. Simpatizamos com Dany enquanto ela tenta se acostumar ao modo de vida de seu novo povo. Dany não cresceu nos Sete Reinos, pois ela e o irmão Viserys, que se considera o herdeiro legítimo ao Trono de Ferro, foram exilados de sua terra após Robert ter subido ao trono. Ainda assim, seus valores são similares a de seus ancestrais, bem como os nossos.

O primeiro contato com essa estranha cultura se dá na cerimônia de casamento de Dany com khal Drogo, um guerreiro forte e temido. A celebração é “um dia que parecia não ter fim de bebida, comida e luta”.¹³ Tanto homens quanto mulheres dothraki celebram de torso nu, devorando carne de cavalo e se embriagando de vinho. À medida que a noite progride, um guerreiro dothraki pega uma dançarina e faz sexo com ela na frente da multidão. Dois guerreiros lutam por outra mulher, e um deles é morto.

Dany fica apavorada e chocada com a cerimônia. Essa nova cultura é tão diferente que ela não consegue evitar a sensação de repulsa. Claro que o leitor também fica chocado com a celebração. Compare-a com a última cerimônia de casamento a que *você* foi! Esse tipo de sexualidade e violência exacerbadas não é estimulado em nossa cultura, mas, como o magíster explica, trata-se de algo comum para os dothraki.

Embora tanto Viserys quanto Dany pareçam condenar essas práticas, o relativismo moral diz que eles estão enganados ao fazê-lo. Observe que Illyrio, já familiarizado com a cultura dothraki, não parece surpreso com a exibição. Da mesma forma, os espectadores dothraki não veem qualquer motivo para alarme ou protestos. Na verdade, eles se alegram com as lutas e a fornicção. Então, devemos também aceitar que essa estranha festa seja moralmente permitida nessa cultura? *Nós* podemos ficar relutantes a fazê-lo, mas, para Dany, aprender o estilo de vida dothraki é uma necessidade.

Saques e pilhagens

Estes são os costumes da guerra.

Khal Drogo (Episódio 8 da primeira temporada, The Pointy End [A parte pontuda])

Primeiro, Dany ouve as histórias de Sor Jorah sobre a brutalidade dos dothraki com assombro e medo. Porém, à medida que se acostuma a seu novo papel, Dany aprende a amar o marido e tolerar seus seguidores. Ela adota os costumes dothraki como khaleesi, a esposa do líder, “falando como uma rainha” (episódio 3 da primeira temporada, *Lord Snow [Lorde Snow]*), aprendendo a linguagem do seu povo, vestindo seus trajes e comendo sua comida.

A parte chocante vem após Dany descobrir que está grávida do khal. Durante uma cerimônia para celebrar a gravidez, ela come um sangrento coração de cavalo cru (episódio 6 da primeira temporada, *A*

Golden Crown [Uma coroa de ouro]). Apenas depois disso ela se une totalmente à força vital do povo dothraki. O irmão dela, Viserys, não se adapta como Dany e paga o preço por isso. De certa forma, o público se acostuma às práticas dos dothraki, pelo menos até certo ponto, porque Dany é nossa guia nessa terra estrangeira, e sua bravura e resiliência fazem dela um personagem altamente simpático.

Dany adota muitas práticas sociais dos dothraki, mas sua tolerância com as ações morais *deles* só vai até certo ponto. Após khal Drogo decidir atacar os Sete Reinos a fim de recolocar Dany no lugar de rainha que lhe é de direito, o povo dele saqueia as outras tribos de cavaleiros pelo caminho. Os guerreiros dothraki matam e estupram brutalmente todos que encontram pela frente, sem diferenciar entre homens, mulheres e crianças. Dany fica furiosa e enojada com a violência e salva uma das mulheres, uma curandeira, que está prestes a ser estuprada por vários guerreiros. Ao testemunhar outro estupro, Dany ordena que Jorah Mormont, seguidor dos Sete Reinos, faça os guerreiros interromperem a pilhagem. Ele responde: “Princesa (...) você tem um coração gentil, mas não compreende. Foi sempre assim. Estes homens derramaram sangue pelo khal. Agora reclamam a recompensa.”¹⁴ Um dos servos de Dany, um dothraki, alega que “os cavaleiros a estão honrando” e o próprio khal Drogo diz: “São estes os costumes da guerra. Essas mulheres são agora nossas escravas, para que façamos o que quisermos delas.”¹⁵

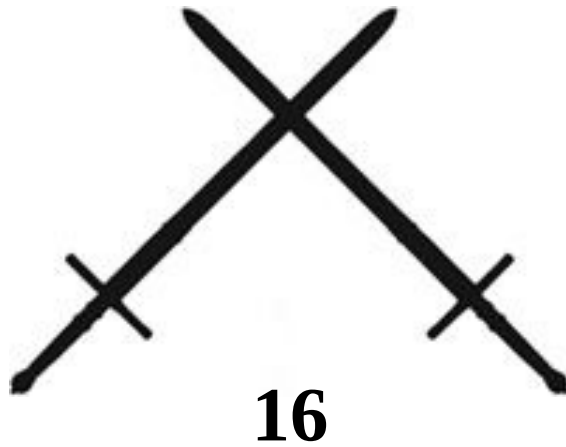
Obviamente, esse conflito de códigos morais gera tensão entre Dany e seu povo. O leitor provavelmente fica tão horrorizado quanto a khaleesi pelo tratamento brutal dado aos prisioneiros. Por um lado, Dany percebe que as coisas são feitas desse modo entre os dothraki: eles não consideram o estupro errado nessas circunstâncias. Mas, por outro, ela não pode simplesmente ignorar essa prática. Não é algo ao qual se acostumar, como comer carne de cavalo. É algo que Dany acredita ser errado e ponto.

A moralidade dos Sete Reinos e além

Como já vimos, existem duas lições importantes a serem aprendidas sobre o relativismo cultural. Primeiro, não devemos supor que nossas práticas morais se baseiem num padrão racional e universal. Segundo, precisamos manter a mente aberta quanto às práticas de outras culturas, mesmo se tivermos dificuldade em aceitá-las. Não temos que ir tão longe a ponto de adotar o código de ética de outra cultura, mas também não devemos ser dogmáticos em relação a nossa. Isso é particularmente verdadeiro quando nos confrontamos com um mundo estranho e misterioso como o encontrado em *A guerra dos tronos*. Existe uma diferença, contudo, entre aceitar que diferentes culturas têm práticas morais distintas e a alegação do relativista moral de que devemos, portanto, tolerar *todas* as diferenças que encontramos. No fim das contas, devemos rejeitar o relativismo moral. Não importa em que cultura estamos, algumas ações são erradas. Que ações são essas? Comer carne de cavalo? Provavelmente não. Incesto entre irmãos? Talvez, depende das circunstâncias. Estupro? Definitivamente, sim.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. James Rachels, “The Challenge of Cultural Relativism”, in *Philosophy for the 21st Century*, ed. Steven Cahn (New York: Oxford Univ. Press, 2003).
3. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
4. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
5. Jesse Prinz, *The Emotional Construction of Morals* (New York: Oxford Univ. Press, 2007).
6. Também parece haver uma aversão biológica ao incesto. Ver Prinz, *Emotional Construction*, para uma discussão sobre o assunto.
7. *Id.*
8. Martin, *A guerra dos tronos*.
9. *Id.*
10. Martin, *A fúria dos reis*.
11. De acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em inglês), muitos países não têm leis em vigor para impedir o comércio sexual ilegal e o tráfico de pessoas, o que pode sugerir que a prática é menos condenável em termos morais nesses países do que em outros. Ver <http://www.unodc.org/unodc/en/human-trafficking/index.html> (em inglês).
12. Martin, *A guerra dos tronos*.
13. *Id.*
14. *Ibid.*
15. *Ibid.*



“NÃO EXISTEM VERDADEIROS CAVALEIROS”: A INJUSTIÇA DA CAVALARIA

Stacey Goguen

O lado sombrio da cavalaria

São as regras da cavalaria que fazem um verdadeiro cavaleiro, não uma espada. Sem honra, um cavaleiro não passa de um assassino comum.

Sor Barriston Selmy¹

— Hodor não gosta lá muito dessas. (...) Ele gosta das histórias em que os cavaleiros lutam com monstros.

— Às vezes os monstros são os cavaleiros, Bran.

Bran Stark e Meera Reed²

CAVALARIA COMO IDEALIZAÇÃO E CÓDIGO ÉTICO é um tema forte em *As crônicas de gelo e fogo*. A jovem nobre Sansa Stark personifica essa idealização. De todos os personagens da série, ela é a que mais acredita (pelo menos no começo) no valor, no romance e na justiça da cavalaria.

Porém, a jornada de Sansa de sua casa em Winterfell à capital Porto Real e, depois, ao isolado Ninho da Águia no Vale representa outro tema: o lado sombrio da cavalaria, onde adultos com armadura completa atacam crianças indefesas, reis estupram suas rainhas e “cavaleiros” ungidos nada têm de cavaleiros. Sansa começa *A guerra dos tronos* adolescente e prometida a um príncipe, a realização de um sonho. Contudo, ao final de *O festim dos corvos*, ela é levada para um canto remoto do continente, vítima de sequestro (passível de discussão) por um homem velho o bastante para ser seu pai e que não tem apenas um interesse paternal por ela.

Embora Sansa, com seus cabelos castanho-avermelhados, pareça muito mais com a mãe do Sul, das Terras do Rio, ela herdou uma importante característica de personalidade do pai nortenho: a ingenuidade de pensar que a honra move o mundo. Mas, enquanto observamos a ingênua visão de mundo de Sansa desmoronar a cada livro, também vemos que suas falhas e a ética corrupta dos outros não são as causas principais da tragédia. A cavalaria em si traz algo de sombrio em suas canções sobre cavaleiros fortes e belas damas.

A cavalaria é equivocada

Em nome do Guerreiro eu ordeno que seja corajoso. Em nome do Pai eu ordeno que seja justo. Em nome da Mãe eu ordeno que defenda os jovens e inocentes. Em nome da Donzela eu ordeno que proteja todas as mulheres.

*Cerimônia de Nomeação de Cavaleiro*³

Sansa interage frequentemente com um guarda-costas chamado Cão de Caça, que odeia os cavaleiros e a cavalaria com a mesma intensidade que Sansa os ama. Ele diz à menina: “Os verdadeiros cavaleiros não são mais reais do que os deuses. Se não pode se proteger por conta própria, morra e saia do caminho daqueles que podem. É o aço afiado e os braços fortes que governam este mundo, e nunca acredite em outra coisa.” Sansa dá uma resposta tipicamente adolescente, gritando: “É horrível”, ao que o Cão simplesmente responde: “Sou honesto. É o mundo que é horrível.”⁴ Infelizmente para Sansa, o mundo de *As crônicas de gelo e fogo* concorda com o guarda-costas.

Não é coincidência que o irmão do Cão de Caça, que possivelmente é o personagem mais desprezível e sociopata da série (um feito impressionante, considerando alguns dos outros personagens!) também seja um cavaleiro. Sansa alega que Sor Gregor “não é um verdadeiro cavaleiro”, mas ela pode dizer o mesmo de Sor Meryn Trant, que lhe dá tapas no rosto a mando de seu rei e noivo, Joffrey Baratheon? E a Guarda Real do Rei Louco Aerys — os mais honrados cavaleiros daquelas terras, que juraram proteger a família real —, que ficou do lado de fora do quarto do rei e não se moveu quando a rainha gritou? O dever deles era protegê-la... Mas não do rei? Já houve falsos cavaleiros na história dos Sete Reinos em quantidade suficiente para encher todos os castelos de Dorne até a Muralha.

Então estamos vendo o desrespeito sistemático de um código moral *ou* o código moral em si faz parte do problema? Existem verdadeiros cavaleiros cavalheirescos que defendem a justiça ou a cavalaria em si é um código moral imperfeito? Existem homens e mulheres honrados em Westeros, não há dúvida, e não podemos deixar de notar a ironia no fato de o cavaleiro que mais adere ao padrão ético da cavalaria ser uma mulher, Brienne, a Donzela de Tarth. Contudo, alguns cavaleiros virtuosos não bastam para salvar a cavalaria, pois ela realmente não funciona como código ético.

A cavalaria fica aquém das expectativas principalmente em dois aspectos. Primeiro, ela não faz aquilo a que se propõe: proteger quem não pode se proteger. Os cavaleiros devem proteger a honra de

uma dama, mas, ao se concentrar na proteção como dever moral supremo, a cavalaria exalta a espada que protege e (inconscientemente) desvaloriza o corpo que não pode se proteger, o que leva à vulnerabilidade moral. A cavalaria alega explicitamente que faz o oposto: eleva o “sexo frágil” a um pedestal de reverência moral. Contudo, como a ativista Gloria Steinem uma vez disse: “Um pedestal é uma prisão como qualquer espaço pequeno e confinado.”⁵ Os cidadãos de Westeros poderiam dizer que um pedestal está a apenas três paredes de distância de ser uma Cela Aberta, e uma prisão conta como “proteção” apenas num sentido deturpado da palavra.

Segundo, a injustiça não é apenas que a cavalaria seja um modo imperfeito de alcançar um objetivo válido: a cavalaria já parte de um objetivo imperfeito. Ela tem o objetivo de proteger os fracos, em vez de fortalecê-los para que possam se defender sozinhos. Além do mais, como a cavalaria considera as mulheres como sendo uma classe de pessoas que precisa de proteção perpétua, mesmo quando adultas, esse grupo não ajuda as pessoas a terem uma vida mais plena e próspera. A cavalaria acaba criando papéis sociais rígidos e não só pune quem tenta fugir deles como desvaloriza as relações sociais, transformando-as em caricaturas. No fim das contas, a cavalaria trata muitas mulheres adultas como crianças, supervaloriza o papel de homens fisicamente aptos que atuam como eternos protetores e até pressupõe a heterossexualidade como parte dos papéis interpretados pelos cavaleiros e damas.

Portanto, a cavalaria em si é injusta, independente do alto padrão moral de algumas pessoas que fazem parte dela. Não é apenas a questão de alguns cavaleiros abusarem do poder que lhes é concedido, mas o fato de o código da cavalaria exigir um equilíbrio desigual de poder desde o início. Ele propaga a vulnerabilidade das mulheres, bem como estruturas opressivas de relações sociais e o amor romântico.

Alguns podem discordar, alegando que em Westeros nós vemos a cavalaria funcionar dentro de uma sociedade homofóbica, sexista e classista. Por esse ponto de vista, a cavalaria em si poderia ser separada desses preconceitos sociais desagradáveis e destilada a fim de obter um código ético verdadeiramente justo. Contudo, embora a cavalaria de Westeros tenha sido influenciada por seus valores sociais mais amplos, não devemos esquecer que ela também ajuda a moldar esses valores. A cavalaria não só absorve o sexismo, como inerentemente o apoia e promove.

Além do mais, essa crítica à cavalaria vai bem além da ficção de Martin. O mundo ocidental, embora um tanto diferente de Westeros, não desconhece a ideia da “cavalaria” moderna, representada pelo cavalheirismo.* Um cavalheiro é um homem que abre a porta para sua dama, faz a corte durante o namoro e a protege. Um bom homem é comumente descrito como um cavaleiro de armadura brilhante ou um príncipe encantado. Mas a cavalaria é um código ético equivocado tanto aqui quanto em Westeros. Ela concebe papéis morais excessivamente limitados para cada indivíduo e, além disso, fixa determinadas pessoas numa situação vulnerável que, em última instância, as obriga a um status de inferioridade. Como Sansa descobre, juntamente com os leitores de Martin, a cavalaria não promove a prosperidade humana. Não existem verdadeiros cavaleiros, porque um cavaleiro que adote a cavalaria está sendo basicamente injusto.

Sansa e suas canções

A vida não é uma canção, querida.

*Petyr Baelish*⁶

No começo da série, Sansa acredita que a vida é igual às canções. Embora vários personagens caçoem da ingenuidade da jovem, eles raramente sugerem que ouvir tais canções todos os dias é um tanto inadequado. Vários personagens comentam que a música é adequada às garotas, e somente para elas. Petyr “Mindinho” Baelish e o Cão de Caça chegam mais perto do foco do problema ao criticar a criação de Sansa. Mindinho a alerta: “A vida não é uma canção, querida. Poderá aprender isso um dia, para sua mágoa.”⁷ O Cão de Caça debocha de Sansa por ela ser como um passarinho que canta para agradar os outros, embora reconheça que ela foi ensinada a cantar essas canções. Ele a ridiculariza por ser infantil, mas Sansa foi estimulada a agir dessa forma. Entretanto, Sansa ainda é uma criança e, como a princesa real Myrcella chegou a comentar: “Somos crianças (...) *Espera-se* que sejamos infantis.”⁸ Mas espera-se que até mesmo damas adultas sejam infantis? De acordo com a cavalaria, a resposta de certa forma é sim.

A cavalaria trata mulheres (nobres) como crianças e supõe que esse status é um traço natural. Assim como Sansa foi ensinada e estimulada a assumir certos traços infantis, a cavalaria estimula mulheres a serem vulneráveis e dependentes. E também estimula outras pessoas (especialmente os cavaleiros) a tratar as mulheres como se estivessem num estado eternamente vulnerável.

A filósofa pós-colonial feminista Gayatri Spivak pode nos ajudar. Ao indicar como o imperialismo e o machismo podem interagir entre si, Spivak argumenta que, quando as pessoas de um país tentam ajudar pessoas de outra nação, as primeiras correm o risco de tratar as segundas como crianças, mesmo sem essa intenção. Ela alega que esse problema geralmente surge quando as pessoas pensam que têm o dever de consertar os males que se abateram sobre as outras, ao mesmo tempo duvidando que esses indivíduos sejam capazes de se defender sozinhos e resolver os próprios problemas. Esses “salvadores” acabam virando opressores. Eles começam tratando as pessoas que estão ajudando como eternamente dependentes e vulneráveis, subumanas e infantis. Talvez não seja coincidência, Spivak alega, “que nós reproduzimos e consolidamos o que só pode ser chamado de ‘feudalismo’”.⁹ Assim como o feudalismo transforma alguns países e povos em vassalos cronicamente dependentes da proteção de seus senhores, qualquer pessoa que tente ajudar outra cai nesse padrão inconsciente de tratá-las como crianças.

Spivak, contudo, não chega a sugerir que não devemos ajudar as pessoas. Ajudar os outros é bom. Ajudar os outros porque é seu dever também é bom. Immanuel Kant (1724-1804), por exemplo, alega que a moralidade se origina do dever, então pensar que você tem o dever de ajudar os outros não é o problema. O problema surge, como diz Spivak, quando você acredita ser responsável por outras pessoas porque elas não são responsáveis por si mesmas. O problema ocorre quando você percebe seu papel não como um guia temporário cumpridor de seus deveres, e sim como de eterna babá cumpridora de seus deveres.

Os cavaleiros não percebem seu papel de guardiães como temporários. Por exemplo, ao ser

demitido, Sor Barristan proclamou que viveu como cavaleiro e morreria como cavaleiro. Além disso, o povo de Westeros não acredita que as mulheres estejam superando a necessidade de proteção. Por exemplo, Catelyn cortou a garganta de um homem e afastou uma adaga de sua própria garganta apenas segurando a lâmina com as mãos e mordendo seu agressor, mas as pessoas ainda a consideram tão vulnerável quanto qualquer outra mulher. Homens e mulheres ficam presos aos ideais de cavaleiro e dama, protetor e protegida, independente da necessidade individual de tal proteção.

Em sua obra de referência da filosofia feminista, *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir (1908-1986) discutiu como os costumes sociais podem ser confundidos com fatos físicos. Levamos em conta vários costumes com base em algum fato que os justifique. Para deixar isso claro, Beauvoir citou George Bernard Shaw (1856-1950) sobre o racismo: “O americano branco relega o negro ao nível do engraxate; e conclui daí que só pode servir para engraxar sapatos.”¹⁰ Da mesma forma, a cavalaria relega as damas a seus pedestais e a partir daí conclui que elas servem apenas para ficar em pedestais e não sujar os vestidos. O costume cria a narrativa a partir da qual ele supostamente se originou.

Alguns podem discordar e dizer que as mulheres são realmente mais fracas que os homens em termos de força física. A maioria das mulheres simplesmente não tem massa muscular para se proteger de um homem hostil, então precisam de cavaleiros para lhes oferecer proteção física. Para derrubar essa ideia, pense em Petyr “Mindinho” Baelish, um homem de baixa estatura. Ele era ainda menor na adolescência, quando tentou lutar contra o homem a quem Catelyn estava prometida. E perdeu. Feio. Mesmo assim, Petyr é mais do que capaz de proteger a si mesmo. Ele sabe que existe mais de um jeito de conquistar seus objetivos e existe mais de um jeito de derrotar seus inimigos. Ele diz a Ned Stark (apropriadamente, num bordel) que, como não pode vencer seus inimigos em combate, vai foder com eles. (Episódio 7 da primeira temporada, *You Win or You Die* [Você ganha ou morre].) De forma parecida, quando Syrio Forel está ensinando Arya a lutar com espadas, ele afirma que “a dança do cavaleiro” de usar a força bruta não é o único jeito de lutar. Força e massa muscular não são as únicas formas de se proteger: agilidade, velocidade, perspicácia, inteligência e a capacidade de ser furtivo (a Dança da Água) também são válidas. Ninguém disse que mulheres não podem se destacar nesses quesitos, incluindo foder com as pessoas. Diz-se em Westeros que veneno é arma de mulher, e Cersei explica a Sansa que choro e sexo também podem ser usados como armas para manipular as pessoas.

Ainda assim, a cavalaria define as mulheres como um grupo de pessoas que precisa de proteção, em virtude de seu sexo. Sempre. Por exemplo, o grande mestre Pycelle discute a “fragilidade” do sexo feminino referindo-se à rainha regente Cersei, que é uma líder tão cruel e ambiciosa quanto qualquer outro. Ou ainda quando lorde Stark encontra a espada de Arya, a Agulha, e comenta: “Isto não é brinquedo para uma criança, e muito menos para uma menina”, mesmo ela tendo desarmado o príncipe Joffrey, que, além de ser maior que ela, teve treinamento de esgrima.¹¹ Na série da HBO, quando os filhos caçoam de Bran por ter mira ruim, lorde Stark pergunta qual deles era exímio atirador aos 10 anos. Enquanto isso, Arya, apenas um pouco mais velha que Bran, acerta na mosca. Ainda assim, ninguém parece levar em conta o que a menina poderia fazer caso recebesse treinamento formal como os irmãos.

Sobre a questão do poder e da vulnerabilidade, vejamos o enigma que Varys propõe a Tyrion em *A fúria dos reis*: entre um rei, um homem rico e um septão, para quem um mercenário lutará? Afinal, o poder resulta em riqueza, status jurídico ou social/religioso? No fim das contas, o poder está com os mercenários ou com a pessoa que os comanda? A Aranha conclui: “O poder reside onde os homens *acreditam* que reside. Nem mais, nem menos.”¹² A questão com a cavalaria é que ela não estimula a acreditar que ele poderia residir numa mulher, a menos que ela fosse, como Arya, Brienne ou Daenerys, verdadeiramente excepcional. E, mesmo assim, tais exceções não invalidam a regra.

Nas canções de Sansa, todos os cavaleiros são galantes, as donzelas são sempre lindas, a estação é sempre verão e a honra sempre reina. A cavalaria não é problemática, pois ninguém está infeliz com seu papel. Não existem Aryas, Briennes ou Daeneryses nas canções, apenas Sansas: mulheres que só querem ser a dama ideal.

Mas a vida não é uma canção, e pensar dessa forma não ajuda as mulheres a prosperar. Até Sansa acaba percebendo isso. Após levar uma surra do guarda real a mando de seu rei, um mestre bondoso cuida de seus ferimentos e tenta confortá-la. Antes, Sansa teria acreditado nestas gentis palavras, como fez quando a septã lhe disse: “A armadura de uma senhora é a cortesia.”¹³ A essa altura, contudo, Sansa despreza o tratamento superprotetor e o considera uma tagarelice inútil diante da verdadeira injustiça. Ela percebe o quanto é vulnerável quando não existem “verdadeiros cavaleiros” para protegê-la. Quando o mestre lhe diz: “Durma um pouco, filha. Quando acordar, tudo isso parecerá um sonho ruim”, ela pensa para si mesma antes de perder a consciência: “Não, não parecerá, seu estúpido.”¹⁴ Sansa se deu conta de que a cavalaria dita os papéis adequados a cada pessoa e conclui que os homens à volta “não são verdadeiros cavaleiros, nenhum deles é”.¹⁵

A morte da cavalaria moderna: já vai tarde

Gosto mais de cães do que de cavaleiros... Um cão de caça morrerá por você, mas nunca mentirá a você. E olhará diretamente no seu rosto.

*Cão de Caça*¹⁶

O amor homossexual é outro problema para a cavalaria. Martin aborda esse assunto basicamente através de Renly e Loras, que são cavaleiros e namorados. No geral, porém, não se comenta muito sobre a homossexualidade ao longo da série, e a questão é justamente esta. O povo de Westeros costuma esquecer que a homossexualidade existe, e, quando lembrado, o único comentário é que se trata de algo estranho, anormal ou muito raro. As histórias de amor da cavalaria sempre falam de cavaleiros e donzelas. Cavaleiros e donzelas exercem papéis românticos específicos. O cavaleiro que ganha um torneio põe uma coroa de louros no colo de uma mulher, decretando-a Rainha da Beleza. Loras coroou Sansa, que quase desmaiou com o gesto romântico, mas na série de TV vemos que Loras só tem olhos para Renly. Contudo, Loras não poderia coroar Renly como rei de coisa alguma no torneio, pois um

cavaleiro deve cortejar uma donzela, assim como Florian cortejou Jonquil. É de conhecimento geral.

A cavalaria medieval era homofóbica, sexista, classista, ableísta¹⁷ e, provavelmente, racista também. Esse é o único motivo pelo qual a cavalaria, da forma como foi historicamente construída, não é apenas um código ético. A cavalaria de Westeros também adota várias dessas ideologias problemáticas em sua cultura como um todo. Entretanto, é possível pensar que a “cavalaria moderna” consegue evitar essas armadilhas opressivas e ser um código de ética honroso.

Contudo, a cavalaria de hoje também promove expressões rígidas de sexualidade. A cavalaria dita papéis de gênero, e a heterossexualidade é suposta na interpretação cavalheiresca dos gêneros. Mesmo se alguém alegar que ser gentil com outras pessoas ou defender os fracos e oprimidos seja um ideal cavalheiresco, devemos reconhecer que esse ideal tem um preço. A cavalaria moderna, que atende pelo nome de cavalheirismo, é invocada principalmente como ética que ensina às pessoas atraídas romanticamente como interagir entre si, mas as ações dessas pessoas dependem do gênero. Além disso, o cavalheirismo especifica regras apenas para interagir com uma pessoa do sexo oposto. Se duas mulheres estiverem num encontro romântico, por exemplo, o cavalheirismo não conseguiria ditar quem deve pagar a conta da refeição ou se uma deve abrir a porta para a outra. Da mesma forma, se dois homens estivessem num relacionamento, o cavalheirismo seria incapaz de explicar como eles deveriam se ajudar. O cavalheirismo moderno se apresenta como um código universal de ética, mas, na verdade, oferece orientação apenas para homens e mulheres heterossexuais.

Simone de Beauvoir argumentou que o cavalheirismo moderno se mistura à narrativa heterossexual do romance que muitas moças francesas da década de 1940 imaginavam para si. Nessa narrativa, o homem tinha um papel específico, cavalheiresco: “Ele [um homem] é o libertador; é tão rico e poderoso que detém em suas mãos a chave da felicidade: é o Príncipe encantado. Ela [a mulher] pressente que sob suas carícias será levada pela grande corrente da vida.”¹⁸ As mulheres se imaginam num papel específico: arrebatadas pelo príncipe encantado. As garotas que sonham com uma “princesa encantada” veem seus desejos serem ignorados e não reconhecidos.

Obviamente, George R. R. Martin entende que as pessoas nem sempre estão satisfeitas com os papéis ditados ou estimulados pela sociedade. Arya alega que não será uma dama quando crescer, e Brienne estava tão insatisfeita com seu papel de donzela nobre que estipulou que se casaria apenas com um homem que a superasse em combate. (Ninguém jamais conseguiu.) Num caminho semelhante, Daenerys se proclamou khaleesi e rainha mesmo que Westeros e os dothraki não estivessem acostumados a ter líderes do sexo feminino. Cada uma dessas mulheres teve que lutar contra as normas sociais para ter a vida que desejava.

Esse não é um argumento para defender que as sociedades não devem ajudar as pessoas a entenderem e escolherem papéis sociais diferentes. O argumento contra o cavalheirismo não é uma defesa da anarquia social. A religião do sul de Westeros, por exemplo, venera os Sete: o Pai, a Mãe, o Ferreiro, o Guerreiro, a Donzela, a Anciã e o Estranho. Considerá-los como sete papéis/posições sociais não é necessariamente injusto ou opressivo, visto que os papéis são diferentes, mas não mutuamente exclusivos.

Uma pessoa pode ser pai e ferreiro. Uma mulher solteira pode ser donzela, mãe e anciã ao longo da vida. Portanto, é possível que Catelyn veja a imagem da filha donzela Arya no guerreiro. Quando o faz, Catelyn pensa num trecho da teologia: “Cada um dos Sete incorpora todos os Sete... Havia tanta beleza na Velha como na Donzela, e a Mãe podia ser mais feroz do que o Guerreiro.”¹⁹ Os papéis sociais podem nos ajudar a formar identidades, construir comunidades e entender nossas fraquezas e pontos fortes. Os papéis sociais não são opressivos, a menos que grupos de pessoas tenham acesso categoricamente negado aos papéis mais importantes (como o de guerreiro, corajoso e honrado). O caso de Bran é um pouco mais complicado: ele é aleijado e por isso não pode realizar o sonho de fazer parte da Guarda Real. Esse fato em si não é opressivo, a opressão vem quando Bran acredita que não conseguirá ter um papel importante na vida. Os vassallos do pai estimulam esse pensamento ao cochichar que seria mais honrado para Bran se matar. Apenas quando Jojen surge, Bran percebe que ser cavaleiro não é a única forma de ser herói, e que aleijado e herói não são categorias mutuamente excludentes.

Reconhecer que as pessoas não têm apenas um papel social a vida inteira pode ajudar a entender o quanto nossas sociedades nos estimulam a assumir diferentes papéis, bem como a explorar e mudar nossas identidades sociais. A cavalaria e o cavalheirismo dão um passo em falso quando supõem saber quais papéis são melhores para nós com base no gênero e na suposição de orientação sexual. Dessa forma, a cavalaria e o cavalheirismo se assemelham a um pai com boas intenções, mas muito rígido. Ele precisa deixar as crianças crescerem e encontrarem o próprio caminho no mundo.

Mulheres, não tuteladas: o que a humanidade fez da fêmea humana

Segundo o argumento de Beauvoir, mesmo existindo diferenças biológicas entre homens e mulheres, são as culturas e sociedades que atribuem certos valores e significados a essas diferenças. O gênero tem significado principalmente cultural (não biológico), então, se quisermos saber o motivo pelo qual Beauvoir pensa que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”,²⁰ devemos nos perguntar “o que a humanidade fez da fêmea humana”.²¹

O cavalheirismo transformou a mulher numa dama. Bom, historicamente transformou algumas mulheres em damas (especialmente europeias nobres). Mesmo se tentarmos retirar a cavalaria e o cavalheirismo de suas armadilhas classista e etnocêntrica, ainda sobra a estrutura sexista. A donzela das histórias de cavalaria é uma espécie de tutelada, em vez de um ser humano adulto e autônomo. Não significa que é injusto alguém em algum momento ficar sob a tutela de outra pessoa, muitos indivíduos consideram os filhos como seus tutelados. Contudo, as crianças acabam superando esse papel. O problema é ter alguém permanentemente sob tutela quando é capaz de funcionar como uma pessoa autônoma.

Portanto, a filosofia feminista vê o cavalheirismo como opressor das mulheres ao formular um papel específico que nem todas querem para si, além de desvalorizar o papel que as mulheres devem ter. Claro que algumas mulheres se encaixam naturalmente no ideal de ser uma “dama”, mas muitas não. Ao sustentar que a dama é a imagem melhor e mais adequada para uma mulher, o cavalheirismo silencia várias outras formas de feminilidade, exigindo que todas as mulheres “adequadas” tenham determinada aparência e ajam de certa forma. Sob o cavalheirismo, uma dama pode ser vista como honrosa, mas nunca tão honrosa quanto um cavaleiro, pois este pode ajudar os outros. O tutelado nunca é tão valioso quanto a espada que o protege ou o homem que empunha essa espada. Os homens também são limitados pela cavalaria, pois ser um “cavaleiro (de armadura brilhante)” ou um “príncipe (encantado)” pode até dar um pouco mais de espaço para expressar a personalidade de alguém, mas não se um homem quiser fazer algo associado às damas, como cantar, dançar ou — Deus me livre! — costurar.

Alguns podem discordar, alegando que pensar na cavalaria juntamente com papéis de gênero é muito simplista. Até em Westeros existem miríades de subculturas nas quais os papéis de gênero são ajustados ou modificados. Por exemplo, em Dorne, não é incomum que uma mulher tenha treinamento de guerra. Afinal, os dornenses descenderam dos roinares e sua rainha guerreira, Nymeria. Contudo, isso significa que outras regiões de Westeros categorizam mulheres de Dorne com base em sua etnia. As mulheres dornenses são conhecidas por não serem como as mulheres “comuns” de Westeros. Por exemplo, quando perguntam a Tyrion qual foi a coisa mais estranha que ele já comeu, o Duende pergunta se uma dornense conta. Existem exceções étnicas para alguns papéis de gênero, mas, por serem exceções, deixam a regra inalterada.

No fim das contas, a dinâmica de poder pode ser escondida na forma pela qual concebemos a nós mesmos como homens, mulheres, cidadãos, adultos, crianças e nações. Como resultado, podemos encarcerar pessoas e acreditar que é para ajudá-las. Em vez disso, deveríamos examinar as conotações culturais do que significa ser um cavaleiro ou uma dama e tentar entender que, na busca de um código ético justo, a cavalaria não é uma boa escolha. Se um cavaleiro for um seguidor do cavalheirismo que defende a justiça e promove a prosperidade humana, então “não existem verdadeiros cavaleiros”.

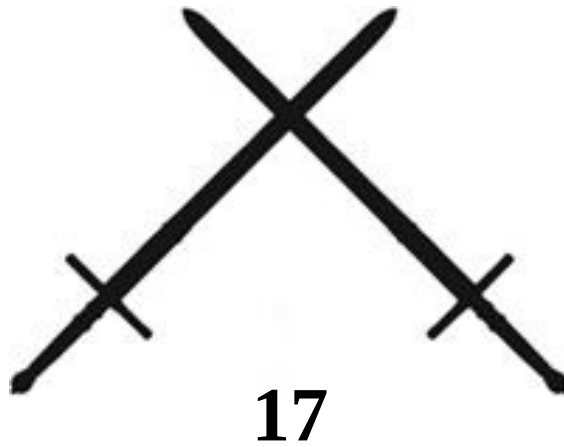
NOTAS

* Em inglês, a palavra “chivalry” tanto serve para a cavalaria quanto para o cavaleirismo. Em português, o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa classifica “cavaleiro” como “homem da nobreza, cavaleiro”. (*N. da T.*)

1. George R. R. Martin, *A dança dos dragões* (Leya Brasil, 2012).
2. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
3. George R. R. Martin, “The Hedge Knight”, in *Legends*, ed. Robert Silverberg (London: Voyager, 1998).
4. George R. R. Martin, *A fúria dos reis*. (Leya Brasil, 2011).
5. “Women’s History: Gloria Steinem Quotes”, About.com, acessado em junho de 2011, womenshistory.about.com/cs/quotes/a/qu_g_steinem.htm (em inglês).
6. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
7. *Id.*
8. Martin, *A fúria dos reis*.
9. Gayatri Spivak, “Righting Wrongs”, *South Atlantic Quarterly* 103 (2004).
10. Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (Difusão Europeia do Livro, 1970).
11. Martin, *A guerra dos tronos*.
12. Martin, *A fúria dos reis*.
13. *Id.*
14. *Ibid.* De certa forma, a cortesia de uma dama pode ser sua armadura. A compostura e a delicadeza de Sansa a poupam de espancamentos em algumas circunstâncias. Contudo, não se trata de uma armadura infalível. Por mais educada que Sansa seja, às vezes Joffrey está de mau humor e, por isso, ela acumula uma série de escoriações causadas por Sor Meryn e Sor Boros (já que não é majestoso um rei bater em sua senhora com as próprias mãos).
15. *Ibid.*
16. *Ibid.*
17. “Ableísta” se refere a manifestações de atitude discriminatória em relação a pessoas que não são consideradas fisicamente aptas, isto é, pessoas com deficiência. Quando os vassalos de Winterfell sussurram que Bran teria mais honra caso se suicidasse em vez de viver como um aleijado, isso é ableísta.
18. Beauvoir, *O segundo sexo*.
19. Martin, *A fúria dos reis*.
20. Beauvoir, *O segundo sexo*.
21. *Id.*

PARTE CINCO

“ESPETE NO ADVERSÁRIO A PONTA AGUÇADA”



DESTINO, LIBERDADE E AUTENTICIDADE EM GAME OF THRONES

Michael J. Sigrist

Nunca se esqueça de quem é, porque é certo que o mundo não se esquecerá. Faça disso a sua força, pois, assim, nunca será sua fraqueza.¹

“O INVERNO ESTÁ CHEGANDO.” Por séculos estas palavras gastas expressaram apenas a mentalidade austera do norte, mas elas assumem uma força profética e fatalista à medida que o drama de *A guerra dos tronos* se desenrola.

O fatalismo é a ideia de que o futuro foi definido antecipadamente e não pode ser mudado. “O inverno está chegando.” Nada pode ser feito para evitar isso. O melhor que alguém pode fazer é se preparar. Vamos chamar essa noção do futuro como algo já determinado de “fatalismo metafísico”.² O *fatalismo metafísico* é uma ideia antiga, que perdura até hoje. Qualquer noção de que o futuro já foi escrito, que certos eventos estão destinados a acontecer e que o futuro de uma pessoa foi predeterminado assume a verdade do fatalismo metafísico.

Podemos relacionar esse senso de fatalismo a dois outros conceitos: a *liberdade* e a *autenticidade*, de modo a entender melhor os dramas e destinos que conspiram em Westeros. Muitos filósofos acreditam que o fatalismo representa um desafio insuperável à liberdade humana. Se o futuro já está escrito, nada pode ser feito para mudá-lo, e, portanto, a liberdade humana é uma ilusão. Essa visão implica seu oposto: se somos livres, então o fatalismo é a ilusão. Essas duas visões competem ao longo de *As crônicas de gelo e fogo*. Parece que é possível acreditar *apenas* na liberdade *ou* no fatalismo, mas esta pode ser a verdadeira ilusão. Talvez possamos acreditar em ambos.

A liberdade de ser ou não ser

Vejam a história de Daenerys Targaryen, uma narrativa que começa bem antes do primeiro capítulo de *A guerra dos tronos*. Seu pai, o Rei Louco Aerys II, foi morto por Jaime Lannister. Fugindo de Porto Real, a mãe Rhaella dá à luz Dany e Viserys num navio e depois morre. Daenerys e o irmão, herdeiros da Casa Targaryen e nascidos do sangue do dragão, tiveram uma infância pobre nas ruas de Bravos e acabaram sob a tutela do misterioso Illyrio Mopatis. Quando vemos Dany pela primeira vez, ela é uma garota tímida, com apenas uma vaga noção das intrigas nas quais ela, involuntariamente, tem papel central. Se o destino está atuando na vida de Dany a essa altura, ele parece cobrar o preço de sua liberdade e autodeterminação. A juventude e o gênero, bem como as maquinações do irmão e de Illyrio, são forças que moldam sua vida de modos que Dany mal pode reconhecer, que dirá controlar. Seu destino não está em suas mãos.

Os leitores saberão que a Dany que surge das chamas da pira funeral de khal Drogo — e a Dany que ataca o leste nos próximos livros — está longe de ser a garota tímida e obediente do início da série. Esta Daenerys domina a cena como nenhum outro personagem: é uma mulher com total controle de suas ações e vira o mundo de cabeça para baixo, travando guerras, atropelando convenções e respondendo apenas a si mesma. Ainda assim, sua determinação e bravura são possibilitadas pelo senso de fatalismo. Só quando tem certeza de que o destino está de alguma forma no comando é que Daenerys se sente verdadeiramente livre.

A coincidência entre destino e liberdade não é privilégio apenas da princesa dos dragões. A maioria de nós entende de modo intuitivo que o destino e a liberdade não são realmente tão opostos quanto podem parecer à primeira vista. Muitos de nós lutamos para achar um significado ou propósito que foi supostamente decidido por nós e acreditamos que descobrir esse propósito vai se mostrar profundamente libertador. Mas devemos tomar isso como algo mais que um sentimento inspirador? Um propósito que uma pessoa não escolheu pode ser a chave para a liberdade dela? Veja novamente o caso de Dany: talvez a crença no próprio destino seja errônea, embora forneça a determinação necessária para ter sucesso na missão que escolheu livremente. Ou, por outro lado, talvez a sensação de autonomia seja a ilusão necessária para que ela cumpra seu destino.

O filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) acreditava que seres humanos, e apenas eles, estavam completamente livres do destino. Sartre cunhou um slogan vigoroso para explicar essa ideia: “A existência precede a essência.”³ Tudo, exceto os humanos, de acordo com Sartre, tem uma essência ou natureza. A essência faz de uma coisa o que ela é. Por exemplo, embora existam vários tipos diferentes de árvores, há algo verdadeiro em cada uma delas em virtude do qual ela é uma árvore. Essa essência não precisa ser alguma propriedade etérea de “arvoridade” que está lá além da casca, folhas, raízes ou estrutura celular. A essência de algo pode ser apenas um conjunto de propriedades necessárias e suficientes. Às vezes, a essência de algo, e isso é particularmente verdade para artefatos e ferramentas, consiste apenas no uso que se faz dele ou do propósito pelo qual é feito, como a essência de um martelo é

pregar pregos e a de um relógio, informar as horas.

Os filósofos de tempos antigos e modernos tentaram descobrir a essência na esperança de revelar o significado da vida humana. Por exemplo, o filósofo grego Platão (424-348 a.C.) acreditava que a essência humana é a razão e, portanto, a melhor vida para um humano seria uma vida racional, dedicada à sabedoria. Já outro filósofo grego, Epicuro (341-270 a.C.), acreditava que os humanos, como todos os animais, essencialmente buscam o prazer e argumentou que, portanto, a melhor vida humana é dedicada a conquistar uma quantidade ótima de prazer.⁴

Westeros é um mundo onde o propósito ou a essência de uma pessoa é determinado pelas categorias de classe, status e tradição. O objetivo de Robb na vida consiste em suceder Ned na liderança da Casa Stark. Robb pode realizar esse objetivo ou fracassar, não é algo que possa escolher para si. Da mesma forma, uma mulher não pode governar um reino em Westeros: por isso Lady Lysa só pode governar em regência para o filho, lorde Robert, assim como Cersei só pode exercer o poder em regência para Joffrey. Cersei obviamente lamenta esse fato, e Arya Stark luta conscientemente para superá-lo, mas quase todos os personagens assumem o gênero como um fato essencial (Brienne é a exceção que confirma a regra). De modo mais geral, *o que* uma pessoa é determina *quem* ela é. Não é possível se livrar da posição social. Jon é um bastardo e, não importa o quanto conquiste, jamais será herdeiro de Winterfell.⁵

Sartre lutou muito para combater esse tipo de essencialismo. Segundo ele, os humanos eram bem diferentes de qualquer coisa que tinha uma essência. Apesar do slogan incisivo, a existência humana não chega a anteceder a essência. Na verdade, a existência humana *impede* a essência. Sartre argumentou que, se algo define o ser humano, é a liberdade incondicional e absoluta de escolher ser quem somos.⁶ E, como somos livres para ser qualquer coisa, na verdade não somos nada, que é apenas outra forma de dizer que os seres humanos não têm essência.⁷ Nenhuma pessoa é *essencialmente* homem ou mulher, lorde ou vassalo, assim como nenhuma pessoa é essencialmente um ser racional ou um ser em busca de prazer.

E como Sartre sabe disso? Ele acredita que a liberdade absoluta se revela por meio da reflexão e de determinados estados de espírito. Antes de qualquer ação, uma pessoa sempre pode parar e refletir sobre o *motivo* pelo qual está prestes a agir. O que se descobre nesses momentos de reflexão? Motivações, desejos, atitudes e objetivos, e *nada disso pode nos obrigar a agir*. Para agir, é preciso escolher, e essa escolha não tem base ou causa além do fato de você tê-la feito. O indivíduo é sempre responsável por todas as escolhas que faz. Cersei, por exemplo, pode tentar justificar seus atos com base na necessidade: ela *tem que* prender e silenciar Ned, pois o que ele sabe vai arruinar a Casa Lannister e o reinado de Joffrey. Ela deve pensar que seus desejos ou suas preferências nada têm a ver com isso, mas obviamente está errada. Ela tem, *sim*, a escolha. E, na verdade, ela já escolheu.

Também somos cientes de nossa liberdade por meio de determinados estados de espírito, sendo o mais importante deles a angústia (ou *angst*, do original em alemão). Pense em Eddard quando enfrenta a escolha de se tornar a Mão do Rei Robert. Ele obviamente sabe quais são as prováveis consequências de sua escolha. Sabe muito bem o destino dos que foram Mão antes dele e provavelmente recusará o

convite, não só por si, como também por toda a Casa Stark. Mesmo sem receber a convocação para servir como Mão do Rei, cada um de nós já vivenciou momentos de decisão nos quais sabemos que nossa escolha, seja ela qual for, vai definir um futuro e descartar outros. Sentir que toda a sua vida está em jogo num dado momento é angustiante, o que Sartre, seguindo o filósofo alemão Martin Heidegger (falaremos mais sobre ele depois), interpreta como medo não diante de alguma ameaça que vem do mundo, mas o medo que acompanha a noção de que a pessoa será obrigada a decidir sobre sua vida.

Ned precisa decidir se sua lealdade principal é ao reino ou à família. Depois, quando Cersei exige que confesse sua traição, ele se vê diante de uma escolha ainda mais absoluta: vivo pela minha família ou pela minha honra? Enfrentar essas escolhas tendo total consciência de que, ao fazê-la, você está escolhendo uma vida (Serei um traidor para meu país ou para minha família?) é o que Sartre, mais uma vez seguindo Heidegger, chama de “autenticidade”.

A angústia, diz Sartre, nos arranca da existência cotidiana (como pai, amigo, funcionário etc.) e obriga a decidir por aquela existência como um todo. Podemos fazer isso de modo autêntico ou inautêntico. Se formos inautênticos, jogaremos a enormidade de tais momentos para forças que alegamos ser incapazes de controlar, como o destino! Sansa, quando está diante do rei Robert e é obrigada a escolher entre o noivo e a família, escolhe o primeiro, como sabemos. Obviamente, Sansa é uma das personagens mais frustrantes e, portanto, mais engenhosamente construídas de *A guerra dos tronos*. Apesar das evidências, Sansa se recusa a acreditar que Joffrey não é um príncipe cavalheiresco ou que os Lannister não sejam magníficos e honrados guardiões. A inautenticidade de Sansa se transforma em “má-fé”, como Sartre chama, quando ela se recusa a assumir o controle de si e da própria situação.⁸ Na mente de Sansa, é como se não houvesse outra escolha além de mentir sobre o ataque de Joffrey a Mycah, pois essa seria a lealdade que se exige de uma noiva.

Portanto, a autenticidade é definida como o exato oposto do fatalismo. Aceitar o destino significa abrir mão da liberdade. Se essa teoria for correta, Daenerys pode acreditar que o destino está guiando suas ações, mas na verdade ela é movida apenas pelas próprias escolhas e liberdade. Se a princesa dos dragões não reconhecer isso, será inautêntica, na visão de Sartre.

O que será, será

O destino costuma estar associado à justiça. Se não nesta vida, na próxima os bons serão recompensados e os maus, punidos. Destino e justiça não parecem se aliar dessa forma familiar nos livros de Martin. Alguns argumentam que isso torna as obras de Martin únicas, conferindo-lhes uma sensação de realismo numa série firmemente situada no gênero da fantasia. Se o destino está atuando em *As crônicas de gelo e fogo*, não parece ser uma força em prol da justiça, e sim algo frio e cruel, que, às vezes, permite a morte desnecessária de personagens bons enquanto os maus são bem-sucedidos.

Então, que tipo de destino está atuando em Westeros, se não for o destino da justiça cósmica? O

fatalismo metafísico não diz coisa alguma sobre a ordem moral do universo. Diz apenas que o futuro já foi determinado. O filósofo macedônio Aristóteles (384-322 a.C.) temia que a verdade do fatalismo metafísico anulasse a liberdade humana. Num tratado sobre a forma lógica da linguagem, Aristóteles usa o seguinte argumento em defesa do fatalismo: imagine que alguém dissesse “Amanhã haverá uma batalha no mar”, e outra pessoa afirmasse o oposto, “Não haverá uma batalha no mar amanhã.”⁹ Como a segunda afirmação é apenas a negação da primeira, uma delas deve estar correta. Por quê? Aristóteles foi o primeiro lógico sistemático e já havia estabelecido que toda proposição deve ser verdadeira ou falsa. Para muitas proposições, obviamente nunca saberemos a resposta. “Existem exatamente 17 civilizações extraterrestres”, “César comeu três ovos numa manhã em 45 a.C.”, “Todo inteiro par maior que dois pode ser expresso como a soma de dois números primos”: jamais poderemos saber se essas afirmações são verdadeiras ou falsas. Mesmo assim, raciocinou Aristóteles, toda afirmação precisa ser uma ou outra: verdadeira ou falsa. Ele chamou isso de “princípio da bivalência”. Mas esse compromisso com a bivalência o deixou numa situação difícil quando se trata de afirmações sobre o futuro. Se “amanhã haverá uma batalha no mar” é verdadeira, então deve ser o fato de haver uma batalha no mar amanhã que a torna verdadeira. Daí podemos inferir que, se a afirmação é verdadeira, o fato descrito por ela também *tem que ser*, pois, do contrário, a afirmação não seria verdadeira. Mas dizer que algo no futuro *tem que ser verdadeiro* é afirmar o fatalismo. Se for verdade que haverá uma batalha no mar amanhã, *necessariamente* haverá uma batalha no mar amanhã e nada pode ser feito para mudar esse fato.

Aristóteles temia que, se esse argumento fosse válido, a liberdade humana não significaria nada, apenas que somos impotentes para afetar o futuro. Assim, a verdade do fatalismo significaria que não temos controle sobre nossas vidas nem temos responsabilidade individual. Para evitar essa conclusão, Aristóteles decretou que apenas para essa classe de afirmações (afirmações sobre o futuro), a lei da bivalência deveria ser suspensa. Portanto, se você diz a alguém: “Vai chover amanhã”, esta afirmação não é verdadeira nem falsa, de acordo com Aristóteles. Alguns podem se consolar com o fato de isso significar que nunca se está errado numa alegação sobre o futuro, mas obviamente também nunca se está certo.

O orador e político romano Cícero (106-43 a.C.) explicou de modo mais claro a ameaça que o fatalismo metafísico parece representar para a agência humana. É o chamado “argumento preguiçoso”, pois conclui que, se o fatalismo é verdadeiro, não há motivo para fazer coisa alguma. Veja o seguinte exemplo:

1. Se Daenerys está destinada a governar Westeros, então ela vai governar Westeros, independente de sair ou não de Mereen.
2. Por isso, o fato de ela sair de Mereen é inútil no que diz respeito a se ela vai governar Westeros.
3. Por isso, Dany não tem motivo para sair de Mereen.

Deve ficar claro o motivo para esse argumento ser problemático: obviamente, Daenerys *não* será capaz de governar Westeros caso decida permanecer em Mereen. Se olharmos novamente as premissas, veremos por que este e qualquer argumento similar serão infundados: pode ser verdade que Daenerys venha a governar Westeros apenas *porque* ela saiu de Mereen.

Os filósofos usam o termo “prático” para se referir ao tipo de deliberações que realizamos ao agir. Dizer que determinado argumento ou fato importa em termos práticos significa dizer que ele deve fazer parte das deliberações de uma pessoa sobre o que fazer. Agora podemos dizer que o Argumento Preguiçoso afirma exatamente isto sobre o fatalismo metafísico: defende que este é importante para decidirmos o que fazer. Mas agora já vimos que isso é falso. Dificilmente é possível concluir dos argumentos que vimos a favor do fatalismo metafísico que o futuro não será afetado por seus atos. Na verdade, o futuro, em boa parte, é o resultado do que você faz! Então, o fatalismo não representa uma ameaça à agência humana da forma como Sartre afirmou. Lembre-se: para ele, o fatalismo é o anátema da liberdade humana caso alguém o use como *desculpa* para continuar em má-fé. Nisto ele está correto: como não existem consequências práticas derivadas do fatalismo metafísico, seria de má-fé usar um compromisso com o fatalismo como desculpa para não agir. Imagine outro exemplo, no qual Jon acredita que os Outros estão destinados a nunca entrar em Westeros. Seria errado ele não fazer nada. Os Outros podem estar destinados a não invadir Westeros *apenas porque* ele se manteve firme em seus deveres na Muralha.

Cumprindo o destino

Há um certo paradoxo surgindo aqui. Acabamos de ver que é errado pensar no destino como uma força externa coagindo os agentes desta ou daquela maneira. O destino de alguém depende dos atos da pessoa em questão. Dany está destinada a se casar com khal Drogo assim como Jon está destinado a ingressar na Patrulha do Norte, e eles claramente fazem isso. Ao mesmo tempo, o fatalismo metafísico diz que apenas *um* futuro é possível. Então, parece que o destino de uma pessoa é basicamente o resultado dos atos daquela pessoa e, portanto, algo sobre o qual nada se pode fazer. Que noção de liberdade poderia explicar isso?

Para responder, vamos voltar a Martin Heidegger (1889-1976), que introduziu o termo “autenticidade” à filosofia sistemática. A “autenticidade” normalmente sugere algo real em oposição a algo falso. Nenhuma réplica de Gelo, a espada de lorde Eddard, será a “autêntica” Gelo, não importa o quanto seja exata. Nesse sentido, ser “real” é uma forma de ser único ou singular. Heidegger se apropria dessa compreensão comum de autenticidade para desenvolver uma alternativa ao conceito usual de liberdade humana como autonomia. Embora a *autonomia* seja definida em termos de controle — eu sou autônomo se puder controlar o que faço, estando livre de qualquer coerção interna ou externa —, a *autenticidade* é definida em termos de propriedade e singularidade: a liberdade é “ser dono” de si.¹⁰ O

desafio que Heidegger quer enfrentar com o conceito de autenticidade é o seguinte: mesmo reconhecendo que somos totalmente moldados pelo nosso passado e que isso decidirá nosso futuro, como alguém pode ser livre? Como alguém pode tomar posse da própria vida? Acho que todos nós podemos reconhecer este problema: embora por um lado seja fácil sentir como se estivéssemos no controle de nós mesmos e de nossa própria vida, entendemos que, se tivéssemos nascido numa época ou lugar diferentes, seríamos bem diferentes da pessoa que somos agora e tomaríamos outras decisões na vida. Como podemos reconhecer esse fato e ainda manter qualquer noção de liberdade e de que somos responsáveis por quem somos?

Voltemos ao momento em que Eddard precisa decidir se confessa a traição e poupa a família ou se mantém seus princípios e perde a vida das filhas. O leitor perspicaz, quando ajudado por um escritor talentoso como Martin, já sabe a resposta. Eddard provou repetidamente que a honra importa mais para ele do que a vida ou o status. Mas essa honra está ancorada num sentido ainda maior de responsabilidade. Ele sabe que foram seus erros que colocaram Arya e Sansa em perigo, suas decisões que ameaçaram Winterfell e sua aquiescência que poderia impedir a guerra. Se Eddard pudesse acertar as coisas abandonando sua honra diante de Porto Real, já sabemos o que Eddard fará. Quando você conhece o caráter de uma pessoa, sabe o tipo de escolhas que ela fará. As escolhas de uma pessoa em qualquer tempo, ao contrário do que diz Sartre, não estão livres do passado dela. Somos determinados por nossa história e, mais importante, por nosso caráter. O filósofo grego Heráclito (535-475 a.C.), muito admirado por Heidegger, expressou essa questão ao dizer que “caráter é destino”.

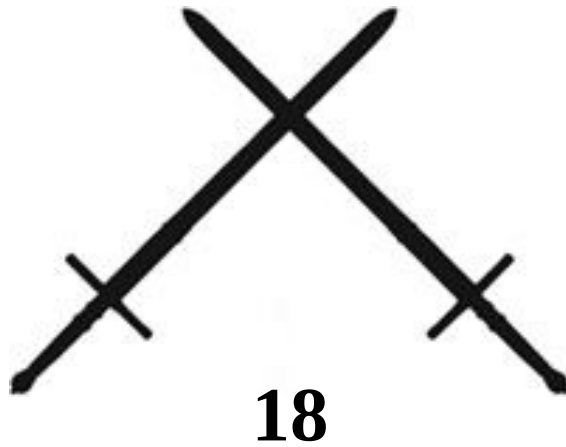
De acordo com a interpretação de Heidegger, a liberdade é algo que caracteriza a vida de uma pessoa como um todo, em vez de uma potencialidade confinada ao momento. Ao contrário de Sartre, essa liberdade não significa se desligar do próprio passado, mas, na verdade, cumpri-lo. Heidegger diz que normalmente existimos num estado de “cotidianidade mediana”. Nesse modo de existir, cuidamos do dia a dia fazendo o que qualquer pessoa faz: sendo pai/mãe, irmão/irmã, colega e amigo/amiga. Nossa existência média ou cotidiana está dispersa entre vários projetos e papéis diferentes, e apenas alguns são coerentes uns com os outros. Por exemplo, as obrigações de Jon como irmão de Robb entram em conflito com suas obrigações como membro da Patrulha da Noite. Ele não pode viver comprometido com os dois e precisa escolher. Após fazer a escolha, ele não escapa dessas obrigações. Na verdade, as obrigações o prenderiam mesmo se ele escolhesse ignorá-las. O que ele precisa fazer, na verdade, é escolher entre cumprir uma obrigação ou a outra. Observe que, ao escolher uma obrigação, Jon está cumprindo um *propósito* que não escolheu para si e, nesse sentido, está escolhendo seu destino. Jon não decidiu nascer um bastardo na Casa Stark, nem que os irmãos da Patrulha da Noite não teriam família além do próprio grupo. Mas, ao escolher um objetivo no lugar do outro, Jon está escolhendo por si, e nesse sentido, ao se tornar um indivíduo, ele é livre.

Tornando-se quem você é

Começamos pela pergunta: destino e liberdade são compatíveis? Ou o fatalismo anula a liberdade? Intuitivamente, talvez, entendemos que ambos podem ser compatíveis, que achar o propósito de uma pessoa ou cumprir o destino de alguém pode ser libertador. O desafio é encontrar uma justificativa filosófica para essa sensação. Acredito que possamos encontrá-la em Heidegger. Ao longo da vida, uma pessoa se torna quem é. Lutar para fazer algo dela é a batalha pela autenticidade nos termos de Heidegger. A vida apresenta a cada um de nós uma série de possibilidades de existências incompatíveis que podemos igualmente cumprir. Muitas opções estão abertas, mas, para viver autenticamente, para ser um indivíduo, é preciso escolher uma e descartar as outras. Bons personagens fazem isso: Dany escolheu os direitos da Casa Targaryen, Jon escolheu a vida na Patrulha, Robb escolheu ser Rei do Norte e Tyrion escolheu ser um Lannister, não importando o quanto o pai, a irmã e o mundo aleguem que ele não tem direito a essa posição social. Ao escolherem essas vidas, esses personagens cumprem propósitos ou destinos que não escolheram. O poeta grego Píndaro (522-443 a.C.) expressou essa questão nas seguintes palavras: “Torne-se quem você é.” Como uma pessoa pode se tornar quem ela já é? A resposta: quem uma pessoa é se decide pelo modo como ela cumpre o propósito que o destino (o passado, a história, o caráter) lhe atribuiu.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
2. O termo filosófico “metafísica” é quase o oposto de seu outro significado de denotar coisas espirituais ou que não são deste mundo. Em filosofia, “metafísica” se refere ao estudo da realidade. Por exemplo, as teorias sobre o espaço, o tempo e a causalidade são “metafísicas”. Neste contexto, o “fatalismo metafísico” diz que o futuro, em algum sentido, *realmente* existe e não pode ser mudado. Isso é um contraste com o que pode ser chamado de “fatalismo psicológico”, a sensação de impotência ou passividade derivada da crença de que nada pode ser feito para mudar o futuro. Diz-se que a crença no fatalismo metafísico acarreta o fatalismo psicológico, mas questiono essa afirmação neste capítulo.
3. Daí o nome da escola filosófica que Sartre representa mais do que ninguém: o *existencialismo*.
4. É importante dizer que Epicuro não acreditava que uma pessoa devesse maximizar o prazer o tempo todo. Na verdade, Epicuro estimulava seus seguidores a levarem uma vida do modo mais abstêmio e moderado possível. A demanda por grandes prazeres facilmente leva a grandes decepções, enquanto uma vida de prazeres simples e rústicos é facilmente alcançada, e suas decepções são menos graves.
5. Vários personagens lutam de forma consciente contra esse essencialismo. Um deles é Petyr Baelish, que, conforme somos levados a acreditar em *O festim dos corvos*, deseja governar a Casa Arryn, Westeros ou talvez até algo mais grandioso. Muitos leitores admiram Davos pelos mesmos motivos. Não parece ser necessário muito esforço para que lorde Manderly ressuscite seu lado contrabandista em *A dança dos dragões*. E, obviamente, em contraponto a Jon existe Ramsey Bolton, cujo caráter deformado parece trair sua incapacidade para a posição de herdeiro de lorde Bolton.
6. Um leitor inteligente deve estar se perguntando a esta altura: “Sartre não está dizendo que a liberdade é a essência humana, algo que todo ser humano tem, em virtude de cada um de nós ser uma pessoa? E isso não significa admitir que os humanos têm uma essência, no fim das contas?” A resposta certa é: “Sim e não.” Se desejarmos insistir que a liberdade é a essência humana, podemos fazê-lo, desde que reconheçamos que (a) essa essência é diferente de todas as outras essências; e (b) que, como uma pessoa *pode ser* qualquer coisa, então ela *não é* nada, e se nossa essência é o nada, na verdade não é de forma alguma uma essência.
7. Sartre não quer dizer com isso que é possível *ter sucesso* em se tornar qualquer coisa que possamos escolher. Nenhum ser humano terá sucesso se tornando um deus, e é provavelmente seguro dizer que nenhum ser humano alcançará a imortalidade. Num nível mais mundano, boa parte do que escolhemos fazer ou ser tem apenas sucesso parcial. Então, Sartre não está dizendo que eu *posso* ser o que quiser. A questão é que eu posso *tentar* ser qualquer coisa que puder conceber, embora obviamente reconhecendo que tanto o mundo quanto outras pessoas limitam as minhas chances de sucesso.
8. Vale comentar aqui que, se aceitarmos a terminologia sartreana, “assumir responsabilidade” e “assumir responsabilidade por si mesmo” são duas coisas diferentes. Responsabilidades são algo que o mundo coloca sobre você. Sartre poderia admitir que existem responsabilidades, mas elas não têm poder sobre você a menos que você escolha isso. Contudo, você é totalmente responsável por si mesmo. Na verdade, esta é a única verdadeira responsabilidade que você tem e da qual não pode fugir.
9. Ver Aristóteles, *Categories and De Interpretatione*, trans. J. Ackrill (Oxford: Oxford Univ. Press, 1963).
10. O termo para *autenticidade* em alemão é *Eigentlichkeit*, derivado do radical *eigen*, que significa “meu”. *Eigentlichkeit* poderia ser traduzido de modo mais literal como “propriedadacidade”.



NINGUÉM DANÇA A DANÇA DA ÁGUA

Henry Jacoby

— Quem é você? — perguntava-lhe todos os dias.

— Ninguém — respondia, ela que tinha sido Arya, da Casa Stark.¹

É UMA LONGA JORNADA desde ser uma menina de 9 anos brincando com espadas de madeira até aprender a Dança da Água, escapar de Porto Real após a decapitação do pai, contratar o assassino Jaqen H'ghar e virar uma aprendiz de assassina com os Homens Sem Rosto na Casa do Preto e Branco em Bravos. Tudo isso certamente faz de Arya Stark uma das personagens mais cativantes de *As crônicas de gelo e fogo*. Ela enfrenta tudo que a vida lhe joga com uma determinação feroz que é rara, especialmente para alguém tão jovem. Alguns leitores podem ver Arya como alguém que vai se transformar numa assassina ensandecida, talvez até psicótica, enlouquecida pela sede de vingança. Contudo, eu a vejo como uma estranha mistura de virtudes morais e sensibilidade zen. Como isso pode ser possível? O que as virtudes morais e o zen têm a ver um com o outro? E o que têm a ver com nossa garota magrinha predileta de Winterfell?

Este capítulo fala sobre a jornada de Arya e o que essa jornada pode nos ensinar sobre levar uma vida boa. Também diz respeito a golpear pessoas, enfiando nelas a ponta aguçada e tal. Curiosamente, como veremos, elas acabam sendo quase a mesma coisa.

As virtudes e a vida boa

Na filosofia moral, geralmente se faz uma distinção entre uma ética de *fazer* e uma ética de *ser*.

Grosso modo, a ideia é que, embora algumas teorias éticas tentem nos dizer o que fazer e o que torna nossas ações certas ou erradas, outras teorias se concentram mais em *como devemos viver* e *como devemos ser*. Essas teorias englobam o campo conhecido como *ética da virtude*.

O objetivo de todas as teorias da virtude é instruir a levar uma vida boa. As teorias discordam, porém, no que se constitui “uma vida boa”, bem como nos meios necessários para obtê-la. Muitos dos antigos filósofos gregos diziam que a vida boa é uma vida dedicada à razão. Por outro lado, as grandes tradições espirituais e filosóficas do Oriente tendem a desconfiar da razão e argumentam que seria melhor se nos concentrássemos em viver de modo autêntico. No zen, isso significa ter uma experiência direta da realidade e descobrir o verdadeiro eu, enquanto que no taoísmo significa viver em harmonia com a natureza, sem esforços. A jornada de Arya, de iniciante na Dança da Água a aprendiz de assassina em Bravos, engloba tudo isso. Afinal, não estou escrevendo este artigo só porque ela é minha personagem favorita (bom, talvez este seja o motivo).

Se você vai mapear o caminho difícil para a vida boa e apresentar qualquer teoria da ética envolvendo virtude, a primeira coisa a fazer consiste em explicar o que é uma virtude. Aristóteles (384-322 a.C.) foi o primeiro a fazer isso de modo sistemático em sua *Ética a Nicômaco*,² então este é um bom ponto de partida. Segundo ele, as virtudes são traços de caráter, mas nem todo traço de caráter é uma virtude. Afinal, Mindinho é sorrateiro; Sandor Clegane, o Cão de Caça, pode ser cruel; e Joffrey... Bem, Joffrey precisa levar uns tapas. A questão é que esses traços de caráter não são virtudes. Uma virtude, disse Aristóteles, é um traço de caráter bom para ter. “Mas não é bom para Mindinho ser sorrateiro e para o Cão de Caça ser cruel?”, você poderia perguntar. Esses traços de caráter servem ao objetivo deles, é verdade, mas não são bons no sentido de que não lhes trazem a verdadeira felicidade. Certamente esses traços não lhes trazem *eudaimonia*, a palavra grega às vezes traduzida como *felicidade*, mas cuja tradução mais adequada seria *bem-estar* ou *prosperidade*. Assim como seu professor Platão (428-348 a.C.), Aristóteles negava que o prazer era “o bom”. Em vez disso, ele fala de uma vida vivida com a parte racional da mente controlando nossos desejos e apetites, uma vida na qual funcionamos adequadamente como seres racionais, vivendo o que Sócrates (469-399 a.C.) chamou de “vida examinada”. A virtude, portanto, não é um prêmio a ser obtido, é um processo a ser trabalhado durante toda uma vida. A pessoa que não tem a razão sob controle ou qualquer outro indivíduo imoral pode obter vários prazeres, mas jamais poderia alcançar a verdadeira felicidade. Neste ponto, Sócrates, Platão e Aristóteles concordam.

Como as virtudes adequadas são necessárias durante o processo de viver uma vida boa, a próxima coisa que precisamos saber é como obter essas virtudes. Segundo Aristóteles, as virtudes morais poderiam ser adquiridas apenas pela prática, e não pela instrução. Então, por exemplo, o fato de Mestre Luwin fazer Bran ler tudo sobre cavaleiros corajosos não é suficiente para fazer de Bran um menino corajoso. Ele pode vir a entender o conceito de coragem dessa forma e, assim, reconhecê-lo no irmão Robb. Mas, para Bran realmente ter a virtude, ele deve praticar a realização de atos corajosos até se tornar natural para ele reagir dessa forma. Deve virar um hábito.

Isso nos leva de volta ao início de Arya com a Dança da Água. Como veremos, as artes marciais são uma boa forma de ilustrar o que Aristóteles tem em mente. Mas, como as artes marciais vieram do Oriente, elas estão impregnadas das filosofias zen e do taoísmo, que ajudam a explicá-las.

Artes marciais e virtudes

Antes de sair para “vestir-se de negro” e juntar-se à Patrulha da Noite, Jon Snow dá um presente especial a Arya: uma espada fina, feita do mais delicado aço valiriano, que ela batiza de “Aguilha” (pois espadas especiais precisam ter nomes, claro). Arya Stark pode ser muito nova, mas, ao contrário de sua irmã mais velha, Sansa, que sonha em ser princesa, não tem tempo para essas bobagens e preferiria ser uma cavaleira. Ela já está ciente que o treinamento recebido da septã Mordane não é do tipo necessário para uma vida de bem-estar. Ela precisa de outro tipo de “trabalho com agulha”. Por outro lado, ela se identifica com o presente de Jon Snow e envereda pelo caminho da autodescoberta.

No início, tudo que Arya sabe sobre esgrima é que você “espeta no adversário a ponta aguçada”. “Essa é a essência”, concorda o pai e, ao ver que ela está verdadeiramente interessada, contrata um professor adequado para ensiná-la. (Episódio 3 da primeira temporada, *Lord Snow* [*Lorde Snow*].) E não é qualquer professor, mas ninguém menos que o Mestre de Dança de Bravos, Syrio Forel. O que ela aprende com Syrio — a Dança da Água — não é apenas a maneira correta de segurar uma espada ou como posicionar o corpo para evitar ataques, mas muito mais. Na verdade, ela começa a aprender a viver. Cuidadosamente.

Os verdadeiros praticantes de artes marciais dirão que essas praticas não dizem respeito apenas à autodefesa, mas também à saúde e ao bem-estar. Estudá-las pode ajudar a adquirir virtudes morais e, ao mesmo tempo, nos ensinar a viver. E, assim como a vida virtuosa de Aristóteles, as artes marciais destacam a importância do processo sobre o prêmio. Quando estudada com seriedade, uma arte marcial também é uma prática espiritual. Falaremos mais sobre isso depois.

Quando comecei a estudar artes marciais, perguntei a meu sensei (o instrutor-chefe, literalmente “aquele que viveu antes”) com que frequência se deveria treinar. Ele respondeu que você nunca para de treinar, tudo o que você faz é parte disso. O que aprendemos no dojô (o local de treinamento) obviamente tem aplicações do lado de fora, se você algum dia precisar se defender, por exemplo. Mas não é apenas uma questão de defesa. A consciência que aprendemos, bem como o respeito e a compaixão que demonstramos pelos parceiros de treinamento e como aprendemos a nos comportar, tudo isso se leva para as outras partes da vida. Se você pensar em cada ação de sua vida como parte do treinamento, todas as interações que teve com pessoas, animais e o ambiente, exigem o mesmo cuidado e foco que se deve ter no dojô.

Agora, vamos voltar à ideia aristotélica das virtudes como hábitos. Aristóteles quer que pratiquemos honestidade, coragem, justiça e por aí vai até que elas sejam naturalmente parte de nós. No treinamento

de artes marciais acontece algo bem parecido. Por exemplo, no caratê, os alunos treinam movimentos como o bloqueio ascendente incontáveis vezes. O bloqueio ascendente é um tipo de movimento incomum, não é algo que se faça rotineiramente, mas, ao longo do tempo, vira algo automático. E isso é bom porque, se alguém tenta golpear o artista marcial na cabeça, o bloqueio deve ser uma resposta automática. Se não fosse assim e você primeiro tivesse que pensar em como responder ao ataque, seria tarde demais. O mesmo vale para todos os movimentos que Arya aprende praticando a Dança da Água. Os golpes e bloqueios da espada, o movimento gracioso do corpo caçando gatos pelo castelo, bem como se equilibrando numa perna só ou caminhar “plantando bananeira” para criar uma nova sensação de equilíbrio, tudo isso tem o objetivo de treinar Arya a responder de modo instantâneo e apropriado a qualquer situação perigosa.

Da mesma forma, a pessoa honesta responde automaticamente com a verdade em qualquer situação, ela não precisa pensar em qual seria a resposta adequada. Essa ideia de que “resposta adequada” não envolve o pensamento não apenas é partilhada pelas artes marciais e a ética da virtude de Aristóteles,³ como também faz parte essencial das filosofias orientais. Além disso, o tema comum em todas elas é que o caráter se desenvolve através da disciplina, da prática e da atenção. Nas artes marciais, sem esse treinamento mental, você está apenas aprendendo a lutar. Com esse treinamento mental, contudo, você está aprendendo a *viver de modo autêntico*.

A Dança da Água

Esta dança que estamos aprendendo não é a dança de Westeros... Esta é a Dança de Bravos, a Dança da Água.

(Episódio 3 da primeira temporada, Lord Snow [Lorde Snow])

As teorias da virtude como as de Aristóteles se preocupam com a forma pela qual devemos viver. Como as artes marciais têm esse mesmo objetivo, elas podem ser colocadas na mesma categoria, ainda que existam muitas diferenças. Segundo Aristóteles, para ter uma vida boa, a razão deve estar no comando. A parte racional da mente deve controlar a parte irracional, para que não sejamos governados por nossos desejos. No caminho das artes marciais para uma vida boa, também devemos controlar os desejos, mas isso não é obtido ao viver “a vida examinada” de Sócrates ou “a vida da razão” recomendada por Aristóteles. Em vez disso, exige uma presença desprovida de ego com uma “mente como água”.

Não é por acaso que o estilo de esgrima que Arya está aprendendo se chama Dança da Água. Na verdade, a água é um conceito muito importante no taoísmo. A principal obra dessa filosofia, o *Tao Te Ching*, atribuído ao grande sábio Lao Tsé, está cheio de passagens nos estimulando a “ser como a água”.⁴ O que isso significa?

Em sua primeira lição, Syrio explica a Arya: “Todos os homens são feitos de água, você sabe disso?”

Se você os perfurar, a água vazava... e eles morrem.” (Episódio 3 da primeira temporada, *Lord Snow* [Lorde Snow])

A água é essencial para a vida. A Dança da Água reflete a própria dança da vida. A água flui e se adapta ao ambiente, ocupando recipientes de qualquer forma, passando por buracos ou rachaduras e desviando de um obstáculo quando não pode passar diretamente por ele. Nas artes marciais também deve haver um fluxo, ou uma dança, se você assim desejar. O artista marcial se adapta à situação, usando apenas a quantidade de força necessária, nada mais. Para levar uma vida boa, também devemos ser capazes de nos adaptar e seguir o fluxo.

Vários personagens de *As crônicas de gelo e fogo* se adaptam bem ao ambiente e à vida e, mesmo enfrentando tragédias e sofrimento, são melhores por isso. Tyrion e Daenerys me vêm à mente como excelentes exemplos, enquanto o irmão de Daenerys ilustra o oposto. Mas ninguém oferece um exemplo melhor de harmonização com o ambiente do que Arya. Do trabalho na cozinha em Harrenhal ao período como “Gata dos Canais” em Bravos, ela aprende a aceitar sua situação e fazer o que lhe é exigido. Em Harrenhal, isso envolve recrutar a ajuda do Homem Sem Rosto Jaqen H’ghar para assassinar alguns de seus inimigos, liderar uma revolta e matar um desertor da Patrulha da Noite em Bravos. Infelizmente, às vezes, a situação exige o uso da Agulha.

Outra característica da água é sua flexibilidade, que lhe permite suportar grande força. Da mesma forma, o artista marcial pode suportar ataques sendo flexível. Uma habilidade importante nas artes marciais envolve redirecionar a energia do atacante contra ele. Fazer isso adequadamente exige pouca energia de sua parte. Se você está se esforçando para conseguir isso usando toda a força que tem, significa que não está aplicando a técnica adequadamente.

Essa ideia de evitar o esforço envolve um dos principais conceitos do taoísmo: *wu wei*, significando a noção de responder a cada situação na vida com facilidade e de forma natural, como a água. Lao Tsé diz que “o caminho do sábio é agir sem se esforçar”.⁵ Quando você obtém isso, está em harmonia com o tao: o fluxo da natureza ou a própria dança da vida. Nas artes marciais, isso é belamente ilustrado ao fazer uma forma de tai chi, que consiste numa série (às vezes bem longa) de movimentos coreografados realizados muito lentamente. Para o observador externo, parece uma dança graciosa, mas, na verdade, é uma série de bloqueios, golpes e chutes letais de autodefesa. Para realizá-los adequadamente, deve-se deixar o pensamento de lado; você *se torna* a forma. Na primeira lição da Dança da Água, Arya reclama que sua espada de madeira é muito pesada para segurar com apenas uma das mãos. “E se eu deixar cair?”, pergunta ela. Syrio responde: “O aço deve fazer parte de seu braço. Você pode deixar seu braço cair? Não.” (Episódio 3 da primeira temporada, *Lord Snow* [Lorde Snow].) Essa é a ideia.⁶

Zen e o mestre espadachim de Bravos

Só existe um deus, e seu nome é morte. E só existe uma coisa que dizemos à morte: hoje, não.

Ser capaz de responder sem esforço e se tornar um com a dança a seu redor exige que a mente seja como água. Mas o zen nos leva ainda mais longe, à medida que nos despimos do ego para encontrar o verdadeiro eu. De fato, um famoso koan zen pergunta: “Qual era o rosto que você tinha antes de nascer?”⁷ Destruir o ego — o que, como veremos, talvez seja a parte mais importante do treinamento posterior de Arya na Casa do Preto e Branco — também é crucial no zen.

O *zen* é um jeito de ver o mundo e uma forma de estar nele autenticamente. Pode ser pensado como uma filosofia de vida, embora não tenha uma teoria e, ao contrário da maioria dos sistemas filosóficos, não prioriza o intelecto em favor da ação intuitiva. Como sua abordagem em relação à vida é geralmente explicada na interação entre aluno e mestre, Arya e Syrio nos serão muito úteis.⁸

Syrio Forel diz a Arya que foi a primeira espada do Senhor do Mar de Bravos. Ele explica com isso aconteceu:

No dia do qual falo, a primeira espada tinha morrido havia pouco tempo e o Senhor do Mar mandou me chamar. Muitos espadachins tinham sido levados à sua presença e a todos mandara embora, sem que nenhum soubesse por quê. Quando foi a minha vez, encontrei-o sentado com um gordo gato amarelo ao colo. Disse-me que um dos capitães lhe tinha trazido o animal de uma ilha para lá do sol nascente. ‘Já viu algum animal como ele?’, ele perguntou. E eu lhe respondi: ‘Todas as noites, nas vielas de Bravos, vejo mil como ele’, e o Senhor do Mar riu e nesse mesmo dia fui nomeado primeira espada.⁹

Arya não entende logo de cara, mas Syrio explica que os outros viram o que estavam esperando: uma besta fabulosa. Enquanto ele viu apenas o que estava lá: um gato doméstico comum. O espadachim continua:

Precisamente. Abrir os olhos era o que bastava. O coração mente e a cabeça usa truques conosco, mas os olhos veem a verdade.¹⁰

Essa ideia, de “ver com os olhos”, é parte essencial do zen. Podemos até chama-la de “visão zen”. Reconhecer o fluxo de todas as coisas, a ideia taoísta à qual aludimos anteriormente, também faz parte disso. Por exemplo, no início da lição, quando ele explica como virou a Primeira Espada de Bravos, Syrio avisava os movimentos que faria, indicando em qual direção Arya deveria se mover para conseguir se defender. Mas uma das vezes, ele não vai para onde diz, aplica um golpe com a ponta da espada de madeira e diz: “Agora você está morta.” Quando Arya protesta dizendo que era injusto porque ele mentira, ele responde:

— Minhas palavras mentiram. Os olhos e o braço gritaram a verdade, mas você não estava vendo.

— Estava, sim — Arya rebateu. — Observei-o segundo a segundo!

— Observar não é ver, garota morta. O dançarino da água vê.¹¹

Observar e ver são duas coisas claramente diferentes. O zen é uma tentativa de treinar a mente a fim de colocá-la em contato com a realidade definitiva. Em parte, isso é feito usando os sentidos para perceber o que está lá sem quaisquer noções preconcebidas (como no exemplo do gato). Outro exemplo ocorre muito depois, quando Arya entra pela primeira vez na Casa do Preto e Branco em Bravos. Ela vê pessoas idosas deitadas em alcovas que parecem estar dormindo, mas, quando ela se lembra de “olhar com os olhos”, percebe que estão mortos ou morrendo.¹² Arya logo descobrirá que eles vêm ao templo exatamente por isso.

Ver — em vez de apenas observar — também exige que a pessoa esteja totalmente presente. Numa dessas lições, o treinamento não está indo muito bem. Lorde Eddard fora gravemente ferido, e Jory, o chefe da guarda, assassinado. Como seria de se esperar, Arya está preocupada com o pai. Syrio diz:

Você está preocupada... Ótimo! A preocupação é um momento perfeito para o treinamento. Quando você estiver dançando na campina com suas bonecas e gatos, não é aí que a luta acontece... Você não está aqui, está com a sua preocupação. Se você estiver com a sua preocupação quando a luta acontecer... Isso significa mais preocupação para você. Precisamente! (Episódio 6 da primeira temporada, *A Golden Crown* [*Um coroa de Ouro*])

Se sua mente estiver em outro lugar, você não pode “olhar com os olhos”, e provavelmente será golpeado, chutado ou apanhará com um porrete. Quando estiver aplicando uma técnica, precisa fazer apenas a técnica e nada mais. A ideia é ser capaz de ter esse nível de presença, estar no agora, no que os budistas chamam de “atenção plena” ao longo da vida cotidiana. Mais uma vez, cada encontro na vida faz parte de seu treinamento.

Sem atenção plena, as emoções negativas podem assumir o controle: “O medo golpeia mais profundamente que as espadas.” O mantra familiar de Arya lembra que nossos temores devem ser vencidos antes de podermos levar uma vida de bem-estar. Proeminente entre esses medos, obviamente, é o medo da morte. “*Valar morghulis*” — todos os homens têm que morrer —, como dizem em Bravos. Devido a essa certeza, Syrio se refere à morte como “o único deus verdadeiro”. Mas, até morrermos, devemos viver, por isso dizemos à morte: “Hoje, não.”

Em seu treinamento com os Homens Sem Rosto, Arya aprende sobre o “Deus de Muitas Faces” deles e também sobre a morte. Seu treinamento em parte a prepara para levar a morte aos outros, mas existe também a morte do eu que mencionamos anteriormente.

Embora toda a jornada de Arya ilustre essa ideia básica do zen (pense nas diferentes identidades que ela assume, nos vários papéis que interpreta — nenhum deles é *ela*), seu treinamento na Casa do Preto e Branco leva esse desnudamento do eu a um extremo assustador, pois o rosto dela é literalmente removido em determinado momento para ser devolvido mais tarde. Os Homens Sem Rosto podem mudar magicamente de aparência. Arya vê Jaqen H'ghar fazer isso. Conseguir essa proeza exige que você se torne “ninguém”. Essa ideia tem paralelo com o que ocorre em outro tipo de treinamento de artes marciais do oriente conhecido como *ninjutsu*.

O ninjutsu e os Homens Sem Rosto

Em *The Spiritual Practices of the Ninja*, Ross Heaven diz que a palavra “ninjutsu” (o caminho do ninja) geralmente é traduzida como “arte de ser furtivo” ou “arte da invisibilidade”. A palavra sugere duas coisas: primeiro, o uso dessa capacidade de ser furtivo a fim de desvelar o eu oculto para que possamos descobrir nossa verdade interior e saber qual é nosso verdadeiro propósito; segundo, a habilidade de permanecer verdadeiro consigo mesmo e, ao mesmo tempo, misturar-se de forma tão eficaz aos costumes predominantes na sociedade que passamos quase despercebidos, sem deixar pegadas na areia, e ainda assim, alcançando nosso propósito.¹³

Nos filmes, os ninjas aparecem como assassinos secretos, vestidos de preto e fazendo proezas acrobáticas incríveis. Mas, quando vemos a definição anterior, o ninjutsu é mais do que apenas o treinamento letal em artes marciais. Como todas as artes marciais, quando feita adequadamente, o ninjutsu também é uma prática espiritual.

“Espiritual” aqui deve ser entendido de modo naturalista. Diz respeito a uma sensação específica de si e uma conexão com tudo que existe. A pessoa espiritual, como assim o sábio taoísta ou o mestre zen, vive no momento presente, em harmonia com a natureza e de posse de uma autoconsciência que leva a uma vida eficaz.

Arya não parece se encaixar no molde de pessoa espiritual, ela ainda é muito nova e tem um longo caminho pela frente. Mas o tempo que passou na Casa do Preto e Branco reflete de modo bem próximo tanto o treinamento dos ninjas quanto os rituais e testes comuns a processos de iniciação encontrados em várias culturas. Esses processos geralmente envolvem três estágios:¹⁴ primeiro, o iniciado deve deixar o passado para trás. O homem amável, principal professor de Arya, faz com que ela jogue fora todas as posses, os únicos laços remanescentes de sua identidade anterior como Arya da Casa Stark (mesmo concordando, ela não suporta a ideia de se separar de Agulha e a esconde). Segundo, são apresentados desafios que devem ser superados para que ocorra o crescimento. Arya está sendo treinada para experimentar completamente a realidade e, para fazer isso, deve usar todos os sentidos. Portanto, ela recebe uma poção que a deixa temporariamente cega. E, terceiro, há uma celebração do renascimento que exige do iniciado a lembrança de seu verdadeiro eu. Arya ainda não chegou neste estágio, mas o mestre

está impressionado com sua capacidade de cumprir a missão com sucesso (um assassinato) e ela está pronta para começar o verdadeiro aprendizado para se tornar um Homem Sem Rosto.

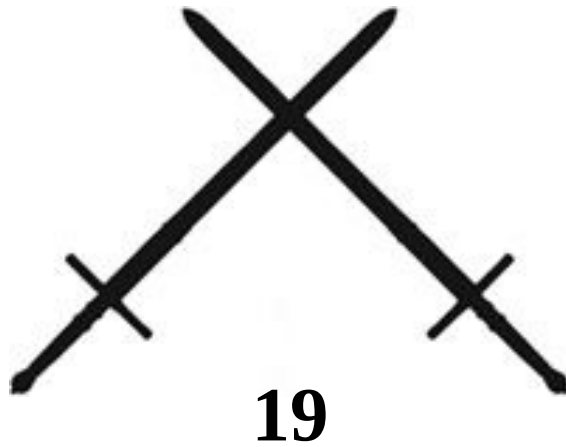
A Dança da Virtude Sem Rosto

O trabalho com agulhas do tipo tradicional e ser uma dama não são para Arya. Sua jornada começa bem antes da fuga de Porto Real com Yoren. Começa com o presente de Jon Snow, que lhe dá poder. Aprender a Dança da Água é útil, pois ela é apresentada a um novo modo de estar no mundo. Arya sobrevive e acaba chegando a Bravos. Enquanto está lá, ela continua a busca pela consciência e, analisando pelo ponto de vista oriental, Arya ainda pode ser considerada virtuosa, mesmo que já tenhamos deixado para trás as ideias tradicionais de bem e mal. Até um assassino pode evitar o sofrimento que vem ao viver de acordo com o que pensamos ser em vez do que realmente somos. Ela agora executa a dança sem rosto. “Quem é você?”, o homem amável continua a perguntar. “Ninguém”, ela continua a responder.

Cada um de nós participa de rituais e processos durante o caminho individual de autodescoberta. Geralmente, eles não envolvem cegueira temporária ou assassinatos (e isso é bom), mas medidas drásticas geralmente são necessárias para nos libertar do passado e nos lembrar de quem realmente somos — etapa indispensável para a iluminação. Cada um de nós também tem sua própria versão da Dança da Água. A parte “zen” não diz respeito a aprender os movimentos, e é por isso que não escrevi sobre eles. Também não escrevi muito sobre o zen porque o zen não é *sobre* coisa alguma. (Você estava prestando atenção, certo?) Não se pode ensinar o zen, pode-se apenas apontar algumas coisas para fazer com que você pare de pensar e passe mais tempo apenas *sendo*. E essas coisas devem ser vivenciadas. Como as virtudes de Aristóteles, é algo que não pode ser ensinado, mas posso dizer o seguinte: o segredo para viver uma vida boa é dançar sem rosto como um ninja-zen-aristotélico. Mais ou menos como Arya. Entendeu? Agora tente não espetar ninguém.¹⁵

NOTAS

1. George R. R. Martin, *O festim dos corvos* (Leya Brasil, 2012).
2. In Richard McKeon, ed., *The Basic Works of Aristotle* (New York: Random House, 1941).
3. Não estou sugerindo que Aristóteles seja antipensamento! A razão, obviamente, é crucial para obter as virtudes inicialmente, mas, depois que se tem as virtudes, as respostas devem ser instintivas e automáticas, como as do artista marcial.
4. Existem várias versões maravilhosas dessa grande obra-prima espiritual. Uma das que mais gosto é o *Lao-tzu's Taoteching*, traduzido para o inglês por Red Pine (San Francisco: Mercury House, 1996). Os comentários que estão nela são altamente recomendáveis.
5. *Id.*, verso 81.
6. Mesmo que as espadas de treino sejam de madeira, ele se refere aqui às espadas de aço que seriam usadas numa batalha real. (Embora o próprio Syrio se saia muito bem apenas com uma espada de madeira!)
7. Koans são quebra-cabeças mentais feitos para desafiar nosso modo normal de pensamento. Para uma excelente discussão sobre isso e tudo relacionado ao zen, ver Roshi Philip Kapleau, *Os três pilares do zen* (Itatiaia, 1978).
8. O texto clássico sobre esta abordagem é de Eugen Herrigel, *A arte cavalheiresca do arqueiro zen* (Pensamento, 2012).
9. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
10. *Id.*
11. *Ibid.*
12. Martin, *O festim dos corvos*.
13. Ross Heaven, *The Spiritual Practices of the Ninja* (Rochester, VT: Destiny Books, 2006).
14. Heaven, *Spiritual Practices*.
15. Sou grato a R. Shannon Duval, que dividiu sua sabedoria e suas ideias comigo de forma gentil e generosa e me ajudou a deixar este capítulo muito melhor do que seria sem ela.



AS COISAS QUE FAÇO POR AMOR: SEXO, MENTIRAS E TEORIA DOS JOGOS

R. Shannon Duval

E digo: os “jogos” formam uma família.

Ludwig Wittgenstein, *Investigações filosóficas*¹

"QUANDO SE JOGA O JOGO DOS TRONOS, GANHA-SE OU MORRE." É isso que Cersei Lannister sussurra a Ned Stark no bosque sagrado em Porto Real.² Estas palavras podem funcionar como crença não oficial dos irmãos Lannister enquanto Jaime, Cersei e Tyrion Lannister insistem nos jogos proibidos e na lógica de amantes em *A guerra dos tronos*. Como veremos, a teoria dos jogos tradicionalmente se limita apenas aos jogos racionais, mas pode ser adaptada para dar ideias convincentes sobre os jogos repletos de artifícios perspicazes da Casa Lannister.

O que é a teoria dos jogos?

Qualquer situação em que agentes usam estratégias para chegar a um fim desejado pode ser considerada um jogo. A teoria dos jogos modela matematicamente a arquitetura da escolha racional e sugere a melhor estratégia com base nos resultados escolhidos pelo jogador. Na filosofia, a teoria dos jogos se tornou particularmente relevante à medida que os filósofos tentam resolver a tensão entre o interesse pessoal e a cooperação em ambientes morais, sociais e políticos. Na essência, essa teoria pode atuar como a Mão pessoal de cada jogador, aconselhando a melhor linha de ação, tentando prever o que os outros farão e elaborando as estratégias mais bem-sucedidas. Embora a teoria dos jogos seja

originalmente definida e expressa por meio de termos especificamente matemáticos, é possível deixar os cálculos específicos de lado durante a aplicação dos princípios da teoria dos jogos a determinadas opções enfrentadas pelos jogadores em *A guerra dos tronos*. Também podemos lucrar com a percepção que a teoria dos jogos oferece sobre as escolhas de nossos personagens prediletos e dos que não gostamos.

Embora a teoria dos jogos seja eficaz em buscar um determinado resultado, ela não se preocupa se o resultado é certo ou errado. Em outras palavras, ela pode nos dizer como torcer por nosso concorrente favorito ao Trono de Ferro (Baratheon ou Targaryen, por exemplo) e até dizer para qual concorrente será mais vantajoso torcer, mas, além dessas considerações, ela não tem nada a dizer sobre quem seria o “melhor” rei, Robert Baratheon ou o Rei Louco Aerys, a menos que acrescentemos informações adicionais de fora da teoria dos jogos. Como os mestres que juram servir ao reino independente de quem seja o rei, a teoria dos jogos serve ao resultado proclamado, mas não faz qualquer julgamento sobre seu valor ou moralidade.

Regras da casa

Num mundo em que “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, a teoria dos jogos pode nos ajudar a entender o sucesso de jogadores improváveis, bem como a queda de heróis promissores. Tyrion Lannister chama a atenção de Jon Snow para esse fato, refletindo:

Bem, poderei ter as pernas pequenas demais para o corpo, mas minha cabeça é grande demais, embora eu prefira pensar que tem o tamanho certo para a minha mente. Possuo um entendimento realista das minhas forças e fraquezas. A mente é a minha arma. Meu irmão tem a sua espada, o Rei Robert, o seu martelo de guerra, e eu tenho a mente...³

A teoria dos jogos oferece um meio de modelar as interações humanas e prever movimentos futuros com base em três critérios: racionalidade, interesse pessoal e investimento. Se for realmente verdade que quando se joga o jogo dos tronos à moda dos Lannister “ganha-se ou morre”, então todos os jogadores correm um risco importante. Também podemos dizer com segurança que os jogadores estão, em última instância, preocupados com os pagamentos esperados, embora descobrir o verdadeiro objetivo final de um jogador geralmente seja meio caminho andado para vencê-lo. Contudo, o primeiro critério — os jogadores são racionais — acaba sendo um elemento fundamental para avaliar a utilidade da teoria dos jogos como ferramenta preditiva.

A guerra dos tronos está impregnada pelo ambiente cavalheiresco e seus ideais de cortesia, honra e lisura. “Dê-me inimigos honrados em vez de ambiciosos e dormirei melhor à noite.”⁴ E dormiria mesmo, pois um inimigo honrado é previsível. Um inimigo honrado não mente, trapaceia, rouba ou envenena. Um

inimigo honrado não quebra um juramento e nem vira a casaca. Em outras palavras, o senso de lisura do inimigo honrado não é alterado pelo amor ou pela guerra. A teoria dos jogos fica consideravelmente mais simples se nossos inimigos forem honrados, mas devemos nos perguntar: “A honra é *racional*?”

Cavaleiros são honrados porque escolheram servir acima do interesse pessoal, sendo, portanto, confiáveis para receber a incumbência de proteger os interesses dos outros. Porém, os oponentes podem nem sempre ser tão verdadeiros quanto Sor Barristan Selmy, porque podem ter calculado que isso serve melhor a seus interesses e que, portanto, é mais racional mentir. Embora a teoria dos jogos eventualmente recomende uma mentira, ela também pode ajudar a detectar o engodo se soubermos o bastante sobre um jogador para entender seus objetivos. Se uma promessa não é racional, isto é, se ela não sustenta uma estratégia bem-sucedida para o objetivo de um oponente, não se deve confiar nela. Contudo, um mentiroso qualificado pode ser difícil de detectar, especialmente se ele conseguir disfarçar seu verdadeiro objetivo final. Essa estratégia talvez seja mais bem-articulada por Mindinho quando aconselha Sansa Stark:

Mantenha sempre seus inimigos confusos. Se nunca estiverem seguros de quem é ou do que quer, não podem saber o que é provável que faça em seguida. Às vezes, a melhor maneira de confundi-los é fazer coisas que não têm nenhum propósito, ou até que parecem prejudicar você. Lembre-se disso, Sansa, quando começar a jogar o jogo.⁵

Como pode ser difícil reconhecer um excelente mentiroso antes de perceber os danos causados por suas mentiras, as penalidades para quem vira a casaca e quebra juramentos são graves. Ao explicar para Bran por que o Irmão de Negro que desertou de seu posto na muralha deve ser decapitado, Ned Stark diz ao jovem filho que um desertor é o mais perigoso de todos os criminosos, pois, após perder a moeda que é sua reputação, quem quebra um juramento é capaz de cometer todo tipo de crime.⁶

Jogos de informação completa, em que todos os movimentos são conhecidos pelos jogadores, são mais fáceis de controlar do que jogos de informação incompleta, nos quais os jogadores podem nem saber o que estão jogando.⁷ O logro confunde a verdadeira natureza do jogo, deixando o jogador enganado em desvantagem, na melhor das hipóteses. Na verdade, mentir deixa o jogo mais difícil e perigoso. Informações confiáveis valem mais do que ouro dos Lannister no jogo dos tronos, pois sem elas os jogadores não podem criar uma estratégia eficaz.

A mira de Eros

Se os mentirosos não são participantes bem-vindos no jogo dos tronos, os apaixonados são ainda menos. O filósofo grego Platão (428-348 a.C.) descreveu o amor como um tipo de loucura.⁸ A teoria dos jogos concorda com o filósofo antigo nessa questão e recomenda tomar cuidado com os apaixonados. As

mulheres, consideradas por toda a história como mais vulneráveis à influência do amor, foram tradicionalmente excluídas dos jogos da política, do direito e da guerra, por serem vistas como emotivas demais para usarem a lógica. Esse sentimento encontra eco na sabedoria da antiga Westeros. “O amor é o veneno da honra, a morte do dever”,⁹ diz mestre Aemon a Jon Snow enquanto explica por que os Irmãos de Negro não têm esposas e nem geram filhos. Os homens que formam a Patrulha da Noite “sabiam que não podiam ter as lealdades divididas que lhes enfraquecessem a determinação”.¹⁰ Sempre que as formas mais radicais de lealdade e honra são exigidas, proíbem-se o casamento e as famílias. Não só os Irmãos de Negro não se casam, como também não se casam os integrantes da Guarda Real, os mestres, as septãs e os septões.

Contudo, mesmo quando o amor é banido, ele não pode ser exilado. Irmãos de Negro amam, homens da Guarda Real renegam seus votos, e mestres, septões e septãs nem sempre são os praticantes castos que o dever exige. Se as próprias regras da racionalidade e lisura que governam a teoria dos jogos são verdadeiramente inaplicáveis no amor, sem falar na guerra,¹¹ parece que a teoria dos jogos precisa continuar indiferente ao jogo mais importante de todos. Porém, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) corrige a visão de Platão, alegando que “há sempre o seu quê de loucura no amor; mas também há sempre o seu quê de razão na loucura”.¹²

O comentário de Nietzsche lembra que, se podemos detectar o quê de razão na loucura, podemos imaginar um mundo em que o apaixonado não é louco e, portanto, suas ações são previsíveis. A teoria dos jogos faz objeção ao amor por ele ser irracional, e a objeção à irracionalidade ocorre por ela ser errática e, portanto, impossível de ser sistematizada. Porém, se conseguirmos ver os resultados de nossos oponentes como eles, o comportamento aparentemente irracional acaba se transformando numa estratégia coerente. A “irracionalidade” geralmente indica que não conseguimos identificar de forma correta o tipo de oponente que estamos enfrentando, o objetivo final dele ou ambos. Essa informação pode ser fundamental para restaurar nossa posição no jogo. Veja o seguinte exemplo: após o misterioso atentado à vida de Bran Stark em Winterfell, Robb expressa a falta de sentido do evento:

— Por que haveria alguém de querer matar Bran? — Robb perguntou. — Deuses, não passa de um garotinho, indefeso, adormecido...

Catelyn lançou ao seu primogênito um olhar de desafio.

— Se quiser governar o Norte, Robb, precisa analisar essas coisas até o fim. Responda à sua pergunta. Por que haveria alguém de querer matar uma criança adormecida? ¹³

— Alguém tem medo de que Bran acorde — disse Robb —, medo do que ele possa dizer ou fazer, medo de qualquer coisa que ele sabe.¹⁴

Ao colocar um ato aparentemente irracional num contexto racional, Catelyn consegue usar o processo chamado pela teoria dos jogos de “indução reversa” para revelar informações que, do contrário, ficariam ocultas.¹⁵ Após exigir que seus conselheiros mais próximos jurassem não revelar suas palavras a

ninguém, ela diz:

— Ocorre-me que Jaime Lannister não se juntou à caçada no dia em que Bran caiu. Permaneceu aqui no castelo. — O quarto estava num silêncio mortal. — Não me parece que Bran tenha caído daquela torre — disse ela para o silêncio. — Penso que foi atirado.¹⁶

Jaime era um cavaleiro da Guarda Real, Cersei é a rainha do reino e poderia parecer irracional imaginar que eles precisariam ferir um menino de 8 anos. O próprio mestre de armas de Lady Stark, Rodrik Cassel, fica chocado com a ideia de que mesmo um cavaleiro tão desonrado quanto o Regicida chegaria ao ponto de tentar matar uma criança inocente. Mas, ao começar com o ato irracional e usar a indução reversa para formular uma hipótese de um jogo no qual este ato faria sentido estratégico e até moral, Catelyn consegue planejar uma estratégia futura mais informada e com maior probabilidade de sucesso. Se expandirmos nossa compreensão dos atos racionais para englobar as pessoas em relação às outras e todos os compromissos emocionais, psicológicos e sociais que estão envolvidos, podemos expandir nossa compreensão da própria racionalidade e, portanto, do comportamento previsível. Quando eventos imprevisíveis ocorrem, eles não precisam ser vistos como fatores que desestabilizam o jogo. Na verdade, esses eventos podem justamente levar os jogadores a fazerem as perguntas certas e, assim, obterem as informações necessárias para acertar um jogo de informação incompleta. Reconhecer vários compromissos e saber que cada um deles pode ser responsável pelo ponto de vista de algum jogador permite que os jogadores se adaptem e ajustem as próprias estratégias, com a agilidade exigida por jogos de alto risco como o jogo dos tronos.

A natureza do jogo

Jogos de informação incompleta, como o jogo dos tronos, são do tipo mais complexo. Quando envolvido num jogo como esse, as estratégias para obter informações são de extrema importância. Em *A guerra dos tronos*, nenhum jogador conhece todos os outros que estão no jogo, ou sabe quais pagamentos eles desejam, ou que estratégias terão maior probabilidade de ser utilizadas. Veja a situação em torno dos filhos de Cersei e Jaime Lannister, Joffrey, Myrcella e Tommen. Enquanto as crianças forem consideradas legítimas, elas serão as primeiras na linhagem de sucessão do rei Robert ao Trono de Ferro. Todos que acreditarem na legitimidade das crianças estão num jogo de informação incompleta. O pagamento pela morte do rei Robert, por exemplo, é bem diferente para vários jogadores caso venha à tona que os filhos de Cersei são, de fato, Lannister e não Baratheon. Os lordes Stanley e Renly, irmãos do rei, se beneficiariam imensamente dessas informações, assim como o próprio rei Robert.

As informações que os jogadores têm, bem como a certeza de sua confiabilidade, fazem muita diferença para as estratégias criadas por eles. Quanto mais completas forem as informações de um

jogador, mais forte será sua estratégia. É por isso que, em jogos complexos como o jogo dos tronos os jogadores mais fortes contam com os melhores conselhos em vez de com as melhores armas, especialmente se um jogador tiver acesso a informações que não estão disponíveis aos outros. As vantagens obtidas com segredos e espionagem são responsáveis pela ascensão de jogadores como Petyr Baelish e lorde Varys, cujo poder reside na capacidade de negociar informações para jogadores mais importantes.

A aposta do anão: jogos de soma não zero e jogos repetidos

Tyrion Lannister é um dos jogadores mais talentosos no jogo dos tronos. Sem ter a proteção dada pela força física, estatura ou beleza, Tyrion aprendeu que não há vantagem em evitar uma verdade dura. A negação é perigosa e leva à vulnerabilidade indevida. Como o anão aconselha o bastardo Jon Snow em seu primeiro encontro: “Nunca se esqueça de quem é, porque é certo que o mundo não se esquecerá. Faça disso sua força. Assim, não poderá ser nunca a sua fraqueza.”¹⁷ Essa atitude é uma virtude fundamental, pois substituir a realidade pela ilusão sempre produz estratégias imperfeitas. A lealdade errada de Sansa Stark a Joffrey Baratheon e Cersei Lannister é um excelente exemplo da ilusão de uma donzela produzindo resultados deploráveis. Tyrion é um observador astuto da natureza humana e usa esse conhecimento em proveito próprio e, se eles prestarem atenção a seus conselhos, em proveito dos amigos também. Quando Jon Snow desafia a sabedoria de Tyrion, perguntando o que o herdeiro de Casterly Rock sabia sobre ser um bastardo, Tyrion responde: “Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.”¹⁸ Esta observação indica a habilidade de Tyrion para ler os sinais alheios e classificar os jogadores e suas estratégias a fim de garantir a própria sobrevivência. Essas estratégias fazem com que ele sobreviva a vários perigos e sofrimentos e tornam esse improvável herói um verdadeiro gigante na guerra dos tronos.

Um dos pontos fortes de Tyrion é a capacidade de transformar o “jogo de soma zero”, no qual estritamente só se pode ganhar ou perder, ou o jogo do tipo estático (“tudo ou nada”) numa situação em que todos ganham. Ou no mínimo num jogo repetido, no qual, se ele não tem a probabilidade de sair de cabeça erguida, pelo menos consegue manter a *própria* cabeça. Ao formar alianças e reconfigurar recompensas, o anão melhora com destreza sua posição no jogo, como fica bem claro nos eventos ocorridos após ser capturado por Catelyn Stark e, subsequentemente, julgado no Ninho da Águia. Tyrion começa sua longa e perigosa jornada ao Ninho da Águia como prisioneiro. Ao ler os motivos de seus captores, rapidamente começa a preparar o terreno para uma coalizão com Bronn, um dos mercenários que atualmente servem Catelyn Stark. Tyrion entende que os captores que se juntaram Lady a Catelyn por dever e honra não lhe darão qualquer ajuda, pois isso vai contra o objetivo final de fidelidade que eles têm. Já os mercenários são outra questão. O objetivo final deles é o pagamento, e este é um campo do jogo no qual Tyrion e o ouro dos Lannister têm vantagem.

Os Lannister são conhecidos não apenas por ser a família mais rica dos Sete Reinos, como também

pelo lema: “Um Lannister sempre paga as suas dívidas.” Quando o desgastado grupo de Catelyn Stark chega ao Ninho da Águia, Tyrion consegue transformar o que parecia ser sua execução imediata e sumária num julgamento público ao questionar a honra da Casa Arryn. Ao introduzir a reputação dessa casa, Tyrion força o jogo a mudar do cenário estático para o de jogo repetido. Mesmo se Tyrion for executado (o jogo estático definitivo para qualquer jogador), Lysa Arryn ainda terá que responder pelos eventos. Assim, para ela, o jogo passa a ser um jogo repetido. A esperteza de Tyrion enfatiza o motivo pelo qual a publicidade é fundamental para a justiça. O que poderia ser feito como um jogo estático em particular vira um jogo repetido quando um jogador é associado pelo nome a esses eventos toda vez que eles são mencionados pelos outros.

De sua parte, Lady Lysa não vê problemas em concordar com um julgamento, pois o juiz será o próprio filho de 7 anos de idade. O pequeno lorde Robert já havia declarado o desejo de “ver o homem mau voar”, indicando que qualquer julgamento seria, no mínimo, uma farsa.¹⁹ Assim, a próxima jogada de Tyrion deve tirar lorde Robert do jogo. Tendo conquistado uma plateia para suas manobras, Tyrion melhorou a posição de barganha e, agora, consegue exigir seu direito a um julgamento por combate. Aparentemente, esse movimento parece ter feito pouco ou nada para melhorar a posição de Tyrion Lannister. Porém, negociando com a frágil coalizão cultivada com Bronn e o tipo de jogador que Tyrion acredita que Bronn seja, o anão cria uma situação em que tanto a posição dele quanto a do mercenário melhoram dramaticamente caso Bronn concorde em defender o anão e, supondo que ele saia vitorioso!

Tyrion analisou Bronn corretamente. O mercenário se oferece como voluntário para servir como seu campeão e salva o dia, garantindo assim tanto a liberdade de Tyrion quanto um belo pagamento a ser dado pelo pai do anão. A manobra de Tyrion acaba gerando ainda mais ganhos, porque, para Bronn coletar sua recompensa, o mercenário precisa entregar Tyrion em segurança a Tywin Lannister. Tyrion assim conquistou não só um defensor, como uma escolta armada no caminho de volta pelas montanhas rumo ao acampamento do pai.

Tyrion usa essa estratégia e mais uma vez tem sucesso quando Conn e os clãs da montanha abordam Tyrion e Bronn no caminho para casa. Tyrion convence os agressores que não importa o que eles conseguiriam roubando e matando Tyrion na floresta, não seria tão valioso quanto as novas armas e armaduras a serem fornecidas por Tywin Lannister como recompensa pelo retorno do filho em segurança. Dessa forma, o Duende termina a jornada que começou como prisioneiro com um pequeno exército. Toda vez que a situação de Tyrion parece destinada a levá-lo à morte, ele consegue reescrever seu destino, reconhecendo o objetivo final do oponente e criando uma estratégia modificada na qual passa a ser do interesse de todos mantê-lo vivo, nem que seja apenas por um curto período de tempo.²⁰

Pelos olhos do amor

Sejam temporárias ou permanentes, as alianças são fundamentais no jogo dos tronos. Tyrion Lannister

demonstrou como alianças temporárias baseadas no ganho mútuo podem melhorar dramaticamente a posição de um jogador. Quanto mais os jogadores investirem numa aliança, mais importante ela se torna, e talvez isso seja ainda mais válido para as alianças formadas através do amor ou do casamento. Quando o amor e o casamento caminham juntos nos Sete Reinos é apenas uma feliz coincidência. Os casamentos geralmente são arranjados para que lordes possam unir suas casas a fim de fortalecer a posição e o comprometimento das duas famílias. No casamento de Cersei Lannister e Robert Baratheon, os Baratheon ganharam o poder, a riqueza e o prestígio da Casa Lannister, enquanto os Lannister ganharam acesso ao Trono de Ferro. Essa coalizão parece mutuamente benéfica, pois as duas partes recebem o pagamento desejado. Qualquer filho gerado pelo rei e pela rainha reforçará essa aliança, porque, como herdeiros legítimos do trono, as crianças garantem a sucessão e, portanto, o sucesso das duas casas.

Para o rei Robert, o casamento parece ser um jogo de soma não zero, mas na verdade não é. Existe um jogo dentro do jogo. Os Lannister estão jogando para eliminar o rei e colocar um deles no Trono de Ferro. Este subjogo transforma a natureza do jogo original de aliança benéfica em armadilha mortal. Um dos motivos pelos quais a declaração de Cersei Lannister “ganha-se ou morre” soa particularmente sinistra ao leitor é que essa percepção reduz o que normalmente seria um jogo muito mais complexo, com múltiplos pagamentos e possibilidades de cooperação, a um simples cenário de soma zero.

A aliança entre o rei Robert e a Rainha Cersei se baseia no ganho mútuo, e não no amor e no afeto. A equação muda quando o interesse próprio dos jogadores inclui um compromisso misericordioso com o interesse de outro jogador? Esta pergunta realmente chega ao cerne do problema. A teoria dos jogos utilizada deve ser robusta o bastante para acomodar um interesse próprio que privilegie o interesse do outro a fim de modelar muitas de nossas decisões mais importantes, isto é, as coisas que fazemos por amor.

Veja o jogo de “eu corto, você escolhe”. A lógica que o move diz que, na divisão de um conjunto limitado de bens, como um pedaço de bolo, cada jogador vai querer a melhor parte. Assim, é do interesse de quem corta dividir os pedaços igualmente, pois quem escolhe terá a preferência. Mas, se testássemos o jogo com a septã Mordane, provavelmente chegaríamos a um resultado bem diferente. A experiência prática nos ensina que, em situações sociais, quem escolhe geralmente fica com o menor, e não o maior dos pedaços de bolo oferecidos. Que raciocínio aberrante poderia fundamentar essa decisão irracional? Talvez um hóspede pegue o pedaço menor porque é mais importante ser visto como educado do que apreciar o pedaço maior, por estar controlando o peso ou querer parecer preocupado com a saúde. Ou talvez o pedaço menor seja escolhido porque quem escolhe sabe o quanto quem corta gosta de bolo e que apreciaria mais o pedaço maior. Nenhuma dessas estratégias é de fato irracional, mas todas se desviam do resultado previsto matematicamente. O que aprendemos é que “eu corto, você escolhe” pode ser uma estratégia eficaz para modelar a justiça, mas *a justiça é apenas uma de muitas preferências racionais*. Além disso, a justiça entendida como *igualdade* é apenas um de vários modelos racionais de justiça. Essas percepções nos levarão longe ao adaptar a teoria dos jogos para os jogos governados pelo amor.

A teoria dos jogos costuma descartar estratégias nas quais a justiça não fica acima de tudo, mas a

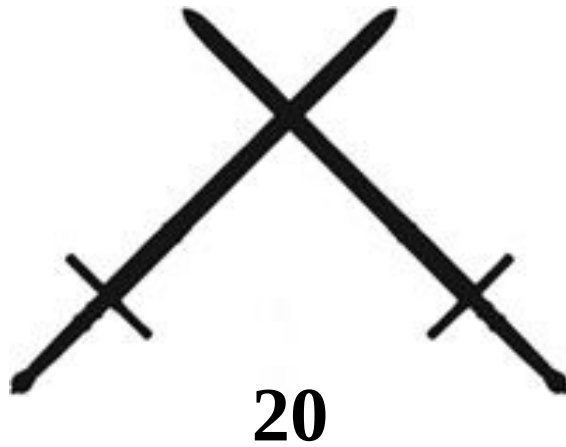
lógica do amor pode aceitá-las e promovê-las. Longe de vê-la como um “carona aproveitador”, o cavaleiro vai assumir todos os esforços de remar a fim de levar sua dama para atravessar o rio e ficará satisfeito ao permitir que ela apenas aprecie a viagem. Os pais geralmente assumem boa parte do trabalho num vilarejo para que as crianças não fiquem sobrecarregadas e ainda assim aproveitem os benefícios de viver numa comunidade. Os apaixonados sacrificam de bom grado seus interesses pessoais para que o ser amado possa ter uma quantidade maior de algo que preze muito. Ao levar em conta o fato de o amor unir e associar nossos interesses aos do ser amado, é possível entender que os jogadores podem formular múltiplas estratégias coerentes. Esse reconhecimento nos obriga a avaliar qual opção, entre uma pluralidade de escolhas racionais possíveis, está em jogo.

Reconhecer os múltiplos movimentos racionais possíveis de um oponente exige que o jogador bem-sucedido consiga habitar com empatia a posição do outro jogador a fim de determinar qual racionalidade está sendo utilizada. Não basta saber o que *você* faria se estivesse no lugar do outro jogador, é preciso entender o que *seu oponente* faria nessa posição. Essa identificação empática com as preferências de outra pessoa exige que reconheçamos e respeitemos a humanidade e a singularidade daquele jogador. A capacidade de ver os resultados de outras pessoas como *elas* os veem e não simplesmente como nós os veríamos forma a base do “amor fraterno” e é pré-requisito para honrar a dignidade de outras pessoas. A regra de ouro da teoria dos jogos evolui de “faça aos outros o que você faria a si mesmo” para o mais inteligente “entenda os outros como eles entendem a si mesmos”.

Entendidos dessa forma, os jogos *exigem* que lidemos com cada jogador como uma pessoa em situação única, e não apenas um agente racional abstrato que automaticamente se move na direção de um fim predeterminado e racional. Esse discernimento melhora nossa capacidade de prever, entender e estimular as ações alheias, bem como facilitar nossos próprios fins enquanto jogamos a versão estendida do jogo dos tronos que chamamos de jogo da vida. É prestando atenção ao chamado do amor que a teoria dos jogos transcende suas aplicações anteriores e passa a ser eficaz nas arenas da filosofia moral e social.

NOTAS

1. Ludwig Wittgenstein, *Investigações filosóficas* in Coleção *Os pensadores* (Nova Cultural, 1999).
2. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
3. *Id.*
4. *Ibid.*
5. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011). Agradeço a Henry Jacoby por me lembrar desta citação.
6. Martin, *A guerra dos tronos*.
7. Num jogo de informação completa, como o xadrez (ou seu primo de Westeros, o *cyvass*), todos os jogadores têm ciência de todos os movimentos até o ponto atual do jogo. Em jogos de informação incompleta, por sua vez, um jogador tem informações privilegiadas que são relevantes para jogar ou planejar a estratégia no jogo. Para obter uma excelente introdução sobre a teoria dos jogos, recomendo o livro de Ken Binmore, *Game Theory: A Very Short Introduction* (Oxford: Oxford Univ. Press, 2007).
8. Platão, *Fedro*, 249d5-e1.
9. Martin, *A guerra dos tronos*.
10. *Id.*
11. “Pois as regras da lisura não se aplicam ao amor e à guerra.” John Lyly, *Euphues*, 1578. Acredita-se que esta citação seja a fonte do seu equivalente não lógico, o adágio popular “no amor e na guerra vale tudo”.
12. Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zarathustra*, “Ler e Escrever,” parte 1, capítulo 7 (Martin Claret, 2002).
13. Martin, *A guerra dos tronos*.
14. *Id.*
15. A indução reversa é o processo de raciocinar ao contrário, partindo de uma conclusão e passando por uma sequência de ações para determinar o ponto de partida mais provável.
16. Martin, *A guerra dos tronos*.
17. *Ibid.*
18. *Ibid.*
19. *Ibid.*
20. A técnica de gerar uma mudança na estratégia em que um jogador fica numa situação melhor e nenhum jogador fica em situação pior é chamada de ótimo de Pareto, em homenagem ao sociólogo e filósofo italiano Vilfredo Pareto (1848-1923). Os ótimos de Pareto são resultados nos quais não há mais melhorias possíveis. Em outras palavras, não há mais resultados a serem buscados que não deixem pelo menos uma das partes em desvantagem.



PAREM A LOUCURA: CONHECIMENTO, PODER E INSANIDADE EM AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

Chad William Timm

Não sou um mestre para lhe citar história, Vossa Graça. Minha vida foram as espadas, não os livros. Mas qualquer criança sabe que os Targaryen sempre dançaram demasiado perto da loucura. Seu pai não foi o primeiro. O Rei Jaehaerys disse-me um dia que a loucura e a grandeza eram dois lados da mesma moeda. “Sempre que um novo Targaryen nasce”, disse ele, “os deuses atiram uma moeda ao ar e o mundo segura a respiração para ver de que lado cairá”.¹

Sor Barristan Selmy para Daenerys Targaryen em A tormenta de espadas

EM AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO, George R. R. Martin nos apresenta a um mundo repleto de assassinatos, brutalidades e morte, um mundo aparentemente cheio de insanidade. Num momento ou outro da saga, mais de uma dúzia de personagens importantes têm a sanidade questionada, do Rei Louco Aerys a Cara-Malhada, o bobo da corte de Stannis Baratheon. Vistas mais de perto, porém, as ações dos supostos “loucos” não são muito diferentes daqueles que talvez tenham a mente sã. Na verdade, a linha entre sanidade e insanidade nos livros do Martin é tão tênue que praticamente não existe. Sor Barristan Selmy, ex-cavaleiro da Guarda Real de Robert Baratheon, alega que a loucura é hereditária e, aparentemente, é característica da família Targaryen, junto com a grandiosidade. Mas por que as ações de uma pessoa são consideradas grandiosas enquanto as de outra são rotuladas de loucura? Quem determina a insanidade e decide o que é feito com os doentes mentais? O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) pode ajudar a responder essas perguntas com sua pesquisa sobre as relações entre conhecimento, poder e loucura.

O arqueólogo eo bobo louco

Enquanto os filósofos tradicionalmente buscavam o conhecimento da verdade universal, Foucault e outros pensadores pós-modernos questionavam a existência da verdade universal e preferiram desvelar as circunstâncias que levam a considerar algo como verdadeiro.² Foucault batizou seu método de escavação histórica de “arqueologia”. Em seu *A história da loucura*, ele trabalhou para mostrar como a definição de loucura, bem como o conhecimento usado para determinar a sanidade, mudaram ao longo da história, dependendo de quem tivesse o poder para definir e determinar isso. De acordo com Foucault, trata-se de uma “verdade trivial à qual é hora de voltar: a consciência da loucura, pelo menos na cultura europeia, nunca foi um fato maciço, formando um bloco e se metamorfoseando como um conjunto homogêneo. Para a consciência ocidental, a loucura surge simultaneamente em pontos múltiplos, formando uma constelação que aos poucos se desloca e transforma seu projeto, e cuja figura esconde talvez o enigma de uma verdade. Sentido sempre despedaçado.”³ Em vez de a loucura ter uma definição universal ou verdade absoluta, a forma como a sociedade europeia definiu o que é loucura mudou constantemente de acordo com as circunstâncias sociais, econômicas e políticas. Como veremos, o mesmo acontece em Westeros.

De acordo com Foucault, o conhecimento sobre a insanidade dependia dos que tinham poder para nomeá-la, e este poder aumentava com a capacidade de designar certas pessoas como insanas. Por exemplo, tanto Stannis Baratheon quanto Joffrey Lannister se cercaram de artistas conhecidos como bobos loucos. Cara-Malhada, o bobo da corte de Stannis Baratheon, é um garoto que ficou perdido no mar por dois dias até aparecer na costa “quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar”.⁴ Todos (com exceção de Shireen, a filha de Stannis e única criança do grupo) veem Cara-Malhada como “louco, e com dores, e não presta para ninguém, nem para si mesmo”.⁵ O bobo da corte do rei Joffrey em Porto Real, Rapaz Lua, é descrito como um “simplório de rosto em forma de torta” que costuma agir de modo estranho.⁶ Numa ocasião, ele “subiu nas pernas de pau e começou a caminhar imponentemente em volta das mesas, perseguindo o Abetouro, o bobo ridiculamente gordo de Lorde Tyrell”.⁷

Então qual é o grande problema? Está óbvio que Cara-Malhada e o Rapaz Lua merecem o rótulo de bobos loucos, certo? Mas e se eles não forem loucos? E se os reis forem poderosos o bastante para rotular as pessoas de loucas e forçar os assim nomeados a cumprirem o decreto real? Ao rotular o bobo de louco, o rei cria uma identidade de insano para aquela pessoa. Devido ao poder e à autoridade reais, todos associam a loucura à pessoa indicada como louca. Isso, obviamente, ocorreu quando o rei Joffrey indicou Sor Dontos Holland como um bobo louco. Em questão de minutos, Sor Dontos passou de cavaleiro no torneio do rei a bobo louco em sua corte. Em *A fúria dos reis*, após se atrasar para a justa e fazer o rei Joffrey esperar, “o cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, equipado com a placa de peito e o elmo com plumas, mas nada mais... o membro balançava obscenamente enquanto perseguia o cavalo”.⁸ Dontos, bêbado demais para montar no cavalo, sentou-se e

disse: “Perdi... Tragam-me vinho.”⁹

A reação inicial do rei Joffrey foi ordenar a execução de Sor Dontos, dizendo “mandarei matar esse tolo amanhã”.¹⁰ Contudo, graças à recomendação de Sansa Stark, Joffrey decide transformar Dontos num bobo. Joffrey declara: “Deste dia em diante, é o meu novo bobo. Pode dormir com o Rapaz Lua e vestir-se de retalhos.”¹¹ Ao nomear Dontos um bobo, Joffrey usou seu poder real para construir uma nova identidade para o ex-cavaleiro, uma identidade de idiota.

Foucault chamou isso de *nexo poder/conhecimento*. Pelo fato de ter dado nome à categoria, você é percebido como versado ou especialista no assunto. Como resultado disso, seu conhecimento sobre o reino da loucura lhe dá poder adicional para continuar a nomear e categorizar. Foucault também argumentou que devemos ficar atentos e trazer à tona essas relações de conhecimento/poder de modo a “entender o que constitui a aceitabilidade de um sistema, quer seja o sistema da doença mental, da penalidade, da delinquência, da sexualidade etc”.¹²

Apontando o dedo para os loucos

Os reis não são os únicos com poder suficiente para decidir quem é louco em Westeros. A loucura também se manifesta através de outros exemplos de indicação e classificação dos loucos. Em geral, essa classificação parece ser inofensiva e usada para explicar o comportamento anormal de uma pessoa. Por exemplo, Tyrion Lannister caracterizou a reação de Sor Loras Tyrell ao assassinato de Renly Baratheon desta forma: “Dizem que o Cavaleiro das Flores enlouqueceu quando viu o corpo do rei e matou três dos guardas de Renly em sua ira.”¹³ Acredita-se também que a irmã de Catelyn Stark, a Senhora do Vale Lysa Tully, ficou louca devido ao luto por ter sofrido cinco abortos e perdido o marido, lorde Jon Arryn. O rei Robert Baratheon afirmou: “Penso que a perda de Jon levou a mulher à loucura.”¹⁴ E o grande mestre Pycelle comentou: “Permita-me que lhe diga que a dor pode desequilibrar até a mais forte e disciplinada das mentes, e a da Senhora Lysa nunca foi assim.”¹⁵ Nestas instâncias, nomear a loucura não parece ser um grande problema. Afinal, estamos constantemente descrevendo as ações de outras pessoas e avaliando-as como adequadas ou inadequadas, imprudentes ou loucas, lógicas ou ilógicas. Isso passa a ser um grande problema, porém, quando a nomeação é feita de modo sistemático como forma de marginalizar um indivíduo ou grupo a fim de justificar as ações questionáveis de uma pessoa. É exatamente o que ocorre com Aerys “O Rei Louco” Targaryen.

Conheça o prefeito da cidade da loucura

Como Catelyn Stark observa em *A fúria dos reis*: “Aerys era louco, todo o reino sabia disso.”¹⁶ É

verdade que os maneirismos do rei Aerys bastavam para levantar suspeitas. De acordo com Jaime Lannister, “sua barba estava cheia de nós e suja, os cabelos eram um emaranhado loiro-prateado que lhe chegava à cintura, as unhas garras rachadas e amarelas, com vinte centímetros de comprimento”¹⁷ e ele foi visto “andando de um lado para o outro em sua sala de trono, repuxando as mãos cheias de crostas e sangrando. O idiota vivia se cortando nas lâminas e farpas do Trono de Ferro”.¹⁸

Além disso, o Rei Louco Aerys tinha fama de violento. Ao falar com Hallyne, o Piromante, o Duende Tyrion Lannister pensou consigo mesmo: “*Rei Aerys os usou para assar a carne dos seus inimigos.*”¹⁹ Aerys também mandou cortar a língua de Sor Ilyn Payne apenas por alegar que a Mão do Rei, Tywin Lannister, era quem realmente governava o reino.²⁰ No que talvez tenha sido seu ato mais brutal, após ter sido capturado por lorde Denys durante o Desafio de Duskenale, o Rei Louco Aerys teve um surto de matança: “Lorde Denys perdeu a cabeça, tal como os irmãos e as irmãs, os tios, os primos... A Serpente de Renda [esposa de Denys] foi queimada viva, pobre mulher, se bem que a língua lhe tivesse sido arrancada primeiro, bem como as partes femininas, com as quais, se dizia, ela teria escravizado seu senhor.”²¹

De acordo com estes relatos, o rei Aerys era um indivíduo incrivelmente perigoso devido a sua loucura. Este é um fenômeno que Foucault também relacionou ao século XIX e ao nascimento da psiquiatria, afirmando: “A psiquiatria do século XIX inventou uma entidade inteiramente fictícia, um crime que é a insanidade, um crime que não é nada além da insanidade, uma insanidade que não é nada além de um crime.”²² Foucault demonstrou como os psiquiatras, usando suas credenciais de especialistas médicos, definiram certas instâncias da doença mental como criminosas e determinados comportamentos criminais como resultado da insanidade. Ser capaz de identificar os criminalmente insanos deu mais poder aos psiquiatras, devido à alegação de que seus diagnósticos reduziam a criminalidade e deixavam as cidades mais seguras.

Isso parece se aplicar ao Rei Louco, pois ele assassinou e brutalizou pessoas. Mas pense da seguinte forma: Jaime Lannister, entre outros, definiu a violência de Aerys como sendo resultado de sua loucura. Mas ele pode falar isso? Em *A Guerra dos Tronos*, Jaime Lannister jogou Bran Stark, uma criança, de uma janela por ter visto Jaime fazendo sexo com a própria irmã, Cersei.²³ E lembre-se que Jaime também é o Regicida, responsável por matar o próprio rei Aerys, mesmo sendo um irmão juramentado da Guarda Real.

E essa é apenas a ponta do iceberg. A série está cheia de exemplos de comportamento brutalmente violento, mas apenas uns poucos indivíduos têm a violência atribuída à loucura. Isso ocorre porque alguns atos brutais e violentos são justificados ou lógicos? Foi lógico para Jaime jogar Bran da janela a fim de preservar seu segredo incestuoso, mas ilógico para Aerys cortar a língua de Sor Ilyn Payne por subestimar seu poder.²⁴ No mundo de Westeros, é exatamente isto que acontece: um tipo de brutalidade é justificado e o outro, não. Isso ocorre porque, ao nomear os atos alheios como loucos, uma pessoa se coloca no grupo dos sãos ou lógicos. Dessa forma, a sanidade dessa pessoa não é questionada, não importa o quanto suas ações possam parecer loucas. Pois como pode a pessoa que tem o poder de nomear

o que significa ser insano ser ela mesma insana? Como veremos, isso é bem exemplificado pelo debate acirrado entre Eddard Stark e Robert Baratheon sobre a ideia de mandar matar Daenerys Targaryen e seu filho ainda no ventre.

Temos que assassinar o assassino louco!

Em *A guerra dos tronos*, o rei Robert Baratheon recebeu a notícia de que Daenerys, última integrante dos Targaryen e filha de Aerys, estava grávida e esperava “o garanhão que montará o mundo”, filho de khal Drogo. Ned Stark, a Mão do Rei, discordou da ordem de Robert para assassinar a mulher e seu filho ainda no ventre. “Vossa Graça, a moça é pouco mais que uma criança. Não é Vossa Graça um Tywin Lannister para chacinar inocentes.”²⁵ Aqui Ned se referia ao fato de que, ao usurpar o trono do Rei Louco Aerys, Tywin Lannister (a própria Mão de Aerys) presenteou Robert com os cadáveres dos herdeiros de Aerys, a esposa e os filhos de Rhaegar, “em sinal de fidelidade”.²⁶ Sor Gregor Clegane jogou a cabeça das crianças contra as pedras e estuprou a esposa de Rhaegar, Elia. Robert respondeu: “Pelos sete infernos, *alguém* tinha de matar Aerys!”²⁷ Enquanto Robert via o assassinato de Daenerys como justificável e lógico dado o ódio que sentia pelos Targaryen, Ned alegou que matar crianças era o limite, dizendo “o assassinato de crianças... seria vil... inqualificável...”²⁸

O argumento do rei Robert é que a morte do Rei Louco Aerys e de sua família, juntamente com a de Daenerys e o filho ainda no ventre, se justifica com base na necessidade de impedir os loucos Targaryen de chegarem ao trono. Na verdade, Robert tem ódio dos Targaryen porque Rhaegar nomeou sua então noiva Lyanna Stark como “Rainha do Amor e da Beleza” após a vitória num torneio em Harrenhal e fugiu com ela em seguida.²⁹ Em vez de enunciar isso nesses termos, o que tornaria óbvio o erro de raciocínio, a desculpa de Robert se baseia na suposta loucura da família Targaryen. De sua posição de poder e autoridade como Rei dos Sete Reinos, Robert definiu os atos de Aerys como loucos a fim de justificar seus próprios atos. Em resposta à pergunta de Ned: “Robert, pergunto-lhe, para que nos erguemos contra Aerys Targaryen, se não foi para pôr um fim ao assassinato de crianças?” Robert respondeu: “Para pôr um fim aos *Targaryen!*”³⁰

Robert constrói o conhecimento ou os fatos sobre a insanidade dos Targaryen de tal modo a ligar os atos de violência de Aerys à loucura. Podemos pensar que mandar matar uma criança é completamente insano, mas Robert acha justificável a fim de impedir que outro rei louco acabe subindo ao trono. Para Foucault, o início do movimento psiquiátrico buscava solidificar a posição de poder e autoridade na sociedade europeia, provando a necessidade de sua existência. Da mesma forma, Robert tentou demonstrar seu poder e autoridade matando Daenerys e o filho ainda no ventre. Os primeiros psiquiatras demonstraram a necessidade da profissão relacionando o crime à insanidade e a insanidade ao crime. Como diz Foucault: “O crime, então, passa a ser uma questão importante para os psiquiatras, porque o que estava envolvido era menos um campo de conhecimento a ser conquistado e mais uma modalidade de

poder a ser garantido e justificado.”³¹ Em outras palavras, em vez de os psiquiatras procurarem aprender o máximo possível sobre o que significava ser insano, eles estavam mais preocupados em estabelecer e manter a posição de poder e autoridade.

Ao associar a loucura a crimes desprezíveis, especialmente assassinato e morte, os psiquiatras deixaram claro que todas as doenças mentais deveriam ser temidas. Como nunca se sabe quando o insano recorrerá ao assassinato e ao crime, devemos ter cuidado e agradecer aos psiquiatras por interná-los! Como escreveu Foucault: “Não deve ser esquecido que... a psiquiatria na época lutava para estabelecer seu direito de impor um confinamento terapêutico sobre os doentes mentais. Afinal, tinha que ser mostrado que a loucura, por sua própria natureza... era assombrada pelo perigo absoluto, a morte.”³²

Tecnologias do eu

Como já vimos, Foucault acreditava que o conhecimento influencia nossas ações e serve como forma de poder. Associar de forma inevitável a loucura ao crime e à morte, por exemplo, serviu como poderoso meio de controle social: justificava a internação dos indivíduos socialmente desajustados e considerados insanos. A moralidade subjetiva influenciou as ideias de insanidade, mas mesmo assim a psiquiatria fingiu se basear num conhecimento da verdade objetiva sobre a loucura. Esse processo refletiu uma mudança na forma como os governos exerciam o poder nos séculos XVII e XVIII. Enquanto os meios principais usados por eles para manter o controle sobre as pessoas até aquela altura envolviam punição e confinamento visível e aberto (a que Foucault se referia como poder soberano), o hospício representava uma mudança para uma forma de controle mais sutil, chamada de poder disciplinar.

O poder disciplinar é mais sutil porque o objetivo consiste em estimular os indivíduos a se governarem. Este tipo de poder aparece em *A tormenta de espadas* quando Jon Snow se apaixona pela selvagem Ygritte. De tempos em tempos, Jon ouve uma voz interior lembrando que ele integra a Patrulha da Noite e suas ações violam os votos que fez. Jon não temia a tortura ou a punição física, exemplos do poder soberano; seu medo era não estar vivendo de acordo com o código da Patrulha da Noite. Ao garantir que os integrantes da patrulha continuem leais a seus votos, o código servia como poder disciplinar, estimulando os indivíduos a se regularem.

Da mesma forma, os governantes da Europa no século XVIII perceberam que, se forçassem suficientemente as pessoas e abusassem do poder por meio da punição ou da tortura pública, elas acabariam atacando com uma revolução. A chave para o poder disciplinar, então, é que o criminoso — neste caso, a pessoa insana — seja estimulado a ver a si mesmo como insano. Ao convencer as pessoas de que elas não são “normais” ou de que precisam de tratamento, o especialista exerce poder sobre o paciente de modo externo na forma do diagnóstico especializado, mas também internamente na forma de autoimagem. Foucault chama isso de “tecnologias do eu”, que “permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma,

pensamentos, condutas ou qualquer outra forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o objetivo de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade”.³³ Ao diagnosticar e rotular uma pessoa como louca ou insana, o especialista começa o processo de disciplinar a mente do paciente. Os pacientes são estimulados a fazer uma autoanálise crítica e mudar a conduta ou modo de ser na esperança de serem vistos por eles mesmos ou pelos outros como reabilitados.

Sou normal? Acho que sou... Acho que sou... Acho que sou...

Em *As crônicas de gelo e fogo*, o poder é exercido principalmente através do poder soberano. Os Sete Reinos de Westeros e além estão cheios de lutas francas e abertas pelo poder. Existem guerras dos tronos e fúria de reis, além de execuções públicas, como a decapitação de Ned Stark e a coroação de ouro de Viserys Targaryen. Também existem exemplos do poder disciplinar, nos quais os personagens questionam e, às vezes, mudam de comportamento numa tentativa de governar a si mesmos segundo as regras arbitrárias sociais ou políticas.

Por exemplo, ao ser nomeado bobo louco na corte do rei Joffrey, Sor Dontos internaliza a nova identidade e se comporta verdadeiramente como um bobo louco. Em várias ocasiões, Dontos viveu essa identidade galopando por aí num cavalo de cabo de vassoura enquanto “fazia ruídos de peido com as bochechas e cantava canções rudes sobre os convidados” ou fingindo golpear Sansa Stark com uma maça de armas feita de melão, “gritando ‘Traidora, traidora’, batendo na sua cabeça com o melão”.³⁴ No caso de Dontos, o rei Joffrey tinha o poder de decidir o que sabemos sobre ele. Nenhum visitante recém-chegado à corte jamais saberia a respeito de Sor Dontos, o cavaleiro. Este rótulo não se baseava numa verdade objetiva, e sim numa opinião subjetiva. A identidade imposta a Dontos o estimulou a mudar de comportamento a fim de atender às expectativas da sociedade (e do rei). De acordo com Foucault: “É louco porque assim lhe foi dito e porque o trataram como tal: ‘Quiseram que eu fosse ridículo, e eu me fiz ridículo.’”³⁵

Outro exemplo do poder disciplinar, em que um personagem internaliza uma identidade subjetiva imposta, é encontrado em Daenerys Targaryen. Como sugere a citação no início deste capítulo, Daenerys estava acostumada a ouvir sobre as doenças mentais de sua família. Afinal, “qualquer criança sabe que os Targaryen sempre dançaram demasiado perto da loucura”.³⁶ Em várias ocasiões, Dany questionou os próprios atos com base nessa identidade construída. Isso é particularmente verdadeiro quando khal Drogo morre e Dany precisa lutar para seguir em frente. Após ordenar a preparação da pira funeral de Drogo, “conseguia sentir os olhos do khalasar postos nela ao entrar na tenda... Dany compreendeu que a julgavam louca. Talvez estivesse. Saberia em breve”.³⁷ Lembrando-se do irmão Viserys, Dany pensou: “*Deve ter sabido como zombavam dele. Não é de se admirar que tivesse ficado tão zangado e amargo. No fim, aquilo o deixou louco. E vai fazer o mesmo comigo, se eu deixar.*”³⁸ A imagem que Dany tinha de si fora influenciada pelo discurso dominante sobre sua família.

Como exemplo final dos efeitos do poder disciplinar relacionados à loucura, vejamos a libertação do Regicida Jaime Lannister por Catelyn Stark em *A tormenta de espadas*. Catelyn soltou Jaime em segredo e o enviou a Porto Real com Brienne de Tarth para trocá-lo pelas filhas, Arya e Sansa, que eram mantidas prisioneiras. Os vassalos de Robb Stark reagiram com fúria até o Castelão de Correrrio, Sor Desmond, atribuir a decisão ao estado mental dela: “A notícia deve tê-la levado à loucura... uma loucura de desgosto, uma loucura de *mãe*, os homens compreenderão.”³⁹ Quando estava confinada no mesmo quarto do pai, que estava em seu leito de morte, Catelyn perguntou: “O que diria se soubesse de meu crime, pai?... Teria feito o que eu fiz se fosse Lysa e eu que estivéssemos nas mãos de nossos inimigos? *Ou também me condenaria, chamando o ato de loucura de mãe?*”⁴⁰

Tudo é perigoso

Alguém que age de modo irracional ou ilógico é louco? Afinal, a decisão de Catelyn de libertar Jaime para salvar as duas filhas parecia lógica, enquanto o caso de amor de Aerys com o fogo é ilógico.⁴¹ Por outro lado, uma pessoa pode tomar decisões ilógicas com base na estupidez ou na ingenuidade, como é o caso de Sansa Stark, cuja confiança inocente em Dontos Hollard fez com que ela fosse enviada para viver em cativeiro com Petyr “Mindinho” Baelish.

O argumento de Foucault defende que todo processo de classificação e categorização de indivíduos é um ato de poder. Quando nos classificamos e nos identificamos como estudante, filiado ao Partido Democrata dos Estados Unidos ou torcedor do Chicago Bears, provavelmente não há problema algum, pois usamos esses rótulos para refletir nossa afiliação a certas comunidades de indivíduos com gostos semelhantes. Mas, quando usamos uma posição de autoridade para categorizar arbitrariamente as pessoas, estamos andando em terreno perigoso. Ao discutir essa questão, Foucault disse a famosa frase: “Minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer.”⁴²

Como a loucura e a doença mental foram definidas e tratadas arbitrariamente ao longo da história, devemos questionar o poder dado aos especialistas para determinar o que significa ser insano. Assim como devemos questionar a base da loucura em *As crônicas de gelo e fogo*, também devemos questionar a base para nosso entendimento atual sobre as doenças mentais.⁴³ Ter consciência quanto ao perigo de categorizar alguém como doente mental devido a normas sociais subjetivas pode impedir abusos grosseiros de poder. Como disse Foucault: “Meu papel(...) é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que acreditam, e também que as pessoas aceitam como verdade, como evidência, alguns temas que foram construídos num certo momento durante a história, e essa suposta evidência pode ser criticada e destruída.”⁴⁴ Assim, devemos questionar a verdade das alegações sobre doença mental a fim de expor possíveis abusos à liberdade, pois pode haver uma linha tênue entre a sanidade e a insanidade. Quando Daenerys Targaryen desceu da pira funeral de khal Drogo, a bruxa Mirri Maz Duur gritou: “É louca.” E

Dany respondeu com uma pergunta: “Há assim tão grande distância entre a loucura e a sabedoria?”⁴⁵ Com base no que sabemos sobre poder e conhecimento em Westeros, podemos responder com segurança que não.

NOTAS

1. George R. R. Martin, *A tormenta de espadas* (Leya Brasil, 2011).
2. Para uma ótima introdução ao pós-modernismo, ver J. Jeremy Wisniewski, “Killing the Griffins: A Murderous Exposition of Postmodernism”, in *Introducing Philosophy through Pop Culture: From Socrates to South Park, Hume to House*, eds. William Irwin e David Kyle Johnson (Oxford: Wiley-Blackwell, 2010), p. 24.
3. Michel Foucault, *A história da loucura* (Perspectiva, 1978).
4. George R. R. Martin, *A fúria dos reis* (Leya Brasil, 2011).
5. *Id.*
6. George R. R. Martin, *A guerra dos tronos* (Leya Brasil, 2010).
7. Martin, *A tormenta de espadas*.
8. Martin, *A fúria dos reis*.
9. *Id.*
10. *Ibid.*
11. *Ibid.*
12. Michel Foucault, “O que é a crítica?”, obtido em <http://www.nadapessoal.com.br/2010/08/05/o-que-e-a-critica-por-michel-foucault/>
13. Martin, *A fúria dos reis*.
14. Martin, *A guerra dos tronos*.
15. *Id.*
16. Martin, *A Fúria dos reis*.
17. George R. R. Martin, *O festim dos corvos* (Leya Brasil, 2012).
18. Martin, *A tormenta de espadas*.
19. Martin, *A fúria dos reis*.
20. Martin, *O festim dos corvos*.
21. *Id.*
20. Michel Foucault, “About the Concept of the ‘Dangerous Individual’ in Nineteenth Century Legal Psychiatry”, in *The Essential Foucault*.
23. Martin, *A guerra dos tronos*.
24. Martin, *A tormenta de espadas*.
25. Martin, *A guerra dos tronos*.
26. *Id.*
27. *Ibid.*
28. *Ibid.*
29. Martin, *A tormenta de espadas*.
30. Martin, *A guerra dos tronos*.
31. Michel Foucault, “About the Concept of the ‘Dangerous Individual’ in Nineteenth Century Legal Psychiatry”, in *The Essential Foucault*.
32. *Id.*
33. Michel Foucault, “Technologies of the Self”, citado de Nietzsche e a ética do “cuidado de si”: uma interpretação à luz de Foucault in Charles Feitosa (org), *Assim falou Nietzsche III: Para uma filosofia do futuro* (7 letras, 2001).
34. Martin, *A fúria dos reis*.

35. Foucault, *História da loucura*.
36. Martin, *A tormenta de espadas*.
37. Martin, *A guerra dos tronos*.
38. Martin, *A fúria dos reis*.
39. Martin, *A tormenta de espadas*.
40. *Id.*
41. *Ibid.*
42. Michel Foucault, “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho,” in Hupert Dreyfus e Paul Rabinow, *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica* (Forense Universitária, 1995).
43. Obviamente, a doença mental existe, e hoje há critérios melhores para determinar se uma pessoa é sã ou não. Para diagnosticar doenças mentais, os psiquiatras atualmente usam os critérios do seguinte texto: American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4ª ed., rev.) (Washington, DC: American Psychiatric Association, 2000).
44. “Truth, Power Self: An Interview with Michel Foucault”, in *Technologies of the Self*, eds. L. Martin, H. Gutman, and P. Hutton (Amherst: University of Massachusetts Press, 1988).
45. Martin, *A guerra dos tronos*.

COLABORADORES:

Os sábios lordes e Ladies de além dos Sete Reinos

Albert J. J. Anglberger é pesquisador de pós-doutorado no Centro de Matemática Filosófica de Munique (LMU Munique) e publicou artigos sobre lógica, ética, filosofia da ciência e filosofia da religião. Fez mestrado na Universidade de Salzburgo sob a orientação do mestre Alexander Hieke, entre outros. Recentemente, Albert foi enviado à Cidadela de Munique para conquistar mais elos em sua corrente fazendo pesquisas sobre filosofia matemática. Mesmo alegando não ser nerd, ele ainda está imerso em todo tipo de coisas nerds: de jogos de RPG com papel e caneta ao vício em graphic novels, fantasia e ficção científica, passando por sempre ter que comprar o aparelho tecnológico mais recente. Às vezes, ele é bem confiante e se acha capaz de ser mais inteligente do que Tyrion Lannister e beber mais do que Robert Baratheon.

Richard H. Corrigan está atualmente exilado de sua terra natal, a Irlanda, devido à tirania funesta da economia e da falta de oportunidade e, atualmente, ganha a vida no Reino de Gloucestershire. Ele já serviu a vários lordes e casas, entre elas a Open University, a Universidade de Reading, a Universidade de West England e o Malvern College, tendo obtido o doutorado na University College Dublin. Corrigan escreveu vários tomos dedicados à filosofia e à religião, entre eles: *Ethics: A University Guide*, *Divine Hiddenness*, *Divine Foreknowledge and Moral Responsibility*, *The Self-Revelation of the Judeo-Christian God* e *Philosophical Frontiers*. Já escreveu em várias revistas de renome. O emblema da Casa Corrigan é um lagarto e dois trevos, e seu lema é *Deixa para lá, poderia ser pior!*

Edward Cox nasceu em Oklahoma e foi aprendiz na Universidade de Chicago, que é bem parecida com Winterfell pela falta de fontes naturais de calor para manter os banheiros aquecidos. Conquistou a corrente de mestre, ou Ph.D., em filosofia pela Universidade de Oklahoma. Como Tyrion Lannister, Cox raramente é visto sem um livro nas mãos, a maioria sobre filosofia da mente e metafísica. Deu aulas em

várias universidades e no momento é professor-assistente na Georgia State University. Cox vive com a esposa, Erika Tracy, autora de livros de fantasia, um filho batizado com o nome de seu personagem de fantasia favorito e uma bela matilha de lobos gigantes (ou pastores alemães, como são chamados nos Estados Unidos).

R. Shannon Duval é professora-adjunta de filosofia na Mount Mary College, faixa preta 2o dan de taekwondo e campeã nacional de kali arnis. Filha das Casas Yin e Yang (Lema da casa: *O obstáculo é o caminho*) e adotada pela Casa Fulbright, viajou para terras distantes e aprendeu que embora a pena seja mais poderosa que a espada em todas elas, as espadas ainda são muito mais divertidas. Conhecida como “A Ninja Maravilhosa” por sua dupla jornada como filósofa e artista marcial, Duval é editora da *The Encyclopedia of Ethics*, coautora de *Engineering Ethics* e publica textos nas áreas de filosofia comparada e filosofia da cultura contemporânea. Tem certeza que poderia fazer ainda mais, mas não sabe como os corvos acabam “se perdendo”. Enquanto espera pelo retorno deles, Duval passa o tempo refletindo sobre a natureza original dos bonecos de neve, além de cuidar dos três meninos selvagens que se passam por seus filhos, praticar a Dança da Água e evitar casamentos vermelhos.

Don Fallis é professor adjunto de metodologia de pesquisa e filosofia na Universidade do Arizona. Escreveu vários artigos filosóficos sobre mentir e enganar, entre eles “What Is Lying?” no *Journal of Philosophy* e “The Most Terrific Liar You Ever Saw in Your Life” no livro que está no prelo, *The Catcher in the Rye and Philosophy*. Fallins sempre achou muito fácil definir de que lado uma pessoa está na Terra Média e em Nárnia. Tem como símbolo um coioote marrom num campo vermelho, e seu lema é *Confie em mim em relação a isso*.

Stacey Goguen estuda filosofia na Universidade de Boston, onde trabalha com filosofia feminista, filosofia da ciência e estudos filosóficos sobre o conceito de raças. Aproveita toda oportunidade para incorporar a cultura pop e os videogames ao trabalho (quando não está jogando videogames ou devorando cultura pop). As palavras de sua casa são *O jantar está chegando*.

Daniel Haas descende da Casa Haas, uma família pequena, porém notável, que tem a maioria de suas terras situada ao norte da Muralha, nas terras geladas do Canadá. Ao ouvir que o inverno estava chegando, fugiu para o sul, rumo à Florida State University, Tallahassee, onde atualmente é aluno da pós-graduação em filosofia. Entre seus interesses de pesquisa estão a forja com aço valiriano, o idioma e a cultura dothraki e a filosofia da ação. Quando dá aula, sempre faz questão de destacar que você espeta o adversário com a ponta aguçada.

David Hahn está estudando para ser mestre e luta para obter seu elo em filosofia no programa de Ph.D. da Universidade de Buffalo. Atualmente no segundo ano do pós-doutorado, a maioria de seus esforços diz respeito a não ser enviado para a Muralha. No Tridente, Hahn fez um marco para si em *The Sopranos*

and Philosophy, Poker and Philosophy e Final Fantasy and Philosophy. Nas horas vagas, faz de tudo para deixar a filha bem longe de qualquer tipo de Agulha.

Alexander Hieke ensina filosofia na Universidade de Salzburgo, Áustria, há vinte anos. Nesse período, também recebeu sua corrente de mestre. Recentemente nomeado chefe de seu departamento, sua pesquisa se concentra nas áreas de ontologia, epistemologia e filosofia da linguagem. Alexander teve a sorte de encontrar jovens aprendizes bem talentosos, e um deles é seu coautor Albert Anglberger, que acabou de ir para a Cidadela de Munique continuar suas pesquisas. Há 15 anos, um dos mestres de Alexander o apresentou aos acadêmicos de uma escola além do grande mar, localizada em Portland, Oregon. Ele foi convidado a ensinar os alunos do Campus de Salzburgo e ainda gosta de educar os jovens estudantes do segundo ano sobre ética. Quando não está envolvido em tarefas administrativas, ministrar aulas ou fazer pesquisas, Alexander adora ler sobre terras e épocas bem distantes (que algumas pessoas alegam ser apenas imaginárias). E, às vezes, se encontra com amigos para enfrentar as forças do mal nesses reinos distantes armados apenas de papel e caneta. Também foi assim que Alexander encontrou pela primeira vez o mundo maravilhoso de Westeros.

Sor Henry, o Mestre Zen da Casa Jacoby (Lema da Casa: *Todo mundo mente*), ensina filosofia na Universidade de East Carolina em Greenville, Carolina do Norte. Já publicou artigos sobre filosofia da mente, linguagem e religião e também sobre a natureza da percepção moral. Além disso, contribuiu para o livro *South Park and Philosophy* e é o editor de *House e a filosofia* (agora em nove idiomas!). Infelizmente, Jacoby é conhecido em sua instituição de ensino como “Reitoricida” (bom, *foi necessário*), mas não tem uma irmã gêmea malvada.

Os **Greg Littmann** são um clã de piratas selvagens que navegam firmes e rápidos nas Ilhas de Ferro para atacar navios e saquear cidades costeiras. Sua armada já foi até a costa da Carolina do Norte, onde cercou a Universidade da Carolina do Norte até conquistar um belo butim e um Ph.D. Estimulado por esse sucesso, os Greg Littman atacaram as Américas com frequência cada vez maior, pilhando a Southern Illinois University Edwardsville uma vez por semestre, fazendo ótimos massacres e ensinando raciocínio crítico, ética na mídia, metafísica e filosofia da mente. O clã acabou se declarando professor-assistente na universidade. Nessa fortaleza, eles publicaram textos sobre metafísica e filosofia da lógica e escreveram capítulos de filosofia e cultura pop relacionados a *The Big Bang Theory*, *Breaking Bad*, *Doctor Who*, *Duna*, *Final Fantasy*, *The Onion*, *Sherlock Holmes*, *O exterminador do futuro* e *The Walking Dead*.

Christopher Robichaud é professor assistente de ética e políticas públicas na Kennedy School of Government da Universidade de Harvard. Fã de romances de fantasia desde criança, começou a devorar a série de George R. R. Martin, *As crônicas de gelo e fogo*, e nunca mais parou. Já disseram que

Robichaud estava levando isso muito a sério quando pediu aos alunos de política para fazerem uma campanha a fim de eleger Tyrion Lannister presidente. Mesmo assim, ele segue em frente. A plataforma é bem simples, na verdade: vote em Tyrion. Ele ficará em dívida com o país. E um Lannister sempre paga suas dívidas.

Jaron da Casa **Schoone**, o Primeiro de Seu Nome, ocupa atualmente uma posição de Ph.D. no pequeno, mas orgulhoso, Reino dos Países Baixos, para além do Mar Estreito. A posição foi conquistada após vencer um torneio de justa como escudeiro do lorde Professor Knoops de Amsterdã. Jaron passa os dias na Torre dos Filósofos da Universidade de Utrecht, apreciando vinho com mel da Árvore e pesquisando a filosofia da ciência e da religião. Sempre que os deuses lhe dão o prazer de ministrar aulas de filosofia, Jaron lembra a seus estudantes que “aqueles que não estudarem com esmero terão que se vestir de negro”.

Marcus Schulzke é candidato a Ph.D. em ciência política na Universidade do Estado de Nova York em Albany, faltando apenas entregar a dissertação. Entre seus principais interesses de pesquisa estão: teoria política, política comparada, violência política, ética aplicada, mídias digitais e videogames. Além de vários artigos acadêmicos e capítulos de livros, escreveu capítulos de *Catcher in the Rye and Philosophy* e *Inception and Philosophy*. Marcus atualmente escreve uma dissertação sobre como os soldados tomam decisões morais em combate. Ele espera que os soldados a serem entrevistados sejam mais parecidos com Ned Stark do que com Bronn e vai recomendar que todos evitem enfurecer um Lannister.

Abraham P. Schwab (Lema da casa: *Ninguém sabe*) saiu da indiferença urbana de Chicago e do Brooklyn, em Nova York, para a ignorância urbana de Fort Wayne, Indiana, onde serve como professor assistente no Departamento de Filosofia do campus conjunto das Universidades de Indiana e Purdue. Continua a atuar como cartógrafo do cruzamento entre os rios da epistemologia e da ética médica, trabalho que o levou a publicar textos no *Journal of Medical Ethics, Social Science and Medicine*, no *American Journal of Bioethics* e no *Journal of Medicine and Philosophy*. Schwab continua sem saber se as *Crônicas* de George R. R. Martin vão terminar nas chamas do desejo ou no ódio frio do gelo, mas tem certeza que ficará satisfeito de qualquer forma.

Michael J. Sigrist ensina filosofia na George Washington University na cidade de Washington. Seu amor pela fantasia começou na quarta série, quando descobriu a trilogia *Iron Tower*, escrita pelo conterrâneo Dennis McKiernan, na biblioteca local. A pesquisa de Michael se concentra na filosofia da mente, e ele também escreveu há pouco tempo sobre a natureza do tempo e da percepção temporal, fatalismo e identidade pessoal. Obviamente, Michael admira a inteligência de Tyrion, a bravura de Robb e a engenhosidade de Arya, mas, se você lhe der vinho suficiente, ele admitirá que, no geral, Tywin teria

sido a opção “menos pior” para Westeros. O lema da casa de Michael é aleatoriamente escolhido toda semana entre as letras da banda de rock Cinderella. O desta semana é: *Vai ser um inverno longo e frio*.

Eric J. Silverman é professor assistente de filosofia e estudos religiosos na Christopher Newport University em Newport News, Virgínia. Entre suas conquistas estão uma série de textos publicados, como capítulos em *Battlestar Galactica and Philosophy* e *Crepúsculo e a filosofia*. Sua primeira monografia se chama *The Prudence of Love: How Possessing the Virtue of Love Benefits the Lover*. Mesmo com todos esses méritos, Silverman é mais conhecido pelo lema de sua casa: *Nunca pague o preço do ouro, pague sempre o preço dos Silver* [que significa prata, em inglês].

Matthew Tedesco é professor adjunto de filosofia na Beloit College, em Wisconsin, onde as palavras “o inverno está chegando” são ditas com preocupação a cada outono. Tem interesse em teoria ética e ética prática e contribuiu com textos para *James Bond and Philosophy* e *Facebook and Philosophy*. Às vezes, Tedesco é chamado pelo apelido pouco respeitoso de “O montículo que trota”.

Chad William Timm é professor assistente de educação na Grand View University em Des Moines, Iowa, e tem capítulos em *A garota com tatuagem de dragão e a filosofia* e *The Hunger Games and Philosophy*. Enquanto passou um ano ao norte da Muralha vivendo entre os selvagens, aprendeu a questionar o papel do poder na construção de sua identidade pessoal. Como resultado disso, Timm voltou para o sul com seu lobo gigante, Bandit, e agora estimula futuros professores a usarem a filosofia pós-moderna em sala de aula.

Desprezando a perspectiva de vida como senhora nobre, **Katherine Tullman** lutou para conquistar poder no Reino de Manhattan. Uma vez lá, teve que decidir entre ser uma cavaleira ladina e errante dedicada a manter a paz ou uma humilde acadêmica dedicada à vida da mente, ficando com a última opção. No momento, Katherine aumenta sua corrente de mestre no City University of Nova York Graduate Center, conquistando os elos de filosofia da mente e filosofia da arte. Nas horas vagas, Katherine escreveu um capítulo para *Inception and Philosophy* e outros ensaios sobre arte e emoções. Quando acabar seu treinamento de mestre, pretende se estabelecer em algum lugar do norte, onde poderá passar o tempo refletindo calmamente nos represeiros.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Guerra dos Tronos e a filosofia:

Saiba mais sobre o livro na página do Skoob

- <http://www.skoob.com.br/>

Página da Wikipédia sobre o autor

- [http://en.wikipedia.org/wiki/William_Irwin_\(philosopher\)](http://en.wikipedia.org/wiki/William_Irwin_(philosopher))

Matéria com o autor na CNN (em inglês)

- <http://www.youtube.com/watch?gl=NL&hl=nl&v=vFcKTva9oQQ>

Trailer da série de TV Guerra dos Tronos

- <http://www.youtube.com/watch?v=aLSBKCNURgQ>

Site da série de TV

- <http://www.hbomax.tv/gameofthrones/>

Página do Facebook do fã-site brasileiro da série de TV

- <https://www.facebook.com/gotbr>

Twitter do fã-site brasileiro

- <http://twitter.com/gameofthronesbr>

Página do autor da série Guerra dos Tronos

- http://pt.wikipedia.org/wiki/George_R._R._Martin

Site do autor da série Guerra dos Tronos

- <http://georgerrmartin.com/>

Mais sobre a série

- <http://raccoon.com.br/2011/04/16/10-coisas-sobre-a-guerra-dos-tronos-que-voce-deve-saber/>